Doris Matos | Wagner Rodrigues Silva
Alexandre Cadilhe | Cristiane Landulfo
Danillo Silva | Kelly Barros Santos
Organizadore(a)s

35 ANOS ASSOCIAÇÃO DE LINGUÍSTICA APLICADA DO BRASIL (ALAB)

uma história a contar e a celebrar

EDALAB
EDITORA DA ASSOCIAÇÃO DE LINGUÍSTICA APLICADA DO BRASIL



Doris Cristina Vicente da Silva Matos

É professora de língua espanhola do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), atuando nos Programas de Pós-graduação em Letras e Pós-graduação Profissional em Letras Estrangeiras. É Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq e presidenta da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2023-2025).



Wagner Rodrigues Silva

É professor Titular em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), atuando na Licenciatura em Pedagogia, Câmpus de Palmas, e no Programa de Pós-graduação em Letras, Câmpus de Porto Nacional. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e segundo secretário da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2023-2025).



Alexandre Cadilhe

É professor da área de Ensino de Língua Portuguesa na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde atua na Licenciatura em Letras e nos Programas de Pós-Graduação em Linguística e em Educação. É o segundo tesoureiro da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB - Gestão 2023-2025).


35
ANOS
ASSOCIAÇÃO
DE LINGUÍSTICA
APLICADA DO
BRASIL (ALAB)
uma história a contar e a celebrar

Doris Matos | Wagner Rodrigues Silva
Alexandre Cadilhe | Cristiane Landulfo
Danillo Silva | Kelly Barros Santos
Organizadore(a)s

35 ANOS ASSOCIAÇÃO DE LINGUÍSTICA APLICADA DO BRASIL (ALAB)

uma história a contar e a celebrar

EDALAB
EDITORA DA ASSOCIAÇÃO DE LINGUÍSTICA APLICADA DO BRASIL

Copyright © 2025 – Dos organizadores representantes dos colaboradores

Coordenação Editorial: Editora da Associação de Linguística Aplicada do Brasil
Editoração: Wellington Silva
Capa e diagramação: Wellington Silva
Revisão: Bruno Reis Santana

CONSELHO EDITORIAL

Adolfo Tanzi Neto (UFRJ)
Doris Cristina Vicente da Silva Matos (UFS/CNPq)
Elaine Maria Santos (UFS)
Jorgelina Ivana Tallei (UNILA)
José Raymundo Figueiredo Lins Júnior (UEVA)
Luana Ferreira Rodrigues (UFAM)
Rodrigo da Silva Campos (UERJ)
Rosângela Hammes Rodrigues (UFSC)
Ruberval Franco Maciel (UEMS)
Shelton Lima de Souza (UFAC)
Wagner Rodrigues Silva (UFT/CNPq)

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

35 anos da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) [livro eletrônico] : uma história a contar e a celebrar / organização Doris Matos... [et al.]. -- São Cristóvão, SE: Edalab, 2025.
PDF

Vários autores.
Outros organizadores: Wagner Rodrigues Silva, Alexandre Cadilhe, Cristiane Landulfo, Danillo Silva, Kelly Barros Santos.
Bibliografia.

ISBN: 978-65-01-50268-7

1. Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) - História 2. Linguística 3. Linguística aplicada I. Matos, Doris. II. Silva, Wagner Rodrigues. III. Cadilhe, Alexandre. IV. Landulfo, Cristiane. V. Silva, Danillo. VI. Santos, Kelly Barros.

25-276817 CDD-418

Índices para catálogo sistemático:
1. Linguística aplicada 418
Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

EdAlab
Rua Sergio Buarque de Holanda, 571, Bloco IEL Unicamp
Cidade Universitária • Campinas - SP - 13.083-859
Fone (85) 3294-5019
edalab@alab.org.br
https://www.alab.org.br/edalab

DIRETORIA DA ALAB
Gestão 2023-2025

Doris Cristina Vicente da Silva Matos (UFS/CNPq)
Presidenta

Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de Sousa (UFBA)
Vice-presidenta

Danillo da Conceição Pereira Silva (IFAL)
Primeiro Secretário

Wagner Rodrigues Silva (UFT/CNPq)
Segundo Secretário

Kelly Barros Santos (UFRB)
Primeira Tesoureira

Alexandre José Cadilhe (UFJF)
Segundo Tesoureiro

CONSELHO CONSULTIVO/FISCAL

Claudiana Nogueira de Alencar (UECE)
Daniel do Nascimento e Silva (UFSC)
Junot de Oliveira Maia (UFMG)

DIRETORIA EXECUTIVA DA EDALAB
Gestão 2024-2027

Miliane Moreira Cardoso Vieira (UFNT)
Diretora

Mario Ribeiro Morais (UFT)
Vice-Diretor

Adriana Dalla Vecchia (UFS)
Coordenadora Administrativo-Financeira

Acassia Dos Anjos Santos Rosa (UFS)
Secretária Administrativa

SUMÁRIO

PREFÁCIO
UM MOMENTO DE CELEBRAÇÃO E JÚBILO 8
Kanavillil Rajagopalan

APRESENTAÇÃO
TRINTA E CINCO ANOS DA ALAB: MEMÓRIA, CRÍTICA E FUTURO DA LINGUÍSTICA APLICADA NO BRASIL 24
Doris Matos
Wagner Rodrigues Silva
Alexandre Cadilhe
Cristiane Landulfo
Danillo Silva
Kelly Barros Santos

CAPÍTULO 1
MEMÓRIAS DA PRIMEIRA GESTÃO DA ALAB 30
Marilda C. Cavalcanti

CAPÍTULO 2
SOBRE PESQUISA, POLÍTICA, HISTÓRIA E IMAGINAÇÃO TEÓRICA PARA O FUTURO DA LINGUÍSTICA APLICADA 51
Luiz Paulo da Moita Lopes

CAPÍTULO 3
GESTÃO DA ALAB NO FIM DO SÉCULO XX 79
Vilson J. Leffa

CAPÍTULO 4
A ALAB NA UFMG 101
Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

CAPÍTULO 5
SEDE DA ALAB NO BERÇO DA LINGUÍSTICA APLICADA 121
Maximina M. Freire

CAPÍTULO 6
DESAFIOS, AVANÇOS E LEGADOS NA ADMINISTRAÇÃO DA ALAB 143
Francisco José Quaresma de Figueiredo
Maria Luisa Ortiz Alvarez (in memoriam)

CAPÍTULO 7
ENTRE RETOMADAS, DESAFIOS E INOVAÇÕES: (RE)DESENHOS DE UMA LINGUÍSTICA IMPLICADA BRASILEIRA (D)ENTRE DUAS GESTÕES DA ALAB 176
Paula Tatianne Carréra Szundy

CAPÍTULO 8
POLÍTICA E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NA GESTÃO DA ALAB 205
Christine Siqueira Nicolaides
Rogério Casanovas Tilio

CAPÍTULO 9
LINGUÍSTICA APLICADA PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS: VIVÊNCIAS, AVANÇOS E DESAFIOS NA GESTÃO DA ALAB 223
Rubervaldo Franco Maciel
Rogério Casanovas Tilio
Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros

CAPÍTULO 10
GESTÃO INTEGRAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES 244
Kyria Finardi

CAPÍTULO 11
FORTALECER E MOBILIZAR: PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA DA ALAB EM MEIO À TORMENTA POLÍTICA, ECONÔMICA E SANITÁRIA NO BRASIL.....264
Claudiana Nogueira de Alencar

CAPÍTULO 12
PLURALIZAR E DEMOCRATIZAR: ALAB EM MOVIMENTO..... 294
Doris Cristina Vicente da Silva Matos

SOBRE O(A)S AUTORE(A)S 322

SOBRE O(A)S ORGANIZADORE(A)S..... 332

ÍNDICE REMISSIVO 327

PREFÁCIO

UM MOMENTO DE CELEBRAÇÃO E JÚBILO

Kanavillil Rajagopalan
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

O ano de 2025, que ora atravessamos, marca, sem sombra de dúvida, um momento de imensa alegria para todos nós, professores, pesquisadores, e estudantes universitários que vimos atuando já há algum tempo, ou para aqueles que estão começando a atuar no campo da Linguística Aplicada. Está em festa a Associação Brasileira de Linguística Aplicada (ALAB), cuja brava história, desde sua fundação em 1990, repleta de vitórias e alcances — e, também, como não podia deixar de ser, ocasionais percalços e contratempos — será recontada nos capítulos a seguir.

Uma festa, acrescentaria eu, merecida sobejamente e com farta sobra de motivos e justificativas. Afinal, 35 anos de luta incansável e ininterrupta para reconhecimento como uma

disciplina autônoma com suas próprias metas e credenciais específicas, sempre sensível às rápidas transformações por que passa o mundo e adaptativa às exigências impostas pelos novos desafios que despontam o tempo todo. A ALAB é certamente merecedora de toda esta comemoração. E, convenhamos, quem conta a história da disciplina ao longo desses 35 anos são os colegas que estiveram à frente da Associação em diferentes períodos e se incumbiram do árduo desafio de conduzi-la no seu dia a dia, tomando importantes decisões o tempo todo.

Ao mesmo tempo em que festejamos o momento, reconhecemos que ele nos propicia uma oportunidade para rever, revisitar, recalibrar o passado, empenhar um balanço de patrimônio acumulado ao longo de todos esses anos e traçar possíveis rumos que se descortinam pela frente.

Porém, antes de tecer algumas considerações a respeito desses temas em rápidas pinceladas, gostaria de fazer algumas breves observações acerca da confecção deste volume que, tenho, certeza absoluta, servirá de marco importante – um verdadeiro marco miliário – na história de Linguística Aplicada no Brasil.

Como já aludimos, os capítulos a seguir são todos assinados por um grupo especial de desbravadores(a)s, desembaraçadore(a)s que já estiveram ou ainda estão, cada um(a) a seu tempo e ao longo de suas respectivas gestões, à frente da Associação. O que ele(a)s nos proporcionam são memórias vivas e pululantes da história da ALAB e, por conseguinte, boa parte da história do desenvolvimento da Linguística Aplicada no Brasil.

Evidentemente, os autore(a)s dos capítulos são – todo(a)s ele(a)s – detentore(a)s de histórias cativantes, instigantes que não foram amplamente divulgadas, até o momento, a não ser entre colegas de círculo bem restrito. São histórias recheadas de inevitáveis percalços, infindáveis desafios, ocasionais 'enrascadas', afortunadamente seguidas por desenlaçamentos oportunos e, para a imensa alegria de todos, de inúmeros e sucessivos êxitos gloriosos durante seu tempo à frente da Associação.

Todo(a)s ele(a)s são ou já foram nosso(a)s colegas e, em muitos casos, amigo(a)s próximo(a)s. A comunidade do(a)s Linguistas Aplicado(a)s é devedora de uma enorme dívida de gratidão e apreço pelo inestimável serviço que ele(a)s prestaram com os demais membros que integraram as respectivas gestões.

Além de satisfazer a curiosidade do(a) leitor(a), as valiosas pepitas de informação sobre o que aconteceu nos bastidores com que ele(a)s nos presenteiam e também nos possibilitam formular uma visão histórica da disciplina, do ponto de vista de um(a) *insider*, observar sua evolução ao longo do tempo, e ao mesmo tempo, nos oferecem informações preciosas sobre o(a)s pesquisadore(a)s que zelosamente pavimentaram o caminho do qual nós usufruímos hoje, caminho este que é da responsabilidade de atuais e futuros transeuntes salvaguardar e levar adiante.

A história de LA, não só no Brasil, mas em outros países do mundo, é uma verdadeira saga saturada de desconfianças, tribulações, lutas por reconhecimento e respeitabilidade, mas, também, de arremates memoráveis, desfechos acachapantes e êxitos esmagadores. Não é nenhum exagero dizer que o "patinho

feio" de outrora se transformou em, ou melhor dizendo, se revelou ser um majestoso cisne, com todo seu resplendor e sua elegância.

Indubitavelmente, a presente ocasião também nos incumbe de prestar uma homenagem especial *in memoriam* a dois ex-presidentes da Associação, a saber, Prof. Hilário I. Bohn (UFSC) e Profa. Maria Luisa Ortíz Alvarez (UnB). Foram guerreiros incansáveis e amigos inestimáveis de muitos de nós que tivemos a sorte de conhecê-los pessoalmente e compartilhar risadas, que continuam a despertar sentimentos de saudade em todos nós. Tenho certeza de que ambos conquistaram um nicho em nossa memória para sempre.

Por falar da história da disciplina, todos sabemos, ainda que vagamente, dos primórdios quando a Linguística Aplicada saiu do ovo, um tanto, timidamente, nos finais da década de 1970, no Brasil. Alguns de nós, com mais tempo nessa luta, estávamos em plena atividade à época e pudemos observar de perto o acontecimento, o parto.

Não pode haver nenhuma dúvida a respeito da importância histórica da decisão tomada, em 1970, pelo programa de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), de ofertar um curso de mestrado em Linguística Aplicada, LAEL. Foi uma deliberação pioneira à época. Trata-se de uma época quando pouca gente, até mesmo no mundo da academia, sabia do que tratava a Linguística – que dirá da novidade, recém-saída do forno, que se apresentava com o nome de Linguística Aplicada!

Anos mais tarde, com a fundação da ALAB em 1990, a disciplina ganhou holofotes e visibilidade fora dos quatro muros dos campi universitários. Como acertadamente afirma Tilio (2020, p. 17-18): "Embora presente no Brasil desde a década de 1970, foi em 1990 que a Linguística Aplicada se fortaleceu e se consolidou em terras brasileiras com a fundação da ALAB".

O que muitos do(a)s jovens pesquisadore(a)s de hoje talvez não saibam é que, embora a sigla tenha permanecido inalterada ao longo do tempo, a expansão do acrônimo famosamente conhecido como LAEL passou de 'Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas' para 'Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem' no meio do caminho e contínua assim até os dias de hoje. Como cheguei a comentar alhures (Rajagopalan, 2020, p. 3), muito mais que uma simples mudança de designação, o que a nova expansão da sigla 'LAEL' sintetiza é nada mais, nada menos que uma reviravolta de proporções gigantescas, uma verdadeira mudança sísmica, na própria forma como os adeptos da disciplina começarem a enxergar seu papel e seus modos de pensar e pesquisar.

Explico. No começo, a preocupação da LA, não só no Brasil como mundo afora, era quase que exclusivamente o ensino de língua. Na verdade, nem era o ensino de língua (isto é, no sentido genérico ou abstrato do termo que os linguistas de preocupação exclusivamente teórica costumam privilegiar). Era o ensino de inglês como língua estrangeira. A Universidade de Edimburgo, na Escócia — a primeiríssima universidade britânica, e provavelmente em nível mundial, a ofertar um curso de pós em LA — ressaltava

em seu calendário letivo de 1957 (Davies, 1993 *apud* McNamara e Lo Bianco, J. 2001, p. 261) que

> O objetivo principal [...] é o de fornecer para os professores estrangeiros, em especial aqueles que se encontram ativamente envolvidos no controle da política de ensino da língua inglesa e o treinamento dos professores, um treinamento intensivo nas disciplinas relevantes para o ensino de língua e os métodos de pesquisa no campo.

A meta assim estipulada resumia o papel e o escopo da disciplina à época. A cartilha foi seguida pelos inúmeros centros que começaram a pipocar mundo afora.

Ao estabelecer tal meta, a AL, em sua versão britânica, sinalizava um posicionamento divergente da visão que norteava a recém-criada área de conhecimento, ainda inominada, que surgira nos EUA na década de 1940 que objetivava não o ensino e aprendizagem do inglês, a língua materna da maioria no caso, mas o ensino e aprendizagem de outras línguas que não o inglês. Eram justamente as línguas que interessavam, naquele momento histórico e naquela conjuntura geopolítica, às prioridades estratégico-diplomáticas desse novo superpoder emergente que surgia das cinzas da Segunda Grande Guerra, pois, tendo se conscientizado do novo papel que estava prestes a assumir no mundo pós-guerra e da importância de domínio das mais variadas línguas faladas nos quatro cantos do planeta, os EUA se viram na incumbência de acelerar o ensino daquelas línguas em larga escala em curto período de tempo – para atender a uma demanda urgente que estava batendo à sua porta.

Contudo, foi na Grã-Bretanha que houve, ao menos no início, o maior impulso e a maior demanda para a LA e, consequentemente, despertou o maior interesse nesse ramo de especialidade acadêmica. E, como já aludi acima, tudo começou a girar em torno da língua inglesa – a nova "coqueluche" do mundo pós-guerra — que fazia com que começassem a se formar infindáveis fileiras para que as pessoas se matriculassem nos cursos que prometiam mundos e fundos em termos de ascensão social e prosperidade no mercado empregatício. Para LA, o '*new kid on the block*', essa nova realidade, exigiu a apresentação de um novo conjunto de abordagens, métodos e técnicas de ensino à altura do desfio e de sua pronta disponibilização, a toque de caixa.

Com o passar do tempo, o interesse crescente pela LA atravessou as fronteiras do país e atingiu costas longínquas para se disseminar em nações e seus respectivos povos, díspares uns dos outros. Não demorou muito para que, aos poucos, começasse a ficar evidente que o que de fato se precisava era não simplesmente transplantar modelos vindos de além-mar, como se pensava no começo, mas, sim, adaptá-los, ajustá-los, adequá-los às especificidades e necessidades locais. E, se assim necessário fosse, aperfeiçoar e, por que não, desenvolver, a partir do zero, novos modelos para lidar com a nova realidade, já que os modelos disponíveis lá fora, haviam sido confeccionados para atender a realidades nitidamente diferentes e as demandas por elas geradas.

É nesse sentido que McNamara e Lo Bianco, em texto referenciado anteriormente, falam na 'distintividade' da LA

australiana, aduzindo como justificativa o argumento de que "A AL na Australia originou-se seguindo um caminho inteiramente diferente", contrastando-a com o percurso da LA na Grã-Bretanha (McNamara e Lo Bianco, 2001, p. 262).

Os colegas australianos estão com toda razão. Disciplinas acadêmicas, sobretudo de cunho humano e social como é o caso da LA, sofrem transformações regionais visíveis a olho nu, ao longo de sua migração de um país para outro, de uma cultura para outra, de uma realidade geopolítica para outra, da mesma forma que as abordagens, prioridades e preferências também demonstram uma estreita ligação com as peculiaridades históricas e culturais de cada país.

Por conseguinte, não é de se estranhar o fato de que não demorou muito tempo para que houvesse um novo grito de independência — dessa vez, acadêmica — em nossa terra, grito esse que lembra o desejo dos subalternizados de se livrar das armadilhas que lhe eram postas para aprisioná-los, mantê-los eternamente no estágio de dependência e negando-lhes liberdade de pensar e agir por conta própria. E, mais importante ainda, cuidar dos nossos próprios problemas sem a obrigação de ter que abordá-los com os óculos fornecidos por outros que nem sequer conheciam a nossa realidade a fundo em primeira mão.

É nesse contexto que se precisa redirecionar os holofotes, atendendo-se à demanda crescente de "sulear" o nosso modo de pensar e agir, de abordar os nossos problemas e as nossas angústias. O suleamento, na concepção de Paulo Freire, nosso mestre imortal e inigualável, protagoniza uma postura de

enfrentamento, de contestação, à conotação ideológica da atitude servil e condescendente encapsulada no termo 'nortear' e seus cognatos.

Em outras palavras, suleamento do nosso pensar, da nossa forma de identificar os males que nos atormentam, do nosso modo de procurar as soluções é a melhor resposta ao eurocentrismo que tanto nos privou de nossa liberdade de pensar por conta própria e, em muitos sentidos, ainda continua a esmagar nossa criatividade.

Em um texto intitulado 'Applied Linguistics in South America', publicado na *Encyclopedia of Language and Linguistics*, Cavalcanti (2003, p. 370) lamenta, logo de cara, registrando que

> Escrever sobre o que acontece num campo de conhecimento como Linguística Aplicada na América do Sul se revela difícil, não em razão da distância geográfica entre os países, mas porque não parece haver uma tradição de intercâmbio acadêmico intensivo nesta parte do mundo.

Sem titubear, ousei, em outra oportunidade (*Cf*. Rajagopalan, 2005), caracterizar essa triste realidade a que se refere Cavalcanti como uma espécie de "ressaca pós-colonial", acrescentando que

> [...] por uma curiosa ironia, muito embora a prática de atravessar as fronteiras disciplinares haja se tornado prática comum na LA, os pesquisadores na América Latina parecem receosos quando se trata de atravessar suas próprias fronteiras geográficas internas e não muito entusiasmados em procurar solucionar problemas comuns em parceria com seus vizinhos de porta, preferindo ao invés trabalhar em isolamento uns dos outros (Rajagopalan, 2005, p. 1).

Voltando, pois, à questão de suleamento do nosso modo de pensar e pesquisar, não pode haver dúvida nenhuma de que se trata da atitude certeira ao eurocentrismo escancarado, que infelizmente ainda sombreia e macula o mundo da academia. Que tal resposta é necessária e urgente fica claro quando nos deparamos com observações do tipo: "A colaboração entre pesquisadores do Norte e do Sul é desigual em termos de recursos, *se não capacidade intelectual*" (itálicos acrescidos) (Tostensen, 1996, p. 25 *apud* Phillipson, 1997, p. 242). A bem da verdade, devo também citar as duas frases um pouco adiante no mesmo texto em que o autor norueguês procura fazer afago ao(a) leitor(a) (ou, pelo menos, "dar uma colher de chá" a ele(a) que se sente escandalizado(a) com tamanho desprezo:

> Sensitividades se exacerbam nessas questões e o(a)s pesquisadore(a)s sulistas ressentem o que ele(a)s veem como arrogância por suas contrapartes nortistas, simplesmente porque essas tendem a controlar os recursos e, em razão disso, dão todas as cartas. É vital que projetos de pesquisa colaborativa sejam formulados e planejados de maneira conjunta desde o princípio (*Ibid*., p. 25).

Que esse tipo de descaso, de desprezo, de desdém não é tão inusual como gostaríamos de crer é trazido a lume num volume intitulado *A history of Applied Linguistics: From 1980 to the present*, publicado por um pesquisador holandês há alguns anos. Auto apresentado com alarde e fanfarra como uma história da disciplina escrita a partir das consultas aos praticantes atuantes da própria disciplina, o livro despudoradamente nem sequer menciona qualquer nome da América Latina, Ásia ou África e, nem

mesmo, do sul da Europa (com uma única exceção da Espanha). Para piorar, o próprio autor reconhece e registra o fato com todas as letras, porém se apressa para notar que "os dados talvez não sejam representativos da coletividade contemporânea da LA", e que "não são representadas partes inteiras do mundo" — acrescentando sem o menor constrangimento logo em seguida, que "isso pode ou não ser um problema" (de Boot, 2016, p. 23).

Numa resenha do livro que fiz à época, tomei o cuidado de medir as palavras quando protestei com veemência e indignação incontida, registrando que

> Ser enviesado de uma forma ou de outra quando narra a história de uma disciplina acadêmica é, até certo ponto, compreensível; de fato, pode até ser considerado inelutável. Porém, reconhecer que isso está ocorrendo de propósito e fazer nada a respeito ou fazer algo a fim de diminuir seus efeitos deletérios é inescusável (Rajagopalan, 2016, p. 136).

Como se não bastasse a desculpa esfarrapada "isso pode ou não ser um problema", acima mencionada a respeito de seu desleixo (ou, quem sabe, descaso), o autor do livro se revela nem um pouco incomodado com sua própria gafe quando retoma a questão quase no final de seu "conto fantasmagórico" e diz:

> Pode ser que este livro tenha um papel a desempenhar na maturação e autodefinição de LA, mas dados os vieses na escolha de informantes e nas perguntas feitas a eles, o livro continuará a ser "uma" ou "minha" ao invés de "a" história. Outras perspectivas e outras vozes vão nos levar a resultados diferentes, resultados estes que são igualmente válidos ou inválidos como os que foram apresentados neste livro (de Boot, 2015, p. 319).

Felizmente as "outras perspectivas e outras vozes" estão cada vez mais inconfundivelmente presentes e ensurdecedoramente audíveis, respectivamente. Contra o eurocentrismo escancarado abraçado por alguns dos nossos pares no exterior, os linguistas aplicados brasileiros têm se insurgido com vigor e contundência. Desisto da tentação de nomear alguns colegas que admiro muito a esse respeito, a fim de não correr o risco de omitir outros nomes igualmente importantes e merecedores de admiração e respeito.

Permanece o fato de que o fenômeno do assim-chamado "racismo epistemológico" anda à solta na Academia e de que a LA não está imune a seus efeitos nefastos. Como assevera Pennycook (2020, p. 3),

> O racismo epistemológico - a dominação, a referência normalizadora e constante aos tipos de conhecimento eurocêntrico e branco — se encontra profundamente entranhada em nossas práticas relacionadas à produção de conhecimentos em Linguística Aplicada, privilegiando certos indivíduos e certas visões do mundo em detrimento dos outros.

Contudo, ouso afirmar, com toda convicção, que a LA se encontra numa fase inquestionavelmente madura e alegremente promissora e otimista em nosso país. E isto se deve ao esforço admirável e à incansável garra dos nossos pesquisadores de forma geral que, mesmo diante das circunstâncias adversas e contratempos inesperados, souberam priorizar os objetivos que vislumbraram e se esforçaram para alcançá-los.

Num texto relativamente recente, Hamid, Sultana e Roshid (2024, p. 6) celebram a emancipação da AL das garras do eurocentrismo e todos os males que o acompanham, com o seguinte depoimento:

> Correndo o risco de cair na complacência e no otimismo irresponsável, gostaríamos de sugerir que já houve um avanço notável nas pesquisas em LA em Bangladesh, como em outras noções do Sul, entre elas Nepal, Vietnam, Paquistão, Malásia, Indonésia, e Iran. Uma nova geração de pesquisadores em LA, muitos dos quais formados no Norte Global, estão no leme dessa transformação e estão empenhados em marcar sua posição no conhecimento internacional. Sua agência e sua imaginação enquanto pesquisadore(a)s são apoiadas pelas *affordances* possibilitadas pela maior mobilidade global, treinamento profissional e mentoria recebida das instituições, tanto do Norte como do Sul.

Vale a pena frisar que o esforço no sentido de procurar soluções para os nossos problemas com olhar não emprestado dos que primariamente se preocuparam com sua realidade não implica cortar os laços com os nossos colegas do Norte, muito menos remar o barco por conta própria, indiferentes e alheios à experiencia adquirida por nossos pares em outras realidades daqui em diante. Implica, isso sim, tomar as redes do nosso destino em nossas mãos, como os autores asiáticos acima citados claramente deixam entender no final da citação.

O futuro da LA é, sem sombra de dúvida, extremamente promissor e convidativo, fato facilmente comprovado pelo entusiasmo que a disciplina vem gerando entre os novatos, recém ingressos em nossas universidades e outras instituições de

ensino e pesquisa. A efervescência, a ebulição e a vitalidade da LA estão nos avanços que ela vem registrando em direções mais diversas, inimagináveis para os pioneiros que nos antecederam e lançaram a pedra fundamental. Comprova a preocupação redobrada no sentido de ficar a par das novidades que vão despontando ao nosso redor, seja nas esferas social, política, científica ou tecnológica. E, junto com a abertura, a disposição para rever as nossas próprias posições previamente assumidas se caso for e reorientar as nossas pesquisas à luz da nova realidade (Rajagopalan, 2021).

Para concluir essas breves palavras de apresentação do livro comemorativo de 35 anos da ALAB, só me resta desejar boa sorte a todos nós nessa longa caminhada iniciada há três décadas e meia, cheias de sucessos e avanços e boas vibrações, sinalizando um futuro ainda mais empolgante e convidativo.

Referências

CAVALCANTI, M. C. Applied Linguistics in South America. *In*: BROWN, K. (ed.). **Encyclopedia of Language & Linguistics**. Oxford: Elsevier. 2003. p. 370-375.

DAVIES, A. **Real Language Norms**: Description, Prescription and their Critics. Chair of Applied Linguistics Inaugural Lecture, University of Edinburgh. November, 1993.

DE BOOT, K. **A history of Applied Linguistics**: From 1980 to the present. Oxford: Routledge, 2015.

HAMID, M. O.; SULTANA, S.; ROSHID, M. M. Transformation of Applied Linguistics in the Global South Context of Bangladesh: Researcher Agency, Imagination, and North-South Cooperation. **Applied Linguistics**. v. XX, p. 1–19, 2024. https://doi.org/10.1093/applin/amae037

MCNAMARA, T.; LO BIANCO, J. 'The distinctiveness of Applied Linguistics in Australia: A historical perspective'. *In*: COOPER, R. L.; E. SHOHAMY, E.; WALTERS, J. (org.) **New perspectives and issues in educational language policy**: In honour of Bernard Dov Spolsky. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 2001. p. 261-269.

PENNYCOOK, A. Critical applied linguistics in the 2020s. **Critical Inquiry in Language Studies**. v 19. Issue 1. p. 1-21, 2022.

PHILLIPSON, R. Realities and Myths of Linguistic Imperialism. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**. v. 18, Issue 3. p. 238-248, 1997. https://doi.org/10.1080/01434639708666317

RAJAGOPALAN, K. Introduction. In: Rajagopalan, Kanavillil (org). **Applied Linguistics in Latin America**. AILA Review. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, v. 18, p. 1-2, 2005. https://doi.org/10.1075/aila.18

RAJAGOPALAN, K. Review of De Boot, K. A history of Applied Linguistics: From 1980 to the present. **Word**. v. 62. n. 2. p. 135-138, 2016.

RAJAGOPALAN, K. Down Memory Lane ... as LAEL celebrates its Golden Jubilee. **Documentação em Estudos em Linguística Teórica e Aplicada – DELTA**, v. 36, n. 3. p. 1-20, 2020.

RAJAGOPALAN, K. Applied Linguistics: its post-emancipation prospects as well as challenges ahead. **Revista da Anpoll**. v. 52, n. 2, p. 13-24, 2021. https://doi.org/10.18309/ranpoll.v52i2.1542

TILIO, R. 30 anos da ALAB: 30 anos de linguística aplicada e ensino de línguas no Brasil. **Raído**, v. 14. n. 36. p. 17-36, 2020. https://doi.org/10.30612/raido.v14i36.12195

TOSTENSEN, A. Interview. **News from Nordiska Afrikainstitutet**, v. 2, p. 24-5, 1996.

APRESENTAÇÃO

TRINTA E CINCO ANOS DA ALAB: MEMÓRIA, CRÍTICA E FUTURO DA LINGUÍSTICA APLICADA NO BRASIL

Doris Matos (UFS/CNPq/ALAB)
Wagner Rodrigues Silva (UFT/CNPq/ALAB)
Alexandre Cadilhe (UFJF/ALAB)
Cristiane Landulfo (UFBA/ALAB)
Danillo Silva (IFAL/ALAB)
Kelly Barros Santos (UFRB/ALAB)
Gestão ALAB 2023-2025

> *Apesar da seriedade dos teóricos brasileiros, percebe-se que muitos deles não conseguem escapar às astúcias da razão ocidental. Aqui e ali podemos constatar em seus discursos os efeitos do neocolonialismo cultural; desde a transposição mecânica de interpretação de realidades diferentes às mais sofisticadas articulações 'conceituais' que se perdem no abstracionismo.*
>
> Lélia Gonzalez (2020, p. 31)

Há trinta e cinco anos, a criação da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) marcou um ponto de inflexão na consolidação de uma área de saber que, àquela altura, já apresentava sinais de construção crítica e metodológica. Constituída no calor de debates teóricos, epistemológicos e políticos que atravessavam os estudos da linguagem no país, a ALAB nasceu com o compromisso de situar a Linguística Aplicada como campo autônomo, rigoroso e fortemente comprometido com as questões sociais.

No mesmo ano em que celebramos a idade da maturidade da ALAB, o Brasil também revisita a memória de uma de suas maiores intelectuais: Lélia Gonzalez. Nascida em 1935 e falecida precocemente em 1992, Gonzalez foi professora, filósofa, antropóloga e ativista. Ao comemorarmos os 90 anos de seu nascimento, é oportuno destacar seu trabalho pioneiro ao articular questões do mundo social — como racismo, sexismo e colonialismo — com questões linguísticas, seja ao debater os efeitos da exploração da mulher brasileira, seja ao cunhar o conceito de *pretuguês*, antecipando o que décadas mais tarde os estudos da linguagem denominariam como prática *translíngue*.

Por outro lado, reconhecemos que a inserção do pensamento de Lélia Gonzalez nos estudos da Linguística Aplicada brasileira é recente, em parte devido à divulgação e editoração tardia de grande parte de seus escritos. Essa circunstância, no entanto, pode ser ilustrativa do tipo de Linguística Aplicada que temos construído no país:

Se é interdisciplinar, que campos de conhecimento estamos mobilizando?
Se é plural, que intelectuais são convidadas/os ao diálogo?
Se é socialmente implicada, quais questões sobre desigualdades sociais ocupam os projetos do campo?
Se contempla uma perspectiva social e pragmática da língua(gem), que ideologias linguísticas estamos (re) visitando para reivindicar outros modos de pesquisar linguagem no Brasil?

Nesse sentido, ao celebrarmos os 35 anos da ALAB, a diretoria do triênio 2023-2025 aproveita a ocasião para convidar todas e todos ao diálogo aberto e indisciplinado que marca tanto o 14º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (2025), quanto esta publicação comemorativa. A convocação à memória de Lélia Gonzalez materializa esse convite: quais outros pensadores e pensadoras de diferentes racialidades, campos, espacialidades e epistemologias, podemos considerar ao construirmos uma Linguística Aplicada indisciplinada (Moita Lopes, 2006), arrojada (Silva, 2021) e suleada (Matos; Silva Júnior, 2024)?

Também é válido considerar que este livro reúne os testemunhos e reflexões de quem esteve à frente da associação ao longo dessas três décadas: suas ex-presidentas e seus ex-presidentes. Os textos aqui reunidos vão além do relato institucional: oferecem um panorama das transformações vividas pela ALAB e pelo campo da Linguística Aplicada, revelando seus

tensionamentos internos, suas articulações interdisciplinares e suas apostas éticas e políticas.

Assim, os 12 capítulos apresentam as memórias das 16 gestões desses 35 anos e prestam homenagem a dois de seus ex-presidentes *In Memoriam*: Hilário Inácio Bohn (UFSC/Gestão 1994-1996) e Maria Luisa Ortíz Alvarez (UnB/Gestões 2005-2007 e 2007-2009). Hilário Bohn foi um dos primeiros a defender com firmeza a autonomia epistêmica da Linguística Aplicada no Brasil, contribuindo decisivamente para consolidar o campo como área de conhecimento crítico e socialmente engajado. Já Maria Luisa Ortíz Alvarez destacou-se por uma atuação sensível e comprometida com a formação docente e com o fortalecimento institucional da área, articulando ensino, pesquisa e gestão com grande rigor e generosidade intelectual. Seus legados seguem vivos na memória coletiva da associação e nas trajetórias de quem com eles aprendeu, caminhou e transformou.

Ao abrir este volume, quem nos lê recebe um convite para revisitar uma história que não é linear nem consensual. Ao contrário: é feita de rupturas, revisões críticas, redes de solidariedade e tensões epistemológicas. É também uma história atravessada por conjunturas sociopolíticas adversas, que desafiaram — e ainda desafiam — o fazer científico comprometido com justiça linguística, equidade epistêmica e transformação social.

Nas vozes das ex-presidentas e dos ex-presidentes, encontram-se registros singulares de uma coletividade em movimento. Os textos, escritos a partir de diferentes

temporalidades, evidenciam os modos como a Linguística Aplicada foi — e continua sendo — um lugar de insurgência, de questionamento das verdades naturalizadas e de construção de alternativas para pensar a linguagem em suas múltiplas materialidades e relações com o mundo.

A obra também apresenta outro marco importante, a fundação da Editora da ALAB, a EDALAB. Trata-se do primeiro livro publicado com o propósito de fortalecer a produção e a divulgação de trabalhos acadêmicos na área da Linguística Aplicada, concentrando esforços para sua difusão entre diferentes grupos sociais, contribuindo para a maior visibilização deste campo de conhecimento nas comunidades interna e externa.

Celebrar os 35 anos da ALAB, portanto, não é apenas relembrar o passado. É, sobretudo, reafirmar um compromisso com o presente e com os futuros possíveis da Linguística Aplicada no Brasil. Que esta obra possa servir de arquivo, de inspiração e de provocação para as novas gerações de pesquisadoras e pesquisadores que se juntam a essa caminhada.

Referências

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva; SILVA JUNIOR, Antônio Carlos Silva. Linguística Aplicada Suleada. *In*: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris (org.) **Suleando conceitos em linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Volume 2. Campinas: Pontes Editores, 2024, p. 189-198.

SILVA, Wagner Rodrigues. Por uma Linguística Aplicada arrojada. *In*: SILVA, Wagner R. (org.). **Contribuições sociais da Linguística Aplicada**: uma homenagem a Inês Signorini. Campinas: Pontes Editores, 2021, p. 17-30.

CAPÍTULO

1

MEMÓRIAS DA PRIMEIRA GESTÃO DA ALAB

Marilda C. Cavalcanti[1]
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Gestão ALAB 1990-1992

Voltar ao passado, no ano em que a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) completa trinta e cinco anos, traz lembranças de uma época de ebulição acadêmica na área de Linguística Aplicada. Tratava-se de um tempo (meados e final da década de 1980 e início da década de 1990) em que uma leva de recém-doutores formados fora do país voltava para casa e começava a se reunir com pesquisadores seniores[2], principalmente, nos eventos acadêmicos já existentes[3]

1 Com agradecimentos à Diretoria da ALAB, gestão 2023-2025, pelo convite para contribuir com esta publicação que inaugura a editora da Associação, EDALAB.

2 Antonieta Celani (*in memoriam*), Leila Barbara (*in memoriam*) e John Schmitz (*in memoriam*).

3 Em uma nota de lembrança pessoal, as primeiras apresentações de trabalho que fiz, logo após meu doutorado, foram no V Encontro Nacional de

no país (Cavalcanti, 2021). A criação da ALAB vem das discussões dentro desse grupo, formado por pesquisadores e pesquisadoras de diferentes universidades com trabalho intenso relacionado às questões internas[4] de seus programas/cursos. É relevante apontar que não necessariamente todos os integrantes do grupo tinham interesse em criar uma nova associação no Brasil, no caso, uma associação de Linguística Aplicada. E havia também resistência a esse projeto por parte de colegas da grande Área de Letras e Linguística, principalmente, da Linguística Teórica à qual a LA "deveria" estar subordinada (Cavalcanti, 1986).

Em outras palavras, para que a ALAB fosse criada na virada da década de 1990, houve necessidade de uma série de reuniões que aconteceram, principalmente, no Grupo de Trabalho de Linguística Aplicada - Língua Estrangeira, durante os Encontros da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Letras e Linguística (ANPOLL) realizados nos anos finais da década de 1980.

Além da ANPOLL, congregando pesquisadores da grande área de Letras e Linguística, havia muitos outros eventos nos quais

Professores Universitários de Língua Inglesa (ENPULI) realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no VIII Encontro Nacional de Linguística na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), ambos em 1983, e no I Encontro Interdisciplinar de Leitura na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 1984.

4 Por exemplo, no interior no Departamento de Linguística Aplicada (DLA), abrigado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), estávamos na organização das primeiras edições do Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA) em 1986 e 1989. Concomitantemente, estávamos debruçadas e debruçados nos trabalhos decorrentes do curso de mestrado em LA já em andamento e na elaboração da proposta para o curso de doutorado em LA.

buscávamos espaço para discussão, fora da programação oficial. Por exemplo, o Encontro Nacional de Professores Universitários de Inglês (ENPULI), evento itinerante; o Encontro Nacional de Linguística organizado pela PUC-RJ, e vários outros congressos com foco nos estudos sobre leitura.

Porém, na segunda metade dos anos 1980, novos eventos com a etiqueta LA surgiram, como, por exemplo, o I CBLA em 1986 na Unicamp; o Instituto de Inverno de Linguística Aplicada em 1988, na PUC-SP; o I Simpósio de Linguística Aplicada (SIMPLA) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1989. O II CBLA na mesma instituição do primeiro acontece também em 1989 e, em 1990 vem a primeira edição do InPLA (Intercâmbio de Pesquisa em Linguística Aplicada) na PUC-SP.

Este capítulo está organizado em três partes, a primeira, focalizando a primeira gestão da ALAB; a segunda, colocando em destaque os desafios (epistêmicos) da LA no Brasil de hoje, e a terceira, destacando alguns desafios futuros para a LA.

A primeira gestão da ALAB

A ALAB foi criada em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1990, em um encontro do Grupo de Trabalho de LA na ANPOLL, com a assinatura dos seguintes pesquisadores, presentes nessa reunião:

> Abuendia Padilha Pinto (UFPE), Alice M. da Fonseca Freire (UFRJ), Angela Bustos Kleiman (Unicamp), Branca Telles Ribeiro (UFRJ), Carmen Rosa Caldas Coulthard (UFSC), Francisco

Gomes de Matos[5] (UFPE), Hilário I Bohn (UCPel), José Carlos Paes de Almeida Filho (UNB/Unicamp), Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ), Mara Sofia Zanotto Paschoal (PUC-SP), Maria Antonieta Celani (PUC-SP), Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio/UERJ), Marilda do Couto Cavalcanti (Unicamp), Rosemary Arrojo (Unicamp), Sumiko Nishitani Ikeda (PUC-SP), Vera M. Xavier Santos (UFSM), Vilson José Leffa (UCPel).

A primeira diretoria da ALAB, eleita por aclamação, contou com representantes do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL/PUC-SP) (vice-presidente e secretária) e do PPGLA/Unicamp (presidente e tesoureiro), a saber: Marilda C. Cavalcanti (presidente); Mara Sophia Zanotto (vice-presidente); Sumiko N. Ikeda (secretária), e José Carlos Paes de Almeida Filho (tesoureiro). Esse quarteto funcionou de forma muito harmônica nessa fase da ALAB que foi trabalhosa no aspecto burocrático, mas, também, um período de construção política. Deixo aqui registrado meus agradecimentos a cada um desses colegas cujo trabalho foi imprescindível para as ações envolvidas e desenvolvidas.

Nesse início, portanto, o trabalho burocrático se instalou de forma avassaladora devido aos procedimentos necessários, incluindo a elaboração dos estatutos, para o registro da Associação no país, e depois para sua afiliação à Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) [6]. Concomitantemente ao trabalho

5 É importante destacar o nome de Francisco Gomes de Matos como um pioneiro na área de LA no Brasil.

6 Já com a ALAB em funcionamento, houve alguma participação de pesquisadores brasileiros no congresso mundial da AILA em 1990 (Grécia). Essa participação aumentou na edição de 1993, nos Países Baixos, e se tornou expressiva em 1996, na Finlândia.

burocrático, o trabalho político se colocava de modo necessário, por exemplo, na apresentação da ALAB às demais associações nacionais, por exemplo, a ANPOLL e a ABRALIN. Algumas dessas situações de apresentação foram acolhedoras, outras nem tanto. De fato, os desafios políticos, deve-se enfatizar, não se restringiram à nossa gestão, mas, como apontado acima, eles já vinham dos anos anteriores à criação da ALAB.

Na paisagem temporal do momento do início da ALAB, é preciso destacar que o LAEL/PUC-SP, que representa a pedra fundamental do pioneirismo da LA no país, já tinha completado 20 anos. A Revista DELTA, publicada pelo LAEL, já existia desde 1985 e a Revista Trabalhos em Linguística Aplicada (TLA), do Departamento de Linguística Aplicada (DLA), na Unicamp, estava em vigência desde 1983[7]. E conforme assinalado anteriormente, já haviam sido realizadas, na Unicamp, com o apoio imprescindível do corpo docente do referido Departamento, duas edições do CBLA.

Ao todo, na Unicamp, foram 04 edições do CBLA (1986, 1989, 1992 e 1996), sendo somente a 3ª edição com a ALAB em funcionamento. O III CBLA foi, certamente, um dos acontecimentos mais importantes no ano final de nossa gestão, mas não representou um desafio, uma vez que se somava à experiência anterior da organização das duas primeiras edições do evento. Estive na comissão organizadora dessas 03 primeiras edições, todas elas com convidados nacionais e estrangeiros. Os

7 A Revista Intercâmbio (PUC-SP) foi iniciada em 1990 e a Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA/UFMG) em 2001.

anais desses CBLAs[8] foram publicados na Revista Trabalhos em Linguística Aplicada (TLA) números 12, 13, 14, 16 e 24 (Kleiman; Henriques; Cavalcanti, 1988, 1989ª, 1989b; Kleiman; Cavalcanti, 1990; Kleiman; Cavalcanti; Arrojo, 1994). Em relação aos CBLAs, referencio também Archanjo (2008, 2011) em publicações que se debruçam sobre os CBLAs (e sua relação com a LA no Brasil), principalmente, em suas três primeiras edições. Sobre o III CBLA, não encontrei informação sobre registro em anais.

Na época em que se inicia a 1ª gestão da ALAB, predominava no meio acadêmico a visão de LA como aplicação de teorias linguísticas ao ensino, principalmente de língua estrangeira, leia-se inglês. Para além dos relatos pedagógicos, já se advogava pela realização de pesquisa propriamente dita em LA e também pela ampliação de escopo na pesquisa em LA, ou seja, pela ampliação de foco no campo de investigação para além do ensino de LE.

É relevante, portanto, demarcar que nesse início, mesmo com certa resistência por parte de pesquisadores para se autodenominarem linguistas aplicados (Cavalcanti, 2006b; Gabbiani, 2002, 2019)[9], já havia um questionamento interno à área da relação da LA com a Linguística, e uma discussão[10] sobre a ampliação de seu foco[11] de estudo (Cavalcanti, 1986; Bohn, 1988;

8 Para uma análise da quarta edição do evento, ver Signorini (1998).

9 A preferência era pela autodenominação como linguista.

10 E, nos anos seguintes a sua criação e se estendendo para além dessa primeira gestão no final dos anos 1990, a discussão avança com e sobre interdisciplinaridade, sobre a LA e transdisciplinaridade (Moita Lopes, 1996, 1998; Signorini; Cavalcanti, 1998), sobre LA Crítica (Pennycook, 1998; 2001) e sobre LA Indisciplinar (Moita Lopes, 2006).

11 Sobre focos de estudo e agenda da LA nos anos seguintes, ver Kleiman (2013) e Moita Lopes (2006, 2013).

Kleiman, 1991; Celani, 1992, entre outros). De certo modo, a ALAB já começa com a visão da LA[12] como aplicação de teoria linguística como uma discussão já superada entre seus associados, e em meio às pesquisas sobre ensino-aprendizagem de leitura em LE que incluíam diálogos com a literatura em outras áreas de estudos. Esse tema, já na perspectiva dos estudos sobre letramento, ganha relevância, principalmente, para os pesquisadores que se debruçavam sobre L1. Deve-se destacar que leitura em LE e L1 era um foco importante nas teses de doutorado nos anos 1980. Isso se reflete, portanto, nas primeiras mudanças que ocorreram no Grupo de Trabalho de Linguística Aplicada (ANPOLL), uma vez que, a princípio, havia dois grupos de trabalho, um voltado para LE e outro voltado para L1.

Importante registrar que essas mudanças da e na LA foram, primeiramente, reveladas e concretizadas no referido grupo de trabalho (GT), que se tornou o lócus onde pesquisadores representantes de quase todos os cantos do Brasil se encontravam. Com o correr dos anos, o GT que já congregava cerca de oitenta pessoas, naturalmente passou a funcionar em subgrupos para acomodar tanto os interesses de pesquisa como também a logística de distribuição de espaço junto a ANPOLL. Os temas que os subgrupos[13] contemplavam estavam relacionados a: ensino-aprendizagem de LE, currículo, avaliação e testagem, formação de professores, estudos sobre leitura, português como

12 Ver Rajagopalan (2013, 2021).

13 É relevante anotar que, a princípio, não faziam parte desses subgrupos pesquisadores interessados em literatura e ensino e em ensino em L1 (Ver Cavalcanti, 2021).

LE, tecnologia e ensino, estudos sobre educação bi/multilíngue em cenários de minorias e tradução (Cavalcanti, 2021). O grupo original de LA na ANPOLL continuou grande, mas com algumas de suas subdivisões submetidas a ANPOLL como propostas de grupos novos. O primeiro desses subgrupos a ter uma proposta aprovada pela ANPOLL, em 1999, foi o GT Práticas Identitárias na Linguística Aplicada (Magalhães; Coracini; Grigoletto, 2006). Uma segunda subdivisão oficial do grande grupo ocorreu com o GT Transculturalidade, Linguagem e Educação[14], aprovado pela ANPOLL em 2003 (Cavalcanti; Bortoni-Ricardo, 2007; Hashiguti; Silva; Cadilhe, 2023). Em resumo, o GT de Linguística Aplicada (ANPOLL) foi, indubitavelmente, "uma importante vitrine para a visibilização" do alargamento de foco da LA no Brasil (Cavalcanti, 2021, p. 4-5). Lembro ainda que à época da criação da ALAB, esse foco estava no ensino-aprendizagem de LE, mas já se questionava a visão estreita do conceito de língua e também o reconhecimento de línguas oficiais somente. Também começa a chamar a atenção a abrangência de interesse para a diversidade, a diferença, a transculturalidade e o multilinguismo (*Cf*. Cavalcanti; Silva; Pires-Santos, 2023) talvez decorrente, nos anos 1990 e nas décadas posteriores, do foco nos estudos voltados aos Povos Originários no país, aos Estudos Surdos e aos Estudos sobre Migração.

14 Estive na cocoordenação da primeira gestão (2003-2005) desse GT juntamente com Stella Maris Bortoni (UnB). Esse grupo, que tinha como seu ponto de convergência a pesquisa etnográfica Ericksoniana (Erickson, 1986, entre outras datas) já vinha dialogando desde meados dos anos 1990 e congregava pesquisadores "vinculados a áreas [...] tais como, Linguística Aplicada, Sociolinguística Interacional, Etnografia Escolar, Educação Semiótica" (Cavalcanti; Bortoni-Ricardo, 2007, p. 7).

Com o reconhecimento da importância do GT de Linguística Aplicada (ANPOLL) para as discussões relacionadas ao estabelecimento da ALAB, passo às seções seguintes para deslocar o olhar para o presente e o futuro da LA no país.

Desafios atuais no campo da LA

Em relação a desafios epistêmicos, uma questão crucial para a LA brasileira, a meu ver, ainda é o fazer pesquisa[15] propriamente dita. Insisto nesse ponto porque ainda há muito relato pedagógico ou relato de experiência (pedagógica ou não) que se apresenta ou se coloca como sendo pesquisa. É necessário investir pesado, de forma contínua e persistente, na pesquisa propriamente dita. Deixo registrado que vejo o relato de experiência didática como importante, mas como parte do desenho de um cenário para pesquisa. E um cenário de pesquisa, como a própria denominação aponta, é potencial para a realização de uma pesquisa. Mas não é uma pesquisa, um estudo com um problema definido, com metodologia descrita, com análise de dados. Ou seja, há que ir além do histórico de uma situação, além da descrição dos dados ou do uso de dados como ilustração de um ponto teórico, ou como validação de uma teoria.

Outro desafio é que há necessidade de se atentar para as mudanças que ocorrem na paisagem social, linguística e geopolítica ao nosso redor e no mundo. Está tudo imbricado e tem implicações

15 A questão do fazer pesquisa me é particularmente cara seja através da disciplina Metodologia de Pesquisa em LA ou através de reflexão sobre o assunto (Cavalcanti, 2006a).

para o presente e para o futuro imediato, e amanhã já será ontem. O mundo não é mais o mesmo e esse processo de mudança só tende a acelerar. Há que se ter em mente que nenhuma solução é permanente, é sempre temporária, e nunca definitiva. E a abertura à discussão, a uma possível revisão de soluções propostas ou mesmo a uma recriação em mudança de rota, precisa ser perene. É necessário fazer uma análise continuada do que foi realizado e estar sempre pronto a uma correção ou correções de rota. Vivemos hoje uma situação diametralmente oposta à utopia que vivi e alimentei nos anos anteriores ao início da ALAB e durante sua primeira gestão juntamente com meus colegas na Diretoria da primeira gestão da Associação.

O momento atual da LA no Brasil é de amadurecimento da área, como mostra a produção bibliográfica e massa crítica crescente. Some-se a isso o fato de a Associação ter uma editora em funcionamento. No tempo da criação da ALAB, estávamos buscando nosso lugar ao sol. Era um sonho a realizar e havia muito trabalho pela frente. O trabalho, sem dúvida, não terminou. Há muito o que fazer nesse mundo que, como apontado, hoje é outro e, como tal apresenta outros desafios. E esses desafios precisam ser transformados em sonhos a nos guiar em forma de utopia permanente mesmo quando atravessamos tempos distópicos como aconteceu no passado recente e que ainda potencialmente nos assombra em relação ao futuro. Não podemos baixar a guarda e nos acomodar. Há muito que trabalhar para poder sempre esperançar, para cultivar uma esperança engajada, como bem expressou o escritor Itamar Vieira Júnior em uma entrevista concedida durante uma fase tenebrosa que o país atravessava.

Prováveis desafios futuros da LA no Brasil

Em relação a desafios futuros da LA no país, gostaria de destacar dois. O primeiro, pode ser apresentado de modo objetivo: está na necessidade de manutenção do foco das discussões e dos trabalhos/projetos de pesquisa em questões sociais neste país econômica e socialmente desigual que ainda atravessa tempos difíceis com a onda conservadora que assola não só o país, mas, o mundo.

Já o segundo desafio, há tempos destacado (Ver, por exemplo, Cavalcanti, 2004, 2006b, e no prelo; Gabbiani, 2002, 2019)[16] está na necessidade de ampliação da interação de linguistas aplicados com pesquisadores da América Latina, Caribe incluído, mas, principalmente, da América do Sul. Juntos criaríamos a oportunidade de trocar ideias, de aprender e de construir ideias para soluções de nossos problemas em comum. Em pleno Século XXI, ainda vivemos uma interlocução acadêmica que pende mais para uma mão única com a Europa e os EUA. Há que ampliar essa interlocução (Ver, no entanto, Szundy; Tílio; Melo, 2019), e fazer valer a decolonização de tal modo a mostrar a força acadêmica do Sul Global (Ver Kleiman, 2013, entre outros.), por exemplo, na construção de intercâmbio acadêmico através de projetos de pesquisa/investigação conjuntos entre pesquisadores brasileiros

16 Há que se apontar que Hilário Bohn (in memoriam), ex-presidente da ALAB e ex-membro da Diretoria/vice-presidente da AILA, foi uma voz pioneira na argumentação a favor da necessidade de maior integração acadêmica com nossos colegas de fala hispânica.

e pesquisadores hispano-falantes não somente da América do Sul, mas da América Latina como um todo e também do Caribe.

Nesse sentido, conforme aponto em Cavalcanti (no prelo), menciono duas iniciativas que ainda estão passando por divulgação. São elas a AIALA, da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), e o Programa *Move la America*, do Governo Federal do Brasil. Essas iniciativas têm potencial promissor no incentivo da integração acadêmica de pesquisadores da e na América do Sul, ou melhor da e na América Latina. A AIALA, sigla para AILA Ibero América, foi idealizada, em 2020, pela Associação Mexicana de Linguística Aplicada (AMLA), ALAB, Associação Espanhola de Linguística Aplicada (AESLA) e Associação Americana de Linguística Aplicada (AAAL), ou seja, associações afiliadas da AILA. Coordenada pela atual presidente da AILA e ex-presidente da ALAB, Profa. Kiria Finardi, a AIALA visa incentivar a expansão de linguistas aplicados na América hispânica, mas também em Portugal, e países de fala portuguesa na África e na Ásia, criando espaço para a representação da diversidade linguística regional, em especial de Povos Originários. Seu primeiro simpósio será realizado em 2025 no Brasil, durante o 14º CBLA, organizado pela ALAB. Em relação ao programa *Move la America,* ele é voltado para estudantes de mestrado e doutorado da América Latina, o Caribe incluído. Foi lançado em 2024 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério da Educação (MEC), Brasil, para ser implementado colaborativamente com programas de pós-graduação em universidades públicas brasileiras. Contempla o incentivo para

intercâmbio acadêmico inter- e intracontinental e o potencial desenvolvimento de pesquisa conjunta. O foco do programa, para além do elo já estabelecido com a Europa e a América do Norte, está no chamado Sul Global.

Os dois programas vão demandar muito trabalho coordenado, dedicado e continuado. O programa *Move la America,* aberto a todas as áreas de conhecimento, depende da adesão das universidades e das candidaturas de orientadores e pesquisadores em fase de formação. O que conta, neste caso, é que orientadores e estudantes da área de LA se candidatem. *Move la America*, sem dúvida, tem potencial para a promoção de interação acadêmica no Sul Global. Já a AIALA é específica para a área de LA sendo que o Brasil e o México, através de suas associações nacionais, já seriam potencialmente centros agregadores. No Brasil, portanto, o programa depende do interesse e do envolvimento da ALAB e de seus associados.

Para fechar

Desde a primeira gestão da ALAB até este final do primeiro quarto do Século XXI, já atravessamos/estamos atravessando várias mudanças e passamos/estamos passando por transições marcantes no mundo, por exemplo, na arena tecnológica. Interessa, portanto, saber se estamos preparados para o que vem a seguir nestes tempos acelerados, mutantes, com muitas incertezas e muitos desafios. Para tal, a LA precisa fazer levantamentos continuados para antecipar o que vem pela frente

e onde estão/estarão os temas de projetos de pesquisa no futuro próximo e no futuro distante. Há necessidade de pensar individual e coletivamente, organizando grupos de trabalho que possam proativamente antecipar temas potenciais de estudos para os próximos anos. Na LA, seria muito bom estarmos sempre alertas para indicar caminhos e temas de pesquisa de interesse social para esse país que tem desigualdades enraizadas, sejam elas econômicas, sociais, raciais, etc. Em outras palavras, além de fazer um mapeamento de questões de relevância em pesquisa em LA, há necessidade de monitorar essas questões. Vejo como importante focalizar temas que possam integrar grupos de pesquisadores tanto nacional quanto internacionalmente, nesse caso, principalmente, com nossos colegas sul-americanos. No caso do Brasil, seria muito bom que as discussões decorrentes de resultados e implicações de projetos de pesquisa pudessem potencialmente contribuir para ou serem transformadas em políticas públicas.

Em que sentido, a LA brasileira poderia contribuir? Creio que a resposta só pode vir das gerações que habitam a LA agora em 2025 e que vão habitá-la em anos futuros. O que posso sugerir utopicamente é que talvez seja necessário pensar individual e coletivamente sobre qual é o projeto que se quer e, mais importante, ainda, que esse projeto seja de interesse para o país. Imagino um projeto que contemple estudos que tenham um forte viés social e que levem em consideração as necessidades regionais. Para tanto, há que pensar interdisciplinar e transdisciplinarmente para além da LA e, se possível, trabalhar em equipe em projetos de pesquisa que reúnam pesquisadores intra e interuniversidades dentro do mesmo estado da federação e entre estados, e por que não com universidades latino-americanas?

Referências

ARCHANJO, R. **Vozes sociais e dimensão ética da Linguística Aplicada**: a construção discursiva da área nos CBLAs. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. 213 f.

ARCHANJO, R. Linguística Aplicada: uma identidade construída nos CBLA. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 3, 2011, p. 609-632. https://doi.org/10.1590/S1984-63982011000300002

BOHN, H. I. Linguística Aplicada. *In*: BOHN, I. H.; VANDRESEN, P. (org.). **Tópicos de Linguística Aplicada**. O ensino de Línguas Estrangeiras. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988. p. 11-39.

CAVALCANTI, M. C. A propósito de linguística aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. v. 7, n. 2. 1986, p. 5-12.

CAVALCANTI, M. C. Applied linguistics: Brazilian perspectives. **AILA Review**, v. 17, 2004, p. 23-30.

CAVALCANTI, M. C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em Linguística Aplicada: implicações éticas e políticas. *In*: Moita Lopes, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola. 2006a, p. 233-252.

CAVALCANTI, M. C. Applied Linguistics in South America. **International Encyclopedia of Language and Linguistics**. 2nd Edition. 2006b. Elsevier, p. 370-375.

CAVALCANTI, M. C. Prefácio. *In*: Lima, É. (org.). **Linguística Aplicada na Unicamp**. Travessias e Perspectivas. Bauru/SP: Canal 6 Editora. 2021, p 6-13.

CAVALCANTI, M. C. Applied Linguistics in South America. **Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics**. 3rd Edition. (no prelo)

CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. Introdução. *In*: Cavalcanti, M. C.; Bortoni-Ricardo, S. M. (org.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 7-19.

CAVALCANTI, M. C.; SILVA, I. R.; PIRES-SANTOS, M. E. "Transculturalidade, Linguagem e Educação" e a formação ampliada do professor (Entrevista). *In*: HASHIGUTI, S. T.; SILVA, I. R.; CADILHE, A. (org.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação**: diálogos e recomeços. Campinas: Pontes, 2023, p. 38-50.

CELANI, M. A. A. Afinal o que é Linguística Aplicada? *In*: PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M. A. A. (org.). **Linguística Aplicada:** da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992, p.15-23.

ERICKSON, F. **Qualitative methods**. Research in teaching and learning. v. 2. New York: MacMillan Publishing Company, 1986. p. 75-200.

GABBIANI, B. La Linguistica Aplicada en el Uruguay: Trayectoria de una existencia anonima. *In*: CURCO, C.; COLIN, M.; GROULT, N;

HERRERA, L. (org.). **Contribuiciones a la Linguistica Aplicada en America Latina**. Mexico, DF: Universidad Nacional Autonoma de Mexico/Centro de Ensenanza de Lenguas Extranjeras, 2002. p. 427-438.

GABBIANI, B. Ser o no ser linguista aplicado. Acaso existe la lingüística aplicada em Uruguay? *In*: SZUNDY, P. T. C.; R. TÍLIO, R.; MELO, G. C. V. (org.). **Inovações e Desafios Epistemológicos em Linguística Aplicada**: Perspectivas Sul-Americanas. Campinas: Pontes, 2019. p. 19-40.

GUIMARÃES, T. F.; SZUNDY, P. T. C. 30 anos da ALAB: desafios, rupturas e possibilidades de pesquisa em Linguística Aplicada [Entrevista com Marilda Cavalcanti]. **Raído**, v. 14, n. 36, 2020, p. 465-47. https://doi.org/10.30612/raido.v14i36.13241

HASHIGUTI, S. T.; SILVA, I. R.; CADILHE, A. Apresentação. *In*: HASHIGUTI, S. T.; SILVA, I. R.; CADILHE, A. (org.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação**: diálogos e recomeços. Campinas: Pontes. 2023, p. 25-34.

KLEIMAN, A. B. Afinal, o que é Linguística Aplicada? *In*: COLLINS, H. (org.). **Intercâmbio**. I INPLA -1990. São Paulo: EDUC-PUCSP, 1991.

KLEIMAN, A. B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013. p 39-58.

KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. Anais do II Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas: IEL/Unicamp, n. 16, 1990.

KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C.; ARROJO, R. Anais do IV Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas: IEL/Unicamp, n. 24, 1994.

KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. Introdução. O DLA: uma história de muitas faces, um mosaico de muitas histórias. *In*: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (org.). **Linguística Aplicada** – suas faces e interfaces. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 9-26.

KLEIMAN, A. B.; HENRIQUES, E. R.; CAVALCANTI, M. C. Anais do I Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. v. I – Língua Materna. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas: IEL/Unicamp, n. 12, 1988.

KLEIMAN, A. B.; HENRIQUES, E. R.; CAVALCANTI, M. C. Anais do I Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. v. II – Língua Estrangeira. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas: IEL/Unicamp, n. 13, 1989a.

KLEIMAN, A. B.; HENRIQUES, E. R.; CAVALCANTI, M. C. Anais do I Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. v. III – Tradução, Bilinguismo e Educação Bilíngue. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas: IEL/Unicamp, n. 14, 1989b.

MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M. (org.). **Práticas Identitárias**: língua e discurso. São Carlos: Claraluz, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Afinal, o que é Linguística Aplicada? *In*: MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p. 17-26.

MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI I.; CAVALCANTI, M. (org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 113-128.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Fotografias da Linguística Aplicada Brasileira na Modernidade Recente: contextos escolares. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**. Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola. 2013. p. 15-37.

PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada dos Anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. *In*: SIGNORINI I.; CAVALCANTI, M. (org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 23-47.

PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics**: A Critical Introduction. London: Routledge, 2001.

RAJAGOPALAN, K. Políticas de Ensino de línguas no Brasil: histórias e reflexões prospectivas. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.).

Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013. p. 143-162.

RAJAGOPALAN, K. Caminhos, percalços e encontros na Linguística Aplicada. *In*: SILVA, W. R. (org.). **Contribuições Sociais da Linguística Aplicada***:* uma homenagem a Inês Signorini. Campinas: Pontes, 2021. p. 45-60.

SIGNORINI, I. CBLA 1995: uma amostragem da pesquisa no Brasil. *In*: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998, p. 171-184.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. Apresentação. *In*: SIGNORINI I.; CAVALCANTI, M. (org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 7-19.

SZUNDY, P. T. C.; TÍLIO, R.; MELO, G. C. V. de M. Apresentação. *In*: SZUNDY, P. T. C.; TÍLIO, R.; MELO, G. C. V. (org.). **Inovações e Desafios Epistemológicos em Linguística Aplicada**: perspectivas Sul-Americanas. Campinas: Pontes, 2019. p. 7-17.

Websites Relevantes

ALAB

https://alab.org.br/historia
https://alab.org.br/diretorias-anteriores

AILA e AIALA

https://aila.info/about/regionalization/aila-ibero-america/
https://aila.info/aiala-2021-news/

InPLA

https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/about#:~:text=Surgiu%2C%20em%20formato%20impresso%2C%20no,)%2C%20evento%20organizado%20pelo%20LAEL.

Move la America

https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/multinacional/programa-move-la-america

CAPÍTULO

2

SOBRE PESQUISA, POLÍTICA, HISTÓRIA E IMAGINAÇÃO TEÓRICA PARA O FUTURO DA LINGUÍSTICA APLICADA

Luiz Paulo da Moita Lopes
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Gestão ALAB 1992-1994

Qual é a sua profissão?

Ao preencher o formulário on-line do Ministério da Justiça para requerer a renovação de meu passaporte em outubro de 2024, me deparei com um item no qual deveria especificar minha profissão. Foi com surpresa que constatei que uma das escolhas entre muitas áreas profissionais se encontrava a possibilidade de marcar professor de Linguística ou de Linguística Aplicada (LA). Não pude conter um riso de satisfação e espanto. Quem diria que, cerca de 35 anos antes,

estávamos às voltas com a criação da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB). É curioso ver que, por trás dos dedos dos burocratas que formularam a lista de especializações profissionais, havia cabeças que compreendiam a necessidade de especificar professor de LA. Será que entre eles havia alguém que teria lido os textos e livros sobre LA que surgiram desde então no Brasil? Essa indagação nos reporta ao momento da criação da ALAB quando havia incertezas, dúvidas e ausência de clareza por parte de alguns/algumas colegas em relação à criação da ALAB. Mas a pujança relativa do campo da LA atualmente e a extrapolação da denominação de uma especialidade na produção de conhecimento para um certo senso comum, como no exemplo apontado de campos profissionais, indica que foi acertada a fundação da ALAB em 1990. Os efeitos performativos dos discursos que constituem o campo são evidentes nesse exemplo e para além dele.

Neste capítulo, vou discutir os emaranhados relativos à criação de uma associação de pesquisadores no entrecruzamento de pesquisa, política e questões históricas, relativas ao período de 1992 e 1994, quando colaborei na direção da associação. Em seguida vou apontar algumas tendências teóricas que compreendo como relevantes para a teorização da área no futuro. Tais tendências focalizam quem é o 'sujeito' da LA e o excepcionalismo humano.

O que leva pesquisadores/as a fundarem uma associação? Pesquisa e política

A criação de uma associação de pesquisadores/as em um campo específico envolve uma necessidade epistemológica que não se separa de um clamor político. Quando há o entendimento

de que alguns/algumas pesquisadores/as percorrem caminhos teóricos, metodológicos e analíticos diferenciados, que constroem 'objetos' específicos de investigação, com uma massa crítica de certo volume, surge então a compreensão de que uma nova associação de pesquisadores/as se faz necessária. É claro que esses aspectos apontam que estamos diante de uma linha complexa que não separa epistemologia e política, como se alguma vez elas pudessem ser separadas. Fazer valer um campo de investigação é especificamente defender um modo de produzir conhecimento que é uma atividade intrinsecamente política.

Trata-se de procurar espaço nas agências de financiamento de pesquisa nos vários níveis de organização de governos, disputar verba pública para publicações, participar das discussões nas agendas públicas que dizem respeito à relevância de um determinado tipo de conhecimento nas práticas cotidianas, facilitar a compreensão da parte de editoras sobre quem produz certo tipo de conhecimento, operar em comitês editoriais de revistas, em associações científicas e, principalmente, nas agências públicas de financiamento de investigação. É sem dúvida criar e defender territórios para o desenvolvimento de uma certa tradição de pesquisa e, em tal empreitada, política e pesquisa estão de mãos atadas. Essa não é uma questão trivial e requer um ajuste de interesses e rearrumação dos espaços entre quem tem poder na academia. São placas tectônicas se ajustando após um terremoto, por assim dizer, daí as dúvidas, incertezas e falta de clareza sobre a fundação de associações novas da parte de pesquisadores/as. Esse foi o caso da ALAB, que só foi fundada devido à nitidez de

propósitos de alguns/algumas jovens pesquisadores/as então em conjunto com alguns/algumas outros/as mais experientes.

Ao contrário de visões objetivistas de produção do conhecimento, os interesses dos/das pesquisadores/as do que conta como pesquisa e de sua relevância no país está no âmbito da subjetividade definida pelo próprio conhecimento, formação e comunidade dos/as pesquisadores/as. No extremo, pode levar um/a pesquisador/a a dizer em um evento acadêmico para outro/a de outra área que está interferindo, por exemplo, em questões da LA: "Você não sabe o que é Linguística Aplicada!". A questão subjacente a tal discussão é quem pode fazer tal julgamento, quantos textos e livros publicou, há uma associação que congrega pesquisadores/as nessa área de conhecimento à qual ele/a é filiado/a, ele/a tem inserção nacional e internacional etc. Trata-se, portanto, da questão política relativa a quem pode dizer o quê, como e onde, um aspecto intrínseco a poder, discurso e política.

Este ponto pode ser entendido por muitos como uma 'verdadeira profanação do sagrado' uma vez que pensam o lugar da produção do conhecimento como existindo em separado das práticas políticas e mundanas. Ou seja, muitos entendem a pesquisa como situada em um espaço, no qual tradicionalmente reinam a 'verdade científica', a objetividade, a imparcialidade, a ausência de interesses ideológicos etc. O conhecimento é, ao contrário, imbricado nas tramas e valores do discurso – ideologias – daqueles/as que definem o que é conhecimento válido. Ainda que muitos, mesmo em áreas de investigação formuladas mais recentemente de forma diferente ou em áreas que estão sempre se questionando e se revendo como o caso da LA (ver Moita Lopes, 2006, 2016 e Pennycook, 2023), ainda perdura, em muito círculos,

a crença na produção de conhecimento como 'objetivo' e 'verdade' (ver Moita Lopes, no prelo). Como Latour (2005, p. 257) avança,

> "'estudar' nunca significa oferecer um olhar desinteressado e então ser guiado para a ação de acordo com princípios descobertos pelos resultados da pesquisa. Ao contrário, cada disciplina está ao mesmo tempo *estendendo* o alcance das entidades em operação no mundo e ativamente participando na *transformação* de algumas dela em intermediários fiéis e estáveis" (tradução nossa)[1].

É assim que Latour (2018, s/p) também afirma que a compreensão "[d]a produção de fatos objetivos" demanda "o apoio de cientistas, instituições, da academia, periódicos, pares, instrumentos, dinheiro – todos os ecossistemas do mundo real, por assim dizer" (tradução nossa)[2]. Essa é uma afirmação que coloca a prática de produção de conhecimento e de sua validação no centro da vida social e dos interesses nos quais os/as pesquisadores/as transitam

Por exemplo, uma disputa plenária em um grande evento entre dois/duas investigadores/as pode estar sendo modulada pelos interesses financeiros das editoras que os/as publicam. Da mesma forma, os artigos definidos como relevantes por um editor/a-chefe de um periódico pode estar sendo dirigido pelo

1 "To study never means offering a disinterested gaze and then being fed to action according to the principles discovered by the results of the research. Rather, each discipline is at once *extending* the range of entities at work in the world and actively participating in *transforming* some of them into faithful and stable intermediaries" (Latour, 2005, p. 257).

2 "the produc[tion] of objective facts" [...] "the support by scientists, institutions, the academy, journals, peers, instruments, money — all of these real-world ecosystems, so to speak" (Latour, 2018: n/p).

tipo de conhecimento que interessa a ele/a publicar, pelos grupos que deseja prestigiar e, em última análise, pela política editorial que deseja fazer. Igualmente, a escolha de temáticas em um determinado evento da área é orientada pelas ideologias dos organizadores: por exemplo, seria possível indagar o motivo pelo qual um evento atual da área não inclui questões prementes sobre o papel da linguagem na performatização da extrema direita contemporânea que se espalha cada vez mais agressivamente pelo mundo. O/a organizador/a do evento pode temer pressões da política local, por exemplo. Esses argumentos terminam por sublinhar a ideia foucaultiana de que o conhecimento é fabricado neste mundo.

A fundação de uma associação de pesquisadores/as assim como a sua continuação na história é primordial para o desenvolvimento dos interesses de um determinado tipo de pesquisa assim como para a discussão ininterrupta das questões que acabo de elencar. A que interesses serve a produção do conhecimento? No nosso campo de investigação, esse é um ponto que já começa com a visada teórica sobre linguagem ou sobre a ideologia linguística que orienta uma investigação (Moita Lopes, 2013, 2018; Rohling, 2024; Moita Lopes; Gouvea, no prelo).

A seguir, passo a historicizar como esse quadro delineado até agora se fez presente no período entre 1992 e 1994, quando dirigi a ALAB em conjunto com Lilian Mary H. Sá Campos (PUC-Rio), Alice da Fonseca Freire (UFRJ) e Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio).

Com quais histórias se conta uma história?

Os primeiros anos da ALAB foram muito singulares uma vez que a associação se ancorava nos poucos ombros de colegas que assinaram a ata de sua fundação em uma reunião da ANPOLL em Pernambuco em 1990 e de outros que foram se juntando ao projeto da Associação durante esse período inicial. Havia aqui uma escolha política a ser feita: continuar prestigiando somente a única associação que existia no campo de estudos linguísticos (Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN) até 1990 ou passar também a apoiar uma outra. Tal apoio trazia embutido a validação de um tipo de conhecimento. Não foram poucas às vezes, após a fundação da ALAB, que ouvi a menção de que havia somente duas associações no campo de Letras e Linguística: ABRALIN e Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Claro que uma associação não se faz somente por sua criação e muitos colegas que atuavam em outros campos nem sabiam mesmo da existência da ALAB. Falavam, portanto, com base no conhecimento a que tinham acesso. Vivíamos um momento bem distinto do espaço que a ALAB ocupa atualmente, devido ao aumento da massa crítica, do número de pesquisadores/as-bolsistas do CNPq, com eventos tradicionais no país etc. Felizmente, o tempo passou. Muitos programas de pós-graduação foram criados, com a consequente formação de muitos mestres e doutores.

Apesar do grupo pequeno inaugural, os Congressos Nacionais de LA organizados na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob a coordenação de Ângela B. Kleiman e

de Marilda do Couto Cavalcanti, anteriores à criação da ALAB e durante a gestão de Marilda do Couto Cavalcanti como presidenta, já despertavam muito interesse no Brasil. Na nossa gestão (1992-1994), envolvendo colegas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), não organizamos nenhum evento do porte de um congresso nacional. Esses eram organizados então na Unicamp.

Em vez disso, na nossa gestão, organizamos dois simpósios anuais (Simpósio de Linguística Aplicada – SIMPLA) que se alternavam com o Congresso Nacional de LA. Na programação dos SIMPLAs constavam basicamente alguns/algumas professores/as-pesquisadores/as atuantes na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Unicamp, PUC-Rio, UFRJ, e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), então. Os eventos, realizados em dois dias, eram constituídos por mesas-redondas que entrecruzavam algumas das pesquisas em desenvolvimento nessas universidades no campo da LA. Havia um recorte de metodologia e de temáticas de investigação que, ao privilegiar essas Universidades, infelizmente deixava de fora outros pesquisadores que muitas vezes atuavam, de forma isolada, em outras universidades. Fazia-se, porém, um esforço para fomentar alguma massa crítica em torno dos temas de letramentos em sala de aula e fora dela, ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e interação em sala de aula. Notadamente, se prestigiava etnografia em sala de aula e em outros contextos como metodologia de investigação. Os/As pesquisadores/as

trabalhavam com enfoques teóricos variados sobre o discurso. Embora fora do âmbito da ALAB, os eventos anuais organizados pela PUC-SP, os famosos Intercâmbios de Pesquisa em Linguística Aplicada (INPLA) desde esse período assim como as reuniões do Grupo de Trabalho de Linguística Aplicada da Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística (ANPOLL) eram espaços muito importantes para dar vitalidade ao campo e à ALAB. Permitiam trocas contínuas entre os pesquisadores no interesse de alicerçar a LA, continuamente.

Em tempos quase que totalmente analógicos, o contato com os/as pesquisadores/as-sócios/as era moroso, já que era feito pelo correio regular. Foi dessa forma, por exemplo, que foram distribuídos dois volumes dos Boletins da ALAB (números 3 e 4, em 1994)[3] aos/às associados/as. O boletim da ALAB tomou um novo formato. Davam-se notícias sobre eventos nacionais e internacionais, publicavam-se artigos, entrevistas e resenhas críticas. No volume 3, constou uma entrevista oral com Antonieta Celani (PUC-SP) sobre tendências da Linguística Aplicada assim como sobre o início da LA no Brasil. A entrevista foi conduzida por mim e Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio) e transcrita por ela. Embora não afirme que a LA comece no Brasil no Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP, a Profa. Celani chama atenção para o fato de esse ser de fato o primeiro Programa de LA no Brasil, cujos primeiros passos foram dados em 1969, com a vinda de um professor visitante, apoiado

3 Sou muito grato à Maria das Graças Dias Pereira (PUC-RIO) por ter me cedido cópias digitalizadas dos Boletins.

pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Ela ressalta que a área era totalmente desconhecida mesmo dentro da FAPESP. O pioneirismo do LAEL é impressionante uma vez que o primeiro Congresso da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) foi realizado em 1964. A Profa. Antonieta enfatiza como a criação do Programa surgiu de uma conversa entre ela e a Profa. Leila Barbara (PUC-SP) em um curso no Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Línguas, em 1963, no México. Neste volume, também havia um artigo de Branca Telles Ribeiro (UFRJ), uma resenha crítica de Marilda do Couto Cavalcanti (Unicamp) e uma carta aos associados escrita por Francisco Gomes de Mattos (UFPE). O volume 4 tinha uma entrevista com Angela B. Kleiman (Unicamp), feita por escrito, sobre os estudos dos letramentos no Brasil e a formação de professores, sobre diferenças e semelhanças entre programas nacionais e estrangeiros de LA, e sobre a necessidade da expansão da pesquisa no campo da LA no Brasil. O volume também continha um artigo de Liliana Cabral Bastos (PUC-Rio), resenhas críticas de Carmen Rosa Caldas-Coulthard (UFSC) e de José Luiz Meurer (UFSC).

Imediatamente após a fundação da associação, a ALAB se filiou à Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), participou dos congressos internacionais da AILA como membro desde os anos 1990, tendo os/as presidentes da ALAB ocupado posições no Comitê Internacional e no Comitê Gestor da AILA. Nessa época, nossa contribuição financeira para a AILA era por meio de um número mínimo permitido de associados/as, uma vez

que a ALAB tinha poucos/as associados/as e pouquíssimo dinheiro. Mas entendíamos que era importante manter esse vínculo com a AILA, tendo em mente a internacionalização dos/as afiliados/as assim como a própria força política que a AILA daria à ALAB, internamente. Eram os primeiros passos da ALAB e todo vínculo era importante para seu fortalecimento.

Mas a Linguística Aplicada brasileira sempre teve seu perfil, o que pôde ser verificado no Congresso da AILA de 2017, quando o evento foi realizado no Rio de Janeiro e quando a ALAB tinha voltado a estar sediada na UFRJ. A predominância de temáticas sobre linguagem e sociedade em suas múltiplas facetas no evento representa a marca da Linguística Aplicada no Brasil desde o início. Eis aqui a interferência político-epistemológica da ALAB na formulação de um evento com cerca de 2000 participantes internacionais, sob a presidência de Paula Tatiane C. Szundy (UFRJ). Foi a ALAB, nesse caso, que emprestou seu apoio à AILA ao formular o viés epistemológico e temático do Congresso da AILA. Nesse sentido, é interessante ressaltar que o que conta como Linguística Aplicada em um país não é necessariamente o que é válido em outro. A afirmação de Rampton (2006, 2016) sobre como as grandes discussões sobre a sociolinguística na Inglaterra se davam no âmbito da Associação Britânica de Linguística Aplicada (British Association of Applied Linguistics, BAAL) é um ponto ilustrativo. Penso que muito do trabalho inovador, respaldado nacional e internacionalmente, na esfera da sociolinguística no Brasil atualmente ocorre, da mesma forma, na Linguística Aplicada brasileira.

O quadro traçado anteriormente sobre o período de 1992-1994, no qual acoplo histórias para fabricar uma história é incomparável com o que se constitui hoje como o campo de pesquisadores/as na Linguística Aplicada no Brasil. Naquela época, a LA estava concentrada primordialmente em Programas do Sudeste e Sul, sendo hoje encontrada em todas as regiões do país, com pesquisadores atuantes, orientando pesquisa nesse campo. Ressalto notadamente o crescimento impressionante da área no Nordeste, no Centro-oeste e no Norte assim como a penetração da ALAB no Brasil todo. Acredito também que o amadurecimento da área é palpável pelas publicações brasileiras que engendraram um leque de possibilidades inovadoras de pesquisa, com questionamentos de natureza epistemológica que ficaram cada vez mais potentes, assim como a formação de novos/as pesquisadores/as, o que tem aumentado de modo singular a massa crítica da área e o fortalecimento da ALAB.

Calcado nas relações entre pesquisa, política e história, previamente discutidas, passo a relatar o que compreendo como os desafios principais para o futuro teórico do campo da LA.

Imaginar o futuro

A pesquisa inovadora envolve um exercício de imaginação da parte do/a pesquisador/a. Imaginar diferentemente é parte constitutiva das demandas de quem está envolvido em um campo de investigação. A sensibilidade do/a pesquisador/a frente ao mundo em que está vivendo ou ao espírito intelectual

de sua época (*Zeitgeist*) é fundamental nesse trabalho de invenção. Isso requer de modo fundamental estar atento às viradas epistemológicas que estão mobilizando as áreas do conhecimento, uma vez que essas são reflexos de como a produção do conhecimento está se orientando ao longo da história. Embora tenha mencionado tais viradas como centrais na construção de uma LA Indisciplinar (Moita Lopes, 2006, 2016), Pennycook (2023) explicita claramente como as viradas epistemológicas possibilitam uma entrada na Indisciplinaridade: um modo de se envolver na produção do conhecimento, guiado pelo que está movendo epistemologias contemporâneas.

A alternativa a esse direcionamento é estar sempre imóvel, produzindo mais do mesmo, sem fazer atravessar o campo aplicado da linguagem pela história de seu tempo, o que demanda de modo fundamental a história epistemológica de uma época ou como questões cruciais para entender o que estudamos se movem pelo ar de seu tempo (*l'air du temps*). Tal demanda requer um repensar contínuo sobre o que é fazer pesquisa no campo de estudos aplicados na área da linguagem. Na LA, entendo, portanto, que a atenção à sócio-história é fundamental. Não é possível estudar a linguagem sem se considerar a relação intricada e inseparável entre o contexto interacional/ discursivo – o lugar da produção dos significados – e os discursos em sua circulação na história. Essa já é em si uma ideologia linguística que tem orientado o pensamento de nosso grupo de investigação (Moita Lopes *et al*., 2022) como de outros e marca nosso posicionamento epistemológico e político

frente à linguagem. Outras visões, é claro, identificarão outros grupos de pesquisa.

Penso que duas questões serão fundamentais na imaginação teórica do futuro da pesquisa em LA: uma de natureza ontológica, especificamente, quem é o 'sujeito' da LA, e outra que não está separada de questões ontológicas e que tem a ver com como podemos pensar alternativas para pesquisa que não sejam guiadas pelo excepcionalismo humano. Esses são dois desafios fundamentais que estão atravessando de modo vibrante as Ciências Sociais e Humanas agora.

Ontologia em Linguística Aplicada

Bem distante da visão de que há uma essência de quem somos quando nos referimos ao/à aluno/a, homem, mulher, professor/a, médico/a etc. como participantes de nossa pesquisa, penso que é necessário operar com uma visão desessencializada de quem somos. Somos seres do discurso e, como tais, existimos performativamente como efeitos da linguagem aqui e ali (Butler, 1990). Não há um sentido prefigurado para quem somos antes do encontro com a palavra no discurso (Pinto, 2013, 2018) embora muitas pesquisas insistam em operar com uma compreensão pré-discursiva que exortam a crença em uma essência.

Claro que os interesses de tal visão essencialista possibilita a procura de universalismos e de grandes generalizações que têm ganhos principalmente no mercado de pesquisa positivista na procura de afirmações do tipo: "Conforme consta no corpus de

nossa pesquisa, 90% dos homens entrevistados usam a linguagem de tal forma". A questão que deve ser observada se refere ao que se entende por 'homem', para início de conversa. Só mesmo uma teorização mal-informada sobre o gênero e, de resto sobre ontologia, pode levar a um tal tipo de afirmação universalista. Igualmente, essa visão decorre de uma ideologia linguística que não considera o contexto interacional/discursivo que é literalmente apagado para que tal afirmação seja possível. Tal compreensão ocorre no interesse da produção de generalizações, com base em testes estatísticos, variáveis dependentes e independentes, decretação da mortalidade de dados que não se encaixam na padronização procurada etc. Tal interesse positivista, que ainda marca muito da pesquisa no campo da linguagem, só é possível porque desloca o olhar do contexto no qual a prática da entrevista foi produzida. Por outro lado, se os mesmos dados produzidos em entrevistas fossem estudados com base no contexto de produção delas, haveria uma perda na possibilidade de quantificação dos dados já que se tornaria impossível considerar a tão almejada quantificação para que testes estatísticos fossem aplicados de modo que a relevância estatística dos resultados fosse considerada. Visões de linguagem na produção do que conta como conhecimento válido e o *design* da pesquisa estão imbricados um no outro.

Operamos com significados essencializados no dia a dia sobre os sentidos já que o gênero, assim como outros significados, apesar do fenômeno da repetição e diferença/iterabilidade (Derrida, 1972, 1988), termina por construir um sentido de

substância para o que é de fato ficção (Butler, 1990) ou efeitos performativos da linguagem em uso. Contudo, penso que, como linguistas aplicados com interesse nas práticas situadas nas quais a vida interacional e discursiva ocorre, é importante atentar para os ganhos políticos, éticos e epistêmicos dessa visada. A crença na essência de quem somos aposta na irreversibilidade e fatalismo para as nossas vidas, não possibilitando a reinvenção social. A instabilidade de quem 'somos' como efeitos da linguagem abre espaço para recriações ontológicas inúmeras que possibilitam redescrições ou que contemos outras histórias sobre quem 'somos' ou que incorporemos outras cosmovisões, como indicado na próxima seção. Como diz belamente Foucault (1985, 1995), o que importa não é quem 'somos', mas quem podemos 'ser'.

Muitas das ideias sobre quem 'somos' são herdadas da velha ocidentalização do mundo e da reocidentalização atual (Mignolo, 2020), empreitada carregada ao extremo pelas redes sociais, seus proprietários oligarcas e forças rentistas internacionais em conluio com as elites locais, que construíram sentidos muito bem sedimentados sobre quem 'somos', decretando limites bem delineados sobre nossas vidas sociais ou ontologias das quais não podemos escapar. As histórias sobre corpos que deveriam ser 'escravizados', sobre 'supremacismo' branco, sobre gênero e sexualidade 'corretos', sobre a 'religião', 'língua' e 'nacionalidade' adequadas são bem conhecidas e continuam a atravessar o mundo nos ideais aviltantes e contemporâneos da extrema direita (Moita Lopes; Pinto, 2020), definindo os corpos que importam (Butler, 1997). Escrevo justamente em um momento-chave no qual, para

ir ao encontro dos interesses do novo presidente dos Estados Unidos (D. Trump) de extrema direita, os proprietários de duas importantes redes sociais, ameaçam permitir conteúdos racistas, sexistas e LGBTi+fóbicos entre outros discursos de ódio e *fake fews* nas suas redes, pretensamente defendendo 'a liberdade de expressão'.

Além disso, o referido presidente declarou que a partir de sua posse só haveria dois gêneros: homem e mulher. Eis o biopoder em ação sobre corpos que contam como humanos. Decretou ainda que qualquer menção à diversidade, equidade e inclusão não pode aparecer em documentos oficiais federais. Eis a reocidentalização em sua operação plena. Tendo em vista os perigosos ideais da extrema direita em circulação pelo mundo em governos e partidos e o poder econômico e cultural dos Estados Unidos, estamos diante de razões suficientes para repensarmos o 'sujeito' da Linguística Aplicada e dizermos não a uma ontologia prefigurada e essencializada na pesquisa em nosso campo. Tal visão elimina contingência, imaginação, heterogeneidade, contextualização, performatividade, interseccionalidade e, principalmente, outras formas de vidas humanas e não-humanas.

Excepcionalismo humano

As narrativas da ocidentalização ao passo que prestigiaram um tipo de ontologia como válida também valorizaram a lógica do excepcionalismo humano necessariamente definida com base em um ser branco, heterossexual e masculino em confronto com

a alteridade. Essa é uma cosmovisão cada vez mais questionada em contraste com outras derivadas de populações indígenas (Kopenawa; Albert, 2015; Viveiros de Castro, 2015; Bird-David, 2017) e aquelas originadas em outros grupos tais como os informados por teorizações queer (Moita Lopes, 2022) e decoloniais e de religiões Afro-Brasileiras, por exemplo (Viveiros de Castro, 2015; Haraway, 2016; Moita Lopes, no prelo). Esses se apoiam em outras cosmovisões que se fundamentam em desontologizações – como no caso de teorizações queer – e em um "anarquismo ontológico" como Viveiros de Castro (2019, p. 3) tem apontado sobre as populações ameríndias no Brasil.

O fato é que a crítica à lógica essencialista ocidentalista em conjunto com a ideologia de ontologizações inescapáveis tem chamado atenção para como o excepcionalismo humano está situado na base de uma cosmovisão única na qual o ser humano – ou um tipo de ser humano – está no centro do planeta Terra, subordinando tudo a ele. Tal subordinação tem constituído o mapa da destruição do planeta que inclui a devastação das florestas, a obsessão pela extração de minerais, a poluição das águas e mares, a alteração dramática do clima, o aniquilamento total de seres vivos – outros que humanos –, tornando outras visões do mundo necessárias. A compreensão capitalista dos modos de estar no mundo – típica da ocidentalização contínua, já referida – é crucial nessa lógica destrutiva que tem se acelerado nos últimos tempos no liberalismo recente – o que Povinelli (2016) nomeou de *geontopower* –, e que não deixou nenhum lugar imune ao olhar do chamado ser humano. Tal lógica tem sido compreendida,

para muitos, como constitutiva de uma outra era geológica, a do Antropoceno[4], que surge com o fim do Holoceno, a era glacial (Angus, 2016, 2023), levando à destruição do mundo em muitos aspectos. É assim que Tsing (2019, p. 112) chama atenção para como no Antropoceno "somos empurrados para novas ecologias de proliferação da morte". Contudo, Mirzoeff (2018) sublinha que não se trata do Antropoceno, mas de fato da cena branca supremacista capitalista e "sua relação doentia com a Terra" (Viveiros de Castro, 2015, p. 27) ou "[d]o Povo da Mercadoria", como se refere Albert (2015, p. 46) ao mencionar o xamã Yanomami Kopenawa no prólogo do livro *A queda do Céu* (Kopenawa; Albert, 2015).

Nesse livro, fica claro que nem todos os seres humanos operam sob a mesma cosmovisão e nessas cosmovisões alternativas podem estar nossas esperanças. Kopenawa e Albert (2015) apontam que os povos Yanomami vivem com outras compreensões que chamam atenção para a inadequação dessa faina destrutiva que ao exterminar as florestas, rios, xamãs, espíritos etc. levarão "à queda do céu" ou à destruição da multiplicidade das vidas na Terra. Os relatos do xamã Kopenawa sobre a situação em que vivemos parecem ter sido elaborados por especialistas contemporâneos em ecologia, tal a clareza e

4 O conceito de Antropoceno, apresentado por Paul Crutzen em 2000, procura estabelecer um momento no qual a presença do ser humano marca sobremaneira de modo destrutivo a vida na Terra entre os anos 1940 e 1950, constituindo uma nova era geológica. Apesar das muitas discussões sobre a exatidão do conceito em termos geológicos, ele tem sido adotado em muitas áreas do conhecimento, principalmente para identificar um capitalismo corrosivo que afeta nosso planeta em diversas dimensões (Angus, 2016, 2023).

pertinência das observações proféticas ao dar o "recado da mata", como Viveiros de Castro (2015) nomeia seu prefácio ao livro de Kopenawa e Albert (2015). Assim, como esclarece Kopenawa (2015, p. 480): "na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os xapuri "[espíritos]", os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol!". Ao definir quem é a ecologia, Kopenawa mobiliza uma série de ontologias para além do simplesmente humano que motivam uma visão do mundo completamente diferenciada, que inclui "nossos co-viventes" (Viveiros de Castro, 2015, p. 23). A relevância dessas cosmovisões está atrelada à ideia de que há outras narrativas e ontologias com as quais é possível pensar o mundo muito além do excepcionalismo humano. É hora de abrir as portas da história "para não-humanos" (Tsing, 2019, p. 17), podendo assim "ver processos sociais mais amplos e dinâmicos do que os humanos" (p. 17), bem longe daquelas ontologias prestigiadas na ocidentalização e na reocidentalização atual.

Haraway (2016) igualmente chama atenção nessa direção para a necessidade de entrelaçar nossas vidas com as de outros seres vivos – tornar-se com outros (uma simbiótica e uma simpoética, p. 58-60) – na compreensão de outros modos de performar significados, que se relacionam aos nossos na reimaginação de um mundo de multiespécies. Como podemos considerar um mundo social no qual os pinguins lançam mão de estratégias semióticas multimodais (p. 39), outras espécies podem expressar luto (p. 38) e outros seres-humanos vivem vidas diferentes das nossas ontologicamente, como já indicado?

Haraway (2016) sugere a importância de imaginar visões ontológicas e epistemológicas que não existiam anteriormente assim como operar metodologicamente de modo a escapar de rotas já continuamente percorridas (p. 127). A autora termina seu livro, ficcionalizando narrativas especulativas sobre Camille, uma criança que foi gestada com base em "liberdade reprodutiva" e cujos pais foram também borboletas monarcas que estão em extinção, devido à destruição de seu habitat (p. 144). A ficcionalização de Haraway ecoa as ontologias Yanomami das plantas, das águas, dos animais etc[5]. Nesse sentido, as narrativas de Haraway sobre Camille não são diferentes dos sonhos dos Yanomami e de seu poder de imaginar o mundo de modo ontologicamente alternativo com "outros tipos de visões" (Luciani, 2022, p. 4). É assim que Limulja (2022), em sua etnografia sobre os sonhos Yanomami, enfatiza os efeitos pragmáticos dos sonhos na vida cotidiana desses povos.

Para finalizar, cabe argumentar com Viveiros de Castro (2019, p. 1) que estamos diante de "uma mudança de paradigma cosmológico", no qual o que conta como "mundo" e "visão" assim como como aquele que vê, está passando a orientar a produção de conhecimento. Latour e Lenton (2019) indicam que a mudança

5 Em Moita Lopes (2024), ao sugerir a necessidade de desontologizar a formação de professores devido a ganhos políticos, éticos e epistemológicos, indiquei a importância de, em sala de aula, o/a professor/a estimular a fabricação de narrativas que façam nascer humanos misturados com outras formas de vida (por exemplo, uma menina-trans-tigresa), seguindo o modelo das narrativas especulativas sobre Camille. Os ganhos dos efeitos performativos dessas narrativas na fabricação de outros sentidos ontológicos são evidentes.

de tal paradigma é cultural e tem relação com a chamada nova era do Antropoceno. Os mesmos autores (p. 19) sugerem que é necessário pensarmos em Gaia[6], que não é o globo, mas uma superfície como lugar de imanência de formas diferentes de vida, muitas não compreendidas no que chamei aqui de processos de ocidentalização/reocidentalização. Essas formas de vida todavia são centrais para muitos povos, que nunca aceitaram o chamado excepcionalismo humano, entendendo-se, ao contrário, como "conscientes de suas ações" (Viveiros de Castro, 2019, p. 4). Assim, o que chamamos de ser humano não passa de um ponto emaranhado na teia heterogênea constitutiva de Gaia. Para dar conta de tal virada cosmológica encapsulada no conceito de Antropoceno, é necessário, como Viveiros de Castro (2019, p. 3) sublinha, pensarmos para além de "pluralismo ontológico" e considerarmos um "anarquismo ontológico" no qual nenhuma forma de vida é apagada, como exemplarmente os Yanomami e outros povos (Bird-David, 2017) fazem: plantas, animais, espíritos etc. A noção de anarquismo ontológico deixa sempre aberta a possibilidade de outras ontologias (Viveiros de Castro, 2019).

Um olhar retrospectivo e prospectivo

Este capítulo faz a LA do início da ALAB (1992-1994) conversar com intravisões teóricas que entendo devem ser

6 Nas palavras de Haraway (2016, p. 43), Gaia são "fenômenos complexos sistêmicos que compõem um planeta vivo" (tradução nossa). Original: "complex systemic phenomena that compose a living planet".

incluídas nesse campo. Ao cruzar pesquisa, história e política, comecei empreendendo uma análise sobre a necessidade da criação da ALAB em um momento da história dos estudos linguísticos no Brasil no qual havia, a par de uma relativa massa crítica então, novos pressupostos teóricos, analíticos e metodológicos no campo aplicado dos estudos da linguagem, clamando pela criação de uma nova associação científica. Esse era um momento central para que a pesquisa em LA fosse contemplada na distribuição de financiamento para a pesquisa, para a organização de eventos, bolsas de pesquisa etc. Uma tal guinada epistemológica no interesse de fomentar massa crítica não se separava da questão política da criação da associação, o que provocou uma rearrumação territorial no vasto campo de estudos da linguagem no Brasil. Salientei a relação entre pesquisa e os interesses do/a pesquisador/a no mundo social em que está situado. Avaliei também as dificuldades do momento inicial e os ganhos relativos dos tempos atuais, depois de 35 anos.

Em sequência, desenvolvi a necessidade de imaginação epistemológica. Discuti a premência de considerar aspectos da reocidentalização, que enfrentamos, dominado por um neoliberalismo acachapante e suas consequências devastadoras. Tais aspectos demandam imaginar teorizações relevantes sobre quem seria o 'sujeito' da LA. Com essa motivação, discuti questões de ontologia e do chamado excepcionalismo humano, que passaram a ser fundamentais para como vamos reteorizar o campo, uma tarefa que Pennycook (2018) ao pensar uma Linguística Aplicada Pós-humanista já começou a fazer. Essa é uma atividade

que deve mobilizar a imaginação do/a pesquisador/a se deseja ser responsivo ao espírito intelectual de seu tempo. As questões relativas a performatizar sentidos inovadores e "anárquicos" do ponto de vista ontológico assim como aqueles que são críticos de um mundo antropocênico têm implicações pragmáticas cruciais para os estudos aplicados no campo da linguagem. Abrem o campo para estudos mais amplos do que aqueles estritamente relacionados à interação humana ou explicitamente vinculados ao excepcionalismo humano assim como para cosmovisões diferentes das ocidentalizadas. Imaginar é preciso.

Referências

ALBERT, B. Prólogo. *In*: KOPENAWA, D.; Albert, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANGUS, I. **Enfrentando o antropoceno**. Trad. Glenda Vicenzi; Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2016/2023.

BIRD-DAVID, N. **Us, relatives**: scaling and plural life in a forager world. Los Angeles: University of California Press, 2017.

BUTLER, J. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. Londres: Routledge, 1990.

BUTLER, J. **Bodies that matter**. On the discursive limits of "sex". Nova York: Routledge, 1997.

DERRIDA, J. **Limited Inc**. Trad. Samuel Weber; Jeffrey Mehlman. Evanston: Northwestern University Press, 1972/1988.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (org.). **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense, 1985/1995.

HARAWAY, D. **Staying with the trouble**. Making kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LATOUR, B. **Reassembling the social**. An introduction to Actor-Network-Theory. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LATOUR, B. The critical zone of science and politics: An interview with Bruno Latour, conducted by Steve Paulson. **Los Angeles Review of Books**. February, 23, n/p., 2018.

LATOUR, B.; LENTON, T. Extending the domain of freedom, or why Gaya is so hard to understand. **Critical Inquiry**, v. 45, n. 3, p. 659-680, 2019.

LIMULJA, H. **Uma etnografia dos sonhos Yanomami**. O desejo dos outros. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

LUCIANI, J. A. K. Plants, dreams and metaphors: reflections on Amerindian means of influence. **Revista de Antropologia**, v. 65, n. 3, p. 1-30, 2022.

MIGNOLO, W. Conversa com Walter Mignolo, conduzida por L. Menezes de Souza. Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), em 8/5/2020, YouTube ALAB, 2020.

MIRZOEFF, N. It's not the Anthropocene. It's the white supremacist scene, or the geological color line. In: GRUSIN, Richard. (ed). **After extinction**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018. p. 123-150.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006/2016.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Global Portuguese**: linguistic ideology in late modernity. Nova Iorque: Routlledge, 2013/2018.

MOITA LOPES, L. P. Introdução. Linguística Aplicada INdisciplinar com base em uma ideologia linguística responsivas às teorizações queer. *In*: MOITA LOPES, L. P.; GONZALEZ, C., MELO, G.; GUIMARÃES, T. **Estudos queer em Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2022. p.15-51.

MOITA LOPES, L. P. Por que a lógica da desidentificação é crucial na docência contemporânea? *In*: BORGES DA SILVA, S. B.; ASSIS, J. A. SEMECHEN, J. (org.). ***Formação de professores***. Por uma agenda política, ética e transformadora. Campinas: Pontes Editores, 2024. p. 91-108.

MOITA LOPES, L. P. Ideology in research methodology. *In*: Chapelle, C. (org.). **The Encyclopedia of Applied Linguistics**. Nova Iorque: Elsevier, no prelo.

MOITA LOPES, L. P.; GOUVEA, C. A. Language ideology and attitude. *In*: CARVALHO, A. M.; OUSHIRO, L. (org.). **The Oxford Handbook of the Portuguese Language**. Oxford: Oxford University Press, no prelo.

MOITA LOPES, L. P.; PINTO, J. P. Colocando em perspectiva as práticas discursivas de resistência em nossas democracias contemporâneas: uma introdução. *In*: MOITA LOPES, L. P.; PINTO, J. P. (org.). **Trabalhos de Linguística Aplicada**. Dossiê Resistências em práticas discursivas de contestação em democracias frágeis. Campinas, v. 59, n. 3, p. 1590-1612, 2020.

MOITA-LOPES, L. P.; GONZALEZ, C.; MELO, G.; GUIMARÃES, T. **Estudos queer em Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2022.

PENNYCOOK, A. **Posthumanist Applied Linguistics**. London: Routledge, 2018.

PENNYCOOK, A. Linguística Aplicada Indisciplinar como amálgama epistêmico. *In*: FABRÍCIO, B. F.; BORBA, R. **Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar**: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes. Campinas: Editora Unicamp. 2023. p. 47-78.

PINTO, J. P. From prefigured speaker identities to the disinvention of Portuguese. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Global Portuguese**: linguistic ideology in late modernity. Nova Iorque: Routlledge, 2013/2018. p. 105-123.

POVINELLI, E. A. **Geontologies***:* A Requiem to late Liberalism. Durham: Duke University Press, 2016.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança em visões de sociedade em linguística aplicada. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006/2016. p. 109-128.

ROHLING, N. **Ideologias linguísticas e (des)colonialidade da linguagem**: diálogos emergentes. Campinas: Pontes Editores, 2024.

TSING, A. L. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Trad. Thiago Motta Cardoso et al. Brasília: Mil Folhas, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Prefácio. O recado da mata. *In*: KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 11-41.

VIVEIROS DE CASTRO, E. On models and examples: engineers and bricoleurs in the Anthropocene. **Current Anthropology**. v. 60, n. S20, p. 296-308, 2019.

CAPÍTULO

3

GESTÃO DA ALAB NO FIM DO SÉCULO XX

Vilson J. Leffa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Gestão ALAB 1996-1998 | 1998-2000

Fui presidente da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) por duas gestões seguidas, a primeira no biênio 1996-1998 e a segunda no biênio 1998-2000. São os quatro últimos anos do século XX. Foi o período em que concluímos não só um século, mas também um milênio, com expectativas de grandes mudanças na área da Linguística Aplicada. A meu ver, não foi um período de conclusão, mas de inicialização, como se um século começasse antes de terminar o outro. Um período em que lançamos as sementes das mudanças que estavam por vir; no fundo, um período mais de semeadura do que de colheita. Entre essas mudanças que se iniciavam, eu destacaria dois temas: o avanço das tecnologias e as transformações socioculturais. Vou usar esses dois temas como pano de fundo para o meu texto.

No **avanço das tecnologias**, iniciamos a expansão da internet e das redes sociais. Criamos novas formas de escrita e de comunicação, trazendo as mensagens instantâneas, tweets, emoticons, emojis, posts. Introduzimos novos gêneros textuais digitais, como blogs, memes, podcasts e vídeos curtos. Popularizamos os assistentes virtuais e de digitação por voz. Introduzimos o uso da inteligência artificial na produção e correção de textos. Criamos os *chatbots* e os tradutores automáticos. Difundimos o uso da comunicação multimodal, combinando texto, imagem, áudio e vídeo.

Em relação às **transformações socioculturais**, iniciamos os debates sobre a linguagem neutra, a questão dos gêneros e o ensino crítico. Tentamos valorizar as variedades linguísticas e dialetos considerados marginalizados. Envidamos esforços para tornar a comunicação mais acessível, incluindo a audiodescrição. Começamos a testemunhar a queda de formas tradicionais de escrita, como cartas e diários, substituídos por e-mails e postagens online. Assistimos à mudança de hábitos de leitura, com a difusão dos livros digitais, audiolivros e leitura em telas. Vimos até mudanças na ortografia com a implementação do Acordo Ortográfico.

A metáfora da semente está sendo usada aqui para mostrar que aquilo que foi plantado durante meus dois mandatos na ALAB nem sempre foi colhido na minha gestão. Algumas sementes demoraram um pouco mais para concluir seu processo de germinação, criar flores e produzir frutos. Desse modo, alguns desses frutos foram colhidos mais tarde, além da minha gestão.

Isso demonstra que, apesar das mudanças, a ALAB como instituição conseguiu também manter uma coesão interna suficientemente forte para não perder o rumo traçado em gestões anteriores, com base em um planejamento de longo alcance.

Para a escrita deste capítulo, vou me organizar em quatro momentos, esperando, com essa divisão, não separar o que está intimamente entrelaçado, mas dar uma ideia mais clara do que foi minha dupla gestão como presidente da ALAB. Esses quatro momentos são: (1) linha do tempo, (2) políticas linguísticas, (3) publicações e (4) congressos.

Como alguns leitores já devem ter percebido, uso aqui a primeira pessoa, tanto no singular ("eu fiz"), como no plural ("nós fizemos"). Na realidade, para ser bem sincero, nada foi feito sozinho. É tudo "nós". E sem nota de rodapé explicando que os acertos são de todos e os erros só meus. Aqui acertamos juntos e erramos juntos. O que é importante para ser lembrado é que eu jamais teria condições de fazer o que descrevo aqui sem a ajuda das pessoas e das instituições que pegaram junto comigo nas duas gestões da ALAB. "Eu" descrevo o que "nós" fizemos.

Linha do tempo

Tenho vários conceitos de tempo ao longo dos meus mais de 80 anos, e, neste texto, falo de um tempo que é outro. Um tempo em que, a meu ver, tínhamos outra visão de mundo, outras linguagens, outras ferramentas, e principalmente outros valores. A maioria das datas na minha linha do tempo começa com "19...".

Cubro aqui o período que vai da eleição do primeiro mandato até o término do segundo, quando passamos a gestão da ALAB para a Professora Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva da UFMG.

Novembro de 1996. Eleição para o primeiro mandato. A decisão de concorrer à presidência da ALAB, em novembro de 1996, foi motivada mais por apoio institucional do que por razões pessoais. Na época eu trabalhava no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), como professor aposentado da UFRGS, e a possiblidade de presidir uma associação científica de nível nacional poderia ser vista como uma contribuição para o curso; o que no fim resultou em uma contribuição mútua, principalmente pelo apoio da UCPEL, garantindo espaço de trabalho e até recursos humanos para o funcionamento adequado da ALAB. Fora da UCPEL, senti também o apoio de colegas da própria ALAB, onde eu já tinha atuado como membro da diretoria.

Março de 1997. Posse do primeiro mandato. Presidente, Vilson José Leffa (UCPEL); Vice-presidente, Lynn Mario T. Menezes de Souza (USP); Secretária, Désirée Motta Roth (UFSM); Tesoureira, Vera Lúcia Fernandes (UCPEL). Para o conselho consultivo foram eleitos Hilário H. Bohn (UCPEL), Lucília Helena do Carmo Garcez (UnB), Margarete Schlatter (UFRGS), Maria Antonieta Alba Celani (PUC-SP), Maria José R. F. Coracini (Unicamp), Telma Gimenez (UEL) e Vera L. Menezes (UFMG).

Julho de 1997. Assembleia Geral Ordinária da ALAB na UFMG. Entre as decisões mais relevantes dessa Assembleia,

destaco: (1) a participação da ALAB na SBPC e filiação à ANPOLL, colocando a ALAB no mapa das associações científicas do Brasil; (2) definição da data do V CBLA para o período de 31 de agosto a 04 de setembro de 1998, propondo-se como tema "A linguagem e a construção do conhecimento", (3) escolha do nome para a revista da ALAB, como "Revista Brasileira de Linguística Aplicada" e (8) mudança dos estatutos.

Agosto/setembro de 1998. Realização do V Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada na UFRGS em Porto Alegre.

Setembro de 1998. Na assembleia geral da ALAB, realizada durante o V Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, a diretoria da ALAB foi reeleita por unanimidade. Fiz questão de lembrar que a reeleição estava prevista no estatuto desde a fundação da ALAB. As mudanças introduzidas nos estatutos durante meu primeiro mandato tinham sido feitas para outras finalidades.

Março de 1999. Posse do segundo mandato.

Setembro de 2000. Realização do "II Encontro Nacional Sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras (II ENPLE)" na Universidade Católica de Pelotas. Ocorreu durante este evento a Assembleia Geral Ordinária da Associação de Linguística Aplicada do Brasil, em que se elegeu a nova diretoria da ALAB.

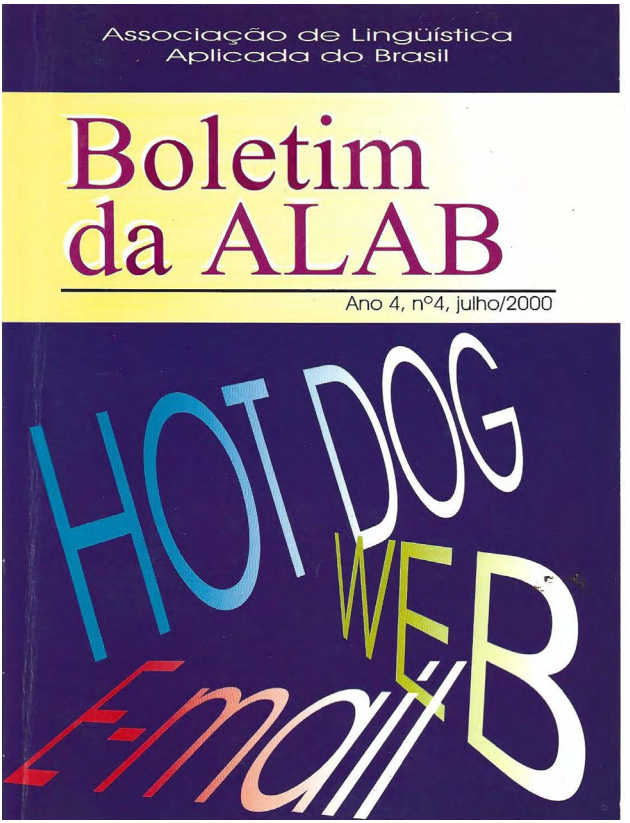
Março de 2001. Passagem da gestão da ALAB para nova diretoria, tendo como presidente a Professora Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva da UFMG.

Políticas Linguísticas

A mobilização política como processo de engajamento sempre foi uma bandeira da ALAB, e na nossa gestão não foi diferente. Promovemos várias ações envolvendo temas como a discussão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as Diretrizes dos Cursos de Letras, mestrado profissionalizante, defesa do plurilinguismo e pluriculturalismo, incentivo ao ensino crítico de línguas, melhoria na formação dos professores de línguas, estímulo à produção científica na área da Linguística Aplicada com ênfase nas questões de política de ensino.

O Boletim da ALAB número 4 (ALAB, 2000), publicado na nossa gestão (Figura 1) é um exemplo emblemático de nossa mobilização política. Nele discutimos dois projetos de lei apresentados pelos deputados Aldo Rebelo e Jussara Cony sobre a suposta necessidade de proteger a língua portuguesa do perigo de contaminação dos estrangeirismos. São oito artigos de nossos colegas Margarete Schlatter e Pedro Garcez, Paulo Coimbra Guedes, John Robert Schmitz, Ana Maria Zilles, Marcos Bagno, José Luiz Fiorin, Maria José Bocony Finatto, Sirio Possenti. Como se vê, um trabalho coletivo.

Figura 1. Capa do Boletim da ALAB



Fonte: arquivo do autor.

A título de ilustração e também para mostrar quais eram as preocupações pontuais dos pesquisadores e professores de línguas na virada do século, apresento a seguir o "Documento Síntese do II Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras", conhecido como "Carta de Pelotas", documento redigido pelos professores Maria Helena Vieira Abrahão, José Carlos Paes de Almeida Filho e Hilário I. Bohn:

Os participantes do II ENPLE consideram que:

• todo cidadão brasileiro tem direito de ser preparado para o mundo multicultural e plurilíngue por meio da aprendizagem de línguas estrangeiras;

• há um anseio da sociedade contemporânea em adquirir o conhecimento linguístico necessário para interagir com o mundo intra e além-fronteiras;

• a sociedade brasileira não deseja o monopólio de um idioma estrangeiro;

• a aprendizagem de línguas não visa apenas a objetivos instrumentais, mas faz parte da formação integral do aluno;

• o aluno tem direito a um ensino de línguas de qualidade;

• o ensino regular não tem sido capaz de garantir o direito à aprendizagem de línguas, direito esse que acaba sendo usufruído apenas pela camada mais afluente da população;

• a falta de professores e a falta de capacitação de muitos professores não têm permitido atender às necessidades do país em termos de uma aprendizagem de línguas de qualidade;

• há direitos e deveres na formação contínua de professores para que reflitam e eventualmente reconstruam sua própria ação pedagógica;

• a Linguística Aplicada, concebida como área de domínio próprio que visa ao estudo de aspectos sociais relevantes da linguagem colocadas na prática (relações sociais mediadas pela linguagem, ensino das línguas, tradução e lexicografia/terminologia);

• as autoridades educacionais e governamentais não compreendem e nem reconhecem a complexidade e a importância do ensino de línguas na educação;

• há profissionais e especialistas no país no ensino de línguas com competência para conceber e implementar projetos regionais e nacionais de inovação curricular ou de formação profissional.

Propõem que:

• sejam elaborados planos de ação para garantir ao aluno o acesso ao estudo de línguas estrangeiras, proporcionado através de um ensino de qualidade;

• seja incentivado o estudo de mais de uma língua estrangeira;

• a língua estrangeira tenha o mesmo status das disciplinas do núcleo comum;

• o estudo da língua estrangeira seja gradualmente estendido às séries iniciais do ensino fundamental;

• as línguas estrangeiras a serem incluídas no currículo sejam definidas pela comunidade na qual se insere a escola;
• se criem e se mantenham centros de ensino público de línguas sem prejuízo da inserção já garantida das línguas estrangeiras nas grades curriculares das escolas;
• haja pluralidade de oferta de línguas nos processos de acesso ao ensino superior;
• sejam valorizados os conhecimentos especializados produzidos por pesquisadores brasileiros na concepção e execução de projetos regionais e nacionais;
• se aprofundem estudos, publicações e ações implementadoras nas áreas de novas tecnologias e ensino a distância;
• se explicite, através de ampla discussão dentro na ALAB, a constituição de um perfil do profissional de ensino de línguas;
• sejam incluídos nos currículos dos cursos de Letras conteúdos que contemplem com destaque as áreas de Linguística Aplicada e Ensino de Português como Língua Estrangeira;
• se constituam no âmbito da Associação de Linguística Aplicada do Brasil, Comissões para discutir a avaliação de línguas estrangeiras e interferir na política de implementação dos exames nacionais de ensino básico e superior e na política de criação e avaliação de Cursos de Letras nos níveis de graduação e de pós-graduação;
• as autoridades brasileiras que atuam junto ao Mercosul exijam reciprocidade para o ensino do Português como Língua Estrangeira no mesmo nível das iniciativas do ensino do espanhol no Brasil;
• sejam oferecidas oportunidades para o ensino bilíngue em comunidades cujos membros façam uso constante de outras línguas que não o Português;
• sejam criados planos e projetos para a qualificação e formação contínua de professores no âmbito dos estados e municípios;
• sejam elaborados projetos de integração entre as escolas, Secretarias de Educação e Universidades para a educação contínua de professores;
• sejam garantidas soluções que permitam o afastamento temporário do professor da sala de aula ou redução de carga horária para a formação contínua, inclusive para a participação em eventos;

> • a profissão seja exercida exclusivamente por pessoas legalmente habilitadas, incluindo a contratação de professores pelos cursos particulares de línguas;
> • haja prova específica de proficiência no uso da língua em concursos para admissão de professores de línguas;
> • as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação fiscalizem e coíbam a terceirização do ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas e particulares de ensino regular;
> • os professores das diferentes línguas dinamizem as atividades das associações já existentes e incentivem a criação de novas associações, no âmbito dos estados, que representem os profissionais e promovam sua formação contínua.
> • se promova a melhoria salarial do professor.
> (Abrahão; Almeida Filho; Bohn, 2000)

Considerando a mobilização política, acho que não é exagero afirmar que éramos movidos a petições, moções, apelos para pressionar o governo e conscientizar a opinião pública, com encaminhamento de documentos para a Assembleia Estadual do Rio Grande do Sul, Câmara dos Deputados, Senado Federal, secretarias de educação dos estados e órgãos do MEC.

Publicações

Nossa primeira iniciativa na gestão da ALAB foi criar e manter um canal de comunicação entre os membros da associação. A segunda foi mostrar a cara para a sociedade, expondo o que se fazia na ALAB. Para deslanchar essas duas iniciativas criamos alguns canais, incluindo: o informativo "Canal Um", o site da ALAB, o CD-ROM TELA ("Textos em Linguística Aplicada") e a publicação de livros.

O "Canal Um", com um título que já sugere a existência de outros canais, era um informativo mensal, impresso e distribuído aos sócios com informações de seu interesse. Foram publicadas

48 edições, correspondentes aos 48 meses das duas gestões da ALAB.

O site da ALAB era o canal dois, com informações mais atualizadas, abrangentes e interativas, permitindo, por exemplo, acesso imediato aos estatutos, publicações e links para o envio de recados e sugestões. Visava-se, portanto, não apenas expor as informações, mas também viabilizar a interlocução com todos os interessados: pesquisadores, professores, alunos, administradores etc. (Figura 2).

Figura 2. Site da página da ALAB na internet (Fragmento)



Fonte: arquivo do autor.

O CD-ROM TELA ("Textos em Linguística Aplicada") (Leffa, 2001a; 2001b) não chegou a ser uma publicação direta da ALAB, mas o incluo aqui como fruto colhido no meu último ano da gestão da ALAB e que leva em conta não só o que semeamos na gestão anterior, mas também a aproximação que havia com o periódico

"Linguagem & Ensino", distribuído aos sócios da ALAB, e do qual eu era editor. O TELA, nessa primeira edição continha 44.000 páginas de texto, com o texto completo dos anais de 16 congressos, 8 periódicos, 6 livros, 26 teses de doutorado e 36 dissertações de mestrado; o que era um acervo respeitável para a época. Publicaram-se ao todo quatro edições do TELA (Figura 3), sendo a última em mídia DVD. Em 2016, TELA foi totalmente transposto para a nuvem, onde, ao menos por enquanto, ainda está disponível (https://www.leffa.pro.br/tela.htm).

Figura 3. capas das 4 edições do TELA. As três primeiras em mídia CD; a quarta em mídia DVD



Fonte: arquivo do autor.

Em relação à publicação de livros, iniciamos a coleção "Investigações em Linguística Aplicada", com quatro volumes publicados: (1) "As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem"; (2) "Aquisição de língua materna e de língua estrangeira: aspectos fonético-fonológicos"**;** (3) "Discurso e sociedade: práticas em análise do discurso"; e (4) "Texto situado: textualidade e função comunicativa".

"As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem" (Leffa, 2000), organizado por mim, aborda a questão do léxico em quatro grandes perspectivas: a lexicalização da aprendizagem de línguas; o papel do dicionário no desenvolvimento lexical em sala de aula; o léxico nas línguas de especialidade, envolvendo a questão da terminologia; e as diferenças entre o léxico da fala e o léxico da escrita, incluindo aí as dificuldades sentidas pelos alunos quando passam do código oral para o escrito. Reunindo essas perspectivas, há dois conceitos básicos que perpassam os trabalhos: o conceito de "colocação", partindo da ideia de Firth de que uma palavra é conhecida pela companhia com que anda; e a preocupação em definir "unidade lexical", mostrando as diferenças com o conceito de palavra.

"Aquisição de língua materna e de língua estrangeira: aspectos fonético-fonológicos" (Hernandorena, 2001) reúne estudos sobre aspectos fonológicos não só no processo natural de aquisição do Português como língua materna, mas também no processo intencional de aprendizagem do francês, do inglês e do espanhol como línguas estrangeiras para falantes nativos de Português Brasileiro. O livro vincula as pesquisas a modelos

fonológicos recentes, reforçando as tendências da Linguística Aplicada na atualidade, dando relevância aos problemas que emergem quando se usa ou se ensina uma língua, em situação formal de sala de aula ou em contextos cotidianos de interação social.

"Discurso e sociedade**:** práticas em análise do discurso", de Coracini e Pereira (2001), é uma obra coletiva de vários pesquisadores na área de Análise de Discurso de linha francesa (AD). Todos eles, entretanto, situam-se no mesmo campo teórico, e contribuem para a compreensão dos processos sociais que repercutem no processo educacional do ensino de línguas. O livro está dividido em três partes. Na primeira agrupam-se textos preocupados com a política educacional e o discurso do professor. Na segunda parte, tem-se textos mais orientados para questões específicas sobre leitura e produção escrita. E, finalmente, na terceira parte, encontram-se textos que priorizam a compreensão da constituição heterogênea da discursividade.

"Texto situado: textualidade e função comunicativa", organizado por Barbisan, Giering e Teixeira (2002), aborda a questão do texto do ponto de vista da Linguística Aplicada, com sua ênfase na transdisciplinaridade e na superação da dicotomia entre ciência pura e ciência aplicada, na medida em que se relaciona com outros campos de saber através de interfaces e migração de conceitos. O livro testemunha a variedade de temas a que se dedicam os pesquisadores ligados ao estudo do texto quando inseridos nos estudos a Linguística Aplicada, incluindo

aspectos como a coesão referencial, tipologia textual, construção do leitor e definição de tese.

A título de ilustração, mostramos as capas do primeiro e quarto volumes respectivamente (Figura 4), com destaque para o logotipo da ALAB e identificação da coleção ("Investigações em Linguística Aplicada"), ainda antes da reforma ortográfica.

Figura 4. volumes 1 e 4 da coleção Investigações em Linguística Aplicada

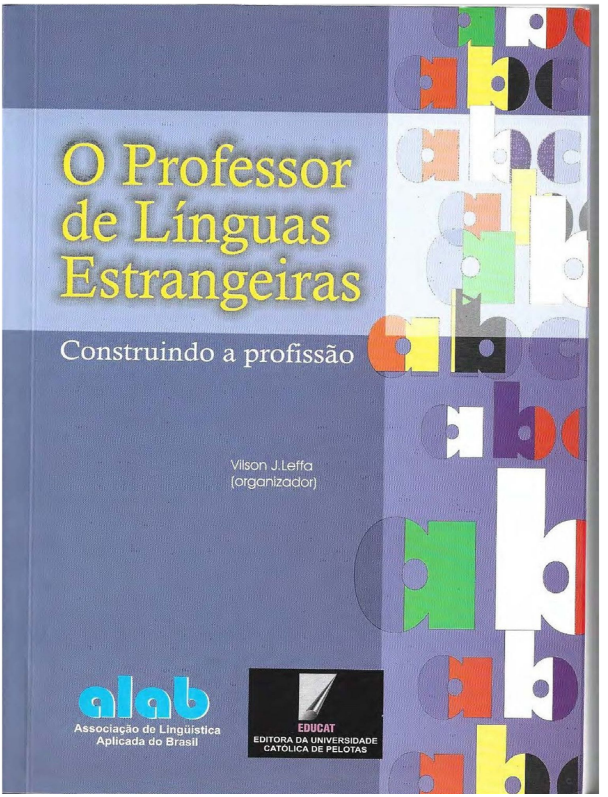


Fonte: arquivo do autor.

Para além da coleção "Investigações em Linguística Aplicada", merece também destaque a publicação do livro "O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão" (Leffa, 2001c), fruto do II Encontro Nacional Sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras (II ENPLE) (Figura 5). Este livro

tenta construir a tese de que para fazer um professor de línguas é necessário ter uma teoria, fazer uma prática, conduzir uma pesquisa e desenvolver uma política. Na questão da teoria, mostra-se a importância da atualização para a emancipação do professor; só o professor emancipado é capaz de mudar a História e de ter a tranquilidade para transgredir o currículo se necessário. A prática mostra como se distribui a inteligência para construir o conhecimento, usando o princípio colaborativo e as novas tecnologias, incluindo computadores e Internet. A pesquisa constrói a ponte entre a teoria e a prática; o professor que pesquisa sabe estabelecer a relação entre o que faz e o que acredita, partindo da realidade da sala de aula; finalmente, parte-se para o desenvolvimento de uma consciência política; acredita-se que a tecnologia pode ser usada para a cidadania participativa, não apenas representativa.

Figura 5. Primeira edição do livro
"O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão"



Fonte: arquivo do autor.

Congressos

Em nossas duas gestões da ALAB, organizamos dois congressos: o "V Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (V CBLA)" e o "II Encontro Nacional Sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras (II ENPLE)".

O V CBLA, realizado na UFRGS, em Porto Alegre, foi o primeiro sob a responsabilidade da ALAB. Até então tinha sido organizado pelo Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (DLA/Unicamp).

Em números, o V CBLA reuniu cerca de 600 participantes, entre pesquisadores, professores, alunos de pós-graduação e graduação. Foram apresentados 333 trabalhos nas sessões de comunicação, organizadas em simpósios temáticos e pôsteres, além de 14 minicursos, 07 mesas-redondas e 05 plenárias (Quadro 1).

Os tópicos abordados no V CBLA refletem as áreas de interesse da Linguística Aplicada, incluindo ensino e aprendizagem da língua materna, ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, tradução e educação bilíngue; com contribuições de outras disciplinas tais como a Linguística, Sociologia, Informática, Estatística, Antropologia, Psicanálise, Psicologia e Ciências da Educação. Para isso contou com pesquisadores e especialistas do Brasil, da América Latina (Argentina, Uruguai, México), dos Estados Unidos, Canadá, França e Espanha.

Quadro 1. Plenárias apresentadas no evento

1.	"Notas sobre o ensino do português", José Luiz Fiorin (USP).
2.	"Teacher-Researcher Relationship: Multiple Perspectives and Possibilities", Teresa Pica (The University of Pennsylvania).
3.	"Fonctionnement et dysfonctionnement des discours: sur quelques définitions et modèles intéressant la linguistique appliquée", Daniel Coste (L'Ecole Normale Supérieure de Fontenay SaintCloud, France).
4.	"La adquisición de la competencia traductora", Amparo Hurtado (Universidad Autónoma de Barcelona).
5.	"Exploring language awareness, form-focused instruction and the construction of L2 knowledge in communicative classrooms", Nina Spada (McGill University, Canadá)

O "II Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras (II ENPLE)" foi realizado na Universidade Católica de Pelotas (UCPel) no período de 4 e 6 de setembro de 2000. Em números, tivemos 488 participantes, 163 trabalhos apresentados, 41 instituições, 14 estados e 5 países. Em termos de qualidade, permitam-me que lance um olhar saudoso sobre a comissão científica do evento: Hilário I. Bohn, (UCPEL), Aracy E. Pereira (UCPEL), Margarete Schlatter (UFRGS), Maria Antonieta Alba Celani (PUC/SP), Maria José Coracini (Unicamp), Telma Gimenez (UEL) e Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG).

Os objetivos do II Encontro Nacional Sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras foram: (1) debater a construção da profissão do professor de línguas; (2) proporcionar interação entre professores e pesquisadores; (3) estimular a produção científica; (4) desenvolver o ensino crítico de línguas. Todos esses objetivos foram alcançados não só durante a realização do II ENPLE, mas também pelas ações que seguiram ao evento, como a publicação do CD-ROM, o lançamento do livro temático "O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão" e a divulgação da "Carta de Pelotas"; documento síntese retirado da assembleia final com propostas de ação política para a melhoria do ensino de línguas, mostrado acima.

Conclusão

Existe um princípio bíblico, para mim universal, que se convencionou chamar de "lei da semeadura" e que se apresenta

em três variações: (1) a pessoa colhe o que semeia; (2) quem semeia pouco colhe pouco, quem semeia com fartura colhe com fartura; e (3) há um tempo para plantar e um tempo para colher. A versão mais significativa para mim, nas duas gestões da ALAB, é a última, em que se separa o tempo da semeadura do tempo da colheita. São dois tempos diferentes, não só porque o tempo muda com o tempo, mas também porque aquilo que colhi não corresponde em quantidade ao que plantei. Não digo que tenha semeado pouco e colhido com fartura, mas certamente colhi mais do que plantei. Não estou dizendo com isso que eu tenha colhido o que os outros plantaram. Estou dizendo que na gestão da ALBA todos pegávamos juntos, tanto na semeadura como na colheita, e, por isso, acabamos chegando a um todo coletivo que era muito maior do que a soma das partes.

Para encerrar definitivamente este capítulo, segue a mensagem que publiquei no "Canal Um", número 48, o último da minha gestão:

> A ALAB é um trabalho coletivo que inclui a diretoria, o conselho consultivo e os associados. A Diretoria que sai agradece ao Conselho Consultivo pela ajuda e orientação sempre disponíveis em todas as consultas feitas. Agradece também aos associados que apoiaram todas as iniciativas, participando dos eventos, muitas vezes sem auxílio financeiro, e contribuindo com seus trabalhos e opiniões para as publicações e debates. Agradece, de modo especial, à Universidade Católica de Pelotas, sem a qual não teria sido possível oferecer aos associados bem mais do que foi arrecadado em anuidades cobradas. Há muitos para agradecer, porque nada foi feito sozinho (Leffa, 2001d).

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena V.; ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de; BOHN, Hilário I. **Moção do II Encontro Nacional Sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras (II ENPLE)**: Carta de Pelotas. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 06/09/2000.

ALAB. **Boletim da ALAB**. Pelotas: EDUCAT/ALAB, v. 4, n. 4, 2000.

BARBISAN, Leci; GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene (org.). **Texto situado**: textualidade e função comunicativa. Pelotas: EDUCAT/ALAB, 2002.

CORACINI, Maria José; PEREIRA, Aracy Ernst (org.). **Discurso e sociedade**: práticas em análise do discurso. Pelotas: EDUCAT/ALAB, 2001.

HERNANDORENA, Carmen L. M. (org.). **Aquisição de língua materna e de língua estrangeira**: aspectos fonético-fonológicos. Pelotas: EDUCAT/ALAB, 2001.

LEFFA, Vilson J. (org.). **As palavras e sua companhia**: o léxico na aprendizagem. Pelotas: EDUCAT/ALAB, 2000.

LEFFA, Vilson J. O texto em suporte eletrônico. **Revista DELTA**: Documentação em Estudos Teóricos e Aplicados. São Paulo, v. 17, n. Especial, p. 121-136, 2001a. Doi: https://doi.org/10.1590/S0102-44502001000300008

LEFFA, Vilson J. A edição de texto em suporte eletrônico. In: **VIII Encontro Nacional De Editores Científicos**, 2001b, Atibaia, São Paulo. VIII Encontro Nacional de Editores Científicos. Teresópolis, RJ: Associação Brasileira de Editores Científicos, 2001b. v.1. p.68-69.

LEFFA, Vilson J. (org.) **O professor de línguas estrangeiras**: construindo a profissão. Pelotas: EDUCAT/ALAB, 2001c.

LEFFA, Vilson J. Agradecimentos. **Canal Um**. n. 48, p. 1, 2001d.

CAPÍTULO

4

A ALAB NA UFMG

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Gestão ALAB 2000-2002

Desde que me doutorei, em 1991, passei a participar de forma mais ativa das associações e de eventos. Participei de todos os eventos da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), incluindo o inovador Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras (ENPLE), onde todas as participações foram feitas por meio de pôsteres, o que deu a oportunidade de muitas interações entre os participantes. O primeiro aconteceu em Florianópolis, em 1996, sob a batuta de Hilário Bohn (UFSC). Ao final do evento foi lançada a Carta de Florianópolis com propostas concretas por uma política de acesso à aprendizagem de línguas, não de forma instrumental, mas como parte de formação integral dos alunos.

Depois veio Vilson Leffa (UCPel) e, sob sua presidência, em 2000, tivemos o II ENPLE e uma nova carta, a Carta de Pelotas,

cujo conteúdo foi aprovado pela assembleia dos sócios. Eu estava lá e via com bons olhos a atuação política da ALAB. Nessa carta, havia um diagnóstico do ensino de línguas no Brasil, em todos os contextos em que ele se dá, incluindo a pós-graduação e propunha ações para melhorar o ensino de línguas no Brasil.

O III ENPLE foi sobre política de ensino de LIBRAS, tema importante e estratégico na política linguística e que passou a ser defendido e divulgado pela ALAB, incluindo o número especial da Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA) criada pela gestão que presidi.

Como a ALAB veio para a UFMG

Vilson Leffa, sempre visionário, queria muito criar uma Revista da Associação e sabia que para mantê-la era preciso que ela ficasse ligada a uma universidade que pudesse lhe dar suporte administrativo e financeiro. Ele me fez a proposta de criá-la na UFMG e, juntos, em 1999, nos reunimos com a diretora da Faculdade de Letras, a Professora Eliana Amarante de Mendonça Mendes, que nos garantiu o apoio necessário. E isso continuou sendo feito por outras diretorias até hoje.

Da ideia da revista veio também o incentivo para que a ALAB viesse para a UFMG e formei uma chapa com minhas novas colegas do setor de língua inglesa. Foi com essas colegas mais novas que compus a chapa para a diretoria da ALAB.

Presidente - Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG)

Vice-presidente - Deise Prina Dutra (UFMG)

Secretária - Heliana Ribeiro de Mello (UFMG)
Tesoureira - Adriana Silvina Pagano (UFMG)

O entusiasmo dos mais novos e a disposição para enfrentar desafios me fascinavam e a convivência com elas foi excelente. Essas colegas foram fundamentais para a gestão da ALAB 2000-2002 que, efetivamente, só se iniciou em abril de 2001.

O primeiro ano foi muito difícil para nós, pois não conseguíamos abrir uma conta bancária para a ALAB porque era necessário registrar algumas atas em um cartório em Campinas. Abrimos uma conta na Caixa Econômica com o compromisso de que apresentaríamos as atas registradas. Os entraves burocráticos nos fizeram gastar tempo, paciência e recursos próprios para regularizar a documentação. Veja relato no **Canal Um n. 54**[1]. Com a conta aberta, pudemos cobrar as anuidades atrasadas, dar anistia para sócios inadimplentes por três anos de forma a reintegrá-los na Associação e captar novos sócios. Assim dizia nossa mensagem no primeiro Canal Um de nossa gestão.

> Com o apoio do Conselho Consultivo, a Diretoria da ALAB resolveu anistiar os sócios com 3 ou mais anos de atraso. Esses sócios não estavam recebendo o Canal Um e nem as publicações e serão reintegrados à nossa mala direta assim que efetivarem o pagamento da unidade de 2001. Os sócios em débito em 1999, 2000 e 2001 deverão quitar suas anuidades para continuar a receber todas as correspondências e publicações. Atualizem suas anuidades.

1 O **Canal Um** era um Boletim impresso da ALAB, distribuído aos sócios bimestralmente.

Juntas, Deise Prina, Heliana Mello e Adriana Pagano, organizamos o VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA) e lançamos o primeiro número da Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA) no VI CBLA.

Os sócios da ALAB recebiam os exemplares pelo correio e isso contribuía para o aumento dos associados que também recebiam o boletim da ALAB, o **Canal Um,** a cada dois meses.

O VI CBLA reuniu cerca de 700 professores de línguas maternas e estrangeiras. No **Canal Um**, registramos notícias sobre o VI CBLA e mantínhamos os sócios da RBLA informados sobre nosso periódico.

As atividades políticas da ALAB continuaram em nossa gestão como veremos a seguir.

ALAB e atividades políticas

A Professora Cecília Molica, presidente à época da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e minha ex-colega de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), me procurou durante o VI CBLA e manifestou sua intenção de realizar ações da ABRALIN em conjunto com a ALAB.

Essa atitude da presidente da ABRALIN (2001-2003) foi muito bem recebida, pois havia certa animosidade por parte de alguns linguistas em relação à Linguística Aplicada (LA), que estava em plena expansão, se abrindo para uma diversidade de temas de pesquisa. Acho que era a primeira vez que um(a) presidente da ABRALIN participava de um CBLA.

No primeiro evento da ABRALIN, após nossa conversa em Belo Horizonte, fui convidada, como presidente da ALAB, para falar sobre Avaliação das condições de oferta dos cursos de Letras, em 2001, e depois, em 2003, coordenei uma mesa redonda sobre Gestão de política linguística.

Em 04 de dezembro, ABRALIN, ALAB, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) e Academia Brasileira de Letras (ABL) estiveram presentes na audiência pública da Comissão de Educação do Senado para discutir o projeto de lei n. 1676/1999, de autoria do então deputado Aldo Rebelo que, equivocadamente, queria "proteger" a língua portuguesa dos estrangeirismos que ele considerava excessivos. Eu decidi ficar na plateia e dar voz a Pedro Garcez (UFRGS) que estava estudando o tema, apesar de minha tese de doutorado ter sido sobre estrangeirismos. Era Pedro quem estava liderando o debate na época. A ABL enviou como representante o acadêmico Evanildo Bechara. Acho que nossas associações foram essenciais para que aquele projeto fosse esquecido tal era o seu absurdo.

A eleição da nova diretoria se deu no dia 2 de maio de 2003 durante o Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada (INPLA), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde também fizemos a prestação de contas e relato das ações mais relevantes de nossa gestão, destacando a edição regular da RBLA e o registro de um domínio para a ALAB no final de nossa gestão. Até então, a *homepage* da ALAB ficava hospedada na universidade onde estava seu presidente.

A nova presidente, Professora Maximina M. Freire (PUC-SP) tomou posse na mesma assembleia em conjunto com suas colegas Maria Helena Vieira Abrahão (UNESP) como vice-presidente, Ana Maria F. Barcelos (UFV) como secretária e Ângela B. C. T, Lessa (PUC-SP) como tesoureira.

Na página da ALAB estão disponíveis, no link http://alab.org.br/boletins, 11 edições do Canal Um, de nossa gestão. Eles contam muito de nossa história como veremos a seguir.

Boletim Canal Um da gestão 2001-2002

O **Canal Um**, uma publicação bimestral, começou a ser publicado na gestão de Vilson Leffa e nossa gestão deu prosseguimento. Durante nossa gestão, publicamos 14 números do Boletim (n. 49 a 62), editados pela secretária da ALAB, Dra. Heliana Ribeiro de Mello, e alguns por mim. Na *homepage* da ALAB, estão publicados 11 boletins, de abril de 2001 a dezembro de 2002.

O **Canal Um n. 49**, de abril de 2001, além do aviso sobre a anistia aos sócios com três anos de atraso, comunicava à comunidade que a sócia Ana Maria Barcellos, da Universidade de Viçosa, tivera sua tese de doutorado selecionada como a tese do ano da faculdade de Educação, na Universidade do ALABAMA, nos Estados Unidos. Sua tese intitulada *Understanding teachers' and students' language learning beliefs in experience: a Deweyan approach* foi orientada pela pesquisadora Rebecca Oxford e defendida em 20 de abril de 2001. Era um grande feito da colega e também da Linguística Aplicada Brasileira.

O **Canal Um n. 49** trazia na integra, em duas páginas, o documento de nossos representantes na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o linguista Eduardo Guimarães da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e o educador Antônio Flávio Moreira da UFRJ, enviado à ALAB com as decisões dos Comitês de Área de Ciências Humanas e Sociais do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) sobre (1) Modos de financiamento de Pesquisa e Prioridades e (2) organização e funcionamento dos Comitês Assessores (CAs); e fluxo de informações. Observem que, anos depois, esse comitê foi subdividido em três: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes.

O **Canal Um n. 49** se encerrava com uma ótima notícia para os associados: o lançamento da Revista Brasileira em Linguística Aplicada (RBLA), cujos primeiros artigos já estavam retornando dos pareceristas. Além disso, havia o alerta de que os artigos seriam recebidos em fluxo contínuo e que a periodicidade da revista dependeria do número de artigos recebidos. Convidávamos os sócios para contribuir, mas as publicações dos artigos não ficavam restritas aos sócios, mas à área de LA.

O **Canal Um n. 50**, de junho de 2001, abria com um grande aviso "Ainda dá tempo pra você enviar propostas de trabalho para o VI CBLA". O evento foi realizado na Faculdade de Letras da UFMG. O boletim nunciava também que publicaria resumos de dissertações e teses na área de LA e pedia a colaboração dos sócios. Dois resumos de dissertação defendidas na UFMG e dois na UnB foram publicados nesse número.

Havia chamada para submissão de artigos e resenhas para a RBLA, as normas da revista, e o endereço para a submissão de artigos. Sim, os artigos eram enviados pelo correio e depois para os pareceristas também pelo correio. Velhos tempos.

O **Canal Um n.52** foi publicado em agosto de 2001, o que me leva a pensar que houve um erro de nossa parte, pois deveria ser n. 51, já que a data era do mês previsto. A sequência continuou sem interrupção.

Esse número trazia mais informações sobre o VI CBLA. A exemplo da ABRALIN, oferecemos minicursos com o apoio do Programa de Pós-graduação em Linguística (POSLIN) de 15 horas que equivaliam a 1 crédito, na semana anterior ao VI CBLA (1 a 5 de outubro de 2001). O Canal Um listava os minicursos e as data de inscrição.

Para a pós-graduação foram oferecidos os seguintes minicursos:

1. Autonomia em tradução: estratégias em formação – Professores Célia Magalhães, Adriana Pagano e Fábio Alves.
2. Computer-assisted language Learning – Mike Levy
3. Fundações da Ciência do texto e do discurso – Robert de Beaugrande
4. Culture, Cognition and the ecology of first language acquisition – Chistopher Sinha
5. Pronúncia do Inglês – Thais Christófaro

Para a graduação e graduandos, sem créditos, foram oferecidos três cursos, com uma novidade: um deles seria oferecido on-line.

1. A formação dos leitores nas séries iniciais – Mary França;
2. Dimensões da prática reflexiva – Deise Dutra, Heliana Mello, Miriam Jorge e Izabel Silva;
3. Encontrando informação na Internet: problemas e soluções – José Paulo de Araújo e Kátia C. do Amaral Tavares (Curso on-line).

O **Canal Um n. 52** trazia orientações sobre apresentação de comunicações e lembrava que só os próprios autores poderiam apresentar.

O boletim trazia também o anúncio de dois eventos futuros: AILA 2002 em dezembro de 2002 e o Seminário Regional de Professores de Francês, na Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Apenas um resumo de dissertação foi publicado. A notícia vinha do Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté (UNITAU) em São Paulo.

Finalmente, havia o anúncio da seleção para mestrado e doutorado em Ensino de línguas estrangeiros no POSLIN/UFMG, em 2002. A última página dos Boletins era sempre reservada para chamada de submissões na RBLA e as respectivas normas.

O **Canal Um n. 53**, de outubro de 2001, abria a publicação com a foto, de minha autoria, dos presidentes anteriores da ALAB (Marilda do Couto Cavalcanti, Luiz Paulo da Moita Lopes, Hilário Bohn e Vilson Leffa) e um tipo de prestação de contas sobre o

VI CBLA. Reproduzo aqui a página, devido à sua importância histórica, seguida do texto.

Figura 1. Ex-presidentes da ALAB

EX-PRESIDENTES DA ALAB NA SESSÃO DE ABERTURA DO VI CBLA



Realizou-se na UFMG, de 07 a 11 de outubro o VI CBLA. Contamos com a presença de pesquisadores, professores e estudantes brasileiros e estrangeiros, que totalizaram mais de 600 participantes. Na semana que antecedeu ao evento, foram ministrados mini-cursos que atenderam a estudantes de graduação e pós-graduação. Os trabalhos apresentados dividiram-se em duas grandes áreas temáticas: estudos em língua materna e estudos em língua estrangeira. Foram lançados livros durante o evento, havendo uma significativa vendagem de títulos que incluíram: Revista DELTA, publicações da UCPEL dentre elas a Revista Linguagem e Ensino, CD Tela, *O Professor de Língua Estrangeira: construindo a profissão*, *Aquisição de Língua Materna*; publicações da UFMG como *Reflexões sobre a ACD*, *A interação mediada por computadores*, *Metodologias de pesquisa*, *Ensino de Língua Inglesa*, *Traduzir com autonomia*, dentre outros. A avaliação geral do evento, feita pelos participantes, produziu os seguintes índices: Muito Bom: 77,7%; Bom: 17,7%; Razoável: 4,4%; Ruim: 0%.

Fonte: arquivo da autora.

A imagem não está com boa resolução, mas é possível ver, da esquerda para a direita Vilson Leffa (o quarto presidente), Marilda do Couto Cavalcanti (a primeira presidente), Luiz Paulo da Moita Lopes (segundo Presidente) e o saudoso Hilário Bohn (terceiro presidente). Hilário trabalhou pela ALAB e a LA no Brasil e no exterior. Para os associados mais velhos, certamente, vê-lo aqui será um momento de emoção e saudade.

Outras matérias desse Boletim foram:

a. A reprodução da portaria n. 2.253 de 18 de outubro de 2001 sobre "oferta de disciplinas não presenciais em cursos presenciais reconhecidos – Instituições de Ensino Superior – Regulamentação". Era a primeira das muitas outras medidas que viriam do MEC em face do crescimento de disciplinas on-line.

b. Uma chamada para a AILA 2022 pela secretária do evento.

c. um comunicado do GT de Linguística Aplicada da ANPOLL que transcrevo pelo seu valor histórico. Omito os e-mails de cada coordenador.

O GT de Linguística Aplicada da ANPOLL conta atualmente com mais de 100 nomes listados sob seus diversos subgrupos. Este GT sempre foi dos mais numerosos e desde a gestão 96/98 vem atuando em subgrupos. Em reunião realizada no ano passado em Niterói, durante o Encontro da ANPOLL, os subgrupos ficaram assim divididos:

1. Transculturalidade, linguagem e educação. Coordenadora: Marilda Cavalcanti (Unicamp)
2. Português como línguas estrangeiras. Coordenador: José Carlos Paes de Almeida Filho (Unicamp)

3. Formação de Professores de línguas. Coordenadora: Maria Helena Abrahão (UNESP)

4. Teorias de gênero em práticas sociais. Coordenador: José Luiz Meurer (UFSC)

5. Ensino e aprendizagem de línguas. Coordenador: Douglas Altamiro Consolo (UNESP)

Considerando que o GT funciona através de um plano de trabalho elaborado para o biênio (2000/2002), a coordenação está fazendo um cadastramento dos atuais integrantes. Caso você tenha feito parte do GT no passado e não tenha certeza se ainda está vinculado/a a algum subgrupo, pedimos contatar a coordenação de seu subgrupo.

Na reunião realizada em Belo Horizonte os critérios para entrada e permanência no GT foram discutidos. Foi consenso que, para integrar o GT, o candidato deve:

- ser pesquisador vinculado a programa de pós-graduação associado à ANPOLL (a associação é de programas e não de pessoas). Doutores que desenvolvam pesquisa no tema do subgrupo poderão ser convidados.
- ter projeto de pesquisa vinculado ao tema do subgrupo no biênio proposto.
- preencher ficha de cadastro detalhando a produção nos últimos dois anos, evidenciando vinculação ao subgrupo. Alternativamente os currículos na plataforma Lattes poderão substituir esta informação, caso esteja atualizada.
- comprometer-se a compartilhar informações com seu subgrupo.

Outras informações poderão ser obtidas com Telma Gimenez, coordenadora geral do GT

d. Chamada de trabalhos para publicação do II CD Tela, de responsabilidade de Vilson Leffa.

e. Uma lista de sugestões de *sites* para professores e estudantes de língua estrangeira

f. Uma chamada para publicação no *Journal of Open and Distance Learning*, em um número especial sobre *Open Learning on the distance*.

g. A tradicional chamada da RBLA, agora para um número especial com o tema do VI CBLA, linguagem como prática social.

O **Canal Um n. 54**, de dezembro de 2001, abria com duas notícias para os associados: conseguimos atualizar os registros necessários no cartório e nossa conta que havia sido suspensa devido à ausência dos registros das últimas atas voltou a funcionar. Outro aviso era sobre a prorrogação de prazo, pela ANPOLL, para envio de trabalhos apresentados nos GTs que seriam publicados nos CDs Sínteses II. Era a época dos CDs.

Como era dezembro, na primeira página, além desses avisos havia uma mensagem de Natal. Em seguida vinham os anúncios de livros publicados: o livro *Dictionaries and Language Learners* de Phillipe Humblé (UFSC); o livro Cenas de Sala de Aula de Maria Inês Cox, Ana Antônia de Assis-Peterson, ambas da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT); e uma coleção de quatro livros publicados pelo POSLIN/UFMG: Interação e aprendizagem em ambiente virtual, organizado por mim, Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso, organizado por Célia Magalhães, Metodologia de Pesquisa em Tradução, organizado por Adriana Pagano, Teoria da Relevância & Tradução, conceituações

e aplicações por Fábio Alves, todos eles professores do POSLIN/UFMG.

O **Canal Um n. 53** informava o novo site da APLIESP – Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo e comunicava onde e quando aconteceria a 54ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Além disso, trazia uma pequena resenha de um dicionário on-line, o *LookWAYup*, que ainda funciona gratuitamente.

O **Canal Um n. 55**, de fevereiro de 2002, trazia na primeira página notícia sobre o Cadastro de avaliadores *ad hoc*, junto ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) para a "avaliação das condições de ensino" de cursos de graduação. Os candidatos deveriam ser professores de cursos de graduação. Anunciava também o *link* para o site congresso da AILA.

Na parte da produção acadêmica, o lançamento do livro "A construção do Sentido", de Marília Marinho, e um resumo de dissertação, orientada por Deise Prina e defendida na UFMG. Na outra página, publicamos chamadas para dois eventos que seriam realizados na UFMG: o "II Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso: discurso, ação e sociedade" e o "II Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos ou Similares" (ABECS).

Na última página dois anúncios: (a) a criação de uma lista de discussão (*e-group*) para profissionais interessados em discutir "Prática de Ensino de Inglês" nos cursos de Letras. Essa iniciativa se deu no XVI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa (ENPULLI), evento da Associação Brasileira de Professores Universitários de Língua Inglesa (ABRAPUI), se não

me engano, a mais antiga associação em nossa área e que me parece ter desaparecido; (b) a criação do "Projeto Criança: uma investigação sobre o aprendizado de inglês em escolas de ensino infantil em Porto Alegre".

O **Canal Um n. 56**, de abril de 2002 traz a chamada para "12.º INPLA: as interlocuções na Linguística Aplicada", na PUC-SP, criadora do primeiro Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (LAEL). A primeira tese do LAEL foi defendida por Francisco Gomes de Matos, em 1973. Nesse boletim Francisco Gomes de Matos lançava seu livro "Comunicar para o Bem".

Outras duas chamadas foram: (a) II Fórum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras (FILE) na UCPel, instituição que apoiou a LA, o quanto pode. Por questões financeiras seus cursos de graduação e pós-graduação em nossa área foram desativados. A pós-graduação foi transferida para a Universidade Federal de Pelotas (UFPel); (b) evento da APLIESP para o XVIII JELI (Jornada de Ensino de Língua Inglesa).

Outra notícia foi sobre o lançamento do livro *Portraits of the L2 user,* editado por Vivian Cook.

Essa edição traz, ainda, chamada para o n. 36 da revista Trabalhos em Linguística Aplicada (TLA) e a publicação do *AILA News 7* em formato PDF, que seria disponibilizado na página daquela associação. No final, divulgava projetos colaborativos internacionais.

O **Canal Um, n. 57**, de junho de 2002, trouxe a notícia da legislação para os cursos de Bacharelado em Letras; resumo de uma dissertação de mestrado, defendida na Universidade

Estadual de Londrina (UEL); notícia sobre os subgrupos na reunião da XVII ANPOLL, e a decisão dos membros da ALAB presentes nessa reunião em solicitar permissão da PUC-SP para realizar a assembleia da ALAB no INPLA; a chamada da APLIESP para o *XVI Spring conference: integrating practice in classroom*, a ser realizado na Universidade de São Francisco (USF), em Itatiba.

Na última página, a boa notícia: junto com o **Canal Um n. 57**, os associados estavam recebendo o CD dos ANAIS do VI CBLA, e o segundo número, v.1, n.2 da RBLA. Em seguida, anunciávamos os números especiais a serem publicados em 2003, 2004, 2005 e 2006.

No **Canal Um n. 58**, de agosto de 2002, havia nova chamada da APLIESP para o *XVI Spring conference*; o relatório resumido do GT Linguística Aplicada da ANPOL elaborado pela coordenadora, Tema Gimenez; chamada do curso sobre "Linguagem, sociedade e trabalho", no Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); criação de grupos de pesquisa na ALAB, inicialmente chamados de Núcleos Temáticos; lançamento de nova revista na UnB, a Revista Horizontes em Linguística Aplicada; resumo de três dissertações defendidas na Universidade Federal de Goiás (UFG); pedido de contribuições para o **Canal UM** e as normas para publicação na RBLA.

O **Canal Um n. 59**, de outubro de 2002, traz a boa notícia da nova *homepage* da ALAB, agora em domínio próprio. Nessa edição é solicitado que os sócios da ALAB atualizem suas anuidades para continuarem com o direito de receber o **Canal Um** e a RBLA. Foi

comunicado aos associados que o Conselho Consultivo da ALAB decidira que os grupos de pesquisa seriam chamados de Comissões Científicas e anunciava os coordenadores de cinco Comissões:

(a) Língua e Educação em Contextos Multilíngues, coordenado por Jandyra Cunha (UnB);
(b) Português LE, coordenado por José Carlos de Almeida Filho (Unicamp);
(c) Formação de Professores, coordenado por Antonieta Celani (PUC-SP);
(d) Tradução, coordenado por Adriana Pagano (UFMG);
(e) Aprendizagem de Línguas mediada por Computador, coordenado por Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG).

Os objetivos das Comissões Científicas eram:

1) Fazer um levantamento dos pesquisadores de sua área e convidar os que ainda não são sócios da ALAB a se inscreverem para participar das atividades do grupo;
2) Responsabilizar-se pelo envio de dados para atualização das páginas da Comissão dentro da *homepage* da ALAB;
3) Mapear as produções bibliográficas e incluí-las na *homepage*;
4) Divulgar eventos da área;
5) Propor projetos de pesquisa e publicações.

Na segunda página, havia uma denúncia da Profa. Marisa Lajolo (Unicamp) sobre a retenção, por algumas escolas, de livros enviados às escolas pelo MEC, projeto "Literatura em Minha Casa", para serem entregues às crianças das séries iniciais. O MEC havia enviado às escolas oito milhões de coleções de literatura infantil, mas algumas escolas preferiram deixar os livros empoeirando em suas instalações em vez de doar aos alunos, como previsto.

Nesse número, publicamos dois resumos de tese de doutorado, uma defendida na Unicamp e outra na PUC-SP, e um resumo de dissertação defendida na Universidade Federal do Paraná (UFPR); quatro chamadas de evento: o 3º. Seminário de Ensino de Línguas Estrangeiras (SELES), realizado pela Universidade de Passo Fundo (UPF); o X Encontro de Professores de Línguas Estrangeiras (EPLE) da Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado do Paraná (APLIEPAR); o II Seminário Integrado de Pesquisa em Língua Portuguesa na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro); e a XI Conferência Internacional sobre Bakhtin, na UFPR.

Finalmente, anunciamos o lançamento de quatro livros da Coleção "Investigações em Linguística Aplicada", em convênio com a Editora da Universidade Católica de Pelotas (Educat). São eles: "Palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem", organizado por Vilson Leffa; "Aquisição de língua materna e de língua estrangeira: aspectos fonético-fonológicos", organizado por Carmem Lúcia M. Hernandorena; "Discurso e sociedade: práticas em análise do discurso", organizado por Maria José Coracine e Aracy Ernest Pereira; e "Texto situado: textualidade

e função comunicativa", organizado por Leci B. Barbisan, Maria Eduarda Giering, e Marlene Teixeira. O boletim fechava com a tradicional chamada para a submissão de artigos para publicação na RBLA.

O **Canal Um n. 60**, de dezembro de 2002, é o último boletim disponível na *homepage* da ALAB. Iniciamos com um cartão de Natal de um lado e cobrança de anuidades da ALAB do outro, além de lembrar que tínhamos nova homepage e incentivar os sócios a participar das comissões científicas ou criar outras.

O livro novo anunciado foi o *EFL teaching and learning in Brazil: theory and practice*, uma obra organizada de Mailce Borges e Rosely Xavier com uma coletânea de trabalhos apresentados no congresso das associações de língua inglesa Associação de Professores de Inglês do Rio Grande do Sul (APIRS), APLISC (Associação de Professores de Língua Inglesa de Santa Catarina) e APLIEPAR em 2000.

Com uma foto de Francisco Gomes de Matos e outros acadêmicos, anunciávamos sua participação na mesa redonda de abertura do XIII Congresso para o ensino de espanhol em Murcia, nas Espanha.

Publicamos uma pequena resenha do V*isual Thesaurus,* um dicionário on-line muito inovador e grátis na época, pois era/é inspirado em teorias psicolinguísticas da memória lexical humana. Continua uma boa sugestão, porém o dicionário agora é pago.

Considerações finais

Os boletins da ALAB no biênio 2001-2002 mostram a efervência de eventos sobre ensino de línguas, a emergência de novas associações e seus eventos, o tamanho da LA Brasileira que não cabia em um GT da ANPOLL, nossa diversidade de pesquisa e o aumento significativo de publicações.

A ALAB cresceu muito e tivemos 700 participantes no VI CBLA. Grande parte do conteúdo dos boletins foi possível graças à colaboração de vários sócios que nos enviavam as notícias.

A nossa diretoria foi a última do boletim impresso, pois a era digital chegou com força. A RBLA também deixou de ser impressa como todos os periódicos e este ano, 2025, faz bodas de prata. Todos os seus números estão disponíveis no SciELO, https://www.scielo.br/j/rbla/grid.

Outras diretorias vieram, a ALAB viajou e viaja pelo país e cada diretoria com sua marca trabalha pela LA.

Finalmente gostaria de ressaltar a ótima relação da ALAB com a AILA sempre com participação de brasileiros em sua gestão. Não posso deixar de citar as gestões de Paula Tatianne Carréra Szundy – 2010-2011/2016-2017 – e sua atuação para trazer o evento da AILA para o Rio de Janeiro em 2017; e também a de Kyria Finardi – 2018-2019 – que trabalhou muito pela LA na América Latina e é hoje presidente da AILA.

Um viva para nossas lideranças em LA!

CAPÍTULO

5

SEDE DA ALAB NO BERÇO DA LINGUÍSTICA APLICADA

Maximina M. Freire
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Gestão ALAB 2003-2005

> Olhar para trás após uma longa caminhada pode fazer perder a noção da distância que percorremos, mas se nos detivermos em nossa imagem, quando a iniciamos e ao término, certamente nos lembraremos o quanto nos custou chegar até o ponto final [...]. Não somos os mesmos, mas sabemos mais uns dos outros.
> *Guimarães Rosa*

Olhar para trás, para o passado, após uma longa caminhada de quase 35 anos, pode nos fazer perder a noção da distância percorrida e, quem sabe, de muito de seu significado e seu sentido mais intrínseco. Contudo, quem se engaja nessa regressão com curiosidade e determinação, é capaz de resgatar e melhor compreender passos, detalhes, transições e mudanças, retomando nuances singulares do percurso, ângulos inéditos de cenários familiares, alternativas

antes desconsideradas e reveses talvez incômodos, constatando que, se não somos mais os mesmos, por fim, sabemos mais uns dos outros e, certamente, mais de nós mesmos, onde estamos e como ali chegamos.

Tal constatação seguramente se aplica ao interesse de evocar a trajetória percorrida pela Linguística Aplicada no Brasil, revivida e reinterpretada por vários pesquisadores ao longo do tempo (como Cavalcanti, 1986, 2004; Kleiman, 1998, Celani, 1992, Moita Lopes, 1996, entre outros) e, de alguma forma, registrada e resguardada pela Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), desde sua criação, em 1990. Como associação, a ALAB tem visado construir, reconstruir e preservar um espaço acadêmico-científico dinâmico e significativo, motivando estudos, pesquisas e reflexões na área da Linguística Aplicada, concebida como campo de investigação de usos da linguagem em diferentes âmbitos sociais. Sob essa perspectiva, tem suscitado "inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central" (Moita Lopes, 2006, p. 14), tornando-se essencial para a compreensão de situações, interações, relações e identidades. A partir dessa concepção, linguagem e contextos sociais se consolidam em um amálgama indissolúvel e inconfundível que considera a interconexão sistêmica, recursiva e retroativa entre indivíduos, sociedade e suas linguagens.

Voltando o olhar para o passado, há mais de 20 anos, retomo meu período frente à ALAB e resgato o cenário da Linguística Aplicada à época, bem como os desafios acadêmicos, profissionais e burocráticos, enfrentados em parceria por uma diretoria

articulada, apesar de fisicamente situada em dois estados da federação (São Paulo e Minas Gerais), que assumiu a incumbência de vencer a distância geográfica e levar adiante a missão e os objetivos da associação, e principalmente os da Linguística Aplicada.

Retomando sua história, saliento que a criação da ALAB ocorre como fruto de proposta discutida e concretizada em uma reunião no Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa (ENPULI), revelando, à época e não por acaso, forte conexão conceitual com questões relativas ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, em especial ao inglês, como destaca Celani (1992, p. 17). Com tal conotação, a pesquisa em Linguística Aplicada na última década do século XX preserva seu interesse pelo ensino de línguas estrangeiras; contudo, o amplia para nele incluir a língua materna, deixando de se restringir à sala de aula, mas expandindo seu campo de observação e incorporando a investigação sobre outros contextos potencialmente educativos¸ como empresas, clínicas, consultórios, hotéis etc. Nesses cenários, igualmente instrucionais, evidencia-se a marcante influência de Vygotsky e Bahkthin que fornecem bases teóricas para a compreensão da linguagem como instrumento de construção de conhecimento e prática social, "a linguagem situada na práxis humana" (Moita Lopes, 1996, p. 3). Aliada a essas e outras questões intrigantes, o final do século também se destaca por uma ênfase acentuada em pesquisas qualitativas sobre o desenvolvimento docente, sobre a formação de professores como profissionais reflexivos, críticos e colaborativos.

Essas vias investigativas conduzem a Linguística Aplicada ao século XXI, ao novo milênio, com a esperança de novos questionamentos, novas pesquisas, novas metodologias e novas descobertas – percursos que, em alguma medida, são resgatados neste livro, por meio dos registros e narrativas das várias gestões da ALAB. Eles evidenciam o quanto o momento histórico norteou os rumos da associação e de seus pesquisadores, e o quanto a associação documentou suas questões e os caminhos de pesquisa que desbravaram ou desenvolveram. Esse também é o foco deste capítulo que aborda o trajeto da ALAB durante o biênio maio/2003 a junho/2005, período em que a associação esteve, temporariamente, sediada no berço da Linguística Aplicada no Brasil: na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL). Esse programa foi o pioneiro na inserção e evolução da Linguística Aplicada no Brasil, introduzindo essa área de estudos e investigação e formando os primeiros linguistas aplicados que, no desenvolvimento de suas carreiras, expandiram seu escopo de indagações e pesquisas, multiplicando o número de instituições que, gradativamente, passaram a atuar nesse setor no país, no nível da graduação e pós-graduação.

Nesse biênio, a ALAB foi gerida por *Maximina M. Freire* (PUC-SP/SP) como presidente, *Maria Helena Vieira-Abrahão* (UNESP-São José do Rio Preto/ SP) como vice-presidente, *Ana Maria Ferreira Barcelos* (UFV-Viçosa/MG) como secretária e *Eloisa Costa* (PUC-SP/SP) como tesoureira. O detalhamento desse período é o objeto do presente capítulo que, nas seções que seguem, delineia

um perfil historicamente situado da associação, enfatizando as características, as mudanças inseridas, suas contribuições e repercussões.

ALAB na PUC-SP: nova diretoria, novas ações, primeiros impactos

Caracterizada como associação de sede itinerante, uma preocupação da ALAB sempre foi a de manter contato frequente com os afiliados, estabelecendo vínculo de pertencimento e se tornando transmissora das vozes, ações e anseios dos linguistas aplicados brasileiros, como canal de comunicação e informação dos principais acontecimentos nacionais e internacionais da área. Um dos meios para atingir essa função comunicativa foi, inicialmente, a criação e distribuição do boletim bimestral *Canal Um*, impresso e enviado por correio aos membros da ALAB.

Uma das primeiras decisões tomadas pela nova gestão foi a de atualizar o processamento do *Canal Um*, substituindo a circulação por correio pelo envio eletrônico do boletim, uma vez que, à época, o acesso ao e-mail, institucional ou particular, já se tornara bastante frequente. Além da modernização do meio, o conteúdo também foi revisado, incluindo a proposta de publicação de *resenhas,* de autoria dos associados, para serem compartilhadas com a comunidade. O boletim, contando com a potencial colaboração dos associados, passou a incluir e circular com as seguintes seções:

Quadro 1. Canal Um e suas seções

Editorial	Cursos, concursos e oportunidades
Notícias	Professor visitante
Lançamentos	Dissertações e teses
Eventos no Brasil	Resenhas
Eventos no Exterior	Ficha de atualização de dados ou Filiação

Fonte: arquivo da autora.

A circulação do *Canal Um* eletrônico teve grande aceitação, permitindo, por um lado, eficiente divulgação de notícias e, por outro, rápida confirmação ou atualização de dados pessoais dos membros da ALAB. Além disso, garantiu uma maneira mais ágil de captação de novas filiações. Outro aspecto importante foi a economia gerada em termos financeiros, pois o uso do e-mail suprimiu as despesas com papel, impressão e correio. No entanto, o benefício mais relevante da intensificação do meio eletrônico como forma de comunicação foi a qualidade de interação que se estabeleceu com os associados, entre eles, e entre eles e a diretoria da ALAB: todos se sentiram mais próximos pela rapidez na divulgação de notícias e no esclarecimento de dúvidas, bem como mais conectados pela facilidade de interação. As distâncias foram, assim, efetivamente reduzidas.

Com uma proximidade maior, mais intensidade na comunicação interna e um significativo aumento nas filiações atingindo cerca de 300 membros, além de um expressivo aumento nos recursos financeiros da associação, foi possível começar a planejar o VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada.

VII CBLA: um grande desafio

O Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA) é um evento da ALAB que "reúne pesquisadores brasileiros e internacionais e visa promover amplo debate e intercâmbio significativo de conhecimentos e experiências" (Freire, 2004, p. 5), procurando corresponder ao objetivo da associação e à expectativa de linguistas aplicados do/no país, de continuar abrindo espaços de interlocução acadêmico-pedagógica e de integração de perspectivas teórico-práticas.

O VII CBLA aconteceu na PUC-SP, entre 10 e 14 de outubro de 2004, sob o tema *Linguística Aplicada e Contemporaneidade*. Tal escolha visou despertar um repensar e uma reflexão crítica sobre conceitos, posturas, metodologias e práticas, (re-) descrevendo-os e (re-)construindo-os à luz das mudanças do momento, permitindo conceber o sujeito contemporâneo com sua abrangência e importância intrínsecas, perceber como sua identidade é constituída e, por fim, entendê-lo enquanto ainda se estrutura como tal.

Considerando a temática escolhida, o CBLA foi organizado para abarcar uma variedade de olhares e perspectivas que, por um lado, panoramicamente, permitia perceber que caminhos a Linguística Aplicada desenvolvia no Brasil e, por outro, prospectivamente, mapear os novos rumos investigativos emergentes no país. Sob esse enfoque, a organização do evento foi propositalmente definida com base em tendências específicas que, embora não fossem as únicas, à época despertavam

interesse, dirigidos aos tópicos listados no Quadro 2, que foram explorados em diferentes modalidades de apresentação:

Quadro 2. Temas abordados

Conferências (temas escolhidos pelos convidados)	(abertura) LA e vida contemporânea: problematizando construtos que têm orientado a pesquisa (encerramento) LA, contemporaneidade e formação de professores
Plenárias (temas sugeridos pela organização)	Educação a distância, interação e pensamento crítico O discurso da LA e a construção da identidade do pesquisador Teorização e prática profissional da tradução: novas tendências, antigos conflitos As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em LA no Brasil Desafios contemporâneos na formação de professores de línguas: contribuições da LA Instrumental no Brasil: a desconstrução de mitos e a construção do futuro Transculturalidade e linguagem: questões para a LA
Mesas Redondas (temas sugeridos pela organização)	Formadores e formação de professores Linguagem e Patologias da Linguagem Práticas docentes e ensino-aprendizagem de LE Práticas identitárias e ideologias Aprendizagem e autonomia Avaliação Práticas discursivas Transculturalidade Metodologias de investigação em LA Políticas de linguagem Tecnologias, interação e ensino Tradução e interpretação

Sessões de Comunicações Temáticas (temas emergentes das propostas dos participantes)	**FORMADORES & FORMAÇÃO DE PROFESSORES** Professores de língua estrangeira: formação e formadores Procedimentos de produção do discurso verbal em processos de construção de conhecimentos Mobilização de saberes na formação do professor Um questionário e um programa de formação em-serviço para professores de línguas: analisando e cruzando dados Fatores desencadeadores do estresse do professor: uma abordagem discursiva Interação e aquisição de LE: implicações para o ensino e a formação de professores Abordagens na formação de professores Teoria na prática: reflexões sobre experiências bem-sucedidas na formação de professores em pré-serviço Reflexões sobre a construção do conhecimento teórico-prático do professor de língua estrangeira: crenças, inseguranças e ansiedades Refletindo sobre experiências nos processos de ensino e aprendizagem: pesquisas heurísticas e suas implicações para a formação de professores Gêneros textuais na formação de professores: o perigo da gramaticalização **IDENTIDADE** Processos identificatórios na contemporaneidade Identidades conectadas: representações de sujeito e conhecimento em contexto virtual A coconstrução de identidades na fala-em-interação A configuração de identidade no discurso Sentido em vertigem – Práticas discursivas contemporâneas e desestabilização identitária

Sessões de Comunicações Temáticas (temas emergentes das propostas dos participantes)	**LEITURA** Competência de leitura de alunos universitários: problemas e perspectivas Dos saberes linguísticos às competências do sujeito leitor-produtor de textos contribuições à formação de professores Atividades de leitura de gêneros discursivos para a formação do leitor proficiente Tendências de pesquisa em leitura Ferramenta didáticas para o ensino integrado de produção e leitura de textos **GÊNEROS** A diversidade de gêneros e de linguagens nas práticas escolares de letramento O gênero e seus desdobramentos na pesquisa em LA: questões teórico-metodológicas Discurso e gêneros acadêmicos: questões de ensino e pesquisa O gênero conto e fadas **INTERAÇÃO E COMUNICAÇÃO** A interação em diferentes instâncias comunicativas A aprendizagem colaborativa de L2: pesquisas sobre interação face a face e virtual Interagindo em sala de aula para adquirir LE **COMPETÊNCIAS DOCENTES** Reconstruindo as competências do professor para o uso da linguagem Competências em uma formação inovadora de professores de línguas Configurações de competências de ensinar do professor de língua: ideal ao real

Sessões de Comunicações Temáticas (temas emergentes das propostas dos participantes)	**ENSINO- APRENDIZAGEM** Mobilização de saberes em sala de aula Perspectiva complementares no ensino de gramática em LEs A abordagem instrumental ao ensino de línguas no contexto acadêmico e dos negócios **LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL** A projeção de imagens, papeis e identidades através da perspectiva sistêmico- funcional A Linguística Sistêmico-Funcional e o ensino de línguas: propostas de aplicação Reflexão e práticas de sala de aula sob a perspectiva sistêmico-funcional **CULTURA & ENSINO DE LÍNGUAS** Português, inglês e espanhol: uma abordagem intercultural no ensino de línguas A cultura da sala de aula de língua estrangeira **TECNOLOGIA E ENSINO-APRENDIZAGEM** Impactos e perspectivas das tecnologias da informação no ensino de LP: uma análise discursiva As várias faces do *chat* em ambientes educacionais a distância **CRENÇAS** Novas formas de investigação sobre crenças em SLA Considerações a respeito da crença dos alunos sobre os cursos de inglês como lugar ideal de aprendizagem

Sessões de Comunicações Temáticas (temas emergentes das propostas dos participantes)	**CONSTRUÇÃO DE SABERES** A mediação e a dialogia como presenças necessárias para a construção do saber e uso linguístico Pós-modernidade e construção de saberes **ANÁLISE DO DISCURSO** Análise do discurso do trabalho Compreendendo e discutindo o discurso alheio em contextos institucionais **MATERIAL/LIVRO DIDÁTICO** O livro didático de língua materna: produção, análise e questões metodológicas **ESCRITA** Investigando, a partir de indícios, o percurso do sujeito escrevente **METODOLOGIA** Análise narrativa como instrumento de pesquisa em LA **AVALIAÇÃO** O sistema de avaliação de proficiência em Língua Portuguesa para estrangeiros (CELP-BRAS): implementação, resultados e perspectivas

Fonte: arquivo da autora.

O Quadro 2 revela que as modalidades em que os temas foram pensados e propostos pela comissão organizadora do VII CBLA, houve a clara intenção de contemplar múltiplas direções investigativas, partindo das tendências reveladas pelas publicações em periódicos daquele momento, proporcionando um amplo leque temático para debate. Contudo, as sessões propostas pelos participantes revelam predomínio por conteúdos relacionados à *formação docente*, indicando a manutenção de

um direcionamento investigativo já consolidado desde os anos 1990. Tópicos relativos à *identidade*, *leitura* e *gênero* surgem com certo destaque nessa modalidade de apresentação. *Interação/ comunicação*, *competências* e *ensino-aprendizagem* se mantêm como focos explícitos de interesse. Entretanto, contrariamente ao esperado, temas relativos à *tecnologia* e *educação a distância* foram pouco explorados e, de maneira positivamente surpreendente, destacam-se trabalhos que se fundamentam em e lançam luz à *Linguística Sistêmico-Funcional* que começava a ganhar mais ampla preferência investigativa.

Preservando a tradição das edições anteriores, a semana que precedeu o VII CBLA também foi caracterizada pela oferta de *minicursos*. A inovação, contudo, ficou na ambientação e temática, pois todos foram desenvolvidos e conduzidos na modalidade on-line, então questionada e pouco legitimada como espaço de docência e aprendizagem efetivas, abordando os seguintes tópicos:

(1) introdução ao grego sob um enfoque instrumental;
(2) princípios da docência on-line;
(3) atividades didáticas para cursos de inglês a distância;
(4) gêneros digitais em ambientes educacionais; e
(5) interação e interatividade em ambiente virtual.

Tais minicursos, inéditos no conteúdo e forma, também possibilitaram o contato dos cursistas com os pesquisadores: Anise D'Orange Ferreira, Heloísa Collins, Maximina Freire, Rosinda Ramos, Vera Menezes e Vilson Leffa, e suas equipes pioneiras na investigação de contextos on-line e de ambientes virtuais de aprendizagem, bem como com o direcionamento das pesquisas

em suas respectivas instituições de origem, ou seja, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

Além dessa novidade, o congresso contemplou uma *sessão interativa de pôsteres*, mediada por duas debatedoras que enriqueceram as apresentações e as interações entre os expositores e os participantes. O evento também contou com *painéis de projetos institucionais ou de grupos de pesquisa*, permitindo a divulgação de trabalhos que delinearam um panorama geral das tendências investigativas no país.

O VII CBLA também contemplou a oferta de 18 oficinas propostas pelos participantes a partir de temas variados, como ilustrado no Quadro 3.

Quadro 3. Oficinas

- Vamos ao grano: ¡ las expressiones idiomáticas no son um fio!
- O papel das teorias de linguagem na metodologia de ensino de línguas
- Construindo o sentido do texto poético colaborativamente: Adélia Prado em foco
- Gêneros discursivos em Francês Língua Estrangeira (FLE): a literatura, a imprensa e a TV em sala de aula
- Critérios para avaliação de materiais para cursos de línguas para fins específicos
- Livro Didático de Língua Portuguesa: como escolher? Seguindo os passos do PNLD
- O circuito de gênero e a produção escrita na sala de aula: um trabalho com o lúdico
- Enfatizando o vocabulário nas aulas de Instrumental voltado à leitura: como e por quê?
- Late modernity, ethnicity and interaction
- Técnicas de utilização do dicionário como material didático na sala de aula de LE com fins específicos

- Coletar dados em um ambiente presencial e/ou digital: real ou virtual?
- Explorando significações multimodais: comunicação visual na sala de aula
- Lendo para informação: imagens e palavras a serviço da ciência
- Como corrigir textos produzidos em uma segunda língua de forma mais eficiente e significativa
- Possibilidades de aplicações práticas e pesquisa de estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras
- Criando representações, (re-)construindo práticas: o professor no discurso governamental
- Aprendizagem de vocabulário em aulas de Inglês Instrumental
- Raising global cultural consciousness in the second language classroom

Fonte: arquivo da autora.

Resumindo as modalidades de apresentação incluídas no congresso e a quantificação dos participantes nelas envolvidos, temos o Quadro 4.

Quadro 4. Estrutura organizacional do VII CBLA

Modalidades de apresentação	Quantidade de apresentadores
2 conferências	2
5 minicursos	21
10 plenárias	10
12 mesas redondas	36
18 oficinas	35
15 pôsteres	29
18 painéis	71
53 sessões comunicações temáticas	256
63 sessões comunicações individuais	315
196 apresentações	**775 apresentadores**

Fonte: arquivo da autora.

Refletindo sobre a questão quantitativa, o VII CBLA incluiu, durante sua realização, 196 trabalhos, apresentados por 775 pesquisadores (professores, graduandos, pós-graduandos, mestres, doutores) a um público de mais de 1500 participantes, brasileiros e internacionais. Em termos numéricos, até aquele momento, esse congresso correspondeu ao maior evento da área de Linguística Aplicada no Brasil.

Retomando os objetivos do CBLA, é possível afirmar que não apenas a meta traçada foi atingida como foi ultrapassada, contemplando a presença dos nomes mais representativos do cenário da Linguística Aplicada no Brasil e a oportunidade de interação e intercâmbio de conhecimentos e experiências que, com eles foi oportunizada. O congresso também foi enriquecido com a presença e atuação de convidados internacionais que trouxeram seu olhar e perspectivas sobre temas relevantes, como sintetizado no Quadro 5.

Quadro 5. Professores convidados e sua atuação

	B. Kumaravadivelu San Jose State University (USA)	**Ben Rampton** King's College London University of London (UK)	**John Holmes** University of Leeds (UK)
Plenária	Applied Linguistics in the global age: a postmodern/ postcolonial perspective	Popular culture in the classroom	

Mesa Redonda			(*Transculturalidade*) Mother tongue and English: conflicting theories of language and culture
Oficina	Raising global cultural consciousness in the second language classroom	Late modernity, ethnicities, and interaction	O papel das teorias de linguagem na metodologia de ensino de línguas (com Maria Antonieta A. Celani)

Fonte: arquivo da autora.

Como evidencia a descrição feita, o VII CBLA foi um evento marcante que possibilitou a reunião de muitos linguistas aplicados brasileiros e internacionais, contribuindo para o intercâmbio de conhecimentos, o estabelecimento de contato e relações acadêmico-institucionais, além de expressivo aprofundamento nos níveis teórico, metodológico e prático, caracterizando, em alguma medida, o cenário contemporâneo da Linguística Aplicada. Considerando os resultados obtidos, a diretoria da ALAB decidiu materializar essa conquista em um livro, abrindo a oportunidade de publicação de alguns dos trabalhos apresentados.

"Linguística Aplicada e contemporaneidade": o primeiro livro da ALAB

O livro procedente do VII CBLA foi organizado pela diretoria da ALAB, com 21 artigos referentes às plenárias e mesas redondas apresentados no evento e submetidos à publicação.

Conforme exposto no Quadro 6, tais textos sinalizam algumas vertentes investigativas que reafirmam o caráter transdisciplinar da Linguística Aplicada, percebida sob a perspectiva da contemporaneidade.

Quadro 6. Estrutura do livro: vertentes investigativas

Enfoques contemporâneos	Formadores e formação de professores
Práticas identitárias e ideologias	Tecnologia e educação
Práticas discursivas	Avaliação
Práticas docentes e ensino-aprendizagem	Linguagem e Patologias
Aprendizagem e autonomia	Tradução



Fonte: arquivo da autora.

Ao destacar a realização e lançamento do livro, ressalto seu significado como registro de um congresso exitoso e de uma conquista marcante da ALAB e seus membros, no ano em que a associação completava 15 anos de existência. O livro, sem dúvida, não faz jus à magnitude do evento, pois não contém todos os trabalhos apresentados; no entanto, reúne exemplos expressivos das tendências investigativas e preocupações temáticas dos linguistas aplicados da época. Embora sem ter dados numéricos concretos, é válido ressaltar a quantidade de citações dos artigos deste livro nas diversas publicações que o sucederam. Tal fato permite afirmar que ele se tornou um marco representativo, revelando o percurso e, metaforicamente, registrando as fotos de uma parte da história da Linguística Aplicada no Brasil e, consequentemente, da ALAB.

Considerações finais

No ano em que a ALAB comemora 35 anos de existência, este capítulo visa reviver uma gestão específica da associação, ocorrida há cerca de 20 anos, quando atingia e celebrava seus 15 anos de existência. Esses marcos nos situam agora, como de certa forma o fizeram na época, em um momento de reflexão, de (re)pensar rumos desbravados e buscar novos, de olhar para o passado como quem o vê refletido em um espelho retrovisor que, revelando o já feito, o que já passou, não nos faz perder de vista o que ainda está por vir. Nessa mirada, nos conscientizamos de que a chancela *contemporaneidade* reúne diferentes cores e

matizes, tendências e vieses que, talvez, por estarmos convivendo com tantas direções, ainda não tenhamos como equacionar rumos definitivos e limites conceituais. Porém, essa simultaneidade de caminhos pode nos conduzir à percepção de que a Linguística Aplicada vem expandindo seu lugar disciplinar inicial para se revelar, cada vez mais, como transdisciplinar em essência e caracterização, bem como em constante processo de significação e ressignificação.

Ao finalizar este capítulo, inevitavelmente, olho para trás após uma longa caminhada, marcada pelas gestões que precederam aquela que aqui enfoco, bem como as que a sucederam, fiéis ao mesmo propósito de tornar a ALAB o lócus e a voz dos linguistas aplicados do Brasil. Os registros e narrativas reunidas revelam que uma longa via foi e está sendo percorrida, fazendo-nos de quando em vez, parar e considerar o quanto nos custou chegar até este ponto: uma etapa do caminho e, sem dúvida, jamais um ponto final.

Como na epígrafe que abre este capítulo, constato que não somos mais os mesmos, a ALAB não é a mesma, mas sabemos mais uns dos outros e todos sabemos mais de uma associação que cresceu, se fortaleceu, se politizou cada vez mais, e se tornou mais representativa de uma comunidade sempre atenta à linguagem, à sociedade, às identidades, à história, ao tempo e aos espaços, presenciais e digitais. Nesse percurso de retomada e lembranças, nada se perderá: tudo ficará, pelo menos, dentro de cada um de nós e seguirá conosco, linguistas aplicados, responsáveis por construir um futuro cada vez mais sólido e consistente para a Linguística Aplicada e, certamente, para a ALAB.

Referências

CAVALCANTI, M. A propósito de Linguística Aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n.7, p.5-12, 1986.

CAVALCANTI, M. Applied Linguistics: Brazilian perspectives. **AILA Review**, v. 17, p. 23-30, 2004. Doi: https://doi.org/10.1075/aila.17.05cav

CELANI, M. A. A. Afinal o que é Linguística Aplicada? *In*: PASCHOAL, M. S. Z., CELANI, M.A.A. (org.). **Linguística Aplicada**: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**.** São Paulo: EDUC. 1992.

FREIRE, M. M. (org.). **VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada** – Programa e Resumos. FREIRE, M. M. Outubro/2004. São Paulo.

FREIRE, M. M.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H.; BARCELOS, A.M.F. (org.). **Linguística Aplicada e Contemporaneidade**. São Paulo: ALAB; Campinas: Pontes Editores, 2005.

KLEIMAN, A. B. O estatuto da Linguística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. *In*: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (org.), **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 51-77.

MOITA LOPES, L.P. (org.). **Por um Linguística Aplicada INdisciplinar.** São Paulo: Parábola. 2006.

MOITA LOPES, L. P. Contextos institucionais em Linguística Aplicada: novos rumos. **Intercâmbio**, v.5, p.3-14, 1996.

CAPÍTULO

6

DESAFIOS, AVANÇOS E LEGADOS NA ADMINISTRAÇÃO DA ALAB

Francisco José Quaresma de Figueiredo
Universidade Federal de Goiás (UFG)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

*Maria Luisa Ortiz Alvarez (*in memoriam*)*
Universidade de Brasília (UnB)
Gestão ALAB 2005-2007

Em 2025, a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) celebra seu 35º aniversário e, para marcar essa ocasião, convidou seus ex-presidentes a contribuir com capítulos sobre suas respectivas gestões. Devido ao falecimento da Professora Doutora Maria Luisa Ortiz Alvarez em 24 de maio de 2024, recebi o convite da atual Diretoria da ALAB para redigir um capítulo referente ao período de 2005 a 2007, no

qual a Profa. Dra. Maria Luisa Ortiz Alvarez exerceu a Presidência e eu atuei como Vice-Presidente.

Para a elaboração deste capítulo, recorreremos a registros históricos e memórias institucionais que abarcam os acontecimentos e iniciativas desse biênio. Inicialmente, apresentaremos um panorama histórico da Linguística Aplicada, tanto no Brasil quanto no cenário internacional, com ênfase na fundação da ALAB e seu papel na promoção de pesquisas e debates na área de Linguística Aplicada.

Em seguida, detalharemos o contexto e as principais ações da gestão de 2005 a 2007, destacando suas contribuições e desafios. Por fim, refletiremos sobre algumas questões contemporâneas enfrentadas pela Linguística Aplicada, buscando estabelecer um diálogo entre o passado e as perspectivas futuras da área.

Um pouco da história da Linguística Aplicada

O termo "Linguística Aplicada" passou a ser utilizado formalmente na década de 1940, embora o interesse por questões práticas relacionadas à linguagem já existisse anteriormente (Celani, 1992). De acordo com Corder (1973), a Linguística Aplicada surgiu com o propósito de aplicar os avanços da Linguística na solução de problemas concretos, especialmente no ensino de línguas adicionais. Esse movimento ganhou destaque nos Estados Unidos e na Europa, impulsionado pela necessidade de ensino intensivo de línguas durante e após a Segunda Guerra Mundial (Bloomfield, 1988).

A organização do campo da Linguística Aplicada foi fortemente influenciada pelo behaviorismo e pelo estruturalismo, especialmente pelos estudos de Leonard Bloomfield (1933) e Charles Fries (1945), que defendiam abordagens audiolingualistas para o ensino de línguas. Nesse período, a Linguística Aplicada estava estreitamente vinculada à Psicologia Comportamental (Ellis, 1994; Paiva, 2014).

Nas décadas de 1960 e 1970, as teorias de Noam Chomsky (1957, 1959, 1965, 1975) provocaram uma mudança significativa na área. A crítica ao behaviorismo e a introdução da Gramática Gerativa reformularam as concepções sobre aquisição de línguas, promovendo abordagens centradas na cognição e na competência linguística (Lightbown; Spada, 1993).

Foi nesse contexto que se estabeleceu a distinção entre competência linguística — o conhecimento implícito da língua — e competência comunicativa[1], conceito posteriormente aprofundado por Dell Hymes (1972). Essa diferenciação influenciou diretamente abordagens como o ensino comunicativo de línguas, que passou a enfatizar a interação e o uso funcional da linguagem (Figueiredo; Oliveira, 2017; Larsen-Freeman, 2000).

A partir da década de 1980, a Linguística Aplicada expandiu significativamente seu escopo, deixando de se concentrar exclusivamente no ensino de línguas para abranger uma ampla

1 Competência comunicativa é a "habilidade não somente de aplicar as regras gramaticais de uma língua, a fim de formar sentenças gramaticalmente corretas, mas também saber *quando*, *onde* e *de que maneira* as regras serão utilizadas ao falar" (Figueiredo, 2023, p. 27, grifos do autor).

gama de áreas transdisciplinares[2]. Essa ampliação possibilitou a incorporação de novas abordagens, como a análise do discurso, destacando-se os estudos críticos de Fairclough (1995), que trouxeram uma perspectiva inovadora sobre a relação entre linguagem, poder e sociedade.

Além disso, as pesquisas em políticas linguísticas, desenvolvidas por Spolsky (2004), contribuíram para a compreensão do impacto das escolhas linguísticas em contextos institucionais, educacionais e governamentais. Outra área de destaque foi a linguística forense, que se consolidou como um campo essencial ao aplicar princípios linguísticos na resolução de questões legais e criminais (Turell, 2005). Paralelamente, os avanços em tecnologia da linguagem e processamento de linguagem natural revolucionaram a aplicação da linguística em ambientes digitais, possibilitando inovações como a automação da tradução, o desenvolvimento de assistentes virtuais e a análise de grandes volumes de dados textuais.

Diante desse cenário, a Linguística Aplicada demonstra sua crescente relevância, adaptando-se constantemente às transformações sociais, tecnológicas e culturais. Seu objetivo central é solucionar problemas relacionados à linguagem em diferentes contextos, como ensino de línguas, tradução, análise do discurso, tecnologia da linguagem etc. Seu desenvolvimento histórico reflete as mudanças nas abordagens linguísticas e educacionais ao longo dos séculos XX e XXI.

2 A Linguística Aplicada, como ciência transdisciplinar, superou barreiras e se abriu para explorar outras áreas do conhecimento em busca de respostas para suas questões de pesquisa (Celani, 1992; Signorini; Cavalcanti, 1998).

A consolidação da Linguística Aplicada como disciplina foi impulsionada pela necessidade de abordar questões práticas da linguagem. Nesse contexto, três associações desempenharam um papel fundamental: a *Association Internationale de Linguistique Appliquée* (AILA), a *British Association for Applied Linguistics* (BAAL) e a *American Association for Applied Linguistics* (AAAL).

A AILA[3] foi fundada em 1964 durante o primeiro Congresso Internacional de Linguística Aplicada, realizado em Nancy, França (Gass; Mackey, 2007). Seu principal objetivo era criar uma rede internacional de pesquisadores e profissionais da área, tornando-se uma federação global de associações nacionais e promovendo colaboração acadêmica por meio de eventos e publicações científicas (Kaplan, 2002).

No Reino Unido, a BAAL[4] foi criada em 1967, refletindo a crescente influência da Linguística Aplicada no país. Inspirada na AILA, a associação incentivou pesquisas na área, com ênfase em ensino de línguas, política linguística e análise do discurso (Cameron, 1997). Desde sua fundação, a BAAL tem organizado conferências anuais e publicações acadêmicas que contribuem para a expansão do campo (Cook; Wei, 2016).

Nos Estados Unidos, a AAAL foi estabelecida em 1977, impulsionada pelo crescente interesse na Linguística Aplicada no contexto norte-americano (Spolsky, 1995). A associação adotou

3 Em 2024, a AILA comemorou 60 anos de fundação com um grande evento realizado em Kuala Lumpur, Malásia, o *21st AILA World Congress*. Para mais informações sobre essa Associação, acesse: https://aila.info/. Acesso em: 12 abr. 2025.

4 Para mais informações, acesse: https://www.baal.org.uk/. Acesso em: 12 abr. 2025.

uma abordagem transdisciplinar, reunindo pesquisadores de diversas áreas, como aquisição de línguas, sociolinguística e políticas linguísticas. Suas conferências anuais e publicações em periódicos renomados tornaram-se referências na área (Byram; Hu, 2013).

Essas três associações foram fundamentais para a institucionalização da Linguística Aplicada, promovendo a colaboração internacional e impulsionando pesquisas com impacto tanto teórico quanto prático. Seu trabalho preparou o terreno para a criação da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), fundada em 26 de junho de 1990, com a Profa. Dra. Marilda do Couto Cavalcanti, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), como primeira presidente.

Na época, o Brasil já contava com grandes nomes na área, como o Prof. Dr. Francisco Gomes de Matos, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), autor do livro *Linguística Aplicada ao Ensino de Inglês* (1976), e a Profa. Dra. Maria Antonieta Alba Celani, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), responsável pela coordenação do primeiro Programa de Linguística Aplicada[5] no país e pela formação de importantes pesquisadores da área.

Outro nome fundamental para o desenvolvimento da Linguística Aplicada no Brasil foi o Prof. Dr. Hilário Inácio Bohn, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), frequentemente mencionado pela Profa. Dra. Maria Luisa Ortiz Alvarez. Ele integrou a comissão que redigiu a Carta de Pelotas[6], ao lado da Profa. Dra.

5 O Programa de Estudos Pós-Graduandos em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas (LAEL) foi criado em 1970 na PUC-SP (Celani, 1992).

6 Para mais detalhes sobre a Carta de Pelotas, acesse: https://pt.slideshare.net/slideshow/carta-de-pelotas/2539168. Acesso em: 12 abr. 2025.

Maria Helena Vieira Abrahão e do Prof. Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho, durante o II Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras (ENPLE), realizado em setembro de 2000 na cidade de Pelotas (RS). Esse evento, coordenado pela ALAB, evidenciou o papel central da associação na condução de debates e na formulação de políticas públicas para a Linguística Aplicada no Brasil.

Proposição de uma chapa para a ALAB: a gestão de 2005 a 2007

Em 2004, ocorreu, em São Paulo, o VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), com o tema "Linguística Aplicada e Contemporaneidade". À época, a ALAB era presidida pela Profa. Dra. Maximina Maria Freire, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Durante o evento, foi realizada uma reunião para a eleição da nova gestão para o biênio 2005-2007.

Fui convidado pela Profa. Dra. Maria Luisa Ortiz Alvarez para, com ela, compor uma chapa. A equipe foi formada pelos seguintes membros:

- Presidente: Maria Luisa Ortiz Alvarez (UnB)
- Vice-presidente: Francisco José Quaresma Figueiredo (UFG)
- Secretária: Dilys Karen Rees (UFG)
- Tesoureira: Lucia Maria Targino Amaral (UnB)

Com o apoio de diversos colegas de universidades de todo o Brasil, nossa chapa foi eleita. Até então, a Presidência da ALAB sempre havia sido ocupada por professores de universidades do eixo Sul-Sudeste. Um dos nossos principais objetivos era descentralizar a gestão da associação, trazendo sua liderança para o Centro-Oeste e ampliando sua influência para outras regiões do país.

Entre as diversas propostas que apresentamos, destacava-se a intenção de promover uma maior disseminação da Linguística Aplicada, especialmente em áreas do país que ainda não haviam sido contempladas com eventos científicos dedicados a essa área do conhecimento. Nossa meta era não apenas expandir a visibilidade da Linguística Aplicada, mas também aproximar pesquisadores, professores e estudantes de diferentes regiões do Brasil das mais recentes discussões e avanços científicos que ocorriam no campo.

Nesse sentido, um dos marcos dessa iniciativa foi a organização do I Encontro de Linguística Aplicada da Região Norte (ELAN), um evento que não só representou uma oportunidade inédita para os profissionais da área no Norte do Brasil, mas também simbolizou um passo significativo na ampliação do alcance da ALAB por todo o território nacional, consolidando a proposta de descentralizar o conhecimento e fortalecer as redes de colaboração científica em diversas partes do país.

Figura 1. Logo do I Encontro de Linguística Aplicada da Região Norte (ELAN)



Fonte: arquivo pessoal da Profa. Dra. Walkyria Magno e Silva (UFPA).

O evento, intitulado *"Um Norte nos Caminhos da Linguística Aplicada Brasileira"*, ocorreu nos dias 5 e 6 de outubro de 2006, na cidade de Belém do Pará. Ele foi organizado pela Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), em parceria com a Universidade da Amazônia (UNAMA), a Universidade Estadual do Pará (UEPA) e a Universidade Federal do Pará (UFPA). A comissão organizadora foi composta pelas professoras Maria Luisa Ortiz Alvarez (UnB) – Presidente da ALAB**,** Myriam Crestian Cunha (UFPA)**,** Walkyria Magno e Silva (UFPA) e Maria Célia Jacob (UNAMA).

Figura 2. Profa. Maria Luisa Ortiz Alvares (UnB/ALAB) e Prof. Francisco José Quaresma de Figueiredo (UFG/ALAB) recebidos pela Profa. Walkyria Magno e Silva (UFPA) no I ELAN



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Francisco José Quaresma de Figueiredo.

Os trabalhos foram apresentados nas seguintes modalidades:

- Sessões de comunicações individuais: cada sessão incluía quatro apresentações, com até 30 minutos cada uma (20 a 25 minutos de exposição seguidos de 5 a 10 minutos de debate).
- Minicursos: atividades práticas e interativas voltadas à participação ativa dos inscritos.

• Sessão interativa de pôsteres: aberta a trabalhos individuais ou em grupo, concluídos ou em andamento, com a presença dos autores para interação com o público.

• Painéis de projetos institucionais e grupos de pesquisa cadastrados no CNPq: voltados à divulgação nacional de projetos acadêmicos desenvolvidos por instituições de ensino superior e programas de pós-graduação. Foram apresentados por representantes das equipes responsáveis, que ficaram disponíveis para esclarecimentos ao público.

Os trabalhos submetidos deveriam se enquadrar em uma das seguintes áreas:

1) Políticas linguísticas no Norte;
2) Formação do professor de línguas;
3) Ensino/aprendizagem do português como língua de escolarização ou língua estrangeira;
4) Ensino/aprendizagem de línguas e literaturas (materna e estrangeiras);
5) Educação a distância e novas tecnologias;
6) Educação inclusiva;
7) Tradução.

Na época, algumas regiões do Brasil possuíam maior concentração de professores e pesquisadores especializados em Linguística Aplicada, especialmente o Sul e o Sudeste. Já a região Norte contava com um número mais restrito de especialistas

na área. Preocupada em reduzir essa disparidade e fortalecer o desenvolvimento da Linguística Aplicada em regiões mais afastadas dos grandes centros acadêmicos, a ALAB organizou o evento com os seguintes objetivos:

- Mapear e dar visibilidade às atividades acadêmicas em Linguística Aplicada na região Norte;
- Promover o intercâmbio de ideias sobre as tendências contemporâneas no ensino e aprendizagem de línguas;
- Traçar direções para o fortalecimento da Linguística Aplicada como área de pesquisa e prática, visando a transformações sociais efetivas.

Durante o evento, foi formado um Grupo de Trabalho (GT) para analisar os trabalhos apresentados e criar um diagnóstico detalhado da Linguística Aplicada nas regiões envolvidas. O GT também estabeleceu diretrizes para o fortalecimento da área, incluindo a criação de redes acadêmicas entre as regiões Norte e Nordeste e o incentivo a novas parcerias institucionais.

O evento contou com uma programação diversificada, incluindo conferências e mesas-redondas conduzidas por especialistas da área:

- Conferência Plenária: "*Iniciativas da Linguística Aplicada para o Brasil: uma possível agenda*", ministrada pela Profa. Dra. Marilda do Couto Cavalcanti (Unicamp).

• Mesa-Redonda: *"Perspectivas da Linguística Aplicada na Região Norte"*, coordenada pela Profa. Dra. Myriam Crestian Cunha (UFPA) e com participação das professoras Dra. Deborah Freitas (Roraima), Elisabeth Britto (Amazonas), Vilma Souza (Maranhão) e Dra. Maria Bernardete Fernandes de Oliveira (Rio Grande do Norte).

• Palestra: *"A formação inicial e o desenvolvimento profissional do professor de língua estrangeira"*, ministrada pela Profa. Dra. Maria Helena Vieira Abrahão (UNESP/São José do Rio Preto).

• Palestra: *"Tecnologia e ensino de línguas: onde fica o professor?"*, ministrada pelo Prof. Dr. Vilson Leffa (UCPel).

• Sessão de Encerramento: apresentação das conclusões do Grupo de Trabalho, com a participação da Profa. Dra. Maria Luisa Ortiz Alvarez (UnB/ALAB), Prof. Dr. Francisco José Quaresma Figueiredo (UFG/ALAB), Profa. Dra. Edleise Mendes Oliveira Santos (UEFS/FJA – BA), Profa. Dra. Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso (UEPA) e Profa. Dra. Walkyria Magno e Silva (UFPA).

O evento representou um marco na expansão da Linguística Aplicada no Brasil, especialmente na região Norte, fortalecendo redes acadêmicas e incentivando novas pesquisas e práticas na área. A importância desse encontro é evidenciada no seguinte relato da Profa. Dra. Walkyria Magno e Silva (UFPA), uma das organizadoras do evento[7]:

Meu papel no I ELAN foi o de coordenadora adjunta da comissão

7 A Profa. Dra. Walkyria Magno e Silva elaborou gentilmente este relato para ilustrar este capítulo.

local, cabendo o papel principal à minha colega Myriam Crestian Chaves da Cunha, pesquisadora, assim como eu, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Myriam, hoje aposentada, fez um excelente trabalho ao lado da Profa. Maria Célia Jacob (UNAMA) que atendeu todas as nossas necessidades de instalações e equipamentos.

O evento foi impactante para os dois programas de pós-graduação, da UNAMA e da UFPA, que, à época, ofertavam apenas o grau de mestre. Tal quantidade de cientistas da Linguística Aplicada juntos, em um mesmo evento, foi inédita em Belém e quiçá, no Norte do país. Alunos de pós-graduação e de graduação, de Belém e de outros estados e cidades próximas, puderam não só assistir a palestras e minicursos fundamentais para sua formação como também conversar com os renomados pesquisadores nos *coffee breaks* e áreas de socialização do encontro. As três universidades locais que se uniram para organizá-lo oferecem hoje programas de pós-graduação em níveis de mestrado (UEPA) e doutorado (UNAMA e UFPA), tendo o da UFPA obtido nota 6 na última avaliação da Capes.

No dia 6 de outubro de 2006, último dia do ELAN, tive a honra de moderar um debate, cuja dinâmica foi inovadora para os padrões então vigentes. Os professores Marilda Cavalcanti (Unicamp), José Carlos Paes de Almeida (UnB), Jurandy Wangham (UNAMA) e José Carlos Chaves da Cunha (UFPA) receberam, com antecedência, quatro questões sobre as quais deveriam se pronunciar. Com a duração de uma hora e meia, os dois participantes de universidades de ponta no país e os dois locais responderam alternadamente as quatro questões que coloco a seguir:

1. A seu ver, qual a conquista mais significativa ocorrida nos últimos tempos no campo do ensino e da aprendizagem de línguas?

2. Como o senhor / a senhora vê a relação teoria / prática hoje?

3. Na sua opinião, o que é determinante para que a formação de professores de línguas seja bem-sucedida?

4. Entre todos os desafios que se colocam hoje para o ensino e a aprendizagem de línguas, qual lhe parece o mais importante?

> Lembro-me de que houve interações importantes entre os debatedores e a plateia que pôde, ao final, dirigir perguntas aos professores. Vinte anos depois, vejo essas perguntas como pertinentes, pois continuamos, como linguistas aplicados, a buscar respostas atualizadas para elas.
>
> Enfim, eventos como este, descentralizados dos eixos tradicionais, são relevantes para a troca de saberes entre culturas tão díspares encontradas em nosso país. Olhando retrospectivamente, com nosso olhar decolonial atual, vemos que a troca havida em 2006 em Belém pode ter impactado tanto o saber local quanto o dos professores que aqui vieram trocar ideias conosco.

Como destaca a Profa. Dra. Walkyria Magno e Silva, da UFPA, o I ELAN se mostrou de extrema relevância ao promover, em Belém, debates de grande importância, os quais foram enriquecidos pela participação ativa de diversos profissionais da área da linguagem, que tiveram a oportunidade de vivenciar e compartilhar conhecimentos valiosos durante o evento.

Durante nossa gestão, também organizamos o VIII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), realizado na UnB, de 9 a 11 de julho de 2007. O evento contou com a participação expressiva de pesquisadores de diversas regiões do Brasil, além de alunos de pós-graduação.

Com o tema "Contextos Brasileiros de Pesquisa Aplicada no Âmbito da Linguagem", o congresso trouxe uma mesa-redonda reunindo todos os ex-presidentes da ALAB. Além disso, pela primeira vez, conseguimos trazer para o evento a Presidente (2002-2008) da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) na época, a Profa. Dra. Susan Gass.

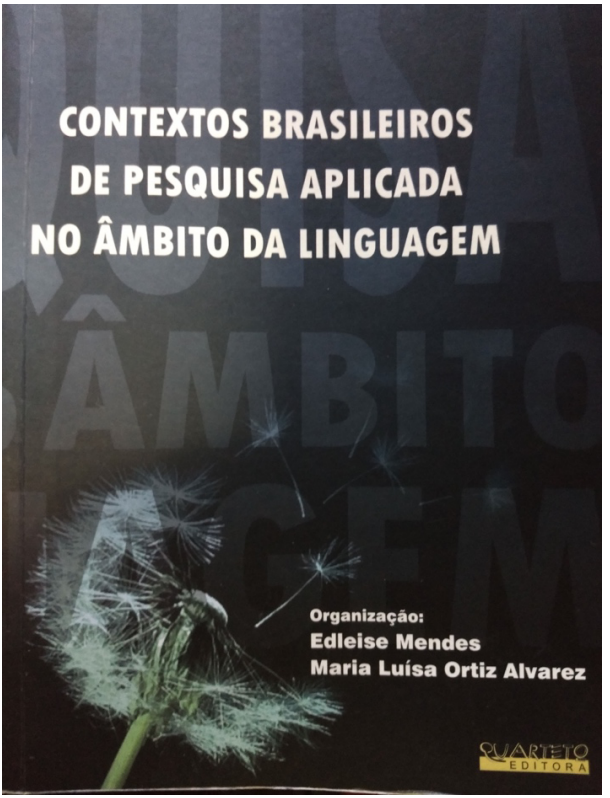
Figura 3. Pôster do VIII CBLA



Fonte: Site da ALAB.

Durante o VIII CBLA, foi realizada uma nova eleição, na qual foram eleitas as Professoras Doutoras Maria Luisa Ortiz Alvarez (UnB) e Edleise Mendes Oliveira Santos (UEFS) para a gestão de 2007 a 2009. Como parte das ações dessa nova gestão, as professoras organizaram um livro (Mendes; Alvarez, 2009) com uma seleção dos trabalhos apresentados durante o evento.

Figura 4. Livro publicado com seleção de trabalhos do VIII CBLA



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Francisco José Quaresma de Figueiredo.

Os trabalhos publicados no livro refletem a diversidade de temas abordados pela Linguística Aplicada entre 2005 e 2007, evidenciando preocupações sociais, políticas e culturais relacionadas à linguagem. As pesquisas contemplavam uma ampla gama de assuntos, incluindo: epistemologia da linguística aplicada; terminologia aplicada e lexicografia; tradução; abordagens inovadoras no ensino de línguas, incluindo

abordagens comunicativas, interativas e colaborativas; impacto das tecnologias digitais na aprendizagem de línguas; formação de professores e políticas públicas para o ensino de línguas estrangeiras e maternas; análises sobre identidade e subjetividade em contextos educacionais e multilíngues; reflexões sobre bilinguismo, educação indígena e políticas linguísticas; estudos sobre discurso midiático, político e educacional; investigações sobre letramentos críticos e suas implicações na sociedade; papel da linguagem na construção de identidades sociais; letramentos acadêmicos e escolares, enfatizando a leitura e a escrita no Ensino Fundamental e Superior; gêneros textuais e ensino; impacto da internet e das redes sociais na comunicação e no ensino; uso de *corpora* e ferramentas computacionais na pesquisa linguística; estudos sobre a implementação de políticas públicas para o ensino de línguas no Brasil; reflexões sobre o ensino de português para imigrantes e refugiados; papel do inglês como língua franca e suas implicações para a educação brasileira etc.

Esses estudos demonstram como, nesse período, a Linguística Aplicada expandiu seu escopo, indo além dos aspectos pedagógicos para considerar os impactos sociais da linguagem. Dessa forma, consolidou-se no Brasil como uma área de pesquisa crítica e transdisciplinar.

Período de 2005 a 2007 da Linguística Aplicada no Brasil

Entre 2005 e 2007, a Linguística Aplicada no Brasil se consolidou como um campo transdisciplinar, focado na

resolução de problemas relacionados à linguagem em contextos educacionais, tecnológicos e sociais. Esse período foi marcado por importantes avanços teóricos e metodológicos, que expandiram os limites da área, além de um impacto crescente da Linguística Aplicada nas políticas públicas de educação e inclusão social.

Durante esse período, a Linguística Aplicada brasileira foi fortemente influenciada por abordagens interacionistas, socioconstrutivistas e discursivas (Brait, 2005; Charaudeau, 2006; Figueiredo, 2005, 2006). A análise crítica do discurso (ACD) ganhou destaque, especialmente em estudos sobre o ensino de línguas e a formação de professores (Meurer, 2005; Misoczky, 2005). Pesquisadores passaram a explorar a relação entre linguagem, identidade e poder, ampliando o campo da Linguística Aplicada para além do ensino tradicional de línguas (Moita Lopes, 2006). A Linguística Aplicada Crítica também teve um papel importante, com estudos sobre a linguagem na justiça social e inclusão educacional (Pennycook, 2006). A interação e a colaboração se estabeleceram como elementos centrais na aprendizagem de línguas (Figueiredo, 2005, 2006), destacando a importância da teoria sociocultural nesse processo (Vygotsky, 1998).

Outro desenvolvimento importante foi o avanço da linguística de *corpus* e sua aplicação no ensino de línguas e na criação de materiais didáticos (Berber Sardinha, 2004; Mishan, 2005). A análise de grandes bancos de dados textuais permitiu uma compreensão mais detalhada dos padrões linguísticos, oferecendo novas perspectivas para o ensino de línguas e tradução.

As políticas governamentais desse período também foram fundamentais para moldar o cenário da Linguística Aplicada,

com iniciativas voltadas para a melhoria do ensino de línguas em escolas públicas e o fomento de pesquisas sobre educação bilíngue e multilíngue. Os debates da Política Nacional de Línguas abordaram questões como línguas indígenas e a diversidade linguística, destacando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva no planejamento e na educação linguística (Brasil, 2002, 2005; Calvet, 2007).

Entre 2005 e 2007, vários estudos aprofundaram a compreensão das crenças de aprendizagem, especialmente no ensino de línguas. Essas pesquisas evidenciaram como as crenças de alunos e professores influenciam significativamente o processo de ensino-aprendizagem (Barcelos, 2007; Barcelos; Vieira Abrahão, 2006).

Nessa época, a LA teve um grande impacto na formação de professores de línguas, incentivando uma reflexão crítica sobre a prática docente e o papel do professor como mediador do conhecimento linguístico (Magalhães, 2004). Projetos de letramento e multimodalidade ganharam destaque, promovendo a inclusão de novas tecnologias no ensino de línguas (Baldry; Thibault, 2006; Corrêa; Boch, 2006; Goulart, 2006).

Em 2006, começaram as pesquisas sobre *teletandem*[8], que continuam a contribuir significativamente para o ensino de línguas e a internacionalização das Instituições de Ensino Superior (Aranha; Cavalari, 2014; Figueiredo, 2024; Telles; Vassallo, 2006; Vassallo; Telles, 2006, 2009).

8 Segundo Vassallo e Telles (2006, 2009), o *teletandem* é descrito como um contexto de aprendizagem síncrona de línguas adicionais, mediada pelo computador por meio de *softwares* ou serviços de comunicação como Skype, Google Meet, Zoom etc., que faz uso da produção oral e escrita, da leitura e compreensão oral, bem como das imagens da *webcam* dos participantes.

Desafios atuais da Linguística Aplicada no Brasil

Nos últimos anos, a Linguística Aplicada no Brasil passou por transformações significativas, acompanhando os debates globais e as necessidades sociais emergentes. Essa área transdisciplinar estuda a linguagem em diversos contextos, especialmente no ensino e aprendizagem, nas políticas linguísticas e nas interações comunicativas. No entanto, a Linguística Aplicada ainda enfrenta desafios teóricos, metodológicos e político-sociais.

Um dos principais desafios da Linguística Aplicada no Brasil está relacionado às políticas linguísticas, especialmente no que se refere à educação bilíngue para comunidades indígenas e para falantes de línguas de sinais. Embora a legislação brasileira reconheça a diversidade linguística (Brasil, 2002, 2005, 2011, 2015, 2016, 2020), a implementação de políticas públicas eficazes para o ensino de línguas indígenas e de Libras ainda enfrenta obstáculos significativos. A falta de materiais didáticos adequados e de formação docente especializada são desafios críticos.

No campo do ensino de línguas, questões como a formação de professores, a adaptação a diferentes metodologias e a integração de novas tecnologias são centrais. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) trouxe mudanças na abordagem do ensino de línguas, mas a implementação efetiva dessas diretrizes ainda é um desafio em muitos contextos.

A digitalização crescente da sociedade tem impactado profundamente a Linguística Aplicada, alterando tanto as formas de interação com as línguas quanto as práticas pedagógicas e

profissionais associadas. Ferramentas como *chatbots*[9], tradutores automáticos e inteligência artificial transformam a comunicação e a aprendizagem de línguas (Blommaert, 2010). Essas tecnologias ampliam o acesso ao conhecimento e oferecem novas possibilidades para o ensino e a prática linguística (Levy; Hubbard, 2005). No entanto, surgem desafios com essas inovações. A qualidade das traduções automáticas ainda apresenta limitações (Pym, 2013). Outro ponto importante é o impacto dessas tecnologias no mercado de trabalho de professores e tradutores. Embora algumas pessoas defendam que essas ferramentas podem complementar e facilitar o trabalho humano, especialistas da Universidade de São Paulo (USP) alertam para a precarização das profissões linguísticas devido à automação crescente (Agência SP, 2025). Portanto, a interseção entre tecnologia e Linguística Aplicada exige uma abordagem crítica e ética para garantir que os avanços tecnológicos sejam usados de maneira inclusiva e responsável.

A incorporação de tecnologias digitais no ensino de línguas é um campo promissor, mas também desafiador. Ferramentas como aplicativos, plataformas de ensino *on-line* e inteligência artificial podem transformar a aprendizagem de línguas. No entanto, a falta de infraestrutura e de formação para o uso dessas tecnologias pelos professores é um obstáculo considerável, especialmente em regiões mais carentes.

9 Segundo Weizenbaum (1966), um *chatbot*, ou robô de conversa, é um programa de computador projetado para simular a conversação humana, interagindo com usuários por meio de linguagem natural.

Portanto, a Linguística Aplicada no Brasil enfrenta desafios estruturais e epistemológicos que exigem abordagens transdisciplinares e políticas públicas eficazes. Para avançar, é crucial investir na formação de professores, na pesquisa acadêmica e na inclusão de novas tecnologias. A promoção de um ensino de línguas mais acessível e alinhado às demandas sociais contribuirá para um futuro mais justo, linguística e culturalmente diversificado.

Esses desafios refletem as transformações da sociedade contemporânea. À medida que novas tecnologias, políticas e demandas sociais surgem, a área de Linguística Aplicada se expande para abordar essas questões. O caráter transdisciplinar da área, embora desafiador, é o que garante seu dinamismo e relevância no contexto atual.

Considerações finais

O período de 2005 a 2007 representou uma fase de consolidação significativa para a Linguística Aplicada no Brasil, com importantes avanços teóricos e metodológicos que impactaram profundamente o ensino de línguas e as políticas educacionais. As pesquisas realizadas nesse período estabeleceram as bases para novas abordagens que, nos anos seguintes, continuaram a expandir os horizontes da área, reafirmando seu caráter dinâmico e transdisciplinar.

Durante esse período, a nossa gestão enfrentou grandes desafios, sendo um dos principais a necessidade de modificar

alguns artigos do Estatuto[10], com o objetivo de atualizá-lo em consonância com as novas demandas da área. Em 2006, alcançamos um marco importante ao realizar o I Encontro de Linguística Aplicada da Região Norte (ELAN), evento sediado na Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém do Pará. No ano seguinte, em 2007, organizamos o VIII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, em Brasília, evento que contou com a participação de numerosos pesquisadores e estudantes de Pós-Graduação de diversas partes do Brasil. É relevante destacar que, ao longo das gestões da ALAB, muitos desafios foram enfrentados, mas é indiscutível que a Linguística Aplicada tem se consolidado cada vez mais como uma área de transdisciplinaridade, estando presente em diversos cenários acadêmicos em todo o território brasileiro.

A Linguística Aplicada, desde suas origens até os dias atuais, tem se mostrado um campo em constante evolução, dinâmico e em permanente transformação. Seu caráter transdisciplinar, aliado à preocupação com problemas concretos da sociedade, faz com que seja uma área essencial para a compreensão e aprimoramento das práticas linguísticas em diversos contextos. O futuro da Linguística Aplicada aponta para uma integração crescente com as novas tecnologias e para uma abordagem cada vez mais crítica e reflexiva sobre o uso da linguagem na sociedade.

Por fim, gostaria de destacar a trajetória da Profa. Dra. Maria Luisa Ortiz Alvarez, que, embora tenha nascido em Cuba, construiu

10 O estatuto aprovado pode ser acessado em: https://alab.org.br/files/estatuto/estatutos_original.pdf. Acesso em: 12 abr. 2025.

uma carreira acadêmica profundamente enraizada no Brasil, onde encontrou um ambiente propício para cultivar sua paixão pela Linguística Aplicada. Com uma conexão genuinamente brasileira, ela se dedicou ao ensino, à pesquisa e à formação de novas gerações de estudiosos, deixando um legado inestimável que transcende fronteiras. Seu trabalho não apenas contribuiu para o avanço da área, mas também estimulou reflexões inovadoras e promoveu transformações significativas no campo da linguagem e da educação. Com sensibilidade e rigor acadêmico, a Profa. Maria Luisa ampliou os horizontes da Linguística Aplicada, promovendo diálogos transdisciplinares e impulsionando pesquisas que impactaram e continuam a impactar pesquisadores tanto no Brasil quanto internacionalmente. Sua trajetória exemplar reflete um compromisso inabalável com o conhecimento, a valorização da linguagem como um elemento central na construção do saber e a crença no poder transformador da educação. O impacto de sua dedicação e de seu legado a tornam uma figura inesquecível, cuja influência perdurará nas mentes e nos corações de todos que tiveram o privilégio de conviver e de aprender com ela.

Referências

AGÊNCIA SP. Especialistas da USP alertam sobre o impacto da inteligência artificial no mercado de trabalho e na educação. **Revide**, 1252, São Paulo, 3 mar. 2025. Disponível em: https://www.revide.com.br/noticias/tecnologia/confira-o-impacto-da-inteligencia-artificial-no-mercado-de-trabalho-e-na-educacao-

segundo-especialistas-da-usp/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 3 mar. 2025.

ARANHA, S.; CAVALARI, S. M. S. A trajetória do projeto Teletandem Brasil: da modalidade institucional não-integrada à institucional integrada. **The ESPecialist**, v. 35, n. 2, p. 183-201, 2014.

BALDRY, A.; THIBAULT, P. J. **Multimodal transcription and text analysis**: A multimedia toolkit and coursebook with associated on-line course. Equinox: London, 2006.

BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.

BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA ABRAHÃO, M. H. (org.). **Crenças e ensino de línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas: Pontes, 2006.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

BLOMMAERT, J. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933.

BLOOMFIELD, L. About foreign language teaching. *In*: SMOLINSKI, F. (ed.). **Landmarks of American language & linguistics**: A resource collection for the Overseas Teacher of English as a

Foreign Language. Washington, D.C.: United States Information Agency, 1988.

BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, 25/4/2002. p. 23. (Publicação Original).

BRASIL. Decreto n° 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, 23/12/2005. p. 28. (Publicação Original).

BRASIL. Decreto no 7.612, de 17 de novembro de 2011. Regulamenta a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, 23/12/2005. p. 28. (Publicação Original).

BRASIL. Lei n° 13.146, de 06 de julho de 2015. Dispõe sobre o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Plano Viver sem Limite. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, 186, 09/07/2008, p. 12 (Publicação Original).

BRASIL. Lei n° 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Dispõe sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino e dá

outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, 25/4/2002, p. 23 (Publicação Original).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. **Diário Oficial da União**, ed. 189, seção 1, p. 6, 2020.

BYRAM, M.; HU, A. **Routledge encyclopedia of language teaching and learning**. London: Routledge, 2013.

CALVET, L.-J. **As políticas linguísticas**. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola; Florianópolis: IPOL, 2007.

CAMERON, D. **Working with spoken discourse**. London: SAGE Publications, 1997.

CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Linguística Aplicada? *In*: PASCHOAL, M. S. Z. de.; CELANI, M. A. A. (org.). **Lingüística aplicada**: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992. p. 15-23.

CHARAUDEAU, P. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. A review of B. F. Skinner's *Verbal behavior*. **Language**, v. 35, p. 26-58, 1959.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: M.I.T. Press, 1965.

CHOMSKY, N. **The logical structure of linguistic theory**. New York: Springer, 1975.

COOK, V.; WEI, L. **The Cambridge handbook of linguistic multi-competence**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

CORDER, S. P. **Introducing applied linguistics**. London: Penguin Books, 1973.

CORRÊA, M. L. G.; BOCH, F. (org.). **Ensino de língua**: representação e letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

ELLIS, R. **The study of second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis**: *The critical study of language*. London: Longman, 1995.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. **Semeando a interação**: a revisão dialógica de textos escritos em língua estrangeira. Goiânia: Ed. UFG, 2005.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (org.). **A aprendizagem colaborativa de línguas**. Goiânia: Ed. UFG, 2006.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. **Aprendendo com os erros**: uma perspectiva comunicativa do ensino de línguas. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Parábola, 2023.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. The use of project pedagogy in teletandem sessions: The points of view of Brazilian and Argentine learners. **Revista Domínios de Linguagem**, v. 18, p. 1-38, 2024.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de.; OLIVEIRA, E. C. Sobre métodos, técnicas e abordagens. *In*: FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (org.). **Formação de professores de línguas estrangeiras**: princípios e práticas. 2. ed. rev. ampl. Goiânia, Ed. UFG, 2017. p. 11-41.

FRIES, C. **Teaching and learning English as a foreign language**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1945.

GASS, S. M.; MACKEY, A. **Data elicitation for second and foreign language research**. New York: Routledge, 2007.

GOMES DE MATOS, F. **Linguística aplicada ao ensino de inglês**. São Paulo: Editora McGraw-Hill, 1976.

GOULART, C. Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11 n. 33, p. 450-460, 2006.

HYMES, D. On communicative competence. *In*: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (ed.). **Sociolinguistics**. Selected Readings. Harmondsworth: Penguin. 1972. p. 269-293.

KAPLAN, R. B. **The Oxford handbook of applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and principles in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

LEVY, M.; HUBBARD, P. Why call CALL "CALL"? **Computer Assisted Language Learning**, v. 18, n. 3, p. 143-149, 2005.

LIGHTBOWN, P. M.; SPADA, N. **How languages are learned**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

MAGALHÃES, M. C. C. (org.). **A formação do professor como um profissional crítico**: linguagem e reflexão. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

MENDES, E.; ALVAREZ, M. L. O. (org.). **Contextos brasileiros de pesquisa aplicada no âmbito da linguagem**. Salvador: Quarteto Editora, 2009.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 81-106.

MISHAN, F. **Designing authenticity into language learning materials**. Bristol: Intellect Books, 2005.

MISOCZKY, M. C. Análise crítica do discurso: uma apresentação. **GESTÃO.Org – Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 3, n. 2, p. 125-140, 2005.

MOITA LOPES, L. P. da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

PAIVA, V. L. M. de O. e. **Aquisição de segunda língua**. São Paulo: Parábola, 2014.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada (in)disciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-83.

PYM, A. Translation skill-sets in a machine-translation age. **Meta Journal des Traducteurs**, v. 58, n. 3, p. 487-503, 2013.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (org.) **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SPOLSKY, B. *Measured words:* **The development of objective language testing**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

SPOLSKY, B. **Language policy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TELLES, J. A.; VASSALLO, M. L. Foreign language learning in-tandem: Teletandem as an alternative proposal in CALLT. **The ESPecialist**, v. 27, n. 2, p. 189-212, 2006.

TURELL, M. T. (ed.). **Lingüística forense, lengua y derecho**: conceptos, métodos y aplicaciones. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2005.

VASSALLO, M. L.; TELLES, J. A. Foreign language learning in-tandem: Theoretical principles and research perspectives. **The ESPecialist**, v. 27, n. 1, p. 83-118, 2006.

VASSALLO, M. L.; TELLES, J. A. Ensino e aprendizagem de línguas em tandem: princípios teóricos e perspectivas de pesquisa. *In*: TELLES, J. A. (org.). **Teletandem**: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI. Campinas: Pontes Editores, 2009. p. 21-42.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEIZENBAUM, J. ELIZA – A computer program for the study of natural language communication between man and machine. **Communications of the ACM**, v. 9, n. 1, p. 36-45, 1966. Disponível em: https://dl.acm.org/doi/pdf/10.1145/365153.365168. Acesso em: 20 jan. 2023.

CAPÍTULO 7

ENTRE RETOMADAS, DESAFIOS E INOVAÇÕES: (RE)DESENHOS DE UMA LINGUÍSTICA IMPLICADA BRASILEIRA (D) ENTRE DUAS GESTÕES DA ALAB

Paula Tatianne Carréra Szundy
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Gestões ALAB 2010-2011 – 2016-2017

Tecendo duas gestões da ALAB

Em seu célebre poema "Tecendo a manhã", João Cabral de Melo Neto (1994, p. 345) nos alerta que "Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos". Esse verso de Melo metaforiza o caráter relacional do que Bakhtin (2010 [1920-24]) classifica como nosso existir-evento, forjado continuamente na responsabilidade e responsividade do eu para mim, do eu para o outro e do outro para

mim. Os dois biênios em que atuei como presidenta na diretoria da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), 2010-2011 e 2016-2017, foram tecidos por muitos fios, costurados em parcerias com meus/minhas colegas de Diretoria, com o corpo social da UFRJ, com linguistas aplicados/as brasileiros/as e estrangeiros/as que apoiaram os projetos das nossas gestões e com membros do Comitê Executivo e Internacional (EBIC) da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) no que diz respeito à organização do 18º Congresso Mundial de Linguística Aplicada, sediado no Rio de Janeiro e realizado pela primeira vez na América Latina em julho de 2017.

Ao aceitar o convite da atual gestão, presidida por Doris Matos (2023-2025), para celebrar os 35 anos da ALAB com um capítulo que (re)conta a história da nossa Associação sob a perspectiva daqueles/as que a presidiram nestas três décadas e meia, busco reconstruir os fios que teceram as duas gestões de que participei a partir de atitudes responsivas minhas em relação às múltiplas (inter)ações que marcaram esses dois cronotopos. Na reconstrução desses espaços-tempos correspondentes a dois biênios, reinterpreto as práticas da nossa gestão sob a ótica da práxis, isto é, a partir da síntese dialética entre teoria e prática, fundamentada na premissa do Círculo de Bakhtin de que não há neutralidade possível em nosso existir-evento. Considerando que nossas (inter)ações no mundo, sendo axiologicamente marcadas, refratam sistemas ideológicos em disputa (Volóchinov, 2017 [1929]), (re)conto a história da ALAB nos biênios de 2010-2011 e 2016-2017 sob a perspectiva de uma linguística implicada

com questões destes tempos e, portanto, mais implicada e politicamente situada, do que propriamente aplicada.

Era quase final de 2009, em uma tarde ensolarada na Praia de Copacabana, eu e minha amiga Christine Nicolaides, ambas recém-chegadas na UFRJ, decidimos formar uma chapa para concorrer à Diretoria da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB). A ALAB passava então por uma crise de gestão e representação, o número de associados/as tinha reduzido consideravelmente e se cogitava até a possibilidade de fundar uma nova Associação. Foi então, com o intuito de recuperar a credibilidade e representatividade da ALAB, que propusemos a chapa "Retomada", composta por mim (Presidenta), Júlio César Rosa de Araújo (Vice-Presidente), Christine Nicolaides (Tesoureira) e Kléber Aparecido da Silva (Secretário). Com a eleição da chapa durante o III Encontro Nacional de Políticas Linguísticas e Ensino (III ENPLE), realizado na Universidade de Brasília (UNB) em 2009, a UFRJ se tornaria mais uma vez a casa da ALAB[1] por dois biênios consecutivos (2010-2011 e 2012-2013) e para um quarto biênio entre 2016-2017, este último dedicado prioritariamente à realização do 18º Congresso Mundial de Linguística Aplicada.

Ao longo desses três biênios, dois presididos por mim (2010-2011 e 2016-2017) e um pela Professora Christine Nicolaides (2012-2013), a ALAB retomou seu prestígio e representatividade perante a comunidade de linguistas aplicados/as brasileiros/as, incrementando também a sua saúde financeira. Somando-

1 A ALAB também esteve sediada na UFRJ entre 1992-1994, quando teve como seu segundo presidente o Professor Luiz Paulo da Moita Lopes.

se a eventos, publicações e à ampliação de sua participação política junto a entidades como MEC, CAPES e CNPq, essas três gestões fizeram investimentos relevantes na informatização dos processos administrativos e no sistema de gestão de eventos da ALAB. Além de gerenciar a submissão, pagamento e avaliação dos seus próprios congressos, o sistema de eventos totalmente digitalizado da ALAB chegou a ser utilizado por outros congressos como o Simpósio Internacional de Gêneros Textuais (2011) e o Queer Paradigms (2012).

Em 2010, Martin Bygate, que tinha sido meu supervisor durante o doutorado sanduíche na Universidade de Lancaster entre 2003-2004 e então presidente da AILA, enviou-me um e-mail sugerindo a apresentação de uma candidatura para sediar o Congresso Mundial de Linguística Aplicada no Brasil. Como a proposta foi recebida com entusiasmo pelos membros do Conselho Consultivo e por vários dos/as linguistas aplicados/as que fundaram e/ou presidiram a ALAB, a Diretoria apresentou uma candidatura para sediar a AILA 2017 durante a AILA 2011, realizada em Beijing, China.

Com a seleção da candidatura do Rio de Janeiro como sede do 18º Congresso Mundial de Linguística Aplicada, acordou-se, em Assembleia Ordinária realizada durante o 10º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (10º CBLA), sob a coordenação da Professora Christine Nicolaides, que, após a gestão do Professor Ruberval Maciel (2014-2015), a ALAB retornaria uma vez mais para o Rio de Janeiro visando dar suporte administrativo-financeiro para realização deste evento mundial, que aconteceria

pela primeira vez na América Latina. Cumprindo esse acordo, a chapa composta por mim (Presidenta), Dilma Maria de Mello (Vice-Presidenta), Rogério Casanovas Tilio (Tesoureiro), Glenda Cristina Valim de Melo (1ª Secretária) e Wagner Rodrigues Silva (2º Secretário), foi eleita em Assembleia realizada durante o 11º CBLA, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, para compor a Diretoria da ALAB durante o biênio 2016-2017.

Após essa breve contextualização das tramas que teceram essas duas gestões da ALAB, dedico as próximas seções para juntar os fios que compuseram nossas (inter)ações político-acadêmicas enquanto linguistas implicados/as com práticas sociais epistemicamente situadas nesse período. Tendo em mente o caráter imbricado de todas as ações narradas, opto por reconstruir as memórias das duas gestões a partir de um recorte temático e não temporal. As duas seções que se seguem têm, portanto, dois focos inter-relacionados: (inter)ações políticas nas duas gestões; eventos/produções acadêmicas. Finalizo o capítulo com uma breve reflexão sobre os desafios epistemológicos enfrentados e aqueles que ainda se colocam no horizonte de uma Associação comprometida com uma linguística socialmente implicada.

Uma linguística aplicada politicamente implicada

Moita Lopes (1996), um dos fundadores e segundo presidente da ALAB (1992-1994), nos lembra que debates em torno da pergunta "*Afinal o que é Linguística Aplicada?*" realizados

em três eventos em 1990: GT de LA da ANPOLL (UFPE), III Simpósio de LA (UFRJ) e I Intercâmbio de Pesquisa em LA (PUC-SP) foram fundamentais para a fundação da ALAB naquele mesmo ano. As respostas de linguistas aplicados/as (Celani, 1992, 1998; Moita Lopes, 1996, 1999; Kleiman, 1998; Signorini, 1998, entre outros), vários deles/as associados/as fundadores/as da ALAB, a esta pergunta três décadas atrás, já refutavam a ideia de que a LA se ocupava da aplicação de teorias linguísticas em contextos diversos. Em oposição à concepção de aplicação, já estava claro ali o caráter implicado das pesquisas realizadas por linguistas aplicados/as, comprometidos/as com a compreensão, análise e eventual transformação dos usos socialmente situados que fazemos da linguagem. Dada à heterogeneidade das práticas discursivas no mundo social, já se vislumbrava também como consenso o caráter transdisciplinar da LA que, ao buscar em outras áreas do saber (educação, psicologia, sociologia, antropologia, filosofia, filosofia da linguagem, análise do discurso, linguística, entre outras) aportes teóricos para compreender e transformar usos situados da linguagem, acaba por ressignificar e redefinir os conceitos utilizados em função da singularidade do objeto investigado.

No século vinte e um, a concepção transdisciplinar de Linguística Aplicada "como uma espécie de interface que avança por zonas fronteiriças" (Signorini, 1998, p. 99-100) é radicalmente aprofundada a partir da ênfase depositada em seu caráter indisciplinar e implicado (Silva; Rajagopalan *et al.*, 2004; Moita Lopes *et al.*, 2006). Linguistas aplicados/as orientados/as por

vertentes indisciplinares, transgressivas ou críticas defendem que a LA deve estar implicada com demandas éticas, engajando-se em questões relacionadas à política, desigualdades sociais e direitos humanos de forma a "*aliviar a dor*" (Pennycook, 2001). A percepção do caráter político da Linguística Aplicada, e, consequentemente, do seu compromisso ético, constituiu um princípio balizador nas duas gestões da ALAB que presidi. Mais do que atuar academicamente na organização de reuniões, eventos, publicações, buscamos ampliar a participação da nossa Associação em debates latentes na sociedade.

Parte considerável dessa participação ocorreu em manifestações exclusivas da Diretoria da ALAB ou conjuntas com outras associações da área de Letras e Linguística acerca de questões políticas e/ou políticas públicas diversas. Como exemplos destaco notas públicas encaminhadas por e-mail e publicadas no site e Facebook da ALAB (ainda não utilizávamos o Instragram!) contra: o processo de impeachment da presidenta Dilma Roussef; a MP 746 do governo de Michel Temer que modifica a LDB instituindo o inglês como única língua de oferta obrigatória nas escolas públicas brasileiras e estabelecendo diretrizes para a Reforma do Ensino Médio; os cortes drásticos nas verbas da Educação, Ciência e Tecnologia perpetrados pelo governo de Michel Temer, assinada em conjunto com a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC).

Ainda em conjunto com a ABRALIN e ABRALIC, a ALAB encaminhou mensagem ao José Mendonça Filho, então ministro

da educação do governo Temer, solicitando a participação das referidas associações na indicação de pesquisadores/as para compor a Comissão Técnica do Programa Nacional do Livro e Material Didático. Embora o Ministério da Educação tivesse consultado várias entidades, especialmente àquelas relacionadas a secretarias municipais e estaduais de educação, associações científicas não foram, inicialmente, incluídas nessa consulta. A carta conjunta da ABRALIN, ABRALIC e ALAB surtiu efeito. Vários dos membros indicados foram selecionados para compor as Comissões Técnicas do PNLD de 2020 (o trabalho dessas comissões junto ao MEC começou no final de 2017), incluindo eu e a Professora Dilma Melo, presidenta e vice-presidenta da ALAB, que atuamos na coordenação do processo de avaliação das coleções de língua inglesa destinadas ao segundo ciclo do ensino fundamental.

Como espaços de representação política, associações científicas não podem (ou não deveriam) ficar encasteladas, dedicando-se exclusivamente aos debates teórico-metodológicos pertinentes à grande área e/ou subáreas que representam. O fato de que decisões macropolíticas afetam políticas públicas destinadas ao desenvolvimento e financiamento da educação, ciências e tecnologia torna premente a participação dessas associações em lutas políticas diversas. Diferentemente das áreas classificadas como "ciências básicas", para a Linguística Aplicada, especialmente em sua vertente indisciplinar, a relação entre política e produção de conhecimento não representa um desvio epistemológico. É, outrossim, condição para compreender e (trans)

formar os usos (e abusos) de recursos semióticos em um mundo em que corpos lidos como não hegemônicos têm suas existências frequentemente ameaçadas. Após o golpe jurídico-parlamentar contra a presidenta Dilma Roussef que culminou na sua deposição e na intensificação de políticas neoliberais no governo de Michel Temer, a percepção de ameaça à ciência e educação era constante, o que uniu diferentes associações científicas na resistência ao desmonte de políticas públicas, que se intensificaria ainda mais no (des)governo de Jair Bolsonaro.

Ainda nessa segunda gestão da ALAB, no curso do processo de impedimento da presidenta Dilma Roussef, fomos convidadas/os a contribuir para a consulta pública da primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nossa então vice-presidenta, Dilma Melo, criou o grupo "ALAB discute: BNCC em foco" no Facebook[2] para que os/as associados/as trouxessem suas contribuições, as quais classificamos tematicamente, organizamos em um documento e entregamos para a equipe responsável pelo componente curricular de língua estrangeira moderna em uma reunião de que participamos em Brasília no início de 2016[3]. Pouco antes de se consumar a deposição de Dilma Roussef, estive mais

2 O grupo "ALAB discute: BNCC em foco" ainda se encontra disponível na rede social Facebook. Endereço: https://www.facebook.com/groups/988205394574176. Acesso em: 12 abr. 2025.

3 Representantes de diversas associações científicas participaram dessa reunião: ALAB, ABRALIN, ABRALIC, BRAZ-TESOL, são algumas de que me lembro. As contribuições dos/as associados/as da ALAB em relação à primeira versão da BNCC não se limitaram ao componente língua estrangeira moderna. Incluíram também língua portuguesa e literatura. Embora a reunião tenha sido com a área de língua estrangeira, as contribuições de outras áreas foram devidamente encaminhadas para os respectivos componentes.

uma vez em Brasília representando a ALAB em uma cerimônia no Ministério da Educação em que o então ministro Aloizio Mercadante entregou a segunda versão da BNCC ao Conselho Nacional de Educação (CNE). Foi uma cerimônia bastante tensa, inflamada, em que os/as professores/as, pesquisadores/as e representantes de entidades diversas presentes entoavam "Não vai ter golpe", "Não vai ter golpe contra a BNCC". Ambos os golpes se consumaram: contra Dilma e contra a BNCC[4].

Em 2010 e 2011 navegávamos por águas mais tranquilas, ainda sob os efeitos dos investimentos em políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da ciência, tecnologia e educação (Pró-Uni, expansão do Fies, ENEM, Reuni, criação do Fundeb, Ciências sem Fronteiras etc.) implementadas pelo Partido dos Trabalhadores nos governos de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Roussef. Por conta dessa percepção de que vivíamos bons tempos, não me lembro de tantas manifestações políticas e/ou notas de repúdio conjuntas neste primeiro biênio em que presidi a ALAB. Nossas atenções estavam mais voltadas para as micropolíticas: retomar a representatividade da Associação,

4 A versão da BNCC entregue ao CNE na referida cerimônia não foi a versão de fato aprovada do documento, que foi significativamente alterado para contemplar as reformas do governo Temer, especialmente as mudanças na LDB instituídas pela MP 746. A instituição da língua inglesa como única língua estrangeira de oferta obrigatória na educação básica eliminou o componente língua estrangeira moderna, que ainda figurava na primeira e segunda versões do documento. Com a substituição do componente por língua inglesa, a equipe responsável pela elaboração das versões iniciais também foi substituída. Em Szundy (2017) discuto como questões relacionadas à linguagem e poder foram apagadas dos componentes curriculares de língua portuguesa e língua inglesa na versão do documento aprovada em abril de 2017.

investir em sua saúde financeira, fazer um grande CBLA e preparar uma candidatura para sediar o Congresso Mundial de Linguística Aplicada no Rio de Janeiro em 2017. Recordo-me, no entanto, de uma celeuma no âmbito macropolítico envolvendo o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Tratou-se da aprovação pelo PNLD de uma obra de língua portuguesa voltada para Educação de Jovens e Adultos que, segundo gramáticos mais tradicionais como Francisco Pasquale e Evanildo Bechara, assassinava a norma padrão da língua ao trabalhar conceitos como variação linguística e preconceito linguístico. O caso teve grande repercussão na grande mídia (ganhou, por exemplo, destaque considerável no Jornal Nacional), que, obviamente, endossou perspectivas da gramática legitimada como padrão. A ALAB foi instada a se manifestar e publicamos uma nota pública no site da Associação que foi, na ocasião, republicada em outros sítios educacionais.

Transcrevo alguns excertos dessa nota abaixo:

> Polêmica em relação a erros gramaticais em livro didático de Língua Portuguesa revela incompreensão da imprensa e população sobre a atuação do estudioso da linguagem
>
> A divulgação da lista de obras aprovadas pelo Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD) para o ensino da língua portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) provocou verdadeira celeuma na imprensa e comunidade acadêmica sobre a aprovação de obras com "erros" de língua portuguesa. Frases como "Nós pega o peixe", "os menino pega o peixe", "*Mas eu posso falar os livro*" e outras que transgridem a norma culta, publicadas no livro *Por uma Vida Melhor*, aprovado pelo PNLD e distribuído em escolas da rede pública pelo MEC, causaram a indignação de jornalistas, professores de língua portuguesa e membros da Academia Brasileira de Letras.

> O grande incômodo, relacionado ao fato de o livro *relativizar* o uso da norma culta, substituindo a concepção de "certo e errado" por "adequado e inadequado", retrata a incompreensão da imprensa e população em relação ao escopo de atuação de pesquisadores que se ocupam em compreender e analisar os usos situados da linguagem.
>
> [...] ao contrário de contribuir para uma agenda partidária de manutenção da ignorância, acusação levianamente imputada ao livro e ao PNLD (e, portanto, aos estudiosos da linguagem), os "erros" em questão, se interpretados contextualizadamente e explorados de forma interessante em sala de aula, contribuem para o desenvolvimento da consciência linguística, mostrando que apesar de todas as variedades serem aceitáveis, o domínio da norma culta é fundamental para efetiva participação nas diversas atividades sociais de mais prestígio.
>
> [...] a Associação de Linguística Aplicada do Brasil expressa seu repúdio à atitude autoritária e uníssona de vários veículos da imprensa em relação à concepção deturpada de "erro" e convida seus membros a se posicionarem nestes veículos de forma mais efetiva e veemente sobre questões relacionadas a ensino de línguas e políticas linguísticas, construindo leituras mais situadas, persuasivas e plurilíngues[5].

Embora o convite de se manifestar que conclui a nota tenha desencadeado respostas de vários/as associados/as, julgo que o debate ficou restrito à comunidade da ALAB, não gerando o efeito desejado de furar a bolha, conforme apontado em crítica realizada por Garcez (2013). Vários dos posicionamentos de associados/as recebidos via e-mail e/ou publicados no site da ALAB apontavam justamente nossa dificuldade enquanto linguistas aplicados/

5 Arquivo pessoal. A nota foi escrita por mim com a contribuição dos demais membros da Diretoria da ALAB no biênio 2010-2011 e reproduzida no site da ALAB em formato de notícia.

as em se comunicar com a população em geral. Apesar da nossa atuação relevante tanto no desenho de livros didáticos quanto na avaliação de recursos didáticos através da participação em políticas públicas como o PNLD, a polêmica em torno do livro "Por uma vida melhor" revelou que não conseguíamos traduzir de forma efetiva o que fazemos para a sociedade. Essa percepção foi fundamental para escolha do tema do IX CBLA: Linguística Aplicada e sociedade, e para a organização de uma coletânea sobre o tema lançada durante o evento.

Revisito os eventos realizados e publicações a eles relacionadas na próxima seção.

A ALAB entrelugares: CRLA, CBLA e AILA RIO 2017

Celani (1992, p. 16) nos lembra que a fundação da ALAB em julho de 1990, "vinte anos após a criação do primeiro programa de pós-graduação em LA do país"[6] indicava "que há um número de pessoas que se reconhecem mutuamente como membros de um mesmo grupo e que há um número de pesquisas que merece reuniões e discussões". Há trinta e cinco anos, os congressos realizados pela ALAB têm constituído espaços efervescentes para reunião de linguistas aplicados/as em interfaces com

6 O Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, criado em 1970, foi o primeiro programa de pós-graduação da área no Brasil. Em 1997, o programa foi renomeado Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Fonte: https://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado/linguistica-aplicada-e-estudos-da-linguagem#historia. Acesso em: 12 abr. 2025.

outros pesquisadores/as das linguagens e das ciências sociais e, consequentemente, para o amadurecimento epistemológico da nossa área. A organização de eventos aconteceu de forma intensa nos dois biênios em que presidi a ALAB. Realizamos quatro Colóquios Regionais de Linguística Aplicada, o IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplica e o 18º Congresso Mundial de Linguística Aplicada.

O Colóquio Regional de Linguística Aplicada (CRLA) foi criado na gestão de 2010 e 2011 com o intuito de apoiar programas de pós-graduação, especialmente em regiões mais distantes, com linhas de pesquisa ainda iniciais no campo da LA e áreas afins. Pensando nos entrelugares dos estudos situados das linguagens, o CRLA tinha como intuito central promover uma maior regionalização da Linguística Aplicada, criando espaços para divulgação de pesquisas realizadas nas e/ou no entorno das universidades parceiras e promovendo, ao mesmo tempo, o intercâmbio com linguistas aplicados/as mais experientes. Dada a minha relação com a Universidade Federal do Acre (UFAC), onde atuei como professora-pesquisadora durante quase quatro anos (2005 a 2009) antes de ingressar na UFRJ em agosto de 2009, o I CRLA foi realizado em Rio Branco, Acre, em setembro de 2010. Ainda no biênio de 2010-2011, sob coordenação de Kléber Aparecido da Silva e Christine Nicolaides, secretário e tesoureira da ALAB, o II CRLA foi realizado em Sinop, Mato Grosso, em parceria com a Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), em outubro de 2011[7]. No biênio de 2016-2017, também realizamos outros dois CRLA: o IV CRLA, em julho de 2016, em Manaus (AM),

7 Um III CRLA foi realizado em Natal no biênio de 2012-2013, presidido pela Professora Christine Nicolaides.

em parceria com a Universidade Federal de Manaus (UFAM); e o V CRLA, em maio de 2017, em parceria com a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), câmpus Guarulhos (SP).

Dado seu caráter regional, os temas desses quatro CRLA foram definidos a partir das áreas e interesses de pesquisa das universidades parceiras. Os temas dos quatros eventos realizados entre 2010-2011 e 2016-2017 foram: Linguagem e práticas identitárias (I CRLA – UFAC/ALAB); Linguagem, ciência e ensino: desafios regionais e globais (II CRLA – UNEMAT/ALAB)[8]; Linguística Aplicada e formação de professores: múltiplas possibilidades para o profissional de línguas (IV CRLA – UFAM/ALAB); Desafios tecnológicos nos estudos linguísticos e literários (V CRLA – UNIFESP-Guarulhos/ALAB). A diversidade temática desses eventos regionais reitera o caráter fronteiriço da LA (Signorini, 1998) e, em certa medida, a capacidade da área de implodir barreiras disciplinares (Moita Lopes, 2006) para compreender e/ou intervir em práticas de linguagem que afetam a vida contemporânea.

Paralelamente aos CRLA, realizamos a nona edição do Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), de 25 a 28 de julho de 2011, no Rio de Janeiro (RJ). A abertura do IX CBLA aconteceu nas dependências da Academia Brasileira de Letras e as demais atividades na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), câmpus da Ilha do Fundão. Essa edição do CBLA contou com cerca de oitocentos participantes, em sua maioria associados/

8 Uma coletânea igualmente intitulada "Linguagem, ciência e ensino: desafios regionais e globais", organizada pelos professores Leandra Ines Seganfredo Santos e Kleber Aparecido da Silva, foi publicada em 2013 pela Editora Pontes reunindo trabalhos apresentados durante o II CRLA.

as da ALAB, além de ouvintes e cerca de trinta participantes estrangeiros/as. Com o tema "Linguística Aplicada e sociedade", o IX CBLA buscou repensar o papel do/a linguista aplicado/a em diferentes domínios discursivos e formas de melhor divulgar o conhecimento construído na área. Foi ainda intenção do evento discutir como pesquisas na área colaboram para a compreensão de problemas sociais diversos. Movidas pela ideia de retomada da representatividade da ALAB, procuramos fazer um grande evento, com muitos convidados/as, o que só foi possível porque, somando-se às taxas de inscrição, conseguimos financiamento de três agências de fomento: FAPERJ, CAPES e CNPq, além de uma considerável ajuda de custo da UFRJ. O IX CBLA contou com quatro conferências (proferidas por Inês Signorini, Claire Kramsch, Pedro Garcez e Barbara Seidlhofer), seis mesas redondas e vinte simpósios convidados.

Após cerimônia e palestra de abertura na Academia Brasileira de Letras, lançamos o livro intitulado "Linguística Aplicada e sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro" (Szundy; Araújo, Nicolaides; Silva, 2011). Conforme relatado em um capítulo que eu e Christine Nicolaides escrevemos em coautoria, apesar de cerca de quarenta linguistas aplicados/as "que atuam nas diversas zonas fronteiriças da LA" terem sido convidados/as para submeter contribuições, os onze capítulos recebidos tinham como foco o cenário educacional (Szundy; Nicolaides, 2013, p. 20). No prefácio do livro, esclareço que isso levou a um redesenho do seu panorama inicial "visto que, ao invés de paisagens da atuação da LA em esferas diversas,

tínhamos cenas heterogêneas de conhecimentos (re)construídos por linguistas aplicados no cenário educacional" (Szundy, 2011, p. 7). É este redesenho que explica o acréscimo do subtítulo "ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro".

Em uma análise detalhada do Caderno de Programação do IX CBLA, Szundy e Nicolaides (2013, p. 21) constataram que "das 794 propostas aprovadas nas modalidades comunicação coordenada, comunicação individual e pôster, o número de estudos que focam em questões acerca da ensinagem de línguas atingem o total de 367 trabalhos, representando 46%[9] do total de trabalhos apresentados". Em gráficos que analisam a distribuição desses trabalhos pelas vinte e cinco linhas temáticas do evento, as autoras demonstram que as pesquisas sobre ensino e aprendizagem apresentadas no IX CBLA abordam temas diversos como aquisição de língua materna/adicional, linguagem e tecnologia, material didático, formação de professores/as, letramentos, multimodalidade, entre muitos outros. Enfatizam ainda a preponderância de apresentações relacionadas ao tema "Linguagem e tecnologias" em esferas educacionais diversas nas modalidades comunicação coordenada e comunicação individual, o que aponta para a relevância já crescente deste tema há mais de uma década. Embora essa análise sinalize a pluralidade de atuação do/a linguista aplicado/a no campo da educação linguística, o fato de que outros 54% dos trabalhos apresentados durante o IX CBLA se debruçaram sobre usos situados das linguagens em outras esferas sociais confirma a premissa de Cook (2003) de que

9 Grifos das autoras.

não há prática de uso situado da linguagem em que o/a linguista aplicado/a não tenha um papel a desempenhar.

A magnitude do IX CBLA e a efervescência das discussões realizadas no evento representaram um cenário fértil para coletar depoimentos e imagens para o vídeo de candidatura da ALAB para sediar a AILA 2017. Uma primeira versão desse vídeo foi apresentada na cerimônia de encerramento do congresso. A possibilidade de realizar o evento mundial de LA pela primeira vez na América Latina foi celebrada com um entusiasmo crítico e com plena consciência da importância e qualidade do conhecimento em LA produzido no Brasil[10]. Antes do IX CBLA, quando consultamos por e-mail vários/as dos/as fundadores/as e/ou ex-presidentes/as da ALAB (Maria Antonieta Alba Celani, Luiz Paulo de Moita Lopes, Marilda Cavalcanti, Inês Signorini, Hilário Bohn, Vilson Leffa, Vera Menezes, Maximina Freire, entre outros/as) sobre a possibilidade de apresentar uma candidatura para sediar a AILA 2017, lembro-me da pronta resposta da Celani: "Acho ótimo, a AILA tem muito a aprender com a Linguística Aplicada brasileira". Essa possibilidade de (des)aprendizagem é igualmente apontada no depoimento de Claire Kramsch, que seria a presidenta da AILA em 2017, para o vídeo da candidatura do Rio:

> Brazil is asking very good questions, very interesting questions of the field of Applied Linguistics that are not asked anywhere

10 Esse entusiasmo crítico pode ser sentido nos depoimentos que gravamos durante o IX CBLA para integrar o vídeo de apresentação da candidatura do Rio para sediar a AILA 2017 em Beijing, China. Ver BID AILA RIO 2017, disponível em https://youtu.be/tx5S9eggCrA?si=VVdt4Bx6yArli4Cs. Acesso em: 12 abr. 2025.

> else. My enthusiasm goes from my many colleagues who are interested, for instance, in asking questions from complexity theory, linking language, culture, identity, literature and politics (Kramsch, 2011)[11].

Munida com um misto de entusiasmo, apreensão e receio do trabalho por vir (que seria maior e, ao mesmo tempo, mais gratificante do que imaginava em 2011), viajei para Beijing, China, em agosto de 2011 para representar a ALAB no Comitê Internacional da AILA, apresentar a candidatura do Rio para sediar a décima oitava edição do Congresso Mundial de Linguística Aplicada e participar do 16º Congresso Mundial. Nos seis anos que se passaram entre a seleção da candidatura do Rio para sediar a AILA Rio 2017 e a realização do congresso em julho de 2017, a coordenação do evento apresentou-me muitas paisagens linguísticas e geográficas no decorrer das atividades requeridas para sua realização. Dentre elas destaco: a organização e realização de uma "Brazilian Night" na AILA 2014 (Brisbane, Austrália) juntamente com meu colega Rodrigo Borba; a participação em reuniões do Comitê Executivo e Internacional da AILA (EBIC) como coordenadora da AILA Rio 2017 em eventos sediados no Rio de Janeiro (10º CBLA), Kagoshima, Japão e Sarajevo, Bósnia e Herzegovina. A AILA Rio 2017, o projeto acadêmico mais desafiador

11 O Brasil está fazendo perguntas muito boas, perguntas muito interessantes no campo da Linguística Aplicada que não são realizadas em nenhum outro lugar. Meu entusiasmo está em muitos dos meus colegas interessados em fazer perguntas alicerçadas na teoria da complexidade, relacionando língua, cultura, identidade, literatura e política (tradução minha). Depoimento de Claire Kramsch no BID AILA RIO 2017, disponível em https://youtu.be/tx5S9eggCrA?si=VVdt4Bx6yArli4Cs. Acesso em: 12 abr. 2024.

que cocoordenei juntamente com meu amigo e então tesoureiro da ALAB, Rogério Tílio, afetou profundamente minhas formas de ver e estar no mundo em relação a outras pessoas e culturas.

Quando recebemos os membros do Comitê Executivo e Internacional da AILA durante o 10º CBLA, em 2013, a ideia era realizar o Congresso Mundial da AILA nas instalações da UFRJ, no campus do Fundão. Havia, na ocasião, a promessa de que o prédio da Faculdade de Educação Física receberia investimentos massivos para se transformar em Centro de Treinamento Olímpico, por conta das Olímpiadas que aconteceriam em 2016 na cidade do Rio de Janeiro. Os jogos olímpicos de fato ocorreram, mas com o impeachment da então presidenta Dilma Roussef e a consequente ascensão de Michel Temer à presidência, os investimentos prometidos não apenas viraram palavras ao vento, como os recursos destinados ao financiamento das universidades federais caíram drasticamente. Com a falta de instalações adequadas para um evento tão grande na UFRJ, o jeito foi procurar um outro local. Não obstante todos os desafios, a AILA Rio 2017 aconteceu nas instalações do Windsor Barra Hotel e Centro de Convenções, de 23 a 28 de julho de 2017.

Conforme mencionei na minha fala durante a Cerimônia de Abertura, a esperança de realizar a AILA Rio 2017 foi compartilhada por muitas vozes e corpos que trabalharam arduamente para que o congresso se materializasse. Eu, Rogério Tílio e Glenda Melo, presidenta, tesoureiro e secretária da ALAB, contamos com a colaboração dos nossos colegas de gestão Dilma Melo (vice-presidenta) e Wagner Rodrigues Silva (secretário), de muitos

de nossos colegas do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada e/ou do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da UFRJ, de mais de uma centena de linguistas aplicados/as ao redor do mundo que avaliaram as mais de 2500 propostas de trabalhos recebidas, de cerca de 100 monitores/as da graduação que trabalharam durante o evento e de duas firmas especializadas na organização de grandes eventos: Interevent e Compass Brazil.

Os números da AILA foram substantivos, tanto financeira quanto academicamente. Em termos financeiros, o congresso teve um custo total de cerca de um milhão e quatrocentos mil reais e recebemos quinhentos e trinta mil reais de fomento público da CAPES e do CNPq através de três editais. Academicamente, contou com cerca de 1700 participantes, sendo 1500 apresentações de trabalhos de linguistas aplicados/as de 60 países distintos. As apresentações desses/as pesquisadores/as foram distribuídas em 30 linhas temáticas e apresentadas em inglês, português e/ou espanhol, as três línguas oficiais da AILA Rio 2017.

O programa do Congresso, instigante e heterogêneo, foi composto por 06 sessões plenárias, 19 simpósios convidados, 19 redes de pesquisa da AILA, 85 simpósios, 16 workshops de pesquisa, cerca de 900 comunicações individuais e 30 pôsteres, proporcionando oportunidades relevantes para (re)pensar práticas no campo da Linguística Aplicada e ampliar redes e trocas acadêmicas. O tema "Inovações e desafios epistemológicos na Linguística Aplicada" fomentou discussões acerca de agendas de pesquisa inovadoras para endereçar práticas sociais e sobre como tais agendas desafiam as formas como compreendemos,

produzimos e transformamos conhecimento na área. Vídeos das seis plenárias, das Cerimônias de Abertura e Encerramento e de algumas atividades culturais estão disponíveis no Canal do YouTube AILA2017 Brazil[12].

Dois anos após a realização da AILA Rio 2017 publicamos a coletânea "Inovações e desafios epistemológicos em Linguística Aplicada: perspectivas sul-americanas" (Szundy; Tilio; Melo, 2019). O livro é composto por doze capítulos, em português e espanhol, que trazem diferentes trabalhos apresentados por linguistas aplicados/as latino-americanos no congresso. Lançada durante o 12º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, realizado em Vitória, ES, sob a coordenação da Professora Kyria Finardi, a coletânea ressalta as contribuições de pesquisadores/as latino-americanos/as para as inovações epistemológicas no campo da Linguística Aplicada valorizando as múltiplas vozes do sul em processos de produção de conhecimentos socialmente engajados e politicamente situados na área.

Diferentemente do que se observa na coletânea "Linguística Aplicada e sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro" (Szundy *et al.*, 2011), os capítulos que integram esta segunda coletânea trazem paisagens mais amplas acerca dos significados situados de discursos que circulam em esferas sociais diversas, sem deixar de incluir as práticas discursivas do campo educacional, as quais sempre foram caras a uma linguística aplicada socialmente implicada. Os doze capítulos do

12 CANAL AILA2017 Brazil - https://youtu.be/xBoq4cNpVoA?si=DU6wp5ERbvEU1Kll. Acesso em: 12 abr. 2024. O vídeo #AILA207 Unforgettable Moments traz um compilado de fotos de momentos memoráveis do evento.

livro discutem questões como o status da Linguística Aplicada no Uruguai, culturas de publicação e pesquisa em LA no Brasil e processos de (des/re)construção de significados em esferas sociais brasileiras diversas, incluindo favelas cariocas, contextos jurídicos, esferas midiáticas e esferas político-educacionais.

Os (re)posicionamentos teórico-metodológicos observados em eventos como CRLA, CBLA, AILA Rio 2017 e em publicações deles decorrentes indicam a renovação epistemológica permanente que caracteriza as pesquisas realizadas pelos/as linguistas aplicados/as brasileiros/as. Retratam ainda processos constantes de (des/re)construção de conhecimentos decorrentes de atravessamentos entre áreas, pessoas e espaços-tempos, com impactos regionais, nacionais e/ou internacionais. Como as inquietações epistêmicas de pesquisadoras/es que se associam ao campo da LA seguem orientando suas (inter)ações com recursos semióticos diversos no mundo social, concluo esse capítulo com uma breve reflexão sobre desafios epistemológicos que podem (ou devem) nos inquietar como linguistas implicados/as com futuros mais éticos.

Implicações presentes e futuras

A capacidade de se reinventar em face das singularidades das práticas discursivas estudadas já era apontada como característica própria da LA quando a ALAB foi fundada em 1990. Os debates em torno da pergunta "Afinal o que é Linguística Aplicada?" enfatizavam que o papel do/a linguista aplicado/a

estava relacionado a compreensão e possível intervenção em problemas de usos da linguagem. Com a publicação da obra "Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar" (Moita Lopes *et al*., 2006), a possibilidade de compreender sem transformar realidades (des/re)construídas por discursos que frequentemente excluem e causam dor passa a ser problematizada sob os vieses da indisciplina (Moita Lopes, 2006), desaprendizagem (Fabrício, 2006) e/ou transgressão (Pennycook, 2006). As (inter)ações que marcaram os dois biênios de que participei da Diretoria da ALAB como presidenta foram influenciadas por uma perspectiva de LA pouco afeita a qualquer distanciamento e/ou neutralidade. Seja nas diversas manifestações políticas, nas seleções de temas/linhas temáticas de eventos e/ou nas publicações, priorizamos uma postura implicada e eticamente comprometida com problemas sociais prementes.

No prefácio da coletânea que reúne trabalhos de linguistas aplicados/as latino-americanos/as apresentados na AILA Rio 2017 enfatizamos esse compromisso ético e esboçamos os desafios futuros que se colocam para uma LA socialmente implicada:

> [...] O fato de muitos(as) linguistas aplicados(as) ao redor do mundo voltarem suas pesquisas para as vozes do Sul, para os contradiscursos que se colocam como alternativas a discursos hegemônicos confirma a premissa de Paulo Freire de que a esperança constitui um componente fundamental em qualquer pedagogia e/ou projeto. Só através dessa esperança que nos engaja em outras (inter)ações possíveis é que podemos redesenhar rotas epistemológicas mais éticas para compreender e transformar os usos situados de recursos semióticos no mundo social. Este redesenho é o grande desafio que se impõe a uma linguística implicada em aliviar a dor e o sofrimento (Szundy; Tilio; Melo, 2019, p. 16).

Gestões mais recentes da ALAB parecem ter investido de forma mais maciça nesse redesenho epistemológico. A gestão presidida por Claudiana Alencar (2020-2022) lançou mão das novas tecnologias, especialmente, das redes sociais e de sistemas de transmissão de conferências para fomentar debates socialmente relevantes sobre os usos (e abusos) das linguagens durante a pandemia de Covid-19, (re)criando espaços-tempos de esperança e resistência em meio ao medo, amplificado ainda mais no Brasil por conta de um (des)governo que se aliou à necropolítica. Essas práticas seguem com a gestão atual, presidida por Doris Matos (2023-2025). Apesar da aposta na superficialidade, na espetacularização da vida e no engajamento pelo ódio que caracterizam as interações algoritmicamente definidas nas redes sociais, uma presença mais efetiva da ALAB nessas redes é fundamental não só para ampliar o senso de comunidade e representatividade entre seus/suas associados/as, mas para comunicar para a sociedade como um todo o que nós linguistas aplicados/as fazemos com as linguagens.

Olhando prospectivamente para a ALAB, parece-me que a nossa Associação seguirá criando espaços de esperança política eticamente comprometidos com os efeitos da circulação e distribuição de discursos no mundo social. Esse compromisso político-ético está refratado no tema escolhido para o 14º CBLA: Linguagens, territórios e corpos em movimentos, a ser realizado na Universidade Federal de Sergipe (UFS) em julho de 2025. Ao dar destaque às práticas discursivas de corpos não hegemônicos e

focar na (des)aprendizagem da lógica colonial[13], o tema escolhido reafirma a implicação dos/as linguistas aplicadas representados/as pela ALAB com o (re)desenho epistêmico da LA para dar conta da complexidade dos recursos semióticos que forjam as experiências sociais na contemporaneidade.

Referências

BAKTHIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Organização por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – CEGE/UFsCar. Trad. por Valdemir Miotello; Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920-24].

CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Lingüística Aplicada? *In:* ZANOTTO DE PASCHOAL, M. (org.) **Lingüística Aplicada**: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar. Educ, 1992. p. 15-23.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada no Brasil. *In:* SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (org.) **Lingüística Aplicada e Trandisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998/2004. p. 129-142.

COOK, G. **Applied Linguistics**. Oxford University Press, 2003.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. *In:* MOITA LOPES, L. P.

13 Informações disponíveis em https://alab.org.br/cbla-atual. Acesso em: 12 abr. 2025.

(org.). **Por uma Linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.

GARCEZ, P. M. Observatório de políticas linguísticas no Brasil: metas para a Linguística Aplicada. *In:* NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A.; TILIO, R.; ROCHA, C. H. (org.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes, 2013. p. 79-92.

KLEIMAN, A. O estatuto disciplinar da Lingüística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. *In:* SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C (org.). **Lingüística Aplicada e Trandisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998/2004. p. 51-77.

MELO NETO, J. C. **Obra completa**: volume único. org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES, L. P. Fotografias da Linguística Aplicada no campo de línguas estrangeiras no Brasil. **Documentos de Estudo em Linguística Teórica e Aplicada** – D.E.L.T.A, v. 15, n. Especial, p. 419-435, 1999.

MOITA LOPES, L. P (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa.

In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-107.

PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics**. Erlbaum, 2001.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto a pesquisa em Lingüística Aplicada. *In:* SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. **Lingüística Aplicada e trandisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998/2004. p. 99-110.

SILVA, F. L; RAJAGOPALAN, K. (org.). **A linguística que nos faz falhar**. São Paulo: Parábola, 2004.

SZUNDY, P. T. C.; ARAÚJO, J. C.; NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A. (org.). **Linguística Aplicada e sociedade**: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro. Campinas: Pontes Editores, 2011.

SZUNDY, P. T. C. A base nacional comum curricular: implicações para a formação de professores/as de línguas(gens). *In*: MATEUS, E.; TONELLI, J. R. A. **Diálogos (im)pertinentes entre formação de professores e aprendizagem de línguas**. São Paulo: Blucher, 2017, p. 77-98. *E-book*.

SZUNDY, P. T. C. Prefácio. SZUNDY, P. T. C.; ARAÚJO, J. C.; NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A. (org.). **Linguística Aplicada e**

sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro. Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 7-9.

SZUNDY, P. T. C.; TILIO, R.; MELO, G. C. V. (org.). **Inovações e desafios epistemológicos em Linguística Aplicada**: perspectivas sul-americanas. Campinas: Pontes Editores, 2019.

SZUNDY, P. T. C.; TILIO, R.; MELO, G. C. V. Apresentação. *In*: SZUNDY, P. T. C.; TILIO, R.; MELO, G. C. V. (org.). **Inovações e desafios epistemológicos em Linguística Aplicada**: perspectivas sul-americanas. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 7-17.

VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológica na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

CAPÍTULO

8

POLÍTICA E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NA GESTÃO DA ALAB

Christine Siqueira Nicolaides
Rogério Casanovas Tilio
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Gestão ALAB 2012-2013

Os autores deste capítulo foram parte da gestão da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) entre os anos de 2012-2013 como presidente e tesoureiro, respectivamente. Neste texto, nos desafiamos a narrar aquilo que de alguma forma pensamos ter sido nossa contribuição para área de Linguística Aplicada (LA). Iniciamos com duas narrativas pessoais sobre como a LA, em uma perspectiva Spinoziana, nos afetou inicialmente:

> Tenho a memória vívida da primeira vez que participei do XII CBLA, em 1997, quando meu querido orientador, Prof. Dr. Hilário Bohn, era então presidente da ALAB. Logo que minha colega Vera Fernandes e eu chegamos na UFSC para apresentar trabalhos resultantes das recentes defesas no Programa de

Mestrado da Universidade Católica de Pelotas encontramos Hilário, vestido em um lindo terno de linho marrom e um tanto nervoso com a abertura do congresso que aconteceria à noite, mas ao mesmo tempo orgulhoso de ver suas orientandas. Hoje, relembrando o que entendia por LA, vejo que era ainda uma ingênua visão de que havia na literatura, em especial, relativo a questões de sala de aula, no meu caso, em contextos de ensino de inglês como língua estrangeira. Visões de Krashen e outras tantas teorias subjacentes à aquisição de linguagem, guiavam nossas análises, em que tentávamos incessantemente encontrar soluções práticas e muitas vezes impessoais para resolver desafios da sala de aula. Qual minha surpresa que, ao longo das décadas seguintes, a LA transporia para muito além de minha inocente visão. Christine Nicolaides

Até hoje me lembro do primeiro CBLA de que participei. Eu era aluno de mestrado e submeti dois trabalhos ao VI CBLA, que ocorreu na UFMG em outubro de 2001. Tudo naquele evento me fascinou. Eu já havia participado de duas edições do INPLA (Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada), na PUC/SP, e adorava, mas a grandiosidade daquele CBLA era uma novidade para mim: duração do evento, número de participantes, de trabalhos, de plenárias... Um dos trabalhos que apresentei era um recorte da minha dissertação, que estava pronta desde junho, aguardando apenas o fim de uma greve (iniciada em maio) para ser defendida. O outro trabalho foi a monografia que apresentei ao final da primeira disciplina que cursei no mestrado. Gostei tanto do trabalho que pretendia desenvolvê-lo no doutorado; resolvi, então, apresentá-lo também. Durante a apresentação, a professora Maria José Coracini, que estava na plateia, fez elogios ao trabalho (ou pelo menos foi como aquele mestrando de 28 anos interpretou os comentários daquela professora que conhecia apenas de textos) que apenas reforçaram meu desejo de seguir com ele para um doutorado. Nunca poderia imaginar que 10 anos depois, em 2011, eu estaria participando ativamente da organização do IX CBLA, e continuaria participando nas três edições seguintes, como membro da diretoria. Rogério Tilio

Assim começa nossa história como linguistas aplicados, assim como a de tantos outros, com as quais esperamos que os leitores de alguma forma se identifiquem. Começos talvez um tanto pueris, mas importantes para o amadurecimento do que entendemos por sua concepção.

Introdução[1]

Em 2012, quando assumimos a diretoria da ALAB, tínhamos a percepção de que, embora esta se preocupasse com o tema políticas linguísticas desde o início da década de noventa, a classe de linguistas aplicados ainda tratava o assunto de forma bastante tímida, muitas vezes não dando o espaço devido para a sua ampliação no que tange a novos fóruns de discussão e para a própria pesquisa na área. Durante as décadas de 1990 e 2000, a ALAB organizou oito edições de seu principal congresso, o Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA) e três edições do Encontro Nacional de Políticas de Ensino de Línguas (ENPLE). Embora possa parecer importante ter um evento dedicado a tratar do tema, note-se que contou com poucas edições se comparado ao CBLA. Além disso, não gozava da mesma popularidade deste, falhando em congregar um grande número de linguistas aplicados que tocasse a discussão.

Diante disso, ao planejarmos o 10º CBLA, em 2013, pensamos no tema "Política e políticas linguísticas". Ao tentar

1 Algumas passagens desse capítulo apareceram anteriormente em Nicolaides et al (2013).

trazer o tema para um fórum maior, como o CBLA, buscávamos não apenas chamar a atenção para o tema, mas também evitar uma profusão de eventos – o que acaba por esvaziá-los. Seria muita arrogância da nossa parte dizer que o fortalecimento do tema na área visto nos anos subsequentes foi consequência desse CBLA, mas podemos dizer que alguns passos importantes foram dados ali. Como assegurava o título do evento, "Política e políticas linguísticas", este buscou expandir o tema de políticas de ensino de línguas para algo mais amplo, como políticas linguísticas, e sua relação com a política como um todo.

Com este capítulo, pretendemos fazer um breve relato daquilo que consideramos ser a contribuição da nossa gestão para a Linguística Aplicada. Começamos discutindo brevemente os termos 'política' e 'políticas linguísticas', da forma como aqui o entendemos. Em seguida, fazemos um breve histórico da ALAB, colocando-a aqui como protagonista de políticas de ensino de línguas no país - considerando que, à época, a Linguística Aplicada ainda estava muito voltada para questões de ensino e aprendizagem de línguas. Na seção seguinte, discorremos sobre os documentos oficiais como orientações para as políticas de ensino implementadas no contexto educacional brasileiro e o nosso posicionamento à época, como membros da diretoria da ALAB, em relação a essas diretrizes – incluindo o papel da ALAB na implementação de novas políticas no sentido de aprimorar o ensino do inglês na rede pública, com interlocuções junto ao Ministério da Educação (MEC) nos anos de 2012 e 2013. Finalmente, encerramos

o capítulo com uma reflexão sobre os rumos que a Linguística Aplicada vem tomando desde então.

O tema políticas linguísticas não é novo, mesmo no contexto brasileiro. Como veremos ao longo deste texto, a própria ALAB já se preocupa com esse relevante assunto desde o início da década de noventa. No entanto, parece-nos que a classe de linguistas aplicados ainda trata o assunto de forma tímida, muitas vezes não dando o espaço devido para a sua ampliação no que tange a novos fóruns de discussão e para a própria pesquisa na área. Assim, é objetivo deste capítulo consiste em abordar o tema políticas linguísticas e o papel que a ALAB vem desempenhando em relação ao assunto.

Política e políticas linguísticas

Alinhados com Paulo Freire, entendemos que a educação é política. Ela é política porque não é neutra. Cada política educacional pressupõe algum projeto de sociedade – que estabelece prioridades, difunde naturalizações, favorece alguns, exclui outros etc. Embora esta concepção de política não se restrinja ao imaginário do senso comum de política partidária, ela o pressupõe, pois são os políticos eleitos que dão encaminhamentos a políticas educacionais e linguísticas. Associações como a ALAB têm a função de buscar caminhos de serem ouvidas por esses políticos, uma vez que nós, os estudiosos da linguagem, temos relevantes contribuições a compartilhar sobre políticas linguísticas.

Focamos aqui nas políticas linguísticas justamente por ser a linguagem o escopo de atuação da ALAB. Convidamos, então, o leitor a refletir, a partir de Rajagopalan (2008) sobre o que é política linguística, e o que, afinal, nós, linguistas aplicados, temos a ver com o tema.

> Acredito que até hoje a Linguística tem dificuldade em aceitar a questão de política linguística como algo digno de ser pensado, muito menos incorporado à disciplina como assunto que merece destaque. Essa dificuldade não é nem momentânea nem fortuita. Há uma incompatibilidade radical entre a ciência da linguagem – a Linguística – e questão de política linguística (Rajagopalan, 2004). A primeira sempre alardeou sua suposta neutralidade política, ao passo que a segunda assume, em sua própria nomenclatura, seu caráter político. A primeira sempre fez questão de frisar o caráter descritivo de suas investigações, enquanto que a segunda é escancaradamente prescritiva e interventora. A primeira concentra seus esforços quase exclusivamente no oral, ao passo que a segunda se dirige à escrita, reconhecendo que qualquer repercussão na forma oral da língua ocorre como consequência (Rajagopalan, 2008, p. 135).

Como bem colocado pelo autor, a ideia de 'neutralidade política' demonstra uma atitude mais cômoda por parte dos linguistas - e aqui podemos estender também aos linguistas aplicados. Felizmente, desde então, os caminhos da LA vêm tomando outros rumos. Hoje facilmente encontramos pesquisadores da área engajados nas mais diversas faces de uma política inclusiva e focada em contextos discursivos situados que muitas vezes pregam o enaltecimento das classes economicamente privilegiadas, e sobretudo, das identidades hegemônicas: homem, branco, cis, identificado como heterossexual, que se diz cristão,

de classe média e assim por diante, no lugar de indivíduos pertencentes a grupos diferentes destes.

Entendemos que políticas linguísticas devem tratar de questões referentes a direitos linguísticos, sobretudo de línguas minoritárias como as de indígenas, de imigrantes e a própria Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Segundo Altenhofen (2004, p. 89), especificamente sobre políticas linguísticas de línguas minoritárias,

> [...] boa parte do êxito da aplicação de medidas de política linguística que promovam os direitos linguísticos das minorias bilíngues depende da compreensão do que efetivamente possa motivar as micro-decisões de cunho político empreendidas pelos membros das comunidades, e que compreendem valores, ideologias, mitos, "ressentimentos", concepções e preconceitos linguísticos presentes na interação diária entre os grupos sociais e os falantes das diversas línguas e variedades em contato. Por exemplo, o currículo da escola, o tipo de material didático utilizado e as práticas didáticas do professor refletem de certo modo a visão desses aspectos (Altenhofen, 2004, p. 89).

Podemos depreender das palavras de Altenhofen (2004) como questões sobre direitos linguísticos estão imbricadas nas questões de políticas linguísticas e educacionais. Se defendemos uma Linguística Aplicada indisciplinar (Moita Lopes, 2006), transgressiva (Pennycook, 2006) e crítica (Pennycook, 2021), que preconiza a compreensão de contextos discursivos que levem ao alívio do sofrimento humano (Moita Lopes, 2009), é papel do linguista aplicado, sim, interferir, opinar e agir diretamente em políticas linguísticas, desde as que dizem respeito a políticas linguísticas para a preservação e/ou reconhecimento de línguas minoritárias até as políticas de ensino de línguas adicionais.

Embora a LA seja concebida atualmente "como uma área autônoma que estabelece diálogos transdisciplinares com estas e outras áreas em processos de compreensão e transformação de contextos situados de usos da linguagem" (Nicolaides; Szundy, 2013), a discussão sobre ensino de línguas ainda domina muitos fóruns da LA. Por esse motivo, tomamos como objetivo aqui percorrer alguns dos caminhos trilhados pela ALAB no campo das políticas linguísticas de ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro. Esses contextos, segundo Nicolaides e Szundy (2013), podem, por sua vez,

> [...] incluir tanto contextos de ensinagem, como, por exemplo, a sala de aula, a formação inicial ou continuada do professor, quanto às inúmeras situações em que a linguagem é utilizada e transformada em processos de interações sociais. Entendemos a LA ainda como transdisciplinar, não no sentido de dar conta de vários campos do conhecimento, mas como área que permeia por várias outras, em especial, por tratar de questões que concernem à linguagem como prática social (Nicolaides; Szundy, 2013, p. 16).

Para que possamos compreender melhor como a ALAB tem contribuído na temática política de ensino de línguas, cabe aqui um breve histórico.

ALAB e políticas linguísticas

Especificamente em relação ao tópico políticas linguísticas e ensino de línguas, a ALAB, em 1996, promoveu o I Encontro Nacional de Política de Ensino de Línguas (I ENPLE). Deste

encontro resultou a "Carta de Florianópolis"[2], que propõe um plano emergencial para o ensino de línguas no país. A primeira afirmação do documento destaca que "todo brasileiro tem direito à plena cidadania, a qual, no mundo globalizado e poliglota de hoje, inclui a aprendizagem de línguas estrangeiras". Baseada nesta declaração, a carta propõe "que seja elaborado um plano emergencial de ação para garantir ao aluno o acesso ao estudo de línguas estrangeiras, proporcionado através de um ensino eficiente". O documento defende que a aprendizagem de línguas não visa a objetivos instrumentais, mas faz parte da formação integral do aluno.

O evento teve sua segunda edição em Pelotas (RS), realizado na Universidade Católica de Pelotas (UCPel), em 2000. Os participantes do II ENPLE, considerando que "todo cidadão brasileiro tem direito de ser preparado para o mundo multicultural e plurilíngue por meio da aprendizagem de línguas estrangeiras", propõem, então, que "sejam elaborados planos de ação para garantir ao aluno o acesso ao estudo de línguas estrangeiras, proporcionado através de um ensino de qualidade"[3], fazendo parte do pleito da "Carta de Pelotas".

Em 2009, ocorreu, então, o III Encontro Nacional sobre Políticas de Língua(s) e Ensino: Avaliando Políticas Linguísticas para um Mundo Plural, em Brasília, não gerando, no entanto, uma carta como nos outros dois encontros.

2 Publicada como anexo ao final de Nicolaides et al. (2013).
3 Publicada como anexo ao final de Nicolaides et al. (2013).

Finalmente, em 2013, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), temos a realização do 10º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (10º CBLA) cujo tema é exatamente "Política e Políticas Linguísticas". Embora o escopo do nosso capítulo se restrinja à gestão 2012-2013, não podemos deixar de mencionar o 11º CBLA, que ocorreu em Campo Grande (MS) em 2015, com um forte apelo à valorização das línguas da fronteira. Igualmente importante em termos políticos para a classe de linguistas aplicados é a conquista da gestão anterior (2010-2011), sob presidência de Paula Szundy (UFRJ/CNPq), do direito à realização do *18th AILA World Congress Rio 2017*, pela primeira vez no Brasil e na América Latina – mais especificamente, no Rio de Janeiro. O evento foi considerado um grande sucesso e reforçou o papel protagonista do Brasil no circuito mundial da LA.

Por fim, destacamos a participação da ALAB, durante os anos de nossa gestão, 2012 e 2013, em interlocuções junto à Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC), na tentativa de implementar um Programa Nacional de Formação Continuada de Professores de Línguas Adicionais para professores da rede pública.

Em dezembro de 2011, a Profa. Solange Vereza (UFF), uma das coordenadoras do PNLD-Inglês 2012, foi convidada para falar em nome da classe de professores de inglês na oficina "Ensino de Língua Estrangeira: concepções, princípios e diretrizes para a implantação do Ensino de Língua Estrangeira", promovida pela Diretoria de Currículos e Educação Integral da SEB/MEC, para discutir a oferta de Ensino de Língua Estrangeira (Inglês) nas

escolas públicas do Brasil. Ao ser convidada, Vereza apontou a necessidade de participação de outros especialistas nessa discussão. Assim, sugeriu que também fossem convidados a presidenta da ALAB (Profa. Christine Nicolaides) e outros professores de diferentes universidades do país com tradição de pesquisa e projetos na área de ensino de línguas estrangeiras. Além destes, estavam sendo convidados também representantes de entidades como o Conselho Britânico e a Embaixada dos Estados Unidos, além de pelo menos dois cursos privados de línguas e algumas secretarias de educação municipais e estaduais. A oficina aconteceu em 26 de março de 2012.

No dia 10 de abril do mesmo ano, a ALAB enviou ao MEC uma solicitação de reunião técnica, tendo sido contatada para esse agendamento em 17 de abril. A reunião aconteceu no dia 2 de maio, com a presença dos professores Christine Nicolaides e Rogério Tilio, representando a diretoria da ALAB (respectivamente, presidente e tesoureiro), que expuseram, de forma propositiva, conforme enfatizado pelo MEC, um Programa Nacional de Formação Continuada de Professores.

Outras reuniões se seguiram a esta, acrescidas da presença de novos professores convidados por parte do MEC. Este grupo de trabalho, chamado pelo MEC de GT Assessor, passou a ser integrado pelos professores Christine Nicolaides (UFRJ/ALAB), José Carlos Almeida Filho (UnB), Parmênio Citó (UFRR), Rogério Tilio (UFRJ), Ruberval Maciel (UEMS), Telma Gimenez (UEL), Vanderlei Zacchi (UFS), Vera Menezes (UFMG) e Walkyria Monte-Mór (USP). A expectativa do MEC era de que dessas reuniões

saísse uma proposta não só para uma Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Inglês, mas também que fosse discutido, em linhas gerais, o que se entende por aprender uma língua estrangeira/adicional no ensino básico de uma escola pública brasileira. Assim, entre os objetivos da futura Rede estavam:

- possibilitar reflexões sobre o ensino de línguas no Brasil e o papel das universidades no que se refere à formação inicial e continuada de professores;
- formalizar a constituição de uma rede nacional de universidades públicas que desenvolverão ações coordenadas para a formação de professores e ampliação de oportunidades de aprendizagem por parte dos alunos;
- sugerir a estrutura da rede e seu modo de atuação, com sugestões para ações imediatas e a longo prazo;
- elaborar proposta de formação continuada para professores de língua inglesa atuantes nos programas Mais Educação e Ensino Médio Inovador, com vistas à melhoria dos processos de aprendizagem em contexto escolar, propondo soluções para os problemas detectados (exclusão social, baixo IDEB etc.).

Com base em um modelo de projeto básico elaborado pelo GT Assessor, seguindo diretrizes do MEC, representantes de universidades públicas de cada unidade da federação poderiam elaborar seus projetos de formação continuada, de forma a atender

às suas necessidades locais. A ideia era mais tarde expandir para incluir também a atuação de universidades estaduais.

Infelizmente, o projeto não foi adiante. Poucas universidades conseguiram implementar seus projetos, dadas as dificuldades institucionais e locais. Como o MEC almejava um alcance de grande escala, atendendo a milhares de professores em um curtíssimo espaço de tempo, e preferencialmente com ensino à distância (o que era praticamente inimaginável antes da pandemia de Covid-19; na verdade, ainda hoje questionamos se uma ação dessa magnitude funcionaria de forma 100% online). Por outro lado, cabe salientar que parte desse grupo de professores pesquisadores acabaram por auxiliar, mais adiante, no bem-sucedido Programa Idiomas sem Fronteiras[4], implementado em 2014.

Um produto colateral das primeiras reuniões foi a elaboração de um abaixo-assinado, "A língua em que as questões de LE no ENEM devem ser elaboradas"[5], que contou com 504 assinaturas[6]. O abaixo-assinado foi uma iniciativa das diretorias da ALAB e da Associação Brasileira de Professores Universitário de Língua Inglesa (ABRAPUI), solicitando às autoridades competentes que as questões de língua estrangeira do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) sejam elaboradas na língua-alvo. Consideramos

4 Disponível em: https://isf.mec.gov.br/images/2016/janeiro/Portaria_30_IdiomassemFronteiras_2016.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

5 Disponível em: tttp://www.peticaopublica.com.br/PeticaoListaSignatarios.aspx?pi=P2012N26246. Acesso em: 16 abr. 2025.

6 Número de assinaturas registradas em 18/05/2013.

incoerente testar conhecimentos de uma língua apenas na língua materna, como é o caso atualmente do ENEM.

É verdade que esse tipo de intervenção, no topo da pirâmide, não seria a política ideal, e certamente causaria um impacto no primeiro momento, se feita de forma abrupta, em que todas as questões fossem feitas repentina e totalmente na língua adicional. Acreditávamos que o ideal seria começar um trabalho de formação de professores na base, como o que a ALAB e o GT Assessor do MEC propuseram, mas isso leva tempo. Sem querer substituir esse trabalho – tão necessário, sim, e pelo qual a ALAB vinha lutando – paralelamente é possível trabalhar com políticas que visem a um efeito retroativo (como PNLD, ENEM e ENADE[7], por exemplo), pois exigências no final do processo inevitavelmente fazem com que professores busquem alternativas em suas aulas para dar conta de alcançar determinados objetivos (Tilio, 2014).

Chamamos a atenção para o fato de que a ALAB entendia que o momento político e econômico do país era propício a mudanças no contexto educacional. No entanto, talvez tenha faltado fôlego por parte de pesquisadores e professores formadores para auxiliar o MEC nesta desafiadora empreitada de preparar, a médio e longo prazo, membros competentes de sua própria e para outras comunidades de prática – cidadãos críticos e reflexivos sobre sua realidade com capacidade para realizarem grandes transformações sociais em nosso país.

7 Plano Nacional do Livro Didático, Exame Nacional do Ensino Médio e Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes, respectivamente.

Considerações finais

Como docentes e pesquisadores na área de Linguística Aplicada, reconhecemos os esforços por parte das instituições federais, e até mesmo por parte do governo, no sentido de implementar políticas linguísticas, sobretudo de ensino de línguas. Por outro lado, nos atrevemos a afirmar também que as ações ainda são tímidas e a questão da internacionalização das universidades, por exemplo, merece maior espaço dentro do âmbito acadêmico, se almejamos de fato políticas linguísticas que saiam do papel e beneficiem a grande massa intelectual do país.

Ainda como defensores de uma Linguística Aplicada Crítica, como expomos no início deste trabalho, em que os caminhos da área devem ser no sentido de compreender quais são as demandas sociais e de que forma podemos atendê-las, precisamos ampliar as discussões sobre políticas linguísticas. Dentro do limite de espaço deste texto, procuramos fazer algumas reflexões, bem como descrever algumas ações que a ALAB protagonizou, em nossa gestão, acerca de políticas linguísticas no ensino de línguas no Brasil. Como professores e pesquisadores de LA, nessa área, nossos caminhos acabaram também por aí seguindo, ao mesmo tempo em que participamos da gestão da ALAB no biênio 2012-2013. Todavia, temos consciência de que o mesmo deve e precisa ser feito em todos os contextos de educação linguística, fazendo-se necessário endereçarmos perguntas como: *que língua queremos ensinar/aprender? Com que propósito?* E,

principalmente, *a quem estamos servindo quando ensinamos essas línguas?*

Passados doze anos de nossa gestão, há que se dizer que, por um lado, muitos avanços foram feitos. Temos hoje um corpo de pesquisa consolidado na área de LA, altamente engajado em questões que atingem diretamente a vida do cidadão, em especial, os menos favorecidos. Menos favorecidos em um ou mais aspectos de vida como identidade de gênero, raça, nível socioeconômico e educacional, entre outros. Por outro, infelizmente, temos o surgimento de políticas de extrema direita, em diferentes partes do mundo, em que seres humanos são somente valorizados se participarem de uma elite branca, hétero, essencialmente masculina, economicamente empoderada, cristã etc estão se tornando parte de nosso cotidiano. A exemplo disso, temos a possível e provável extinção do departamento de educação nos EUA com o intuito de diminuir as despesas governamentais[8]. Essa somente uma ação, entre tantas outras, no sentido de desmantelar a educação, relegá-la a um plano menos ou nada importante, como se não houvesse a necessidade de especialistas para liderá-la. Assim, para encerrar nosso breve relato relembramos aqui as palavras de Paulo Freire (1986) de que "Além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político. É por isso que não há pedagogia neutra". É preciso persistir, é preciso perseguir, é preciso resistir até nossas vozes sejam ouvidas!

8 Disponível em: https://www.forbes.com/sites/shaharziv/2025/03/05/trump-will-eliminate-education-department-leaked-memo-draft-confirms/. Acesso em: 16 abr. 2025.

Referências

ALTENHOFEN, C. V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**, v. 2, n. 1(3), p. 83-93. 2004. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41678200. Acesso em: 16 abr. 2025.

CLARK, H. H. O uso da linguagem. **Cadernos de Tradução**, n. 9, p. 49-71, 2000. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/249229. Acesso em: 16 abr. 2025.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Interdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Gragoatá**, v. 14, n. 27, p. 33-50, 2009. Disponível em: https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33105. Acesso em: 16 abr. 2025.

NICOLAIDES, C.; SILVA, K.; TILIO, R.; ROCHA, C. **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013.

NICOLAIDES, C.; SZUNDY, P. A "ensinagem" de línguas no Brasil sob a perspectiva da linguística aplicada: um paralelo com a história da ALAB. *In*: GERHARDT A. F. L. M., AMORIM, M. A. e

CARVALHO, A. M. (org.). **Linguística Aplicada e Ensino**: língua e literatura. Campinas: Pontes, 2013. p. 15-46.

PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics**: Critical Re-Introduction. 2nd Edition. New York. 2021. Doi: https://doi.org/10.4324/9781003090571. Acesso em 09/03/2025.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. *In*: Moita Lopes, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

RAJAGOPALAN, K. Resenha. **Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. D.E.L.T.A. v. 24, n. 1, 2008, p. 135-139. Doi: https://doi.org/10.1590/S0102-44502008000100008.

TILIO, R. Atividades de leitura em livros didáticos de inglês: PCN, letramento crítico e o panorama atual. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.12, n.4, 2012. p. 997-1024. Doi: https://doi.org/10.1590/S1984-63982012005000010.

TILIO, R. Língua estrangeira moderna na escola pública: possibilidades e desafios. **Educação & Realidade,** v. 39, n. 3, p. 925-944, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/MBP7wrkH5B88jWKmLKSMgMr/?lang=pt. Acesso em: 16 abr. 2025.

CAPÍTULO

9

LINGUÍSTICA APLICADA PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS: VIVÊNCIAS, AVANÇOS E DESAFIOS NA GESTÃO DA ALAB

Ruberval Franco Maciel
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Rogério Casanovas Tilio
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
Gestão ALAB 2014-2015

Ando devagar, porque já tive pressa
Levo esse sorriso, porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei,
Ou nada sei.

Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir.

Penso que cumprir a vida seja simplesmente
Compreender a marcha e ir tocando em frente,
Como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou,
Estrada eu sou.

Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir.
Todo mundo ama um dia todo mundo chora,
Um dia a gente chega, no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história,
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz,
De ser feliz.

(Almir Sater & Renato Teixeira)

Iniciamos este capítulo com a música da abertura cultural do XI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA) - Linguística Aplicada para Além das Fronteiras - realizado em Mato Grosso do Sul (MS) a fim de convidar o leitor a um registro histórico político e afetivo em relação à gestão[1] de 2014-2015 da ALAB. A música "Tocando em Frente", de Almir

1 A gestão 2014-2025 teve a seguinte composição: Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel (UEMS – Presidente), Prof. Dr. Rogério Casanovas Tilio (UFRJ – Vice-presidente), Profa. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS – Tesoureira) e Dánie Marcelo de Jesusu (UFMT –Secretário).

Sater e Renato Teixeira, ecoada no auditório, buscou criar uma atmosfera de união, afetividade, fluidez e esperança no futuro da Linguística Aplicada (LA). A escolha dessa canção para a abertura, interpretada pelo Trio Aplicado (Adriana Barros, Brian Morgan e Petrilson Pinheiro) simbolizava as ideias que a nova gestão da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) na época desejava transmitir – a importância de seguir adiante, aprender com as experiências, rompendo barreiras e estabelecendo diálogos significativos entre diversas áreas do conhecimento. O evento não apenas refletia a diversidade linguística e cultural do estado de Mato Grosso do Sul (MS), com suas fronteiras com o Paraguai, Bolívia, Minas Gerais (MG), São Paulo (SP), Mato Grosso (MT) e Paraná (PR), mas também enfatizava o papel político do linguista aplicado em promover a inclusão e a inovação.

Durante o encontro, os participantes debateram a importância da LA como um campo de pesquisa que transcende as fronteiras tradicionais, tanto geográficas quanto disciplinares. A gestão de 2014-2015 se destacou por sua ousadia em descentralizar as atividades da ALAB, levando o foco para o Centro-Oeste brasileiro, onde a riqueza cultural de sul-mato-grossense se torna uma referência para diálogos transculturais. A presença de comunidades indígenas, durante o evento, trouxe à tona a diversidade cultural do estado, reafirmando a ideia de que a LA deve ser uma ponte entre saberes e práticas, promovendo a valorização das vozes locais e suas singularidades.

Além disso, a gestão alinhou-se à proposta de um trabalho comprometido e político, essencial para estabelecer conexões

com diversos setores da sociedade. O compromisso dos linguistas em dialogar com educadores, formuladores de políticas e comunidades foi enfatizado como um passo crucial para a promoção da pesquisa e da prática linguística que respeita a diversidade. Ao som de "Tocando em Frente", os participantes se inspiraram a continuar suas jornadas, conscientes de que, assim como a música sugere, é preciso coragem e determinação para enfrentar os desafios e seguir adiante, conforme discutiremos no decorrer deste texto.

Memórias do nosso congresso científico brasileiro

Desde sua fundação em 1990, a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) tem desempenhado um papel fundamental na consolidação da Linguística Aplicada (LA) como campo dinâmico, interdisciplinar e engajado com questões sociais. Em 2015, esse compromisso foi reafirmado pela gestão do biênio 2014-2015 com a realização do XI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), que se destacou como um marco histórico e transformador. Realizado na Cidade de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul (MS), o evento desafiou a hegemonia geográfica que tradicionalmente centralizava grandes encontros acadêmicos no Sudeste e no Sul do Brasil, promovendo uma ruptura epistemológica e simbólica que inaugura um olhar decolonial na organização de eventos da área.

Sob o tema "Linguística Aplicada para Além das Fronteiras", o XI Congresso Brasileiro de Linguística

Aplicada (CBLA) não apenas rompeu barreiras geográficas ao situar o evento no Centro-Oeste – uma região historicamente marginalizada no circuito acadêmico na época –, mas também desafiou imaginários cristalizados sobre o Brasil profundo. Durante anos, eventos como o CBLA foram realizados em capitais como Rio de Janeiro, Belo Horizonte ou outras cidades vistas como "centros" do saber, reforçando desigualdades regionais e contribuindo para a invisibilização de outros contextos. A escolha de Campo Grande como sede representou um movimento transgressivo, que deslocou o eixo de poder acadêmico e deu voz a territórios que, até então, eram relegados à periferia do debate científico.

Esse deslocamento foi mais do que simbólico. O evento enfrentou e desconstruiu preconceitos históricos sobre a região Centro-Oeste, frequentemente vista de forma exótica e estereotipada. No imaginário popular, era comum ouvir perguntas como "existem jacarés andando pelas ruas?" ou "vocês vivem pendurados em cipós?". O XI CBLA ressignificou essas visões, mostrando que o Centro-Oeste é não apenas um espaço vivo de diversidade linguística e cultural, mas também um lócus legítimo de produção e circulação de conhecimento científico. Além disso, ao congregar cerca de 2.000 participantes de diversas regiões do Brasil e do exterior, o evento provou que a descentralização geográfica é essencial para democratizar o acesso e o protagonismo na academia.

A escolha de um tema que destacava fronteiras – físicas, epistemológicas e sociais – também reforçou a natureza decolonial

do congresso. Foi um evento pioneiro ao enfatizar a necessidade de descentrar o olhar eurocêntrico e sudestino, trazendo à tona discussões que incluíram representações de negros, indígenas, paraguaios e outras comunidades subalternizadas, numa região onde as fronteiras culturais são tão vivas quanto as geográficas. Um exemplo foi o tema da pesquisa "Em Fronteira(s) Paraguai/Brasil: narrativas sobre (de)colonialidade e línguas de fronteira", de Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS). Naquela época, o estudo buscava resgatar narrativas não oficializadas da fronteira seca entre Pedro Juan Caballero, no Paraguai, e Ponta Porã, no Brasil, evidenciando como as línguas de fronteira refletem práticas sociais, resistências e identidades marcadas pela decolonialidade.

Ao mesmo tempo, o evento apresentou a transgressividade como uma das características mais marcantes da Linguística Aplicada, tanto no conteúdo quanto na forma. O XI CBLA não se limitou à discussão acadêmica tradicional: promoveu uma mesa-redonda sobre linguagem, gênero e raça que reuniu representantes de diferentes regiões e categorias sociais, enfatizando uma diversidade interseccional. Além disso, o congresso abraçou a pluralidade cultural ao incluir uma performance artística do "trio linguístico" composto pelos pesquisadores Dr. Brian Morgan (*Glendon College/York University*), Dr. Petrilson Pinheiro (Unicamp) e Dra. Adriana de Barros (UEMS), que apresentaram músicas locais, conectando a diversidade cultural, linguística e identitária deste grupo à arte e às raízes daquele território.

Diante deste contexto, destaca-se a coragem dos organizadores em propor um evento ousado, inovador e alinhado a perspectivas que só viriam a ganhar força nos anos seguintes. O XI CBLA, ao dar visibilidade ao Centro-Oeste, colocou Mato Grosso do Sul (MS) no circuito acadêmico nacional e internacional, desafiando as dinâmicas hegemônicas que frequentemente negligenciam as potencialidades de regiões periféricas. A parceria entre a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), que viabilizou o evento sem custos para a ALAB, simboliza o espírito colaborativo e a capacidade de articulação de instituições comprometidas com o fortalecimento da pesquisa em diferentes contextos.

Outro destaque cultural foi a participação de um grupo indígena, que apresentou a tradicional dança do Bate-Pau, expressão identitária do povo Terena. Essa dança de guerra simboliza o orgulho e a força de resistência desse povo, incorporando gestos de ataque ao inimigo e adornos típicos, como o saiote que vai da cintura aos joelhos. A inserção dessa manifestação cultural no evento reafirmou a importância da diversidade e do reconhecimento das vozes indígenas na produção acadêmica.

O XI CBLA ocorreu dos dias 14 a 17 de julho de 2015 e contou com a participação de 2 mil associados, com a seguinte programação do Quadro 1:

Quadro 1. Síntese da programação do XI CBLA

XI CBLA – CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUISTICA APLICADA TEMÁTICA: LINGUÍSTICA APLICADA PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS 14 a 17 de Julho de 2015 – Campo Grande-MS					
Local: CENTRO DE CONVENÇÕES RUBENS GIL DE CAMILO			*Local: UFMS*		
Segunda-Feira 13.07	**Terça-Feira 14.07**		**Quarta-Feira 15.07**	**Quinta-Feira 16.07**	**Sexta-Feira 17.07**
		08:00 09:00	Credenciamento e entrega de material Teatro Glauce Rocha	*Sessão de Posters* Teatro Glauce Rocha	*Sessão de Posters* Teatro Glauce Rocha
09-12h ***Minicursos*** 1. Alistair Pennycook *(Univ of Technology – Australia)* *(Turma A)* ***POST-HUMANIST APPLIED LINGUISTICS*** 2. Roxane Rojo (UNICAMP) **MULTILETRAMENTOS E GÊNEROS DISCURSIVOS**	**09-12h** ***Minicursos*** 5. Lynn Mario Menezes de Souza (USP) **TRANSCULTURALIDADE, ÉTICA E LETRAMENTO CRÍTICO: QUESTÕES PARA A MOBILIDADE EDUCATIVA INTERNACIONAL** 6. Brian Morgan + Ian Martin (York Uni/Canada) **PART1: ELT OBSERVATION FROM CRITICAL/ECO-SEMIOTIC PERSPECTIVES. PART 2: CRITICAL ELT CITIZENSHIP** 7. Vera Menezes (UFMG) ***TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE LÍNGUAS***	09:00 10:00	***Conferência 2*** Brian Morgan e Ian Martin Teatro Glauce Rocha ***Mesa redonda 1*** **Linguística Aplicada para além das fronteiras e ensino de línguas** Adair Bonini (UFSC) Adair Vieira Gonçalves (UFGD) Lívia Baptista (UFBA) Lucia Helena Mendonça de Lima (UFG) Complexo Multiuso Auditório 1	***Conferência 3*** Alistair Pennycook Teatro Glauce Rocha	***Conferência 4*** Telma Gimenez Teatro Glauce Rocha
		10:00	*Intervalo para café*	*Intervalo para café*	*Intervalo para café*
13h – 16h ***Minicursos*** 3. Alistair Pennycook **POST-HUMANIST APPLIED LINGUISTICS (Turma B)** *(Univ of Technology – Australia)* 4. Walkyria Monte Mór (USP) **MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS**	**13h – 16h** ***Minicursos*** 8.Alistair Pennycook *(Univ of Technology – Australia)* **ENGLISH FROM BELOW** 9.Del Carmem Daher **LINGUÍSTICA APLICADA E ENSINO DE ESPANHOL** 10. Christine Nicolaides **LINGUÍSTICA APLICADA, AUTONOMIA E ENSINO DE LÍNGUAS**	10:30 12:00	***Mesa redonda 2*** **LINGÜÍSTICA APLICADA PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS: LINGUAGEM, GÊNERO E RAÇA** Miriam Jorge (UFMG) Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ) Dànie Marcelo Jesus (UFMT) Teatro Glauce Rocha	**Assembleia Geral da ALAB** Teatro Glauce Rocha	***Mesa redonda 5*** **LINGUÍSTICA APLICADA E INTERNACIONALIZAÇÃO** Clarissa Jordão (UFPR) Cláudia Hilsdorf Rocha (UNICAMP) Lynn Mario Menezes de Souza (USP) Teatro Glauce Rocha
		12:00	*Intervalo para almoço*	*Intervalo para almoço*	*Intervalo para almoço*
	Credenciamento e entrega de material	13:30	Comunicações temáticas Complexo Multiuso e Unidade VII	Comunicações temáticas Complexo Multiuso e Unidade VII	Comunicações temáticas Complexo Multiuso e Unidade VII
	17:00 **Abertura Oficial**	16:00	*Intervalo para café*	*Intervalo para café*	*Intervalo para café*
	18:00 ***Apresentação Artístico-Cultural*** **18:30** ***Conferência 1*** Branca Falabella Fabricio (UFRJ) **19:30** Coquetel e lançamento de livros	16:30	***Mesa redonda 3*** **LINGUÍSTICA APLICADA PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS E O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO** Rogério Tilio (UFRJ) Del Carmen Daher (UFF) Jaqueline Barbosa (UNICAMP) Teatro Glauce Rocha	***Mesa redonda 4*** **LINGUÍSTICA APLICADA E PRÁTICAS TRANSGRESSIVAS** Petrilson A. Pinheiro Silva (UNICAMP) Paulo Stella (UFAL) Walkyria Monte Mór (USP) Teatro Glauce Rocha	***Mesa redonda 6*** **LINGUÍSTICA APLICADA PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS E CULTURA DIGITAL** Vanderlei Zacchi – UFS Roseanne Tavares - UFAL Rosinda Ramos – PUC/SP Teatro Glauce Rocha **Balanços e perspectivas** Sérgio Ifa (UFAL

Fonte: XI CBLA.

Conforme pode ser observado na programação do XI CBLA, o congresso representou um marco na história da

Linguística Aplicada brasileira e internacional, ao contemplar a decolonialidade e a transgressividade como temas centrais. Os desafios permanecem, a exemplo da necessidade de desconstruir imaginários exóticos não apenas sobre o Centro-Oeste, mas também sobre outras regiões, como o Norte, que continuam à margem do protagonismo acadêmico. No entanto, o legado do XI CBLA é uma convocação a todos os linguistas aplicados para que continuem rompendo fronteiras e criando espaços de pertencimento em diferentes partes do Brasil.

Ao romper barreiras geográficas e epistemológicas, o congresso abriu caminho para novas formas de pensar e fazer pesquisa, reafirmando a necessidade de uma ciência comprometida com a inclusão, a diversidade e a justiça social. Seu legado continua a inspirar pesquisadores e organizações acadêmicas, encorajando a comunidade científica a seguir desafiando fronteiras e construindo espaços cada vez mais democráticos e plurais.

Nesse sentido, esta obra celebra não apenas os 35 anos da ALAB, mas também a coragem de olhar além dos limites impostos, convidando a comunidade acadêmica a refletir sobre como eventos do tipo do XI CBLA podem inspirar novas práticas que valorizem a diversidade e promovam a inclusão em todos os níveis da pesquisa e do ensino.

Temas emergentes em nosso congresso científico brasileiro

Um dos destaques do evento de 2015 foi a abordagem de temas que eram emergentes na época, e que continuam sendo até o presente, como a Linguística Aplicada (LA) e indisciplinaridade

radical, as produções relativas à virada multilíngue como a translinguagem (Canagarajah, 2012) metrolinguísmo (Pennycook; Otsuji, 2010), LA pós-humanista (Pennycook, 2015), decolonialidade (Barros, 2018), internacionalização (Rocha; Maciel, 2018, Menezes de Souza, 2018), multiletramentos (Rojo; Barbosa, 2015) , letramentos críticos (Monte Mór, 2018), tecnologias digitais e culturas digitais (Paiva, 2015, Zacchi, 2015, Tavares, 2015), gêneros e gêneros discursivos discursivos (Jesus, 2018, Gonçalves; Silva, 2018), entre outros (ver Quadro 1).

Na palestra de abertura, "Linguística Aplicada e Indisciplinaridade Radical", Branca Falabella Fabrício propôs uma reflexão crítica sobre a prática da LA, sugerindo que ela deve se afastar de abordagens convencionais e rigidamente disciplinadas. A autora defendeu a ideia de "indisciplinaridade radical", que envolve a capacidade de questionar e desestabilizar as normas estabelecidas, promovendo um ambiente de pesquisa que valoriza a diversidade de perspectivas e experiências. Essa indisciplinaridade implica em um processo de repetição que não busca a reiteração de práticas já consolidadas, mas sim um desaprender constante, permitindo que novas formas de pensar e agir emerjam. Fabrício enfatizou que, para que a LA se renove, é necessário "desacostumar" os pesquisadores e educadores de métodos tradicionais, encorajando-os a "despraticar" conhecimentos que podem estar obstruindo a inovação. Essa proposta de desaprendizagem é fundamental para abrir espaço a abordagens mais criativas e inclusivas, que levem em consideração a complexidade das interações sociais e linguísticas. Ao promover

uma LA indisciplinar, ela sugeriu a construção de um campo que não apenas analise, mas também transforme práticas e realidades, reconhecendo a importância de um diálogo interdisciplinar e da flexibilidade nas investigações linguísticas.

Alastair Pennycook, por sua vez, proferiu um workshop sobre "Linguística Aplicada pós-humanista". Pennycook buscou expandir ainda mais os horizontes da pesquisa ao considerar as interações entre humanos e não-humanos, tecnologias e ambientes. Para ele, essa abordagem crítica questionava a centralidade do sujeito humano na pesquisa em linguística, trazendo à tona questões sobre como a linguagem se entrelaça com questões sociais, políticas e ambientais. Além disso, em sua palestra, Pennycook explorou conceitos como "metrolinguismo" e "translinguagem", que desafiam noções convencionais sobre a linguagem e a sua utilização. Ao abordar o metrolinguísmo, por exemplo, propôs um olhar sobre as múltiplas práticas linguísticas que emergem em ambientes urbanos multiculturais, levando em consideração as interações e as negociações que ocorrem entre falantes de diferentes idiomas. Enfatizou que essa perspectiva permite que os pesquisadores analisem as complexidades das identidades linguísticas e culturais, refletindo sobre como as línguas se entrelaçam e se transformam em interações cotidianas.

Sobre translinguagem, Suresh Canagarajah abordou a escrita translíngue - uma abordagem inovadora para a compreensão da produção textual em contextos multiculturais e multilíngues. Em consonância com a proposta do evento, "para além das fronteiras", buscou enfatizar a escrita translíngue como uso fluido

de múltiplas línguas e variedades linguísticas em um único texto, refletindo a complexidade das identidades e experiências dos escritores contemporâneos. Com relação ao caráter transgressor, Canagarajah defendeu que essa prática não apenas desafia as normas tradicionais da escrita acadêmica, mas também valoriza as vozes e as realidades culturais dos indivíduos que se movem entre diferentes idiomas. Sua fala destacou a importância da flexibilidade e da criatividade na produção textual, contribuindo para uma visão mais inclusiva e representativa da linguagem na LA, que reconhece a riqueza das interações linguísticas em um mundo globalizado.

Sobre o aspecto de transnacional, transcultural, internacionalização e formação de professores de línguas, destacaram as participações dos colegas Brian Morgan e Ian Martin do Canadá. Em suas falas, chamaram atenção para o fato de que a formação de professores de línguas tem se transformado significativamente com a internacionalização e a telecolaboração. Destacam a importância de integrar experiências globais e colaborativas na formação docente, especialmente no contexto Brasil-Canadá, onde as trocas de saberes e práticas pedagógicas enriquecem a formação profissional. Para eles, a telecolaboração permite que professores em formação se conectem com colegas de diferentes culturas e contextos, promovendo um aprendizado mais significativo e contextualizado. Essa interação não só amplia os aspectos linguísticos, como também desenvolve os saberes interculturais essenciais para o ensino de línguas em um mundo cada vez mais globalizado. Assim, Morgan e Martin (2018)

compartilharam suas experiências de formadores de professores ao incorporarem as dimensões internacionais e telecolaborativas entre Brasil e Canadá, em consonância com desafios e as oportunidades do ensino de línguas na contemporaneidade.

A internacionalização também representava um tema emergente na época. As políticas nacionais como o Ciências sem Fronteiras, posteriormente, Idiomas sem Fronteiras, os indicadores na pós-graduação, formação de professores e teorias da globalização, entre outros aspectos, foram importantes para se contemplar tal temática no CBLA. Em sua fala, "Internacionalização como Prática Local", Cláudia Hilsdorf Rocha discutiu a importância de contextualizar a internacionalização no âmbito da educação, destacando que essa prática deve ser entendida não apenas como um fenômeno global, mas também como uma realidade local que impacta diretamente as instituições de ensino. Em sua publicação no livro do evento, Rocha e Maciel (2018) argumentam que a internacionalização pode ser implementada de maneira significativa nas práticas pedagógicas, promovendo a troca de conhecimentos e experiências entre diferentes culturas e favorecendo a formação de estudantes mais críticos e conscientes de seu papel no mundo. Ao enfatizar a relevância de integrar a internacionalização nas dinâmicas locais, Maciel e Rocha enfatizaram que essa abordagem pode fortalecer a identidade das instituições educativas e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para uma educação mais inclusiva e diversificada.

ALAB e articulações políticas

O papel político do linguista aplicado tem sido um aspecto importante na ALAB desde sua criação. Sobre esse aspecto, revozeando várias discussões de nossa área, o linguista aplicado deve estar consciente de seu papel político ao lidar com questões de linguagem que afetam diretamente a vida dos indivíduos e grupos sociais. A Linguística Aplicada (LA) não se limita à resolução de problemas técnicos, mas envolve escolhas que têm implicações sociais, culturais e ideológicas. Nesse sentido, o linguista aplicado atua como um mediador crítico, capaz de questionar discursos hegemônicos e contribuir para práticas mais democráticas e inclusivas no campo educacional e social. Seu compromisso vai além da sala de aula, estendendo-se à luta por justiça linguística e equidade. Nesse sentido, Rajagopalan (2003) afirma que o linguista aplicado não pode se eximir de um posicionamento político, pois toda prática linguística está imersa em relações de poder e ideologia. Para ele, a LA deve assumir um compromisso ético e político com a transformação social, reconhecendo que o conhecimento linguístico não é neutro, mas construído dentro de contextos históricos e sociais específicos. Trata-se de um agente crítico que atua na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Pautada nesses princípios, nossa gestão buscou promover um papel político articulador que pudesse dar continuidade aos diálogos e ações providos com diferentes segmentos, bem como preparar uma transição para a gestão seguinte que sediaria

a evento da AILA no Brasil. Podemos destacar as seguintes interlocuções durante os dois anos da gestão: Participação na elaboração do Caderno de Linguagens para o programa "Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio" (Bonini *et al*., 2024). O material produzido foi direcionado para a formação de 700 mil professores em todos os estados do Brasil. A diretoria da ALAB participou também de diálogos com o Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sobre a matriz da avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e sobre a matriz de referência para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Houve, ainda, o convite para o evento da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês (ABRAPUI) em Maceió e, por fim, a organização do livro "Linguística Aplicada para Além das Fronteiras", com resultados dos trabalhos do XI CBLA (Maciel *et al*., 2018).

Linguística Aplicada na época da gestão e no futuro

Correndo o risco de soar arrogante, ousamos afirmar que a Linguística Aplicada (LA) feita no Brasil e/ou por linguistas aplicados brasileiros é de vanguarda. É claro que não se pode falar em uma LA brasileira única e homogênea, mas é seguro sustentar que um grupo grande de linguistas aplicados brasileiros atua de forma indisciplinar (Moita Lopes, 2006) e, por que não, indisciplinada (Tílio, 2020). Desde 2006 não a concebemos mais como uma área que busca solucionar problemas relativos ao ensino de

línguas, mas como uma área que busca criar inteligibilidade sobre questões sociais relevantes em que a linguagem ocupa um papel central (Moita Lopes, 2006). Essa LA exige "respostas teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida" (Rojo, 2006, p. 258) e de aliviar o sofrimento humano (Moita Lopes, 2009).

É claro que tal visão não é exclusiva de uma LA brasileira. Alastair Pennycook, um dos convidados internacionais do 11º CBLA, é um dos defensores de uma LA crítica e transgressiva. E é exatamente isso que justificou o convite para a sua participação no evento. Nossa intenção ao organizar um evento intitulado "Linguística Aplicada para além das fronteiras" foi exacerbar o caráter trans da LA: transdisciplinar, transgressiva, transcendente, transitória, transformadora, translíngue, atravessada, transviada – ou seja, sempre atravessando limites e fronteiras. É assim que concebemos a LA, e foi essa demarcação que intencionamos deixar com o evento.

De 2015 para cá, tal posicionamento da LA vem se consolidando, sobretudo no Brasil. Reconhecemos que a grande maioria das pesquisas em LA ainda foca em questões relativas ao ensino e aprendizagem de línguas. Isso se explica, inclusive, pelo fato de os pesquisadores estarem lotados em departamentos de ensino de línguas. Contudo, não se trata mais de buscar soluções que facilitem o processo de ensino e aprendizagem de línguas, resolvendo problemas que supostamente existem/surgem no processo. Em vez disso, falamos em uma educação linguística que almeja a conscientização acerca de tudo que envolve a

língua e o seu uso. Uma educação linguística que não se resume a instrumentalizar alunos para usar uma língua por meio de regras linguísticas e de técnicas de ensino supostamente eficazes para qualquer contexto. A educação linguística requer problematizações sobre as línguas e seus usos em diferentes contextos, situações, esferas, gêneros [...]. E essas problematizações envolvem cada vez mais questões de natureza social relevantes aos estudantes. Não é à toa que conceitos como decolonialidade e interseccionalidade passaram - e esperamos que continue cada vez mais - a fazer parte do cotidiano de um certo modo de fazer LA, sobretudo no sul global.

Considerações finais

A gestão da ALAB no biênio 2014-2015 e a realização do XI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA) configuraram-se como marcos relevantes na consolidação de uma Linguística Aplicada (LA) crítica, ética e comprometida com a transformação social. Ao sediar o evento em Campo Grande, no Centro-Oeste brasileiro, a Associação promoveu um deslocamento geopolítico e epistêmico que possibilitou a valorização de saberes historicamente marginalizados.

A centralidade conferida a temas como decolonialidade, indisciplinaridade, translinguismo, internacionalização, justiça linguística e inclusão sinaliza o esforço coletivo de reconfigurar o campo da LA a partir de perspectivas pluriepistêmicas e transterculturais. Tal movimento, mais do que simbólico,

evidenciou o compromisso ético-político da área com a promoção de uma ciência engajada, que reconhece a linguagem como prática social situada e permeada por relações de poder.

A experiência proporcionada pela gestão em questão e pelo XI CBLA contribuiu de forma significativa para o fortalecimento de redes acadêmicas comprometidas com a democratização do conhecimento, com a escuta das alteridades e com a construção de uma LA mais sensível às demandas sociais, culturais e políticas do país. Essas problematizações podem envolver ações de desaprender, despraticar e desacostumar com padrões, nos levando a um movimento permanente de reflexão e humildade em relação ao processo de novas aprendizagens e saberes, assim como o trecho da música "só levo a certeza de que muito pouco eu sei, ou nada sei". Por fim, não é à toa que conceitos como decolonialidade e interseccionalidade passaram a fazer parte do cotidiano de um certo modo de fazer LA, sobretudo no sul global.

Referências

BARROS, A. L. E. C. Fronteira(s) Paraguai/Brasil: narrativas sobre (de)colonialidade e línguas de fronteiras. **Linguística Aplicada para além das Fronteiras**. Campinas: Editora Pontes, 2018, p. 15-35.

BONINI, A. R. F.; ROCHA, C. H.; GONZALEZ, F. J.; KLEBER, M. O.; FENSTERSEIFER, P. E. Formação de Professores do ensino médio, Etapa II-caderno IV: **Linguagens**. Ministério da Educação,

Secretária de Educação Básica. Curitiba: UFPR/Setor de Educação. Curitiba: UFPR/MEC-SEB, 2014.

CANAGARAJAH, S. **Translingual Practice Global Englishes and Cosmopolitan Relations**. Routledge, London, 2012.

GONÇALVES, A. V.; SILVA, C. A escrita de um gênero discursivo na pedagogia da Alternância: espaço de diálogo entre família e escola. *In*: MACIEL, R. F.; TÍLIO, R. JESUS, D. M.; BARROS, A. L. E. C. (org.). **Linguística Aplicada para além das fronteiras**. Campinas: Pontes, 2018. p. 97-120.

JESUS, D. M. Diversidade sexual, ensinada a crianças???? piada de mau gosto: um estudo sobre o discurso de usuários da internet sobre a temática de diferenças sexuais na escola. *In*: MACIEL, R. F.; TÍLIO, R. JESUS, D. M.; BARROS, A. L. E. C. (org.). **Linguística Aplicada para além das fronteiras**. Campinas: Pontes, 2018. p. 143-156.

MACIEL, R.F.; TÍLIO, R.; JESUS, D. M.; BARROS, A. L. C. (org.). **Linguística Aplicada para além das fronteiras**. São Paulo: Pontes Editores, 2018.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Strategic complicity in neoliberal educational internationalization: the case of the production of entrepreneurial subjects in ciências sem fronteiras. *In*: Maciel, R. F.; TÍLIO, R. JESUS, D. M.; BARROS, A. L. E. C. (org.). **Linguística Aplicada para além das fronteiras**. Campinas: Pontes, 2018. p. 205-216.

MONTE MÓR, W. Expansão de perspectiva e desenvolvimento do olhar: um exercício de letramento crítico. *In*: MACIEL, R. F.; TÍLIO, R. JESUS, D. M.; BARROS, A. L. E. C. (org.). **Linguística Aplicada para Além das Fronteiras**. Campinas: Pontes, 2018. p. 299-319.

MORGAN, B.; MARTIN, I. Ajude-me a enxergar!" Reconhecendo a importância de um currículo de base em observação num programa de formação de professores de língua inglesa para a sociedade global. *In*: Maciel, R. F.; TÍLIO, R. JESUS, D. M.; BARROS, A. L. E.C. (org.). **Linguística Aplicada para além das fronteiras**. 1ed.Campinas: Pontes, 2018, p. 157-184.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada (IN) diasciplinar**. São Paulo: Parábola editorial, 2006, p. 85-107.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Gragoatá**, p. 33-50, v. 14, n. 27. 2009. Disponível em: https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33105. Acesso em: 30 abr. 2025.

PENNYCOOK, A.; OTSUJI, E. **Metrolingualism**: Language in the city. London: Routledge, 2015.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma Linguística Crítica**: linguagem, identidade, e a questão ética. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2003.

ROCHA, C.H.; MACIEL, R.F. Prática local e internacionalização do ensino superior. *In*: MACIEL, R. F.; TÍLIO, R. JESUS, D. M.; BARROS, A. L. E. C. (org.). **Linguística Aplicada para além das fronteiras**. Campinas: Pontes, 2018. p. 121-142.

ROJO, R. Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. *In*: MOITA-LOPES, L. P. da. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 253-276.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

TILIO, R. A construção das identidades indisciplinares de um linguista aplicado- uma reflexão autoetnográfica. **Revista Indisciplina em Linguística Aplicada**, v. 1, n. 1, p. 1-22, 2020. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rila/article/view/27251. Acesso em: 30 abr. 2025.

CAPÍTULO 10

GESTÃO INTEGRAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Kyria Finardi
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Gestão ALAB 2018-2019

A ALAB, na sua fundação em 1990, teve como objetivo (re)construir um lócus acadêmico-científico dinâmico e reflexivo, fomentando, por sua vez, estudos e reflexões da área de Linguística Aplicada (LA), não concebida como uma associação para aplicação de teorias linguísticas, mas como um campo de investigação de usos situados da linguagem nas diversas esferas do meio social. Algumas formas que a associação tem feito isso são por meio do:

- aumento de incentivos culturais e econômicos aos intercâmbios e pesquisas na área de LA, assim como fomento

a publicações científicas nesse campo investigativo, buscando divulgação dos conhecimentos construídos nos estudos realizados como caminho para consolidar a LA como importante área de Estudo;

• desenvolvimento de pesquisas em contexto de cooperação acadêmica em âmbito nacional e internacional, por meio do desenvolvimento de um trabalho transdisciplinar e interinstitucional;

• intercâmbio de pesquisadores de diferentes subáreas da LA, por meio de realização de eventos presenciais e a distância com o uso das novas tecnologias;

• política de valorização das identidades nacionais e regionais, abrindo espaços para integração de todas as regiões do Brasil de forma que todos adquiram igual visibilidade na apresentação e discussão de suas pesquisas, estreitando contatos com instituições e pesquisadores entre instituições de âmbito público e privado do Brasil;

• intensificação da rede existente entre estudos na área de LA e demais áreas do conhecimento de forma a ratificar o caráter transdisciplinar da LA;

• incentivo ao intercâmbio de pesquisas e de professores visitantes entre as instituições brasileiras e de outros países;

• diálogo com a *Associação Internacional de Linguística Aplicada* (AILA) e outras associações de estudos na área de LA e afins;

• divulgação das ações da ALAB junto às instituições Brasileiras de ensino e de pesquisa;
• continuidade ao apoio e divulgação da publicação da Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA), contribuindo para a preservação de sua reconhecida qualidade acadêmica;
• apoio a publicações significativas no campo de LA;
• realização do Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA) no final de cada gestão;
• manutenção do site da ALAB – www.alab.org.br – com notícias relevantes da área.

A ALAB visa (re) construir (novos) caminhos entre estudiosos da LA de diferentes nichos acadêmico-científicos promovendo um diálogo profícuo com a comunidade acadêmica e social, tendo como meta divulgar a LA no Brasil e no mundo.

Com esse objetivo, a chapa Integração foi proposta e eleita na Assembleia da ALAB realizada durante o evento internacional da AILA, que tinha como tema Inovação e Desafios Epistemológicos em Linguística Aplicada *(Innovation and Epistemological Challenges in Applied Linguistics)*, no Rio de Janeiro entre 23 e 28 de julho 2017[1]. O fato de a ALAB ser a única associação nacional vinculada à AILA na América Latina e ter logrado trazer um evento como o congresso mundial para o Brasil, era um indicativo do potencial e relevância da associação para os linguistas aplicados da região e para a área no mundo.

1 Disponível em: https://aila.info/about/history/past-aila-world-congresses/. Acesso em: 18 fev. 2025.

Considerando a dimensão continental do Brasil e a sede das últimas diretorias da ALAB, a motivação para propor a chapa Integração foi justamente conectar e integrar pautas e ações da associação nas diversas regiões do Brasil aglutinando ações, associações e linguistas aplicados por meio da ALAB na América Latina e no mundo. Assim, a proposta inicial era articular uma chapa composta por membros de cada uma das regiões do Brasil. Como diríamos em inglês: *Easier said than done* (falar é mais fácil do que fazer).

Nossa ideia de ter um membro de cada região não se concretizou em virtude de precisarmos manter um membro da diretoria anterior (para garantir transição) e pelo fato de o tesoureiro ter que estar na mesma região do presidente já que ambos assinavam junto e tinham que abrir conta em banco e participar de encontros junto com o contador da associação, preferencialmente na mesma cidade. Assim, chegamos na composição da chapa eleita, felizes por ter pelo menos 3 regiões (Sul, Sudeste, Nordeste) representadas. A chapa Integração foi eleita e composta por mim, Kyria Finardi (UFES – Presidente), Rogério Tilio (UFRJ- Vice-presidente), Etelvo Ramos Filho (IFES – Tesoureiro), Vladia Maria Cabral Borges (UFC – 1ª secretária) e Adriana Kuerten Dellagnano (UFSC – 2ª secretária). Apesar de ter 3 regiões representadas na Gestão Integração, a dificuldade de integrar ações e reunir a diretoria para pensarmos juntos, representaram um dos maiores desafios dessa gestão, especialmente considerando que não havíamos incorporado ainda as duras lições da pandemia no tocante à digitalização

dos processos. Tanto o registro da associação como as tarefas de contabilidade e gestão eram feitas de forma física através de papel, cartórios, formulários e assinaturas bancárias, correios e livros de contabilidade.

Assim, desde o início de nossa gestão esbarramos na dificuldade dessa 'integração'. Para poder registrar a ata de eleição e abrir conta em banco para poder assumir efetivamente a gestão, tivemos que assinar, reconhecer firma e em seguida enviar a ata fisicamente por correio, para 3 regiões diferentes. No papel a ideia de ter representantes de diferentes regiões era muito democrática, mas, na prática, os cartórios e tramites de banco, correio e contador, no contexto pré-pandemia, faziam de cada ação de nossa gestão uma verdadeira via crucies.

Junto com a dificuldade logística de reunir a diretoria fisicamente, esbarramos em outros desafios de ordem pessoal. Quando pensamos que finalmente iríamos poder começar a trabalhar de forma 'integrada', uma vez resolvido o problema de registro da associação e abertura de conta em banco em Vitória, onde eu e o contador morávamos, outros membros de nossa diretoria vivenciaram problemas de ordem pessoal envolvendo perda de cônjuge e tratamento de saúde que comprometeram a integração de nossos esforços. Conseguimos ter duas reuniões presenciais durante nossa gestão, coincidindo em eventos nos quais a diretoria já estava programada para participar, mas fora essas duas reuniões, a possibilidade de trabalhar de forma integrada, seja no formato físico e/ou síncrono/online, ficaram prejudicadas

pela distância física e problemas pessoais enfrentados por alguns dos membros.

Nessa época a gestão da ALAB era de apenas dois anos sendo que levamos quase um ano para legalizar/registrar a associação e atualizar o site para podermos começar a trabalhar oficialmente na organização do CBLA que deveria ser realizado no segundo ano, coincidindo com a Assembleia e eleições para a próxima gestão. Assim, uma vez superados os desafios do registro da associação no primeiro ano, quando iríamos começar a trabalhar na organização do CBLA juntos, nos deparamos com a impossibilidade de integrar nossos esforços na organização do CBLA, seja por questões logísticas ou de ordem pessoal enfrentadas pelos nossos colegas.

Diante desse cenário, optei por convidar dois colegas e braços locais para ajudar a 'carregar o piano' na organização do CBLA. Sem o apoio dessa comissão local, o evento não teria sido possível e, por isso e no que segue, trago a voz deles para me ajudar a contar os desafios e os louros do XII CBLA[2] realizado em Vitória, Espírito Santo, entre 9 e 12 de julho de 2019 com o tema "Transitando e transpondo (n)a Linguística Aplicada".

XII CBLA por Christine Almeida e Gabriel Amorim

Conforme mencionado, entre as responsabilidades da diretoria da ALAB está a de organizar periodicamente o Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), que reúne em média 700

2 Disponível em: https://alab.org.br/cblas-anteriores. Acesso em: 19 fev. 2025.

profissionais no campo da LA com o intuito de congregar trabalhos que apresentem as últimas tendências da área.

Desde 2011, o CBLA voltou a ser realizado bienalmente, como era no seu início, para que cada gestão, que à época, era bienal, tivessem tempo de prepará-lo. O primeiro intervalo nessa programação aconteceu em 2017, quando a diretoria do biênio 2016-2017, sediada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no lugar de organizar um CBLA, realizou um Congresso Mundial de Linguística Aplicada, o *18th AILA World Congress Rio 2017*, o maior congresso internacional na área, que contou com cerca de 2000 participantes, provenientes dos cinco continentes. Por conta da realização do *18th AILA World Congress Rio 2017*, o 12º CBLA foi adiado para 2019, já sob responsabilidade da diretoria do biênio 2018-2019. O 12º CBLA, como o tema "Transitando e transpondo (n)a Linguística Aplicada", foi realizado em Vitória/ES, no período de 09 a 12 de julho de 2019, para discutir o papel do linguista aplicado nos diferentes domínios discursivos e formas de melhor divulgar o conhecimento construído na área.

Os preparativos para o 12° CBLA começaram ainda em 2018, um ano antes da realização do evento. Formamos uma comissão organizadora local, composta por Kyria Finardi (professora do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação da UFES e presidente da ALAB à época), Christine Sant´Anna de Almeida (professora do Departamento de Línguas e Letras da UFES) e Gabriel Brito Amorim (professor do Núcleo de Línguas da UFES à época). Sob a coordenação da Profa. Christine, cadastramos um projeto de extensão na UFES para vincular os mais de 50 alunos

de Letras/monitores/voluntários diretamente envolvidos na operacionalização do congresso. Durante esse ano que antecedeu o congresso, realizamos reuniões periódicas com a diretoria da ALAB e com os possíveis prestadores de serviço que o congresso exigiria, tanto presencialmente quanto virtualmente, para acertarmos os detalhes desse importante evento para a área da LA que aconteceria pela primeira vez na cidade de Vitória.

Além do tema central do evento, tivemos cerca de 22 subtemas contemplados no evento[3]. Já nas preliminares da organização do congresso, nos deparamos com um desafio que precisávamos transpor: o local do nosso evento. Entre 2018 e 2019, as universidades públicas brasileiras sofreram grandes cortes em seus orçamentos e, por isso, tiveram dificuldades em cumprir com questões básicas como o pagamento de empresas terceirizadas que mantinham a limpeza do local. Por conta disso, decidimos, comissão local e diretoria da ALAB, que levaríamos o CBLA para um local em que pudéssemos oferecer conforto e segurança para os participantes. A escolha do Hotel Sheraton Vitória como o nosso espaço para o 12° CBLA provou ter sido acertada.

Os quase 600 inscritos no nosso evento, a maior parte de brasileiros, mas também alguns estrangeiros, tiveram acesso a uma programação diversificada, amparada por um robusto comitê científico, oferecendo 4 plenárias, 1 minicurso, 8 simpósios temáticos, 3 mesas-redondas, 315 comunicações individuais

3 Disponível em: https://blog.ufes.br/kyriafinardi/videos/12o-cbla/ e https://www.kyriafinardi.com/en/linhas-tem%C3%A1ticas-e-programa%C3%A7%C3%A3o-do-12%C2%BA-cb. Acesso em: 18 fev. 2025.

e 6 pôsteres. Além disso, demos oportunidade às editoras brasileiras e estrangeiras, parceiras da ALAB de exporem seus materiais e aos artistas locais de apresentarem sua produção aos participantes. Tivemos também uma noite de lançamento livros com 29 obras apresentadas por seus autores durante o evento. Os organizadores de simpósios temáticos haviam sido anteriormente convidados a escreverem um capítulo do livro que tinha o mesmo título do evento "Transitando e transpondo (n)a Linguística Aplicada" (Finardi, 2019), lançado na noite de autógrafos do evento. Para além das atividades científico-acadêmicas, norte prioritário do CBLA, também oportunizamos atividades de cunho cultural e social, como a apresentação de manifestação artístico-cultural típica do estado hospedeiro, dança de congo, o coquetel para confraternização dos presentes, a esperada Assembleia Geral da ALAB e uma apresentação que abordou um balanço e perspectivas de nossa área, realizada exatamente antes da palestra de encerramento do congresso.

Como acontecimentos subsequentes à efetiva realização do 12º CBLA, dois aspectos se destacam: a inclusão da cidade de Vitória como *locus* de um evento com o porte e a dimensão do congresso em nossa área; e o convite aos participantes dos simpósios temáticos a escreverem um segundo livro, organizado pela comissão local e fruto das apresentações e discussões realizadas durante o evento, resultando na obra "Linguística Aplicada na contemporaneidade - temáticas & desafios", publicado pela Pontes Editores, no ano de 2021 e lançado em

uma roda de conversa virtual[4] com os autores, após o evento. O primeiro livro foi organizado pela diretoria da ALAB à época e além da Apresentação, assinada pelos organizadores e do Posfácio, assinada por Christine Nicolaides, o livro contou com 11 capítulos escritos por convidados e membros da diretoria. Os 11 capítulos foram divididos em quatro seções: 1ª. A Linguística Aplicada na Contemporaneidade, com capítulos de Rogério Tilio e Kyria Finardi; 2ª. Linguística Aplicada em Contextos Discursivos Diversos, com capítulos de Izabel Magalhães, Júlia Argenta, Vera Lúcia Santiago Araújo; 3ª. O Ensino de Línguas, Tecnologias e Ambientes de Aprendizagem, com capítulos de Cláudia Hilsdorf Rocha, Rafael Vetromille-Castro e Nukácia Meyre Silva Araújo; 4ª. O Ensino de Língua, a Formação dos Professores de Línguas e Materiais Didáticos com capítulos de Telma Gimenez, Vilson Leffa, Alan Ricardo Costa, André Firpo Beviláqua e Mailce Borges Mota.

O segundo livro teve o apoio do projeto de extensão criado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) para apoiar o evento, foi organizado pela comissão organizadora local do 12º CBLA e além da Apresentação, assinada pelos organizadores, e do Posfácio, assinado por Vilson Leffa (membro honorário ALAB), o livro contou com 10 capítulos organizados em quatro partes: 1ª. Estudos de Gênero & Identidade – com capítulos de Camila Moreira e Maria José Coracini; 2ª Tradução e Estudos Decoloniais –

4 Disponíveis em: *https://www.youtube.com/watch?v=t6Pz4U3gKBg&ab_channel=Lingu%C3%ADsticaAplicada%3ATem%C3%A1ticas%26Desafios*; *https://www.youtube.com/watch?v=f8qpxSXXctI&ab_channel=Lingu%C3%ADsticaAplicada%3ATem%C3%A1ticas%26Desafios*; *https://www.youtube.com/watch?v=d0VQ8jKtgdY&ab_channel=Lingu%C3%ADsticaAplicada%3ATem%C3%A1ticas%26Desafios*. Acesso em: 18 fev. 2025.

com textos de Deise Mônica Medina Silveira, Fernanda dos Santos Nogueira, Joaquim César Cunha dos Santos, Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado, Patrick Rezende e Wilson Junior de Araújo Carvalho; 3ª Ensino de Línguas & Formação de Professores, com capítulos de Daniel Ferraz e Elaine Ferreira do Vale Borges; 4ª Políticas Linguísticas & Internacionalização – com textos de Juliana Zeggio Martinez, Taisa Pinetti Passoni, Michele El Kadri e Atef El Kadri.

Destaques da Gestão Integração

Para além da realização do 12º CBLA e da organização dos dois livros lançados durante e após o evento, a Gestão Integração se esforçou por criar pontes e diálogos com outras associações como a Abralin, Anpoll, Abralic e a Alfal. Cientes da centralidade de certas áreas nas pautas e investimentos acadêmicos e científicos[5], decidimos unir forças junto a essas associações. Para tanto, os presidentes dessas associações se comprometeram em participar dos eventos promovidos pelas outras associações a fim de promover diálogos, pautas conjuntas e estratégias de fortalecimento da área.

Assim, além de receber representantes dessas associações no 12º CBLA, a Gestão Integração se fez presente nos eventos da Abralin em Teresina da Anpoll em Cuiabá, da Abralic em Uberlândia e da Alfal (Asfalito) em João Pessoa, onde coassinamos a

5 Vide por exemplo, financiamento para programas como o Ciências sem Fronteira que inicialmente só contemplava as áreas 'duras' do conhecimento (Finardi; Archanjo, 2018).

Declaração de Bogotá pelo multilinguismo. A pauta das reuniões realizadas com os presidentes dessas associações incluiu a discussão dos seguintes pontos:

1. O papel das associações da área;
2. O papel do representante da área e do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior CTC;
3. Identificação de questões e pautas comuns entre as associações;
4. Calendário de eventos das associações a fim de serem pensados de forma a evitar competir por apoio financeiro das agências (CAPES/CNPq) pensando em calendários integrados;
5. Proposta da Criação do Fórum Permanente dos Presidentes das Associações;
6. Proposta das associações se associarem à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC);
7. Proposta de associações consultarem seus estatutos ou associados sobre a possibilidade da diretoria se pronunciar por meio de notas públicas em conjunto

Com a mudança de diretorias não avaliamos quais dessas pautas e propostas foram levadas adiante pelas associações envolvidas. Em relação ao ponto 6 da pauta, a ALAB enviou ofício ao Conselho Nacional de Educação (CNE) consultando acerca da Resolução 02/2015/CNE/CP. No ofício, a ALAB solicitou esclarecimentos a respeito dessa resolução e de seus

desdobramentos e implicações para as licenciaturas em Letras das Instituições de Ensino Superior (IES), nos seguintes termos:

1. Os cursos de Licenciatura em Letras com dupla habilitação, em Português e uma língua estrangeira, poderão continuar habilitando seus estudantes nessas duas línguas? Em caso positivo, qual deverá ser a carga horária mínima dessa licenciatura de dupla habilitação?
2. Caso não seja possível uma licenciatura de Letras habilitar os estudantes em duas línguas, como deverão se adequar? Em outras palavras, será possível manter um curso de Letras em Português e Língua Estrangeira, sem mencionar a questão da habilitação? Qual seria a carga horária mínima? Ou será necessário criar duas novas licenciaturas em Letras uma em uma língua e a outra na outra língua, cada licenciatura com um mínimo de 3.200 horas?
3. O que acontecerá com os estudantes que ingressarem nas licenciaturas de Letras de habilitação dupla a partir do segundo semestre de 2018? Como deverão ser emitidos os diplomas nesse caso?
4. Seria possível a uma IES ofertar duas licenciaturas distintas em Letras: uma em Letras Português (língua materna) e outra em Letras Estrangeiras, na qual a(s) língua(s) estrangeira de habilitação seria definida pela(s) língua(s) estrangeira(s) constante do histórico escolar?

A ALAB, por ser uma associação que congrega profissionais de Letras com uma forte tradição e atuação de profissionais

ligados às línguas estrangeiras, sentia-se na obrigação de procurar ajudar as IES a compreender melhor a Resolução 02/2015/CNE/CP e a pensar em suas implicações para as licenciaturas em Letras com dupla habilitação, visto que até a aprovação da Resolução 02/2015/CNE/CP, a normatização das licenciaturas possibilitava a licenciaturas com mais de uma habilitação.

Não tivemos uma resposta concreta e objetiva do ofício, mas acompanhamos os desdobramentos dessa resolução, abrindo, inclusive, espaço de escuta pública, durante uma mesa da ALAB realizada no Congresso Latino-americano de Formação de Professores de Língua (CLAFPL) realizado em Belém do Pará. Uma preocupação da nossa gestão, formada principalmente por professores de inglês, é que as outras línguas tivessem espaço e voz não só na ALAB, mas também nas políticas públicas para garantir o multilinguismo. Essa foi também uma pauta importante que me conectou com programas como o Idiomas sem Fronteiras, no Brasil e com a AILA, no exterior e no que segue, descrevo brevemente como isso se deu.

ALAB na AILA

No final de nossa gestão e apenas algumas semanas antes da realização do 12º CBLA, viajei à França para participar da reunião anual da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) realizada em Lyon. Como estratégia para reunir os presidentes das quase 40 associações nacionais vinculadas à AILA, a associação internacional geralmente faz sua reunião anual do conselho formado pela diretoria (*Executive Board* – EB) e pelos representantes das associações nacionais filiadas (*International*

Committee – IC) - EBIC - nos dois dias que antecedem o evento nacional de uma das afiliadas, quando não há evento internacional da AILA, sendo que nos anos que há evento internacional da AILA (a cada 3 anos), a reunião do EBIC é realizada nos dois dias que antecedem o evento mundial. Dessa forma, a diretoria da AILA e os presidentes das associações nacionais podem submeter trabalhos para participar do evento mundial que está 'hospedando' a reunião do EBIC da AILA a fim de que os membros da EBIC possam conseguir licença para apresentar trabalho, tendo assim a possibilidade de conseguir financiamento para a viagem, já que todas as viagens e ações dos representantes das associações nacionais e da diretoria da AILA são voluntárias, vale dizer, cada um tem que garantir sua participação com recursos próprios. O recurso pago pelas associações nacionais à AILA só pode ser usado para financiar a participação de membros que não possuam financiamento para participar dos eventos internacionais, no formato de *Solidarity Awards*[6]. Assim, a participação dos membros da diretoria da AILA e dos representantes do EBIC nas reuniões do EBIC e nos eventos nacionais e internacionais é financiada com recursos próprios e todas as funções são exercidas de forma voluntária, além de não se receber nada em troca por serviços prestados à AILA. Membros da diretoria e do conselho tem que pagar taxas de inscrição em eventos e despesas de viagem como qualquer outro membro.

Tendo meu resumo sido aceito para apresentar no evento nacional da Associação Francesa de Linguística Aplicada (AFLA), que estava 'hospedando' a reunião do EBIC da AILA em 2019,

6 Disponível em: https://aila.info/about/solidarity_award/. Acesso em: 19 fev. 2025.

consegui financiamento próprio de pesquisa e autorização do meu departamento para poder ir à Lyon, representando a ALAB.

Minha primeira participação na reunião do EBIC da AILA em Lyon me causou um profundo impacto. Numa sala organizada em semicírculo onde a diretoria da AILA e as associações de países centrais se sentava no centro tendo os representantes de associações 'menores' sentados nas pontas da mesa em semicírculo, eu era uma das últimas do semicírculo. Cada associação tem em torno de 3 minutos na agenda para apresentar os destaques de sua associação, considerando que todos já deveriam ter enviado e lido os relatórios anuais produzidos e circulados com dois meses de antecedência e em preparo à reunião do EBIC.

Quando finalmente foi minha vez de falar, e imaginando que os colegas presentes já deveriam ter lido o relatório que eu havia produzido como presidente da ALAB, decidi usar meus 3 minutos para expressar minha surpresa ao ver a 'disposição e distribuição geográfica e geopolítica anglo-eurocentrada' da AILA, sugerindo que como associação 'internacional', precisávamos de mais vozes, línguas e linguistas aplicados do Sul Global, em especial da América do Sul e África. Como resultado dessa fala, que incomodou alguns e abriu os olhos de outros, recebi apoio de alguns colegas do EBIC da AILA para unir esforços em prol de uma maior inclusão e diversidade na AILA. Relato então como isso se deu...

Passando pela AIALA

Tão logo retornei da minha primeira reunião do EBIC da AILA, iniciei um movimento articulado com a maior associação da América, a *American Association of Applied Linguistics* (AAAL) para

que, junto com a ALAB, a maior associação da América Latina e única da América do Sul, pudessem ser protagonistas na criação de uma associação regional dando mais visibilidade para os conhecimentos produzidos por linguistas aplicados da região. Descobri então que as regras para criação de associações regionais vinculadas à AILA exigiam o apoio de 4 afiliadas nacionais e assim, junto com a AAAL, a ALAB liderou o movimento que culminou na criação da Associação Iberoamericana de Linguística Aplicada (AIALA)[7], com o apoio das quatro associações nacionais fundadoras a saber: a AAAL (Estados Unidos), a ALAB (Brasil), a AMLA (México) e a AESLA (Espanha). Considerando as línguas faladas na região, em especial o espanhol e o português e em menor escala línguas autóctones e indígenas, a AIALA, desde sua criação, teve o espanhol, o português e o inglês como suas línguas oficiais fomentando a produção de conhecimentos em outras línguas além dessas. Assim, ao contrário das outras associações regionais da AILA que tinham um vínculo principalmente geográfico (vide associações regionais[8]), a AIALA[9] tinha um vínculo linguístico e foco na visibilidade da produção de conhecimentos em outras línguas além do inglês. Em virtude desse foco, muitos linguistas aplicados da África, Asia e mesmo da Europa, que usavam outras línguas além do inglês e que eram de países onde não havia associação nacional vinculada à AILA (como, por exemplo, a Índia), procuraram a AIALA (ao invés da

7 Disponível em: https://aila.info/aiala-2021-news/. Acesso em: 19 fev. 2025.
8 Disponível em: https://aila.info/about/regionalization/. Acesso em: 19 fev. 2025.
9 Disponível em: https://aila.info/about/regionalization/aila-ibero-america/. Acesso em: 19 fev. 2025.

associação regional onde estavam geograficamente localizados), por sintonizarem com seus objetivos. Isso acontecia mesmo em países como a Espanha, que tinha uma associação nacional (AESLA) e Portugal (onde não há associação nacional vinculada à AILA, mas onde há associação regional europeia), por se sentirem mais próximos da AIALA do que da Associação Europeia, em virtude do laço linguístico e foco na visibilidade da LA produzida em outras línguas além do inglês.

AILA na ALAB

O meu apelo eloquente por mais representatividade do Sul Global durante a reunião do EBIC da AILA em 2019 em Lyon e minha liderança, articulação e atuação internacional na criação da AIALA em 2020, culminou na minha eleição, em 2021, para vice-presidente da AILA num mandato de 9 anos já que a AILA só elege o vice-presidente, que automaticamente se torna presidente três anos depois e *past presidente* seis anos após ter sido eleito vice-presidente. Assim, em agosto de 2024, durante o Congresso Internacional da AILA realizado em Kuala Lampur na Malásia[10], em comemoração aos 60 anos da AILA, eu me tornei a primeira mulher latino-americana a presidir essa associação[11], que tenho orgulho de dizer, agora é internacional, tendo afiliadas nacionais em todos os continentes, inclusive na África[12].

10 Disponível em: https://aila2024.com/. Acesso em: 19 fev. 2025.
11 Disponível em: https://aila.info/aila-presidents-vision-2024/. Disponível em: 19 fev. 2025.
12 Disponível em: https://aila.info/about/organization/aila_affiliates/. Disponível em: 19 fev. 2025.

De volta para casa para contar nossa história[13]

Sou muito consciente do papel e da responsabilidade de ter sido presidente da ALAB nesse período e fico muito feliz de saber que hoje contamos nossa história para os quatro cantos pois estamos definitivamente conectados com linguistas aplicados no/do mundo todo, numa pauta comum: melhorar a humanidade por meio de nossa pesquisa, docência, trabalho como linguistas aplicados e atuação no mundo.

Tendo vivido o nascimento e primeiros passos da AIALA, engatinhando nos seus quatro apoios das associações fundadoras (AAAL, ALAB, AMLA e AESLA), e tendo vivido parte da história adulta da ALAB no alto de seus 35 anos de história, e da AILA, já na sua idade madura (60 anos), sinto que a LA está pronta para sua 'melhor idade', feliz com o que conseguimos realizar até aqui, mas, ao mesmo tempo, ciente de que ainda resta muito por fazer na LA a fim de que o slogan da associação internacional (a Linguística Aplicada Importa - *Applied Linguistics Matters*), de fato importe e aporte para a criação de um mundo melhor onde as línguas e os linguistas aplicados possam contar suas histórias e criar mais pontes do que muros para a intercompreensão da humanidade e compreensão de que todos nós somos interdependentes e herdeiros de nossas ações e decisões. Se, como diz o filósofo Wittgenstein 'os limites da minha língua são os limites do meu mundo', que nós possamos ampliar nossos limites, com o apoio

13 Provérbio africano: "Se os leões não contarem sua própria história, os caçadores vão contar."

dos linguistas aplicados. Eis a minha história e o meu convite para você vir agora escrever e contar a sua com a gente, bora lá?

Referências

FINARDI, K., ARCHANJO, R. Washback Effects of the Science Without Borders, English Without Borders and Language Without Borders Programs in Brazilian Language Policies and Rights. *In*: Siiner, M., Hult, F., Kupisch, T. (ed) **Language Policy and Language Acquisition Planning**. Language Policy, vol 15. Springer, Cham. 2018. https://doi.org/10.1007/978-3-319-75963-0_10

FINARDI, K. R.; TILIO, R.; BORGES, V.; DELLAGNELO, A.; RAMOS, E. (org.). **Transitando e transpondo n(a) Linguística Aplicada**. Campinas: Pontes, 2019.

FINARDI, K. R.; ALMEIDA, C. S.; AMORIM, G. B. (org.). **Linguística Aplicada na contemporaneidade**: temáticas e desafios. Campinas: Pontes, 2021.

CAPÍTULO 11

FORTALECER E MOBILIZAR: PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA DA ALAB EM MEIO À TORMENTA POLÍTICA, ECONÔMICA E SANITÁRIA NO BRASIL

Claudiana Nogueira de Alencar
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Gestão ALAB 2020-2022

Cortejo inicial

Escuta, escuta
O outro, a outra já vem
Escuta, acolhe
Cuidar do outro faz bem
(Ray Lima)

Fortalecer e mobilizar. Mais do que uma palavra de ordem ou do que um *slogan* que marcou o nosso mandato na direção da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), no período de 2020 a 2022, tínhamos em

"fortalecer e mobilizar" as palavras-sementes que denunciavam um contexto difícil para as associações científicas brasileiras no período, e que também anunciavam a possibilidade de fortalecer a ALAB e mobilizar suas/seus associadas/os para construir e reconstruir, para além de "um lócus acadêmico-científico dinâmico, instigador de estudos e reflexões na área de Linguística Aplicada" (Alab, 2020), um espaço de esperança e resistência em tempos de tormentas provocados pela obscuridade, negacionismo, perseguições e ataques à ciência. Nesse espaço de esperança e resistência, foi necessário aprender o que nos diz o trecho do poema de entrada nesse nosso cortejo inicial. Nas lições da cenopoesia do educador popular Ray Lima (2016), aprendemos que cuidar do outro é cuidar de nós mesmos, uma abertura para o cuidar da coletividade ao semear as palavras-sementes "fortalecer e mobilizar" como resistência ao egoísmo, à violência, ao expurgo do outro e à desmobilização individualista das formas de vidas capitalistas neoliberais e neofascistas que existem em querer habitar o nosso tempo.

Em 2019**,** ao compor uma chapa para a gestão da ALAB, estávamos conscientes da importância de reconhecer o papel político de uma Associação de Linguística Aplicada do Brasil em um contexto político e econômico resultante do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. O governo de Michel Temer pavimentara o caminho para o governo de extrema direita de Jair Bolsonaro, ambos promovendo uma agenda econômica neoliberal que provocou um aprofundamento nos cortes nas áreas de educação, saúde, proteção social, ciência e tecnologia.

Em nossa proposta de gestão, além de enfatizarmos a necessidade das associações da área se posicionarem de modo assertivo contra os cortes governamentais, colocamos também a importância de decentralizar a ALAB mobilizando associadas/dos, pesquisadoras/es e estudantes de todas as regiões do país. Quando concorremos à eleição da diretoria, durante o XII CBLA, realizado em Vitória (ES), em julho de 2019, e ao obtermos vitória no pleito, passamos a representar a primeira diretoria da ALAB com a presidência vinculada a uma universidade do Nordeste – a primeira diretoria da ALAB a ter uma diretoria com maioria de membros fora do eixo Sul/Sudeste/Centro-oeste, tendo em sua composição três diretoras da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Uma diretoria inteiramente de mulheres, estando assim composta por: Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar (UECE – presidenta), Profa. Dra. Glenda Cristina Valim de Melo (UNIRIO – vice-presidenta), Profa. Dra. Nukácia Meyre Silva Araújo (UECE – tesoureira), Profa. Dra. Antonia Dilamar Araújo (UECE – 1ª secretária) e Profa. Dra. Branca Falabella Fabrício (UFRJ – 2ª secretária).

Como dissemos, as palavras-sementes (Alencar, 2021) "fortalecer e mobilizar" já traziam essa semântica da resistência política aos ataques contra a educação superior, pesquisas, ciências e inovação tecnológica por parte do governo Bolsonaro. No entanto, não imaginávamos que as tormentas provocadas pela ofensiva neoconservadora no Brasil seriam multiplicadas com a

explicitação de uma outra faceta da crise do capitalismo, a crise sanitária provocada pela pandemia de Covid-19[1].

Em um mundo onde a mercantilização da vida, característica do capitalismo neoliberal, tem provocado um aprofundamento das desigualdades sociais e a destruição contínua da natureza, somos confrontados com a pergunta do pensador indígena Aílton Krenak (2020): o que estamos fazendo com a nossa existência? O ser humano devorando a vida no planeta por conta da sua ganância, em seu desejo doentio por lucro exacerbado, desequilibra a vida por meio do consumismo próprio da lógica capitalista. A essa lógica destrutiva do capital, a natureza responde com dores.

Foi assim que, em 2020, no início da nossa gestão, o planeta todo ficou em suspensão, quando a pandemia, causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), ceifou a vida de milhões de pessoas em todo o mundo[2]. As mais

1 Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), "os coronavírus (CoV) são uma ampla família de vírus que podem causar uma variedade de condições, do resfriado comum a doenças mais graves. O novo coronavírus (nCoV) é uma nova cepa de coronavírus que havia sido previamente identificada em humanos. Conhecido como 2019-nCoV ou COVID-19, ele só foi detectado após a notificação de um surto em Wuhan, China, em dezembro de 2019. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto desse novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, devido à ampla distribuição geográfica da doença no mundo". (OPAS. Histórico da emergência internacional de Covid-19). Disponível em: https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19. Acesso em: 20 jan. 2025.

2 Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Painel de Controle do Coronavírus da OMS, que reuniu as principais estatísticas desde o início da pandemia, calculou até o dia 05 de maio de 2023, data em que o diretor-geral da OMS declarou o fim da Covid-19 como uma emergência de saúde

atingidas pela pandemia foram as populações já vulnerabilizadas pela exploração sistemática, engendrada pelo capitalismo: as populações periferizadas e racializadas, os povos indígenas, as classes proletárias, as pessoas desempregadas e subempregadas, as quais já não tinham acesso aos serviços básicos, como saúde, nem as condições de prevenção e cuidados para evitar contaminação e doenças, provocadas por agentes não humanos, como o coranavírus.

No Brasil, a ofensiva neoliberal conseguiu aprovar, após o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, a proposta de emenda constitucional que estabeleceu um teto para os gastos públicos, a PEC 241 ou PEC 55, que congelou o investimento em saúde e educação, por até 20 anos, investimento que estava garantido na Constituição. Essa medida de "ajuste fiscal" do presidente Michel Temer foi fruto da pressão dos setores empresariais e, em conjunto com o arrocho salarial e com a precarização do trabalho, fez parte de um movimento do capital que provocou o aprofundamento das desigualdades sociais e o aumento da pobreza no Brasil, políticas econômicas "antipovo" que foram intensificadas durante o governo de extrema direita de Jair Bolsonaro.

O governo Bolsonaro (2019-2022) provocou um aumento de todas essas vicissitudes consequentes do capitalismo neoliberal, ao promover o ataque às políticas de seguridade social, de

pública, os casos acumulados em todo o mundo, totalizando o número de 765.222.932 de casos, com quase sete milhões de mortes: o número exato até aquela data era de 6.921.614. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. [Marco: Covid-19 há cinco anos]. Genebra: OMS, 2024. Disponível em: https://www.who.int/news/item/30-12-2024-milestone-covid-19-five-years-ago. Acesso em: 30 dez. 2024.

educação inclusiva, a retirada de direitos das classes populares e trabalhadoras, o desmantelamento dos programas, sistemas e políticas públicas de saúde, cultura, educação, ciência e tecnologia (Castilho; Lemos, 2021, França, 2020, Leher, 2022). E, para piorar esse quadro, com o aumento do preço dos alimentos básicos, o Brasil tornou-se novamente palco da fome (Costa, Rizzotto; Lobato, 2021, Luciano; Correa, 2022).

Foi nesse contexto de tormenta que a pandemia chegou no Brasil. Assentado no mesmo discurso do fundamentalismo religioso, utilizado em sua campanha, o presidente Jair Bolsonaro minimizou a gravidade do problema e, de modo negligente, fez pronunciamentos negacionistas que incentivaram as campanhas anticiência e antivacina. Apesar de os Estados adotarem o isolamento social como medida de prevenção, o governo federal tardou a adotar as medidas necessárias, atrasou a compra de vacinas e a adoção da política de transferência de renda com o pagamento do auxílio emergencial para a população necessitada. Essas omissões colocaram o povo brasileiro em uma verdadeira tragédia: mais de 700 mil mortes, pobreza extrema e nenhuma sensibilidade, empatia ou solidariedade de quem dizia em sua campanha política defender a família e a pátria brasileiras.

Estávamos de luto por nosso povo, por nossa gente, luto por um tão grave quadro socioeconômico em nossa nação, luto por nossos mortos – amigos, colegas de trabalho, vizinhos, familiares, conhecidos, desconhecidos –, mas precisávamos fazer brotar o "fortalecer e mobilizar" em práticas de resistência e esperança. Como conduzir uma associação científica nacional em meio a tão

grande tormenta? Foi o que aprendemos durante os três anos seguintes (um a mais do que o período designado para o mandato da nossa gestão).

Ocupar as plataformas e reconstruir a memória da ALAB para fortalecer nossa história e a nossa comunidade

O tecnobiocapitalismo, caracterizado pela vigilância dos comportamentos nas plataformas e mídias digitais, tem colonizado as subjetividades para definir modos de consumir e aumentar os lucros exorbitantes das grandes corporações empresariais (Gomes, 2022). Esse movimento do capital intensificou a mercantilização de gostos, alimentando processos de comercialização de dados sobre os modos de ser dos sujeitos, durante o período de necessário isolamento social para conter a pandemia. Mesmo durante a pandemia, houve essa intensificação das novas dinâmicas do capitalismo tecnocrático (Santos, 2015, Han, 2018), os coletivos e movimentos sociais também ocuparam as plataformas e mídias digitais para se contrapor à lógica individualizante e egoísta do sistema capitalista racista e patriarcal por meio de práticas de amorosidade e solidariedade, constitutiva de gramáticas de resistência (Alencar, 2021).

Antes de a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar, em 30 de janeiro de 2020, que o surto do novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) e, mais tarde, em 11 de março de 2020, que a Covid-19 tratava-se de uma pandemia, iniciamos o processo de

aproximação dos nossos sócios e sócias por meio das redes. No início de janeiro, divulgamos um vídeo nas plataformas *Instagram, Youtube* e *Facebook* apresentando a nova diretoria. O intuito era de congregar a nossa comunidade de Linguística Aplicada para que fortalecêssemos a área por meio do trabalho da memória, trazendo à luz as ações das gestões anteriores para celebramos os 30 anos da ALAB durante todo o ano de 2020 e para mantermos viva a história da ALAB.

Ainda em janeiro, convidamos a primeira presidenta da ALAB, Marilda Cavalcanti (Unicamp), que fez um vídeo anunciando o que ela chamou de "confraternização virtual" entre as(os) associadas(os), que estava sendo promovida pela nossa gestão da ALAB. No mês seguinte, em fevereiro, foi a vez do segundo presidente da ALAB, Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ/CNPq), que enfatizou o aspecto colaborativo do nosso convite para ocuparmos as redes. Esse trabalho de memória foi realizado por todas as pessoas que ocuparam a presidência da ALAB. No caso do Hilário Bohn (UFSC/UCPel), também um dos membros fundadores da nossa associação e presidente durante a gestão de1994 a1996, decidimos fazer uma homenagem. Solicitamos ao vice-presidente da sua época, o Prof. Vilson Leffa (UFRGS/UCPel), para fazer um vídeo homenageando o Prof. Hilário e mostrando os principais feitos de sua gestão.

Também convidamos todas as pessoas que estiveram na presidência da ALAB para mesas-redondas, que aconteceram de modo remoto, estabelecendo diálogos e tecendo os fios da memória em torno da importância da construção da ALAB para

efetivarmos uma Linguística Aplicada comprometida não apenas em produzir a compreensão da vida social pelo viés da linguagem, mas também engajada em transformar realidades de desigualdade e injustiças.

O trabalho da memória, como nos diz Bergson (1999), não apenas permite conectar o passado ao presente, mas constitui significações de modo criativo, invento, possibilitando novas proposições/ações. Por isso, os nossos povos originários têm chamado a atenção para o fato de que a memória é um processo do tempo presente, uma vez que o passado é presente e o futuro é ancestral. Trazendo essas reflexões de outros modos de vida, formas de pensar e viver anticapitalistas, fizemos um intenso trabalho de construção da memória da ALAB. Nos primeiros meses da gestão, dedicamos esforços a construir um novo site da ALAB, trilíngue (espanhol, inglês, português), mais interativo, mais informativo. De modo minucioso, mobilizamos o trabalho da memória da ALAB, trazendo o registro de nossa história com fotos e documentos referentes a todos os congressos (CBLA), bem como dados de todas as diretorias anteriores.

Além disso, trouxemos novas sessões, tais como uma biblioteca digital, contendo "LA (Linguística Aplicada) em foco", "LA em cena", "Saindo do forno", trazendo publicações recentes das/os sócias/os nas várias áreas da Linguística Aplicada. O LA em Cena, vale destacar, trouxe publicações em outras linguagens para além da acadêmica, apresentando também artistas e participantes dos coletivos culturais dos movimentos sociais, que têm contribuído para as reflexões em torno das relações entre linguagem e

sociedade. Também trouxemos para o site e para as plataformas, tais como *Instagram* e *Facebook,* a divulgação de eventos nacionais e internacionais na área dos estudos da linguagem.

Para agregar as pessoas na nossa comunidade, passamos a realizar, semanalmente, de modo remoto, por meio do canal do *Youtube* da ALAB, uma mesa redonda (toda quarta-feira) e uma roda de conversa, que chamamos de "Café com a ALAB", que acontecia toda sexta-feira à tarde. Foram mais de 200 *lives* realizadas durante a nossa gestão, sendo a primeira delas transmitida em primeiro de abril de 2020, pelo perfil do *Instagram* da ALAB. Todo esse movimento trouxe muitos inscritos para os canais e redes sociais da ALAB. Alguns dos vídeos do canal apresentam mais de 100 mil visualizações. Evidentemente, isso deveu-se também às políticas de contenção da pandemia, com a determinação do *lockdown*, a partir de março de 2020, que levou as pessoas para as vivências nos espaços *online*. No entanto, há que se considerar as diversas propostas de encontros *online* promovidas pela ALAB, o modo como esses encontros agregavam pessoas para discutir uma amplitude de temas da Linguística Aplicada. Realizamos também entrevistas com associadas/os, pesquisadoras/es nacionais e internacionais, e convidadas/os estrangeiras/os. Foram em torno de 15 entrevistas durante a nossa gestão, iniciando essa série de entrevistas transmitidas pelo canal do *Youtube* da ALAB, com um momento inesquecível, quando Daniel Silva (UFSC/CNPq) entrevistou Jan Blommaert (Tilburg University), transmitida em 21 de dezembro de 2020. Nessa entrevista, Blommaert explicou que decidiu conversar conosco naquele momento, destacando que

estava feliz de conversar por meio daquele encontro que poderia ser sua última fala em público, devido ao seu estado de saúde. De fato, em 07 de janeiro de 2021, o linguista nos deixou, ficando o seu legado importante para a Linguística Aplicada. Destacamos a entrevista de Jan, mas tivemos momentos incríveis com Magda Soares (UFMG), que também nos deixou em 01 de janeiro de 2023, Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ/CNPq), Kanavilil Rajagopalan (Unicamp/CNPq), Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (USP), Homi Bhabha (Harvard University), Joana Plaza Pinto (UFG/CNPq), Walter Mignolo (Duke University - DU), Cristiane Severo (URI), Sinfree Makoni (Pennsylvania State University), apenas para citar alguns nomes.

Em termos de recepção dessas ações nas plataformas digitais, recebemos muitas postagens positivas sobre a importância de estarmos juntas/os e sobre como as nossas atividades *online* ajudavam as nossas/os associadas/os a atravessarem aqueles momentos difíceis. O impacto também pode ser sentido no crescimento do número de inscritos nos perfis das redes da ALAB. Como demonstração, podemos olhar para a plataforma do *Youtube*. Havia menos de um mil inscritos no canal da ALAB, passando para quase 15 mil inscritos, após essa jornada de programação semanal intensa. Porém, queremos ressaltar não a quantidade de pessoas, mas o movimento de fazer/ser comunidade que foi gerado, durante esses encontros.

Com a pandemia, o negacionismo e as perseguições às/aos professoras/es e às universidades alimentados pelo fundamentalismo religioso e o neoconservadorismo do governo

Bolsonaro causaram verdadeiro terror em todos nós. Pelas conversas trocadas no *chat*, durante as nossas *lives* (em mesas-redondas e rodas de conversas), percebemos que os laços de solidariedade, de amizade e o apoio para enfrentar as tormentas, geradas na conjuntura político-econômica e sanitária daquele momento, eram fortalecidos a cada encontro. As pessoas não apenas se cumprimentavam, comentavam ou faziam perguntas, mas trocavam palavras de amizade e carinho ou enunciados em que se apoiavam nas falas das/dos palestrantes. Assim, pudemos perceber que vínculos importantes estavam sendo construídos, formas diferentes de socializar o conhecimento baseadas no apoio mútuo.

Compreendemos, parafraseando bell hooks (2021), a possibilidade de transformação das salas e canais de encontro virtual em "comunidades de resistência". Desse modo, podemos dizer que foi muito forte na nossa gestão esse aproximar e reaproximar as pessoas em uma práxis de resistência à fragmentação e individualização próprias do tecnocapitalismo. O habitar as redes e plataformas para a nossa gestão foi também um modo de resistência, um modo de vivenciar "ensinando comunidade" (hooks, 2021).

Outra atuação sobre essas formas de vida de resistência, baseadas na solidariedade, foi a implementação de políticas de cotas para negras/os e indígenas pela gestão. As temáticas relativas às questões de raça, étnicas, de gênero e acessibilidade para as pessoas com deficiências sensoriais e neurodivergências também atravessaram esse período, estando presentes tanto

como temáticas das mesas e rodas de conversa, quanto na defesa de políticas públicas, por meio da nossa participação em audiências públicas, a exemplo da atuação da ALAB na proteção de políticas afirmativas, de modo específico na proposição de cotas étnico-raciais na pós-graduação. Também ofertamos um Curso em Letramento Racial Crítico para as/os nossas/os associadas/os. Sobre acessibilidade, outro feito importante foi a tradução em Libras e a apresentação em audiodescrição de todas as palestras e rodas de conversa, realizadas semanalmente por meio remoto.

Em termos de solidariedade, também podemos lembrar o apoio a eventos em Linguística Aplicada realizados pelas/os associadas/os com a disponibilidade da plataforma *streamyard* e canal *Youtube para* realização e transmissão. Também a concessão de recursos de Bolsa Solidária (*Solidarity Awards Funds*), para a participação de associadas/os no Congresso Internacional de Linguística Aplicada (AILA). A ALAB pagou a inscrição de 14 (quatorze) associadas/os que tiveram trabalhos aprovados para apresentação no 18º Congresso Mundial, realizado em Groningen, Holanda, em agosto de 2021.

Um dos marcos desse sentir/fazer comunidade foi a celebração dos 30 anos da ALAB, com dois momentos: um bem específico, no dia 26 de junho, com uma mesa comemorativa da ALAB, intitulada "Nossa Memória e História em Construção – ALAB 30 anos", – um evento que contou com a participação de vários ex-presidentes que destacaram as ações realizadas durante suas gestões; outro, que teve um movimento contínuo, durante os anos de 2020 e 2021, por meio de publicação em parcerias com

oito periódicos da área – Raído, Trabalhos em Linguística Aplicada (TLA), Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA), Ilha do Desterro, Linguagem em Foco, Revista da ANPOLL, Calidoscópio e Documentação em Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (DELTA). Como essas publicações foram edições comemorativas dos 30 anos da ALAB, convidamos as/os ex-presidentes para organizar esses números temáticos em LA.

Esse período de encontros *online* da comunidade ALAB, em mesas-redondas e rodas de conversa, teve que se prolongar para além do nosso mandato, que deveria ser concluído em dezembro de 2021. Com as novas ondas de Covid em 2021 e os constantes retornos ao isolamento social, foi necessário prorrogar o nosso mandato e realizar assembleias *online* para a atualização do Estatuto da ALAB, uma vez que não havia amparo legal no antigo estatuto para a realização de uma nova eleição nessa modalidade. Para isso, contratamos uma equipe de advogados e elaboramos, com o apoio dessa assessoria, uma proposta de atualização do Estatuto Social da ALAB. O novo estatuto acompanha a legislação para as organizações civis a qual permitiu, após o período pandêmico, a realização de assembleias e eleições da diretoria e conselho de modo remoto, presencial ou híbrido. Também aproveitamos para elaborar o Regimento Interno da entidade, que não existia até então. As propostas desses dois documentos foram submetidas às/aos associadas/os em Assembleia Ordinária, na modalidade remota, em 20 de agosto de 2021. Após discussão e realizadas algumas alterações sugeridas pelas sócias/os, os dois documentos foram aprovados por unanimidade. Com as mudanças, o mandato da gestão da diretoria e do conselho da ALAB passou a ser de três anos.

Realizadas as mudanças nos principais documentos da Associação, durante o ano de 2021, e dando continuidade aos diversos encontros *online* durante os anos de 2021 e de 2022, estávamos preparadas para realizar o nosso 13º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), que, devido a novas ondas da Covid-19 e as permissões do Governo do Ceará, foi realizado apenas em novembro de 2022, no Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza. O 13º CBLA aconteceu de modo híbrido, assim como a Assembleia que elegeu a nova diretoria e trouxe algumas novidades. Além de conferências plenárias, rodas de conversas, mesas redondas, apresentações e debates de trabalhos, lançamento de livros, apresentação artística, plenária de balanço e eleições da nova diretoria, o 13º CBLA lançou uma amostra de audiovisual e duas novas atividades: a 1ª Jornada de Iniciação Científica (para estudantes de graduação e ensino médio); e o 1º Seminário de Teses (para estudantes de pós-graduação, nível doutorado).

O tema do evento, que reuniu 1300 participantes, foi "Linguagem-e-sociedade em tempos pandêmicos", objetivando tratar de questões atuais de Linguística Aplicada ao promover discussões necessárias e urgentes sobre as práticas de linguagem no contexto social de pandemia.

Políticas de Linguagem para resistir em meio à tormenta política, econômica e sanitária no Brasil

Nos últimos tempos, temos visto com espanto a ascensão do neofascismo no mundo, em um movimento que tem articulado os elementos do projeto político neoliberal – como

a avidez pelo lucro e pela acumulação do capital, ao ponto de se buscar a mercantilização da vida e do próprio ser – com ataques hiperagressivos e deliberados aos direitos humanos e às conquistas sociais.

De acordo com Gomes e Belinot (2020, p. 258), o neofascismo "[...] combina uma conduta moralista beligerante e rancorosa, fanatismo religioso, uma retórica demagógica anticorrupção, uma agressividade pública sem precedentes; além do combate à argumentação racional, à ciência, rejeitando quaisquer afirmações baseadas em fatos." Diversos autores têm considerado o governo Bolsonaro como um governo neofascista (Almeida; Toniol, 2018, Boito Jr, 2020, Cavalcante, 2021, Mattos, 2020, Melo, 2020).

De fato, naquele período, vimos o governo Bolsonaro atacar as políticas públicas de Estado que buscavam valorizar a diversidade cultural, linguística e territorial. Exemplo disso foi o favorecimento da hegemonia da Língua Inglesa, enquanto a Língua Espanhola foi retirada das escolas. Tais ataques resultaram também no desmonte das políticas voltadas para as populações quilombolas, indígenas, como a tentativa de estabelecer um marco temporal para retirar o direito de demarcação das terras indígenas, e a mudança na legislação ambiental para beneficiar o agronegócio e as madeireiras etc. Na linha de ação de um governo neofascista, o governo Bolsonaro agrediu as ciências, principalmente as ciências humanas.

Para resistir a tantos ataques, compreendemos que precisávamos nos "mobilizar". Nesse sentido, priorizamos a organização política enquanto associação científica em defesa

da ciência, da educação e da justiça social. Nos primeiros dias da nossa gestão, preparamos toda a documentação, conforme as exigências, e conseguimos aprovar a filiação da ALAB à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a SBPC. Anterior a nossa gestão, a ALAB acompanhava e apoiava as ações da SBPC, mas não fazia parte oficialmente dos conjuntos de entidades que constituem essa sociedade científica. Agora, fazendo parte dessa composição, realizamos diversas ações conjuntas, unindo-nos às Secretarias Regionais da SBPC e Sociedades Científicas Afiliadas, como a Marcha Virtual pela Ciência no Brasil, no dia 07 de maio de 2020. Juntamente com a SBPC, realizamos uma série de atividades transmitidas pelas redes sociais da ALAB e da SBPC. O objetivo dessa e de várias outras manifestações realizadas durante esse período gritante da crise sanitária foi o de mostrar a importância da ciência no enfrentamento da Pandemia de Covid-19 e de suas implicações sociais, econômicas e para a saúde das pessoas.

Também somamos forças com as entidades científicas de todo o País lideradas pela SBPC na luta contra o contingenciamento de recursos para do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), a principal fonte de investimento em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) do Brasil. O então presidente Jair Bolsonaro decretou a Medida Provisória (MP) nº 1.136, de 2022, congelando a liberação de mais de R$ 3,5 bilhões dos recursos aprovados para 2022 do FNDCT e impedindo o acesso a mais de R$ 14 bilhões até 2027. Para reverter o contingenciamento, uma vez que a MP precisava da posterior apreciação pelas Casas do Congresso Nacional (Câmara e Senado) para se converter

definitivamente em lei ordinária, participamos de uma grande mobilização nacional, inclusive com audiências públicas no Congresso Nacional, contra o bloqueio. Foi um grande alívio quando conseguimos a vitória como resultado da mobilização das nossas sociedades científicas lideradas pela SBPC. Na votação acirrada na Câmara dos Deputados Federais (197 X 187 votos), os deputados federais aprovaram a retirada do trecho do Projeto de Lei do Congresso Nacional (PLN) n° 17, de 2022, que permitia que o Governo Federal bloqueasse os recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) e transferisse a verba para outras áreas. Sem dúvida, uma vitória expressiva para todas as áreas ligadas à CT&I em nosso País.

Além de participarmos de todas as Reuniões Anuais da SBPC durante os três anos da nossa gestão, com mesas-redondas representando a ALAB, também participamos do movimento promovido pela SBPC intitulado Ciência & Mulher, para celebrar e incentivar a presença das mulheres e das meninas na ciência. Por meio de consulta às/aos associadas/os no site da Associação, escolhemos os três nomes das mulheres mais votadas como pesquisadoras representantes da Linguística Aplicada. As pesquisadoras Profa. Dra. Marilda do Couto Cavalcanti (Unicamp), Profa. Dra. Walkyria Maria Monte Mor (USP) e Profa. Dra. Inês Signorini (Unicamp) foram as mais votadas e foram homenageadas durante o 13º CBLA em Fortaleza. Nesse mesmo movimento, a nossa gestão também indicou, durante a Assembleia Ordinária da ALAB, realizada por ocasião do 13º CBLA, os nomes de três associadas para compor o quadro de sócias eméritas da ALAB:

Profa. Dra. Angela Kleiman (Unicamp), Profa. Dra. Inês Signorini (Unicamp) e Profa. Dra. Rita Zozzoli (UFAL). Os nomes das pesquisadoras foram aprovados por unanimidade.

O nosso mobilizar seguiu também em união com as outras associações da área de Letras e Linguística. Durante a nossa gestão, promovemos, coordenamos e participamos de encontros e mesas-redondas discutindo temáticas importantes referentes às políticas voltadas para a área de Letras e Linguística com a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), dentre outras. Com essas associações, discutimos as políticas de linguagem, questões de ética e inovação para a área de Letras e Linguística, investimentos em pesquisa em nossa área, e nos mobilizamos na escritura de notas como respostas aos ataques neofascistas contra os direitos humanos e contra a tentativa, pelo governo Bolsonaro, de desmonte da educação e da pesquisa.

Também, fortalecendo a nossa área de Letras e Linguística, organizamos um grupo de trabalho para defender a diversidade linguística com os representantes das sociedades científicas que atuam com línguas adicionais (Associação Brasileira de Hispanistas – ABH; Associação Brasileira dos Professores de Italiano – ABPI; Federação Brasileira dos Professores de Francês – FBPF; Associação Brasileira de Professores de Língua Inglesa da Rede Federal de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – ABRALITEC; dentre outras). Na defesa da educação linguística

para a diversidade intercultural, este GT trabalhou tensões e disputas em torno do ensino de línguas adicionais. Buscamos uma articulação política para realizar discussões, tanto nas redes como no congresso nacional, por meio de audiências públicas em torno do pluriliguismo e da educação linguística multi/plurilingue no Brasil e, de modo específico, para fortalecer o movimento "Fica Espanhol" e a Educação Linguística para as línguas adicionais no País. A ALAB também promoveu uma discussão em algumas mesas-redondas com pesquisadores que investigam as práticas de linguagem, e/ou de modo específico, o ensino de línguas em sua relação com o fenômeno da mercantilização da linguagem no capitalismo atual, refletindo como os recursos linguísticos instrumentais e simbólicos se transformam de marcas identitárias para figurarem como valores comerciais em trocas econômicas. Essa discussão é tema de um dos dossiês em comemoração aos 30 anos da ALAB (Garcez; Jung, 2021).

Na nossa gestão, a ALAB também atuou como entidade integrante do Fórum de Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Letras, Linguística e Artes (FCHSSALLA). O Fórum foi uma instância muito ativa em defesa das áreas de humanidades que foram tão perseguidas naqueles tempos difíceis. Além de a ALAB participar da luta constante do FCHSSALLA, pela elaboração de uma regulação ética da pesquisa que valorize as dimensões reflexiva e formativa, com a atuação significativa de um GT sobre ética em pesquisa e a defesa de um modelo de avaliação ética específico para as chamadas Humanidades, atuamos com o Fórum em questões importantes como a defesa dos direitos

dos povos indígenas, das políticas de cotas étnico-raciais, da proteção ambiental, das políticas de seguridade social, da defesa dos direitos humanos e do enfrentamento aos cortes na educação e na ciência, com a defesa do investimento em bolsas de pós-graduação, constantemente ameaçado durante o desgoverno. Como participávamos ativamente das discussões e manifestações do FCHSSALLA, acionamos esta instância quando percebemos graves problemas no edital do Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD), lançado em 2021, a ser executado em 2023 (EDITAL DE CONVOCAÇÃO Nº 01/2021). Essa talvez tenha sido uma das experiências mais enriquedoras que vivenciei como presidenta da ALAB. Sem dúvida, uma experiência que mostra a geração e ações propositivas decorrentes das palavras-sementes "fortalecer" e "mobilizar".

Algumas pesquisadoras da LA que trabalham com o tema "Livros e Materiais Didáticos" procuraram a ALAB para denunciar que o referido edital do PNLD, preparado pela equipe do MEC do governo Bolsonaro, representava um retrocesso, uma vez que retirava os critérios de avaliação que impediam a escolha de obras que violassem os direitos humanos ou que construíssem estereótipos que estimulassem a violência contra as mulheres e crianças, para dar apenas alguns exemplos. Quando recebemos essa demanda, convocamos imediatamente pesquisadoras/es de todo o Brasil que atuam com a temática e criamos um GT sobre PNLD na ALAB. Em várias reuniões, realizamos estudos comparativos entre o edital em questão e os editais anteriores. Discutimos as omissões, os acréscimos ao novo edital, realizando

também uma pesquisa documental para verificar a legislação (por exemplo, a Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, e a Lei nº 11.645, que traz a obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio), além de analisarmos alguns pontos da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Nosso intuito era analisar em que medida o edital lançado em 2021 (PNLD 2023) feria algumas conquistas de grupos sociais vulnerabilizados. Após muitos estudos, inclusive com a paticipação, a nosso convite, de pesquisadoras da Associação Brasileira de Alfabetização (ABALF), o GT organizou um documento com os resultados da análise e um quadro síntese comparativo em que se concluia que o referido edital não se baseava nos princípios éticos e democráticos, garantidos pela Constituição, bem como abria espaço para obras e materiais que violassem os direitos humanos. O edital lançado pelo governo Bolsonaro alterara os critérios de editais anteriores, retirara as cláusulas que prescreviam a exclusão de obras que violassem direitos humanos e que veiculassem preconceitos raciais, sociais, de gênero etc. O Edital de Convocação Nº 01/2021 – CGPLI, do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), de 2023, também incluíra uma cláusula que modalizava a observância de princípios éticos e de cidadania, transformando-a em mero critério de avaliação.

Como o edital já havia sido lançado e estava em vigor, era necessário impugná-lo totalmente o que diz respeito a essas cláusulas específicas. Percebíamos o tamanho dos obstáculos e

da luta política que nos esperava. E o cenário para ela era o pior possível. Superamos os pessimimos e derrotismos e, munidos da nota técnica elaborada pelo GT PNLD da ALAB, procuramos o FCHSSALLA que imediatamente nos ouviu e abraçou a nossa causa. Inicialmente, o Fórum enviou o nosso relatório técnico para o Ministério da Educação (MEC) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para marcarmos uma reunião com a Secretaria de Educação Básica (SEB) e Coordenação-Geral de Materiais Didáticos do MEC. Tivemos bastante dificuldades para marcar essa reunião, que aconteceu de modo remoto, devido a pandemia, após constantes cancelamentos do MEC. Estávamos presentes com alguns especialistas da ALAB e presidentes de outras associações que compõem o FCHSSALLA, apoiando-nos.

A equipe do MEC presente não recebeu bem a nossa contestação, usando argumentos que beiravam aos que constituem o projeto absurdo Escola Sem Partido, utilizado para perseguir docentes durante o governo Bolsonaro. Discutimos a necessidade de uma rigorosa revisão ou impugnação do edital e apontamos as questões técnicas. Uma das diretoras disse que nossos estudos seriam considerados, mas a reunião foi encerrada, sem nenhum encaminhamento nessa direção.

Desse modo, iniciamos uma articulação política com deputados das comissões voltadas para a educação e em defesa do livro. Nesse processo, soubemos que uma ação judicial já havia sido iniciada para impugnar o edital. Tratava-se de Ação Civil Pública movida por organizações que compõem a Articulação contra o Ultraconservadorismo na Educação que refutava o edital

de 2021 do PNLD. Com o apoio do Fórum, realizamos reuniões com representantes da Articulação contra o Ultraconservadorismo na Educação que perceberam a relevância do estudo crítico do edital do PNLD realizado pela ALAB para que a Ação Popular obtivesse êxito. Tivemos então algumas reuniões com os advogados da Ação Educativa presentes na Articulação contra o Ultraconservadorismo na Educação para explicarmos o documento técnico da ALAB. Após essas reuniões, ingressamos, ALAB e ABALF, como *Amicus Curiae*[3]*, atuando como especialistas* na referida Ação Popular ajuizada contra o Ministério da Educação e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), para impugnar cláusulas do Edital de Convocação Nº 01/2021 – CGPLI do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2023, que tramitava na 17ª vara cível da seção judiciária do Distrito Federal, do Tribunal Regional Federal da 1ª Região.

Após o processo passar por várias instâncias, inclusive pelo Ministério Público, que fez um parecer favorável à Ação Popular, no qual se utilizaram trechos do estudo técnico produzido pelo nosso GT, saiu a decisão judicial em 10 de maio de 2023. A sentença do juiz Renato Coelho Borelli julgou procedente o pedido para que os editais do PNLD reincorporassem as cláusulas de proteção aos direitos humanos e à diversidade. Mas, como o edital em questão

3 O termo jurídico *Amicus Curiae* refere-se à intervenção de terceiros em uma ação judicial, com a permissão do tribunal, para contribuir com conhecimentos especializados, técnicos, trazendo informações relevantes sobre questões complexas, ajudando o tribunal a tomar uma decisão informada. Para mais informações ver: MACIEL, Adhemar Ferreira. Amicus Curiae: um instituto democrático. **Revista de informação legislativa**, [*S. l.*], v. 38, n. 153, p. 7-10, 2002.

já havia sido finalizado, a sentença da 4ª Vara da Justiça Federal também determinou a implementação imediata de uma etapa de monitoramento, para que a União identificasse e recolhesse as obras que não estivessem de acordo com esses critérios, apontados em nosso relatório técnico. Foi uma grande vitória que a Justiça brasileira tenha ratificado na sentença que as obras selecionadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) devem respeitar princípios éticos e democráticos e não podem ser incluídos nessa seleção livros que violem direitos humanos ou façam proselitismo religioso. Com essa vitória, percebemos o valor de um enunciado popular comumente proferido no movimento sindical: "só a luta muda a vida!"

Cortejo Final

Desde os tempos em que nasci
Logo aprendi algo assim
Cuidar do outro é cuidar de mim
Cuidar de mim é cuidar do mundo
(Ray Lima)

Neste texto, procuramos enunciar as palavras-sementes "fortalecer" e "mobilizar", para discutir a conjugação entre práticas de linguagem, política e comunidade na experiência de gestão da ALAB. Essas palavras indexicalizam novas formas de vida, reinaugurando as práticas compartilhadas pelos movimentos sociais de "se pôr em coletivo", para enfrentar as políticas de morte, os extremismos e a violência dos grupos políticos de extrema-direita. Nos três anos de nossa gestão, de 2020 a

2022, pudemos entender como esses grupos, ao assumirem o poder, procuram destruir a democracia, a pluralidade de pensamento e impor regimes de controle por meio do disparo digital de desinformação, constituindo discursos assentados em fundamentalismo religioso/moral e intervenções por meio de políticas que buscam desmontar, perseguir e atacar os sistemas de ciência e inovação, educação, cultura e arte, justamente porque esses são desestabilizadores das práticas de crueldade e do expurgo do outro, da violação dos direitos humanos, próprias dos neofascismos, além de questionadores dos sistemas econômicos e políticos que se alimentam e reproduzem a exploração, a opressão e a censura, gerando desigualdades e injustiças sociais.

Em nossa gestão, procuramos ressignificar as políticas de linguagem para construirmos a ALAB como um "corpo-comunidade", escutando, aprendendo e projetando nas redes sociais, plataformas digitais – espaços de encontros possíveis naquele momento –, as aprendizagens e ensinamentos das experiências/vivências coletivas dos diversos grupos de pesquisadores e sociedades científicas, coletivos e movimentos sociais em diálogos colaborativos e mobilizações políticas assertivas em defesa da ciência, da educação, dos valores democráticos e dos direitos humanos, uma ação que se transformou em luta pelo cuidado com outro, pela sobrevivência mesmo da nossa população, em meio a uma pandemia negligenciada pelo governo federal brasileiro daquela época. Em meio ao luto, foi preciso empreender uma luta diária como associação científica, contra o negacionismo e a desinformação, em defesa da ciência, da educação, da cultura, do

meio ambiente e, principalmente, da saúde pública, reivindicando financiamentos necessários para enfrentarmos a pandemia e as tormentas geradas pela crise do sistema capitalista.

Todos esses repertórios/saberes/vivências são constitutivos de uma gramática de resistência em que o sentimento comunitário, a solidariedade e o cuidado consigo e com o outro constituem condição necessária para esperançar um mundo mais justo, igualitário e fraterno. Estudar, pesquisar, conhecer, inventar, vivenciar essas práticas comprometidas com a democracia e com a justiça social, enfrentando, na pesquisa e na gestão, macro e microssistemas políticos antidemocráticos e violentos, que procuram transformar a vida em mercadoria, é um desafio para a Linguística Aplicada na atualidade.

Referências

ALAB. História. **Site da Associação de Linguística Aplicada do Brasil**. 2020. Disponível em: https://alab.org.br/historia. Acesso em: 27 jan. 2025.

ALENCAR, C. N. de. "O amor de todo mundo, palavras-sementes para mudar o mundo": gramáticas de resistência e práticas terapêuticas de uso social da linguagem por coletivos culturais da periferia em tempos de crise sanitária. **Documentação em Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 1-26, 2021. https://doi.org/10.1590/1678-460X202156109

ALMEIDA, R.; TONIOL, R. **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**: análises conjunturais. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOITO JR, A. Porque caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica Marxista**, [*S. l.*], n. 50, p. 111-119, 2020.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CASTILHO, D. R.; LEMOS, E. L. de S. Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira. **Revista Katálysis**, [*S. l.*], v. 24, p. 269-279, 2021.

CAVALCANTE, S. M. A condução neofascista da pandemia de Covid-19 no Brasil: da purificação da vida à normalização da morte. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 4-17, 2021.

COSTA, A. M.; RIZZOTTO, M. L. F.; LOBATO, L. de V. C. Fome, desemprego, corrupção e mortes evitáveis: faces da necropolítica. **Saúde em Debate**, [*S. l.*], v. 45, p. 555-558, 2021.

FRANÇA, D. P. I. Crise estrutural e societária: precarização do trabalho em tempos de "bolsonarismo pandêmico". **PEGADA-A**

Revista da Geografia do Trabalho, [*S. l.*], v. 21, n. 3, p. 215-237, 2020.

GARCEZ, P. M.; JUNG, N. M. Mercantilização da linguagem no capitalismo recente: diversidades e mobilidades. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 60, n. 2, p. 338-346, 2021. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8666196. Acesso em: 20 dez. 2024.

GOMES, E. P. M. Decolonialidade epistemológica em tempos de monotecnologização da vida: Uma tarefa ao pensar. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 163-180, 2022. DOI: 10.46230/2674-8266-14-9441. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9441. Acesso em: 27 jan. 2025.

GOMES, V. L.; BELINOT, V. Neoliberalismo e Pós-Democracia: o percurso brasileiro rumo ao (Neo)fascismo. *In*: REBUÁ, E.; COSTA, R.; GOMES, R.; CHABALGOITY, D. (org.) **(Neo)fascismo e educação**: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. p. 258-285.

HAN, B. C. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Preparação de Ligia Azevedo. Revisão de Ana Martini e Fernanda Alvares. São Paulo: Editora Âyiné, 2018.

HOOKS, B. **Ensinando Comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LEHER, R. Mercantilização da educação, precarização do trabalho docente e o sentido histórico da pandemia Covid 19. **Revista de Políticas Públicas**, [*S. l.*], v. 26, p. 78-102, 2022.

LIMA, R. **Um roteiro Cenopoético para o Viva a Palavra**. Fortaleza: [s. n.], 2016.

LUCIANO, Christiane dos Santos; CORREA, Pamela Barreto. A fome como projeto político da burguesia antinacional brasileira. **Revista Katálysis**, [*S. l.*], v. 25, n. 3, p. 478-487, 2022.

MATTOS, M. B. **Governo Bolsonaro**: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. São Paulo: Usina Editorial, 2020.

MELO, D. O bolsonarismo como fascismo do Século XXI. *In*: REBUÁ, E.; COSTA, R.; GOMES, R.; CHABALGOITY, D. (org.). **(Neo)fascismo e educação**: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. p. 12-46.

SANTOS, F. R. **Capitalismo, tecnocracia e educação**: da utopia saintsimoniana à economia (neo)liberal friedmaniana. Jundiaí-SP: Paco, 2015.

CAPÍTULO 12

PLURALIZAR E DEMOCRATIZAR: ALAB EM MOVIMENTO

Doris Cristina Vicente da Silva Matos
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Gestão ALAB 2023-2025

Nós somos o começo, o meio e o começo.
Existiremos sempre,
sorrindo nas tristezas
para festejar a vinda das alegrias.
Nossas trajetórias nos movem,
Nossa ancestralidade nos guia.
(Antônio Bispo dos Santos – Nêgo Bispo)

Nosso início é também continuidade

Com a epígrafe que anuncia este texto, quero destacar que, desde o primeiro capítulo deste livro, que apresenta a gestão inaugural da ALAB, presidida por Marilda Cavalcanti, até o último, que traz a décima sexta gestão,

atualmente sob minha presidência, o que se revela é um intenso movimento de luta, construção e continuidade. As gestões que compõem a história da associação não obedecem à lógica linear de início, meio e fim. Como nos ensina Nêgo Bispo (2015), ao falar da ancestralidade viva dos quilombos, somos *o começo, o meio e o começo*.

Bispo se refere à oralidade e à circularidade dos modos de existência quilombolas, em que o tempo não se esgota, mas se compartilha e se reinventa em cada retomada. É assim que vejo a gestão de uma associação científica como a ALAB: um processo cíclico e coletivo, que se renova a cada gestão sem esquecer o chão que a sustenta. Retornar é parte do movimento: voltar para ouvir, para reconhecer, para aprender com quem pavimentou as travessias que hoje nos permitem seguir adiante.

Escrevo esta narrativa no terceiro ano da Gestão 2023-2025 da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), intitulada Pluralizar e Democratizar, em meio à intensa ebulição que marca a preparação do XIV Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), a ser realizado entre os dias 14 e 18 de julho de 2025, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), instituição à qual sou vinculada. Uso deliberadamente a palavra ebulição, pois organizar um evento da magnitude do CBLA é, ao mesmo tempo, um privilégio, uma responsabilidade coletiva e um grande desafio: pelo seu alcance nacional e internacional, pela sua importância político-científica e pelas inúmeras demandas logísticas e afetivas que atravessam sua realização. Mais adiante, tratarei de detalhes sobre essa organização.

Neste sentido, este capítulo tem por objetivo registrar, em tom de testemunho e reflexão, a trajetória coletiva da gestão 2023-2025 da ALAB, em um momento simbólico em que celebramos os 35 anos da associação e a fundação da sua editora científica, a EDALAB. Trata-se de compartilhar uma história em movimento, feita de vozes entrelaçadas, alianças construídas, tensões enfrentadas, aprendizagens partilhadas e esperanças nutridas em conjunto. Ao longo das próximas páginas, a escrita se alterna entre a primeira pessoa, quando trago experiências e inquietações que atravessam minha própria trajetória, e a terceira pessoa, como forma de reconhecer e representar o trabalho plural realizado pela Diretoria[1]: um grupo de docentes e pesquisadores/as de diferentes regiões, instituições e áreas da Linguística Aplicada, cuja atuação coletiva sustenta cada passo dado por esta gestão.

Parto do entendimento de que a Linguística Aplicada é, antes de tudo, um campo comprometido com a transformação social e que, por isso mesmo, sua principal associação científica deve refletir essa vocação plural, crítica e insurgente. É com esse horizonte que apresento, neste capítulo, as sementes políticas que nos moveram a propor a chapa *Pluralizar e Democratizar*, os caminhos construídos em meio a encontros e negociações, e as ações que vêm materializando o 14º CBLA como território insurgente em construção.

1 Doris Cristina Vicente da Silva Matos (UFS/CNPq) – Presidenta; Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de Sousa (UFBA) – Vice-presidenta; Danillo da Conceição Pereira Silva (IFAL) – 1º secretário; Wagner Rodrigues Silva (UFT/CNPq) – 2º secretário; Kelly Barros Santos (UFRB) – 1ª tesoureira; Alexandre José Cadilhe (UFJF) – 2º tesoureiro.

Inspirada na proposição de Ailton Krenak, de que o futuro é ancestral, compreendo que nossas práticas de gestão precisam honrar as memórias, os saberes e as vozes que nos antecedem, que nos atravessam e que seguem ecoando em nossas decisões. São as 15 gestões que vieram antes de nós que tornaram possível que hoje estivéssemos aqui, escrevendo esta história com tantas outras mãos. Cada uma semeou, a seu tempo, parte do que hoje floresce, e é nesse solo coletivo que seguimos plantando, cuidando e abrindo espaço para o que ainda há de vir.

Por isso, este texto também narra os desafios que se impõem no horizonte da Linguística Aplicada, desafios que nos convocam a manter vivas as *grietas*, a escuta crítica e o compromisso com práticas que reinventem o presente e ampliem os horizontes do porvir. A escrita que aqui se desenha é também um gesto de memória e de projeção: reconhece o que fomos, afirma o que somos e ousa imaginar o que ainda podemos vir a ser, como associação, como campo científico e como comunidade política em permanente travessia.

Quando o gesto é semente: motivações e inquietações de uma gestão

Minha trajetória em sociedades científicas já soma alguns anos. Participei da fundação da Associação de Professores de Espanhol do Estado de Sergipe (APEESE), em 2009, atuando como vice-presidenta, e, posteriormente, presidi a Associação Brasileira de Hispanistas (ABH) na gestão 2016-2018, além de ter integrado seu Conselho Consultivo e Comissões Científicas. Essas

experiências reforçaram minha motivação para atuar diretamente na promoção do espanhol como língua de atuação pedagógica, pesquisa e ação política, e ampliaram minha compreensão da importância de fortalecer, de forma articulada, o campo da Linguística Aplicada.

Sou associada da ALAB há anos e guardo com carinho a memória do meu primeiro CBLA, realizado em 2011, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Naquela ocasião, estavam comigo, além de outras pessoas, duas mulheres com quem compartilhei, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), importantes etapas da minha formação e atuação na pesquisa em Linguística Aplicada: Cristiane Landulfo e Kelly Barros. Hoje, elas caminham ao meu lado na gestão da ALAB, como vice-presidenta e 1ª tesoureira, respectivamente. Essa travessia comum, construída ao longo dos anos, reafirma para mim a potência dos encontros acadêmicos que transbordam os muros da universidade.

Mas naquele evento, algo nos inquietava, a mim, atuando com o espanhol, e a Cristiane, da área de italiano: onde estavam essas línguas nos espaços da ALAB? Éramos poucos, quase sempre, diante da maioria formada por colegas do português e do inglês. E eu me perguntava: onde estava a América Latina nos nossos debates? Por que tantos/as professores/as e pesquisadores/as que se reconhecem como Linguistas Aplicados/as, e que atuam com espanhol, italiano e outras línguas, não se sentiam representados/as nos espaços da associação? Ou mesmo não participavam?

Sabemos, pela história da constituição da área, que a produção em LA no Brasil é marcada majoritariamente por trabalhos voltados ao inglês como língua estrangeira e ao português como língua materna. No entanto, sempre acreditei

na urgência de descentralizar esse cenário, promovendo uma pluralidade linguística com presença ativa do espanhol, francês, italiano, LIBRAS, línguas indígenas e outras tantas línguas que se ensinam, se pesquisam e se vivem neste país.

Marcia Paraquett (2012), pesquisadora de referência no hispanismo e na Linguística Aplicada, escreveu, em um artigo sobre a ausência de pesquisadoras/es do espanhol em publicações da área, que "nenhum de nós saiu naquela foto." Essa frase teve um impacto direto em mim. Ali compreendi, de forma ainda mais clara, a urgência de ampliar nossa presença, representatividade e visibilidade na Linguística Aplicada. Precisávamos para além de ocupar os espaços, garantir que nossas contribuições fossem reconhecidas e integradas às discussões centrais da área.

A pergunta que me acompanhava desde o início da minha formação surgiu também em uma publicação de 2013, ainda durante o doutorado, intitulada *"A Linguística Aplicada no Brasil e as pesquisas em língua espanhola"*. Naquele texto, já apontava para a necessidade de ampliar a visibilidade e o reconhecimento das pesquisas em espanhol e em outras línguas estrangeiras como parte constitutiva da LA brasileira:

> [...] percebo que nós os pesquisadores em língua espanhola ainda precisamos ganhar mais espaço nas pesquisas e consequentes publicações em LA e mostrar para a academia o muito que se tem feito em nossa área, não somente por questões geopolíticas, mas profissionais, culturais e principalmente sociais. O percurso histórico explica nosso apagamento científico, porém a história futura está sendo traçada neste momento e dependem dos pesquisadores a divulgação e o fomento para que ocupemos cada vez mais espaço no

> cenário das pesquisas brasileiras e possamos estabelecer o diálogo necessário com as outras línguas estrangeiras que se ensinam em nosso país, contribuindo, assim, para a pluralidade linguística e a difusão da LA (Matos, 2013, p. 10).

Foi com esse desejo de provocar rachaduras, ou abrir *grietas*, como nos ensina Catherine Walsh (2013), que aceitei o desafio de propor uma gestão da ALAB. Sentia que, para transformar, era necessário estar "*desde dentro*", participar dos processos, disputar espaços e criar possibilidades. E foi esse movimento que me levou a reunir colegas comprometidas/os com uma Linguística Aplicada plural, crítica e engajada. O desafio que me surgiu era imenso, mas, como os rios que rompem pedras em silêncio, seguimos abrindo caminho.

Essa motivação se intensificou diante dos ataques à ciência, à educação e à democracia que vivenciamos nos últimos anos, especialmente durante e após a pandemia da Covid-19. Inspirada pela gestão anterior, presidida por Claudiana Alencar (UECE), e animada por um sentimento de esperançar, propus, com apoio de colegas, a chapa Pluralizar e Democratizar, formada por linguistas aplicadas/os comprometidos/as com o fortalecimento da ALAB em diálogo com os múltiplos territórios da linguagem. A diretoria eleita é composta por:

- Doris Cristina Vicente da Silva Matos (UFS/CNPq) – Presidenta
- Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de Sousa (UFBA) – Vice-presidenta

- Danillo da Conceição Pereira Silva (IFAL) – 1º secretário
- Wagner Rodrigues Silva (UFT/CNPq) – 2º secretário
- Kelly Barros Santos (UFRB) – 1ª tesoureira
- Alexandre José Cadilhe (UFJF) – 2º tesoureiro

Nosso grupo representa docentes de cinco universidades públicas federais e um Instituto Federal, com atuação nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste do país. Além disso, a diversidade linguística da chapa é também simbólica: temos representantes das áreas de espanhol, italiano, inglês e português, reforçando o compromisso com a descentralização e a pluralidade epistêmica.

Também contamos com a colaboração de três pessoas que contribuem para o funcionamento da associação. Mylena de Assis (UFBA) e Vinícius Pereira (SPE Comunicação Criativa) atuam na comunicação institucional, especialmente no gerenciamento das mídias sociais, ampliando a visibilidade da ALAB e fortalecendo o diálogo com a comunidade. Já Antônio Carlos Silva Júnior (CODAP/UFS) presta apoio essencial na área administrativa, colaborando com a gestão de demandas burocráticas e operacionais do cotidiano da associação.

Conforme estabelecido no edital de convocação de eleição para os cargos da diretoria da ALAB eram necessárias três assinaturas de outras(os) associadas(os) que apoiassem a formação da chapa, assim, tivemos o apoio de três importantes pesquisadoras da área: Aparecida de Jesus Ferreira (UEPG), Joana Plaza Pinto (UFG/CNPq) e Edleise Mendes (UFBA), a quem agradecemos pela confiança e pelo reconhecimento da proposta.

Apresentamos uma carta de intenções comprometida com uma agenda de Linguística Aplicada sintonizada com as especificidades do contexto latino-americano e brasileiro, voltada à valorização de línguas, culturas e identidades não hegemônicas. Propusemos uma gestão ancorada na democratização dos espaços de poder e visibilidade, que rompesse com práticas de exclusão e abrisse caminhos para uma LA que fosse efetivamente plural, política e socialmente situada.

Também entendemos que é urgente fortalecer uma Linguística Aplicada comprometida com as vozes do Sul, promovendo não apenas a escuta, mas o reconhecimento de coletividades historicamente marginalizadas como produtoras de conhecimento. Assim, nossa candidatura se constituiu como um ato de resistência, orientada por princípios de justiça epistêmica, racial, de gênero e social, e pelo compromisso com práticas efetivas de inclusão.

Nesse percurso, a diversidade se firmou como princípio estruturante. Valorizamos o diálogo transdisciplinar e o envolvimento de pesquisadoras/es de diferentes regiões, realidades e formações. Criamos canais de aproximação entre a ALAB e instituições da educação básica, ampliando o alcance das ações da associação e reafirmando a defesa inegociável da educação pública, gratuita, laica, democrática e de qualidade.

O gesto de propor uma gestão nasce de inquietações pessoais, mas floresce quando encontra outras mãos dispostas a cultivar coletivamente. Assim, da semente lançada, emergiram

caminhos, alianças e práticas que, entrelaçadas, vêm tecendo uma história feita de compromissos, escutas e movimentos políticos.

Entrelaçamentos: política, epistemologia, ciência viva e compromisso com o Sul

No congresso realizado pela gestão anterior, em Fortaleza, em formato híbrido, tive a oportunidade de reencontrar Luiz Paulo da Moita Lopes, segundo presidente da ALAB e uma das figuras centrais na história da Linguística Aplicada no Brasil. Ao saber da nossa proposição de uma nova chapa, conversamos sobre os desafios e sentidos de estar à frente de uma associação como a nossa. Guardei com carinho uma de suas frases, dita em tom de conselho, mas carregada de horizonte político: "Estar à frente de uma associação é fazer política. A ALAB é política".

Durante a gestão, essa frase tem me acompanhado como guia. Não que eu já não soubesse disso, mas escutá-la de alguém que esteve na fundação da ALAB lhe conferia outro peso, outra densidade. Era como se aquela afirmação, vinda de uma das pessoas que pavimentou os caminhos que hoje trilhamos, atualizasse, a cada desafio, o sentido de nossa atuação: agir politicamente, com compromisso coletivo, com escuta atenta e com coragem para sustentar as *grietas*.

Assim, na trajetória da ALAB e, especialmente, nesta gestão, entendemos que epistemologia e política não se separam. Toda escolha teórica é também uma escolha de mundo. Toda

metodologia carrega implicações éticas. Todo posicionamento científico é, antes de tudo, um posicionamento situado. Por isso, ao pluralizar os saberes e democratizar os espaços, estamos reafirmando que a produção do conhecimento precisa estar enraizada nas urgências do tempo presente e nos corpos que o habitam.

Fazer ciência é também sustentar alianças, disputar sentidos, escutar o que foi historicamente silenciado. Não se trata de "trazer" a política para a Linguística Aplicada. A política sempre esteve aqui e o que fazemos é assumi-la, com responsabilidade epistêmica e compromisso coletivo.

Neste sentido, a atual gestão da ALAB tem se orientado por princípios que articulam o fortalecimento institucional da Linguística Aplicada no Brasil, a valorização da produção científica crítica, a atuação política em defesa da ciência e da educação, e o aprofundamento de práticas de inclusão, internacionalização e diálogo com a sociedade. A seguir, apresento uma síntese das principais ações realizadas ao longo dos dois primeiros anos e no início do terceiro ano, marcadas por uma atuação coletiva, propositiva e comprometida com os múltiplos territórios da linguagem.

Articulação política e atuação interassociativa. A ALAB tem exercido papel ativo no Fórum de Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (FCHSSALLA), com representantes em diferentes associações científicas do país. A ALAB participou da elaboração de notas, cartas públicas e manifestações conjuntas em defesa da democracia, dos direitos

humanos, da pós-graduação, da ciência e da educação pública, além de participar em eventos. Também é membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e participamos de suas reuniões anuais, contribuindo para o debate sobre políticas científicas nas humanidades. Fortalecemos a articulação com associações da nossa grande área, a exemplo da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) e da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), promovendo debates e ações em conjunto. Também participamos de ações em parceria com a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT), a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC); Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE), Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE). É importante destacar a articulação com o Comitê Assessor de Letras e Linguística (CA-LL) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em uma série de seminários temáticos para discutir temas e questões que pudessem posicionar a área na formação da política de Ciência, Tecnologia e Inovação dos próximos 10 anos.

Internacionalização. A atual gestão intensificou a presença internacional da ALAB, reafirmando seu compromisso com o fortalecimento de redes acadêmicas críticas e pluriepistêmicas. Destacam-se, nesse sentido, a filiação à Associação de Pesquisadores Afro-Latino-Americanos e Caribenhos (AINALC),

iniciada na gestão anterior, e a participação ativa nos encontros do comitê executivo da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), consolidando a atuação da ALAB em espaços globais de tomada de decisão.

Também merece destaque a atuação da ALAB na AILA Ibero-America (AIALA), rede idealizada em 2020 por associações afiliadas à AILA, entre elas, a AMLA (México), a AESLA (Espanha), a AAAL (Estados Unidos) e a própria ALAB (Brasil). A AIALA busca ampliar a visibilidade de linguistas aplicadas/os da e na América Latina, bem como em países de língua espanhola e portuguesa na África, Ásia e Europa, promovendo o reconhecimento da diversidade linguística regional, com ênfase nos saberes de povos originários e comunidades historicamente marginalizadas.

Como marco dessa articulação intercontinental, o primeiro simpósio da AIALA será realizado em 2025, no Brasil, durante o 14º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, organizado pela ALAB. A realização deste simpósio no CBLA simboliza não apenas o compromisso da associação com uma Linguística Aplicada pluriepistêmica e transnacional, mas também a liderança brasileira na promoção de redes críticas e no fortalecimento de uma agenda internacional comprometida com a justiça linguística e a descolonização dos saberes.

A associação também apoiou eventos de relevância internacional, como o *Primer Congreso de Investigadores/as Afrolatinoamericanos/as y del Caribe* (CINALC), realizado em articulação com o V Colóquio Raça e Interseccionalidades. E participou da Conferência Regional de Educação Superior (CRES+5),

evento que debateu a educação superior na América Latina e no Caribe. Tais ações contribuíram para o fortalecimento do diálogo Sul-Sul e para a projeção da Linguística Aplicada brasileira em circuitos internacionais engajados com transformações sociais, políticas e epistêmicas.

Criação da editora EDALAB. A associação deu início à criação de sua editora científica, a EDALAB, com a elaboração de seu regimento, a publicação do edital para composição do conselho editorial e a organização de sua primeira obra coletiva. É justamente esta que agora atravessa contigo esta leitura: "*35 anos da ALAB: uma história a contar e a celebrar*".

A criação da EDALAB constitui um marco histórico e simbólico para a ALAB e para a área de Linguística Aplicada no país. Institucionalizada durante a nossa gestão, a EDALAB nasce como um espaço editorial comprometido com a pluralidade epistêmica, a justiça social e a circulação ampliada de pesquisas que compreendam a linguagem como prática social e política. Sua fundação está diretamente ligada ao desejo de democratizar a produção e a difusão do conhecimento científico, promovendo o diálogo entre vozes acadêmicas diversas e as urgências do tempo presente. A primeira Diretoria Executiva da EDALAB é composta por Miliane Moreira Cardoso Vieira (UFNT – Diretora), Mario Ribeiro Morais (UFT – Vice-Diretor), Adriana Dalla Vecchia (UFS – Coordenadora Administrativo-Financeira) e Acassia dos Anjos Santos Rosa (UFS – Secretária Administrativa), responsáveis pela colaboração na elaboração do regimento interno e pela organização das ações fundantes da editora.

A publicação inaugural da EDALAB foi concebida como um gesto de memória, reconhecimento e projeção. Reunindo as narrativas das gestões que compõem a história da associação, o volume também presta homenagem a figuras centrais como Hilário I. Bohn e Maria Luisa Ortíz Alvarez, presidentes *In Memoriam* que marcaram a história da Linguística Aplicada no Brasil. Ao reunir estas narrativas de quem esteve e está à frente da associação, o livro reafirma a importância da ALAB como espaço de articulação política, acadêmica e afetiva no campo da Linguística Aplicada. É uma convocação à escuta, ao registro e à continuidade de um projeto coletivo. Seu lançamento, previsto para o 14º CBLA, simboliza a inauguração de uma nova etapa da ALAB: o tempo em que a associação escreve sua própria história com autonomia editorial, memória viva e compromisso com o futuro.

Presença nos espaços de fomento. Atuamos na mobilização da comunidade científica da Linguística Aplicada para fortalecer sua presença no Comitê de Assessoramento (CA) de Letras e Linguística do CNPq, compreendendo a importância de disputar os espaços estratégicos de decisão no campo da pesquisa. Com base nas chamadas públicas para renovação dos membros do Comitê de Assessoramento, a ALAB indicou nomes de pesquisadoras/es da área de Linguística Aplicada, convidando bolsistas de produtividade a apoiar as candidaturas e divulgar amplamente entre colegas de outras subáreas. Essa ação teve como objetivo ampliar a representatividade da LA nos espaços institucionais de fomento, que historicamente concentram determinadas áreas e epistemologias em detrimento de outras.

Trata-se de garantir que a Linguística Aplicada, em sua diversidade epistemológica, teórica e metodológica, tenha lugar nos processos de avaliação e nas decisões que impactam diretamente a política científica do país. Reafirmamos, com essa iniciativa, que democratizar também é disputar lugares de poder, tensionar silêncios e afirmar, com responsabilidade coletiva, os caminhos que queremos construir para a pesquisa no Brasil.

Comunicação científica e visibilidade pública. A ALAB consolidou e qualificou seus canais de comunicação institucional, ampliando sua presença digital por meio de postagens regulares nas redes sociais, atualizações no site e boletins quinzenais enviados à comunidade. Editais de fomento, chamadas para publicação, lançamentos de obras e oportunidades científicas passaram a ser sistematicamente divulgados, fortalecendo a circulação democrática da informação e a visibilidade da Linguística Aplicada como campo de conhecimento em constante expansão. A política de comunicação adotada nesta gestão reconheceu as redes como espaços formativos e de disputa simbólica, e investiu em ações que afirmam a LA como campo crítico e situado. Foram produzidas séries temáticas em vídeo e *Reels* sobre linguagem inclusiva, racismo linguístico, letramento racial crítico e os efeitos da inteligência artificial na linguagem, com participação de especialistas da área. Postagens comemorativas em datas significativas, como o Dia da Visibilidade Trans, o Abril Indígena, o Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, dentre outras, também reafirmaram o compromisso da ALAB com os saberes dissidentes e com os movimentos sociais.

Popularização da ciência e diálogo com a sociedade. A gestão também intensificou as ações voltadas à popularização da ciência e ao diálogo com diferentes setores da sociedade, reafirmando o papel da Linguística Aplicada como prática comprometida com a transformação social e com a escuta de vozes historicamente silenciadas. Foram realizadas diversas lives no canal da associação, abordando temas como multilinguismo, políticas linguísticas, migração, educação antirracista, análise linguística em aulas de português como língua materna, trajetórias da LA no Brasil, dentre outras. Projetos como "Conversas com a Educação Básica", criado em nossa gestão, e "O que você tem feito em LA?", criado na gestão anterior, ampliaram o diálogo com professoras/es da escola pública e com associadas/os que atuam em múltiplos contextos de pesquisa. Além disso, a associação lançou uma chamada pública para os Colóquios Regionais de Linguística Aplicada (CRLA), com previsão de simbólico apoio financeiro às instituições-sede. Embora não tenha recebido inscrições, a ação reafirma o compromisso da ALAB com a descentralização do conhecimento, a valorização das redes locais e a construção de estratégias para novas formas de presença da LA no cotidiano social.

Inclusão e ações afirmativas. A gestão manteve políticas voltadas à inclusão de populações negras, indígenas, trans e em situação de vulnerabilidade socioeconômica, reafirmando o compromisso da ALAB com a reparação histórica, a justiça epistêmica e a equidade territorial. Essas ações se concretizaram, entre outras iniciativas, na adoção de políticas de isenção e

redução de taxas de anuidade e de inscrição em eventos, com destaque para a associação gratuita de 15 estudantes indígenas do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (PPGLI-UFAC), oriundos do processo seletivo "Políticas Afirmativas: Década Internacional das Línguas Indígenas". Essa iniciativa, fruto de uma parceria institucional entre o PPGLI e a ALAB, marca também o fortalecimento da articulação da associação com a Região Norte do país, contribuindo para descentralizar ações acadêmicas e ampliar a presença da Linguística Aplicada em contextos historicamente marginalizados nos circuitos de poder científico. Trata-se de um marco simbólico e político no reconhecimento do protagonismo e da produção intelectual indígena no campo da LA.

Organização do 14º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA). O congresso ocorrerá de 14 a 18 de julho de 2025 na Universidade Federal de Sergipe (UFS), com o tema "Linguagens, territórios e corpos em movimento". A proposta do 14º CBLA reafirma o compromisso da Linguística Aplicada com práticas críticas, insurgentes e comprometidas com a transformação social. O evento foi contemplado em três chamadas públicas de apoio à realização de eventos científicos — duas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e uma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) —, o que representa não apenas o aporte financeiro necessário à sua concretização, mas também o reconhecimento da relevância acadêmico-científica da ALAB e de sua capacidade de articulação institucional. Trata-se de um feito significativo para

a história da associação, que fortalece sua atuação nacional e legitima sua inserção em políticas públicas de fomento à ciência, tecnologia e inovação.

Entre tramas e encontros, a gestão se faz também pela materialidade das ações e pelo chão onde pisamos. É nesse entremeio, onde política, ciência e afeto se cruzam, que surge um dos maiores desafios e símbolos da gestão: a realização do 14º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. Uma tecelagem viva, em pleno processo.

Tecelagens de agora: o 14º CBLA como território em construção

Desde o início da nossa gestão, uma pergunta nos acompanhava: onde realizar o 14º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA)? Decidimos que o evento aconteceria na Universidade Federal de Sergipe (UFS), sede da presidência, no Nordeste. Para além de uma escolha geográfica, essa decisão representa um gesto político de reconhecimento à força intelectual, histórica e afetiva da região na constituição da Linguística Aplicada brasileira.

Escrevo esta seção ainda imersa nos preparativos do evento, que será realizado entre os dias 14 e 18 de julho de 2025. O tema escolhido: "*Linguagens, territórios e corpos em movimento*", dialoga diretamente com os desafios contemporâneos que nos convocam à escuta, à reflexão e à ação coletiva. A seguinte apresentação está contida em nosso site[2] e circulares:

2 https://eventos.congresse.me/14cbla

> Nas encruzilhadas do mundo social, no fluxo de corpos em movimento e na mobilização incessante de recursos de linguagens, são produzidos tecidos sociais cujas costuras são dinâmicas, fluidas e contingentes. Entender suas dobras, amarras, nós e rasgos torna-se ação fundamental para nesse tecido intervir, subverter e produzir novas linhas – de fuga, de trânsito, de vidas. Esse cenário de complexidades, especialmente marcado pela falência de modelos eurocêntricos de política, de economia e de linguagem, tem exigido de diferentes campos do conhecimento modos outros para a fabricação de inteligibilidades sobre a vida social e, sobretudo, ação política com vistas à produção de alternativas para uma outra globalização.
>
> Nesse sentido, o 14º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, o CBLA, tem como objetivo visibilizar diferentes agenciamentos de linguagens, em articulação com corpos e territórios, que constituem modos contemporâneos de sobrevivência, resistência e reexistência ao colonialismo, às colonialidades, às desigualdades sociais, às injustiças epistêmicas e às violências de diversas ordens. Para tanto, desejamos dar atenção àquelas vozes apagadas das grandes narrativas hegemônicas, de modo a (des)aprender com suas epistemologias, ontologias e cosmologias, a exemplo de comunidades tradicionais e de terreiro, povos afroindígenas e movimentos sociais das cidades, do campo, dos rios e das florestas.
>
> Nosso congresso estará situado numa das periferias da geopolítica do conhecimento acadêmico brasileiro e suas hierarquias moderno-coloniais, mas que é também, e acima de tudo, um território historicamente propício para a confabulação de linguagens de resistência. O Nordeste da Revolta dos Malês, na Bahia, do Quilombo dos Palmares de Dandara e Zumbi, em Alagoas, da resistência indígena dos caciques Serigy, Aperipê, Siriri, Japaratuba e Surubi, em Sergipe, será também o Nordeste do 14º do CBLA.

Em São Cristóvão, sede da UFS, receberemos pesquisadoras/es da Linguística Aplicada e áreas afins, vindos de diversas regiões do Brasil e de outros países, para pensar coletivamente

as movências entre linguagem, corpo e território. O evento será organizado por meio de eixos temáticos que acolhem as múltiplas frentes de atuação da LA na contemporaneidade, com atenção tanto às linhas de pesquisa consolidadas quanto às emergências críticas de nosso tempo. Os eixos temáticos previstos para o Congresso são:

01. Acessibilidade em LA
02. Afetos e emoções em LA
03. Aquisição e processamento de linguagem
04. Artes e literaturas em diferentes contextos
05. Comunidades tradicionais, ancestralidade e práticas de linguagem
06. Discursos midiáticos
07. Dissidências sexuais, teorias queer/cuir e estudos da linguagem
08. Divulgação e popularização da LA
09. Ensino e aprendizagem de línguas em contexto de educação formal e não formal
10. Ensino de línguas na infância e nos anos escolares iniciais
11. Educação bi/multilíngue
12. Educação linguística e práticas de linguagem
13. Estágios curriculares e programas de formação docente
14. Estudos cognitivos e linguagem
15. Estudos críticos da linguagem
16. Estudos decoloniais e étnico-raciais em LA
17. Estudos de gênero, feminismos e LA
18. Estudos do texto e do discurso
19. Repertórios linguísticos, estilo e sociolinguísticas críticas
20. Formação de educadoras/es
21. Inteligência Artificial e linguagem
22. Internacionalização e planejamento linguístico
23. Letramentos, multiletramentos e alfabetização
24. Linguagem e práticas identitárias
25. Materiais didáticos de línguas
26. Pedagogias decoloniais e interculturais
27. Políticas, ideologias e direitos linguísticos
28. Pragmática e LA
29. Saúde e LA
30. Tecnologias digitais e linguagem em diferentes contextos
31. Tradução e interpretação em diferentes línguas
32. Translinguagens e confluências linguísticas

Nosso objetivo, ao propor esses eixos, foi ampliar o escopo do congresso para questões urgentes do debate acadêmico e político, sem perder de vista os temas estruturantes que historicamente atravessam a Linguística Aplicada no Brasil.

Até o momento da escrita deste texto, contabilizamos cerca de 1.110 trabalhos aprovados, dentre mais de 1.300 submissões, além de uma média de 200 inscrições como ouvintes, números que já antecipam a grandeza do evento, tanto em qualidade quanto em alcance. Os trabalhos são divididos em distintas modalidades de apresentações, como: comunicações orais livres 14º CBLA e trabalhos nos simpósios temáticos. Além dessas, temos outras modalidades paralelas, como comunicações orais livres no 1º Intercâmbio de Linguística Aplicada na Educação Básica (1º ILAEB) e no 2º Seminário de Teses (2º SETE) (para estudantes de doutorado). Para os estudantes de graduação, há a possibilidade de apresentação de pôsteres na 2ª Jornada de Iniciação Científica (2ª JIC).

Recebemos 54 propostas de Simpósios Temáticos, das quais 45 foram efetivadas, com temáticas que tocam as margens e o centro da Linguística Aplicada contemporânea. O evento congregará ampla comunidade científica ao receber estudantes, professores e pesquisadores de todas as regiões do Brasil e do exterior, com inscritos dos seguintes países: África do Sul, Argentina, Austrália, Bahamas, Canadá, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, Itália, México, Paraguai, Suíça.

A diversidade de formatos e interlocuções se expressa também na programação do congresso, que conta com mesa de abertura, 04 conferências, 12 mesas-redondas, 11 simpósios convidados e 15 oficinas. São 53 pessoas convidadas de diferentes regiões do Brasil e de outros países como Argentina, Canadá, Colômbia, Estados Unidos, México e Paraguai.

As propostas enviadas anunciam um congresso vibrante, em que temas como educação linguística, direitos linguísticos, colonialismo digital, pedagogias translíngues, migrações, cosmologias afroindígenas, gênero, surdez, antropoceno, saberes ancestrais, políticas de financiamento e divulgação científica, dentre outros, dialogam com os desafios de nosso presente. Cada intervenção reafirma o compromisso da Linguística Aplicada com a escuta de vozes silenciadas, com a valorização de epistemologias insurgentes e com a invenção de práticas emancipatórias que compreendem a língua e a linguagem como territórios políticos, afetivos e epistêmicos em disputa e transformação. São expressões de vida que nos atravessam, sobretudo em cenários onde é preciso seguir, mesmo quando as violências também insistem em atravessar nossos corpos, nossos territórios e nossas palavras.

Dessa maneira, o 14º CBLA pretende ser um território de travessias, entre indisciplinas, experiências e geografias, em que a linguagem se articula como práxis política, poética e transformadora. Das universidades às comunidades, das escolas às florestas, da América Latina ao mundo, convidamos todes a pensar, sentir e mover-se com a complexidade que nos constitui.

É esse o movimento que desejamos semear: encontros que desestabilizam, práticas que deslocam, vozes que reexistem. Um congresso como *grieta*, como travessia, como rio que sabe seu rumo, mesmo quando o caminho exige desvio, reinvenção e coragem para seguir fluindo. Ao narrar a construção do 14º CBLA, reafirmamos a potência do agora, mas também escutamos as

demandas do tempo que virá. A cada passo, nos perguntamos: que futuro desejamos costurar com e para a Linguística Aplicada? Com que materiais e com que vozes? É nessa dobra entre memória e desejo que se anunciam os desafios do porvir.

Porvir como travessia: *grietas*, desafios e futuro da Linguística Aplicada

Ao celebrar os 35 anos da ALAB e refletir sobre os caminhos trilhados, sou também convocada a olhar adiante. A Linguística Aplicada no Brasil tem se constituído como um campo crítico, transdisciplinar e socialmente engajado, mas seu fortalecimento contínuo exige atenção a desafios estruturais e epistêmicos que persistem, e que, em muitos casos, se aprofundam.

Entre os enfrentamentos mais urgentes, está a resistência aos constantes ataques à ciência, à educação pública e ao conhecimento comprometido com o bem comum. Em tempos atravessados por desinformação, negacionismo e pelo avanço dos ideais da extrema direita, que vêm ganhando fôlego e poder em diferentes partes do mundo, a Linguística Aplicada é chamada a reafirmar sua vocação insurgente, ética e coletiva.

Esse cenário impacta diretamente escolas, universidades e espaços de pesquisa: cortes orçamentários, perseguição ideológica, censura curricular, deslegitimação das ciências humanas e o esvaziamento das políticas públicas. Ao mesmo tempo, amplia-se uma tentativa de reduzir a produção científica

a uma lógica instrumental, despolitizada e distante das realidades sociais que mais demandam escuta e ação.

Frente a isso, a Linguística Aplicada precisa sustentar, com ainda mais força, seu compromisso com a escuta das diferenças, com a ampliação de repertórios epistêmicos e com a afirmação de práticas educativas situadas, engajadas e plurais. Fazer ciência, hoje, é também disputar sentidos de mundo. E essa disputa exige coragem para nomear o presente, enfrentar as violências simbólicas e materiais em curso e continuar semeando insurgências, com a palavra, o afeto e a ação coletiva.

No plano epistêmico, a Linguística Aplicada precisa seguir descentrando sua própria trajetória, tensionando os marcos coloniais e norteeurocentrados que ainda sustentam parte de suas teorias e metodologias. Saberes indígenas, afrodiaspóricos, populares e comunitários não podem ocupar apenas o lugar de "objeto", devem ser reconhecidos como referências fundantes, autoria viva, enraizada e legítima. Isso exige da área um gesto radical de (des)aprendizagem, de abertura às pluralidades ontológicas e de compromisso com outras formas de narrar, conhecer e intervir.

Outro desafio inadiável é ampliar e aprofundar o diálogo com as escolas públicas, os movimentos sociais, as comunidades e os múltiplos espaços da sociedade onde a linguagem é prática de resistência. Para isso, é necessário tensionar as fronteiras entre universidade e sociedade, entre ciência e vida.

Em nossas relações internacionais, a Linguística Aplicada brasileira precisa continuar afirmando sua singularidade,

fortalecendo redes Sul-Sul, promovendo internacionalizações contra-hegemônicas e sustentando alianças ético-políticas com outros campos do conhecimento igualmente comprometidos com o reconhecimento da diferença como potência. Não nos interessam relações de poder em que não somos ouvidas/os. Buscamos diálogos horizontais, ancorados em escuta, reciprocidade e pluralidade.

Se a Linguística Aplicada é um campo em permanente construção, então que sigamos fazendo dessa construção um gesto coletivo, crítico e afetivo, capaz de manter vivas as perguntas, sustentar as *grietas* e fazer do futuro um território possível. Este livro, ao reunir as vozes das gestões que nos antecederam e a nossa, é também parte desse movimento: memória viva que nos atravessa, sementes lançadas por tantas mãos que hoje colhemos com respeito e reconhecimento. E ao colher, seguimos semeando, com os pés firmes no presente e os olhos atentos às urgências e esperanças do porvir.

Figura 1. Gestão Pluralizar e Democratizar 2023-2025 ALAB



Fonte: Arquivo pessoal (15/12/23).

Referências

BISPO DOS SANTOS, A. **Colonização, quilombos**: modos e significados. Brasília: MCT, 2015.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. 1a. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MATOS, D. C. V. da S. A linguística aplicada no Brasil e as pesquisas em língua espanhola. **INVENTÁRIO** (Universidade Federal da Bahia. Online), v. 1, 2013.

PARAQUETT, M. A língua espanhola e a linguística Aplicada no Brasil. **Revista Abehache**. São Paulo: ABH, v. 1, n. 2, p. 225-239, 2012.

WALSH, C. Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In: WALSH, C. (org.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Abya Yala, 2013. p. 23-68.

SOBRE O(A)S AUTORE(A)S

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros concluiu estágio pós-doutoral em Letras Modernas pela Universidade de São Paulo (USP), Doutorado em Estudos da Linguagem, Mestrado em Administração de Empresas (Marketing) e Licenciatura em Letras Português e nglês pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Também possui Licenciatura e Bacharelado em Psicologia pela Anhanguera-UNIDERP. É Professora Efetiva na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), atuando nos cursos de graduação, Mestrados Acadêmico e Profissional em Letras, localizada em Campo Grande, Estado do Mato Grosso do Sul (MS), Brasil. Foi tesoureira da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2014-2015).
Contato: chaves.adri@hotmail.com.

Claudiana Nogueira de Alencar é cenopoeta, mediadora de leitura e educadora popular. Integra a coletiva de poetas "Elaspoemas: escritas periféricas" e a gestão colaborativa do Programa "Viva a Palavra", na periferia de Fortaleza, Estado do Ceará. Possui Mestrado e Doutorado em Linguística, na área de Semântica e Pragmática, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora do Curso de Letras, do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (POSLA) e do Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino (PPGEEN), na Universidade

Estadual do Ceará (UECE), onde orienta pesquisas nos eixos Livro, Leitura e Literatura; Educação Popular e Pragmática Cultural, em temas como: gramáticas de resistência, jogos de linguagem e práxis educativa dos movimentos sociais e dos coletivos juvenis de arte e cultura nas periferias; literatura marginal-periférica; mediação de leitura literária, comunitária e popular; bibliotecas de iniciativa popular; coletivos poéticos e literatura feita por mulheres. Coordenou o eixo 'Mediadores de Leitura' da Bienal Internacional do Livro do Ceará nas edições de 2022 e 2025. Foi professora visitante de Literatura na Universidade de Oxford (2020) e pesquisadora visitante em Estudos Culturais na Universidade de Birmingham (2002 e 2019). Foi presidenta da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2020-2022).
Contato: claudiana.alencar@uece.br.

Christine Siqueira Nicolaides tem Doutorado em Letras com ênfase em estudos da linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É Professora Adjunta aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua pesquisa se relaciona com autonomia no ensino-aprendizagem de línguas sob uma perspectiva Vygotskiana. Atualmente atua como professora de inglês na Flórida, EUA, na rede de ensino pública do Condado de Osceola. Foi Presidente da ALAB no biênio 2018-2019.
Contato: christine.nicolaides@gmail.com.

Francisco José Quaresma de Figueiredo é doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e professor titular

da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde leciona língua inglesa, na graduação, e Linguística Aplicada, na pós-graduação. Suas áreas de interesse em pesquisa incluem tópicos relacionados a erro e correção, ao processo de escrita, à aprendizagem colaborativa e telecolaborativa, bem como a questões interculturais na aprendizagem pelo regime de imersão, tendo vasta publicação nessas áreas. Foi diretor da Faculdade de Letras da UFG (2011-2018) e secretário de relações internacionais da UFG (2018-2022). Desde 2019, é o diretor brasileiro do Instituto Confúcio de Medicina Chinesa na UFG. É vice-coordenador do GT Ensino e Aprendizagem na Perspectiva da Linguística Aplicada da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Foi vice-presidente da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2005-2007). Contato: franciscofigueiredo@ufg.br.

Kanavillil Rajagopalan é Doutor em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Professor Titular aposentado e colaborador na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Também atua como professor da pós-graduação *stricto sensu* na Universidade Estadual da Bahia (UESB) e Universidade Federal de Tocantins (UFT). É Bolsista de Produtividade em Pesquisa Sênior do CNPq e está envolvido com um projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) sobre o fenômeno de *translanguaging*.
Contato: rajagopalan@uol.com.br.

Kyria Finardi é membro da Comissão Permanente de Internacionalização e Professora Titular no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação (DLCE) e membro permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES e é presidente da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), onde coordena e contribuiu para fundar e a Associação Iberoamericana de Linguística Aplicada (AIALA) e a rede de pesquisa "Inglês como meio de educação, multilinguismo e intercâmbio virtual: equidade, diversidade e inclusão" (EMEVEDI). Coordena vários projetos de pesquisa internacional e suas publicações receberam quase 3 mil citações de acordo com o Google Acadêmico. Foi presidenta da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2018-2019). Para mais informações sobre seu currículo, publicações, grupos de pesquisa e projetos acessar sua página: https://www.kyriafinardi.com/.
Contato: kyria.finardi@gmail.com.

Luiz Paulo da Moita Lopes é Ph.D. em Linguística Aplicada pela Universidade de Londres, Professor Titular aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista de Produtividade em Pesquisa Sênior do CNPq. Atua no Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA) da UFRJ. Possui inúmeras publicações científicas no Brasil e no exterior, sendo importantes referências bibliográficas nos estudos da linguagem. As áreas de investigação do autor incluem as relações entre performatividades identitárias (gênero, sexualidade e raça) na escola e no mundo digital e linguagem, discurso e globalização, assim como questões de natureza

epistemológica no campo da Linguística Aplicada. Foi presidenta da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 1992-1994).
Contato: moitalopes1@gmail.com.

Maria Luisa Ortiz Alvarez nasceu em Cuba e realizou seu Doutorado em Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi Professora Titular do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (IL/UNB), instituição em que já ocupou o cargo de Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) e de Diretora do Instituto de Letras de 2006 a 2014. Em 2005, foi eleita Presidente da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), tendo sido reeleita em 2007.

Marilda C. Cavalcanti é Ph.D. pela University of Lancaster, na Inglaterra, Professora Titular aposentada da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), cofundadora e primeira presidenta da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 1990-1992). Ocupou um dos cargos de vice-presidência da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) e foi Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. É ex-coordenadora do Grupo de Trabalho Transculturalidade, Linguagem e Educação (ANPOLL), tendo também participado da criação deste GT. Seu interesse de pesquisa atual está na migração recente no país, em especial, nas representações de haitianos (e migrantes de outras nacionalidades) na mídia convencional e nas mídias sociais. Inclui também a agência e resistência dos migrantes face a essas representações. Suas publicações nacionais e estrangeiras

focalizam temas de pesquisas anteriores em cenários de minorias e multilinguismo no Brasil, destacando-se aqui a coorganização da coletânea *Multilingual Brazil – language ideologies, language resources and identities (2018*).
Contato: marilda.cavalcanti@gmail.com.

Maximina M. Freire é PhD em Educação pelo Ontario Institute for Studies in Education da University of Toronto e Mestre em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Sua dissertação de mestrado é o primeiro trabalho em Aprendizagem de Línguas Mediada por Computador (CALL), na área de Linguística Aplicada, no Brasil. Atua no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP, no qual desenvolve atividades de docência, pesquisa, orientação e extensão. Seu interesse central de investigação e suas publicações se direcionam, principalmente, à epistemologia da complexidade, transdisciplinaridade, transletramento, narrativas transmídia, educação a distância, ambientes e recursos digitais de aprendizagem e auto-heteroecoformação docente. Lidera o Grupo de Pesquisa sobre a Abordagem Hermenêutico- Fenomenológica e Complexidade (GPeAHFC/CNPq). Também é Diretora de Projetos e Membro do Comitê Científico do Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin. Foi presidenta da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2003-2005).
Contato: mmfreire@uol.com.br.

Paula Tatianne Carréra Szundy tem doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e realizou estágio pós-doutoral no King's College London com bolsa de estágio sênior concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, Professora Titular do Departamento de Letras Anglo-germânicas e professora permanente do Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua desde 2009. Foi presidenta da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestões 2016-2017 e 2010-2011). Tem experiência na área de Linguística Aplicada, com ênfase em formação de professores e seus interesses de pesquisa incluem ensino-aprendizagem de línguas adicionais, formação de professores, gêneros discursivos e ensino, práticas de letramentos no ensino básico e/ou superior, políticas curriculares e ideologias linguísticas.
Contato: ptszundy@letras.ufrj.br.

Rogério Casanovas Tilio é Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUR-RJ) e docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atuando no Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA), além de coordenar as Graduações em Letras Anglo-germânicas. Tem experiência na coordenação de área de Inglês do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Residência Pedagógica e do Programa

Inglês sem Fronteiras (IsF), todos vinculados à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foi também autor de livros didáticos para o ensino de inglês, com aprovação pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), e membro da diretoria da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) por quatro gestões consecutivas (2012- 2019). Seus interesses de pesquisa incluem: avaliação e produção de material didático, educação linguística crítica, letramentos, teoria sociointeracional e formação de professores.
Contato: rogeriotilio@gmail.com.

Ruberval Franco Maciel é Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio doutoral na University of Manitoba no Canadá, e Mestre em Linguística Aplicada pela University of Reading na Inglaterra. Realizou estágio pós-doutoral na City University of New York nos Estados Unidos e na Universidad Nacional de Jujuy na Argentina. É Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq e Professor Titular das graduações em Letras e Medicina e do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras) na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Foi professor visitante da Universidad Nacional de Asunción e da City University of New York. Desenvolve pesquisa sobre Collaborative Online International Learning (COIL) com foco em educação linguística e sustentabilidade em parceria com a Universidade de Lucerne na Suíça e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sobre telecolaboração, letramento crítico afetivo e formação

transnacional de professores com a University of York/Glendon College no Canadá, sobre letramento em saúde com a Harvard School of Public Health e coordena a Rede Universitária da Rota de Integração Latino Americana - Brasil, Paraguai, Argentina e Chile (UNIRILA). Áreas de investigação: translinguagem, letramento crítico afetivo, formação transnacional de professores, educação linguística crítica e sustentabilidade e transletramentos em saúde. Foi presidente da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2014-2015).
Contato: ruberval@uems.br.

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva é graduada em Português e Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gestais (PUC-Minas) e em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com especializações em inglês, direito civil e direito penal. Aposentou-se como Professora Titular e hoje é professora emérita da UFMG e ex-bolsista de agências de fomento. Foi presidenta da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – 2000-2002) quando foi criada a Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA). Orientou 19 dissertações de mestrado e 32 teses de doutorado e esses pesquisadores hoje atuam em vários estados do Brasil. Atualmente, é membro do Conselho Consultivo da Cátedra FUNDEP Magda Soares de Educação Básica e dedica-se aos estudos em direito civil e penal.
Homepage: https://veramenezes.com/index.html
Contato: vlmop@veramenezes.com.

Vilson J. Leffa doutorou-se em Linguística Aplicada pela Universidade do Texas e trabalhou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da qual se aposentou. Na área acadêmica, publicou artigos, capítulos de livros, livros e trabalhos em anais de congressos, tanto no Brasil como no exterior e foi durante muitos anos Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Na área de formação de recursos humanos, contribuiu para a formação de líderes de pesquisas atuantes em várias universidades. Na área de gestão científica, foi duas vezes presidente da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestões 1998-2000) e vice-presidente da referida associação na gestão (1994-1996) presidida pelo Prof. Dr. Hilário I. Bohn (UFSC). Criou o Periódico Linguagem e Ensino. Mais recentemente concentrou-se no estudo das tecnologias digitais no ensino de línguas, incluindo a produção de Recursos Educacionais Abertos e ensino a distância.
Contato: leffav@gmail.com.

SOBRE O(A)S ORGANIZADORE(A)S

Alexandre Cadilhe é professor da área de Ensino de Língua Portuguesa na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde atua na Licenciatura em Letras e nos Programas de Pós-Graduação em Linguística (na área de Linguística Aplicada) e em Educação (na linha de Educação e Discurso). Atualmente, é Diretor de Relações Internacionais da UFJF, sendo responsável pela coordenação de políticas de internacionalização, programas de mobilidade acadêmica e ações de acolhimento a estudantes estrangeiros. É doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Suas pesquisas concentram-se nos campos da educação linguística, das políticas linguísticas e das interseções entre linguagem, cultura e educação, com ênfase em perspectivas decoloniais. Integra redes nacionais e internacionais de pesquisa, como a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) e a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), onde coordena o Grupo de Trabalho "Transculturalidade, Linguagem e Educação". É líder do grupo de pesquisa LAEDH – Linguística Aplicada, Educação e Direitos Humanos (UFJF/CNPq). É o segundo tesoureiro da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB - Gestão 2023-2025).

Contato: alexandre.cadilhe@ufjf.br.

Danillo Silva é professor de Língua Portuguesa e Linguística Aplicada do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Câmpus Arapiraca, onde atua na Educação Básica; na Licenciatura em Letras e na Pós-graduação em Linguagem e Práticas Sociais. É o Titular da Coordenação de Pós-Graduação da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPPI). Obteve os títulos de Doutor e Mestre em Letras (Linguística Aplicada) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Realizou estágio de investigação doutoral no Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e foi pesquisador visitante no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC). É especialista em Educação em Gênero e Direitos Humanos pela Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM/UFBA). Integra a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros/as (ABPN), a Internacional Gender and Language Association (IGALA) e o Grupo de Trabalho "Práticas Identitárias na Linguística Aplicada" da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Atualmente é editor associado do periódico Trabalhos em Linguística Aplicada (Unicamp). É líder do Nexus Lab - Laboratório de Pesquisa em Linguística Aplicada e Sociedade (IFAL/CNPq). É o primeiro secretário da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB - Gestão 2023-2025). Contato: danillo.silva@ifal.edu.br.

Doris Cristina Vicente da Silva Matos é professora de língua espanhola do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), atuando nos Programas de Pós-graduação em Letras e Pós-graduação Profissional em Letras Estrangeiras. É Bolsista Produtividade em Pesquisa do

CNPq. Foi presidenta da Associação Brasileira de Hispanistas (ABH - Gestão 2016-2018). Fez estágio pós-doutoral na Universidad Veracruzana, no México, Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com período de Doutorado Sanduíche na Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED-Espanha), Mestrado em Letras e Graduação em Letras (Português e Espanhol) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi professora visitante na Universidad de Granada e na Universidad de Cádiz. Lidera o Grupo de Pesquisa DInterLin: Diálogos Interculturais e Linguísticos (UFS/CNPq) e integra o GT Transculturalidade, Linguagem e Educação, na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). É representante no Movimento #FicaEspanholBrasil. Desenvolve pesquisas na área de Linguística Aplicada, focando em questões de língua/linguagem, formação docente, currículo, materiais didáticos, decolonialidade, interculturalidade e feminismos. É presidenta da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2023-2025).
Contato: doriscris81@gmail.com.

Cristiane Landulfo possui Licenciatura Dupla em Letras: Língua Portuguesa e Língua Italiana, pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). É mestra e doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Concluiu estágio de pós-doutorado na Universidade Federal de Sergipe (UFS), com período de residência na Universidade de Primorska, na Eslovênia, e na Universidade de Bolonha, na Itália, onde esteve como professora visitante. É professora adjunta de Língua e Literaturas Italianas

na UFBA. Desenvolve pesquisas na área de Linguística Aplicada, focando os seguintes temas: formação de professores de línguas, educação intercultural, pluralidade linguístico-cultural do italiano, materiais didáticos de línguas, literatura afroitaliana, políticas linguísticas e decolonialidades. É líder do Núcleo de Estudos em Língua Italiana no Contexto Brasileiro (NELIB) e do Núcleo de Estudos em Língua, Cultura e Ensino (LINCE) e participante do Grupo de Pesquisas DInterLin: Diálogos Interculturais e Linguísticos (UFS/CNPq). É vice-presidenta da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2023-2025). Contato: cristianelandulfo@gmail.com.

Kelly Barros Santos possui doutorado em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É docente de língua inglesa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), desenvolve pesquisas na área de Linguística Aplicada, nos seguintes escopos temáticos: educação para justiça social; democratização do ensino-aprendizado de inglês como língua franca (ILF) em espaços localizados nas margens (em abrigos, hospitais, comunidades quilombolas); ensino e aprendizado de língua estrangeira para ocupar espaços de poder; políticas públicas para o acesso democrático a língua inglesa e, acima de tudo, discutido a pauta emergencial de/para um ensino de inglês interseccional, atravessados pelas questões de raça, racismo e classe. É filiada à Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros(as) (ABPN) e à Rede de Pesquisadores Negres de Estudos da Linguagem (REPENSE). É primeira tesoureira da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2023-2025). Contato: kbsantos@ufrb.edu.br.

Wagner Rodrigues Silva possui Licenciatura Dupla em Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestrado e doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e estágios de pós-doutorado pela The Hong Kong Polytechnic University (PolyU) e Aswan University (ASWU - Egito). É Professor Titular em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Palmas, atuando na Licenciatura em Pedagogia e no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras). É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Seus interesses de pesquisa são: estudos dos letramentos; práticas de alfabetização; formação de professores de língua materna; práticas escolares de linguagem (escrita; leitura, oralidade e análise linguística/ estudo da gramática) materiais didáticos; educação científica. É segundo secretário da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2023-2025). Contato: wagnersilva@uft.edu.br.

ÍNDICE REMISSIVO

A

afrodiaspóricos, 325,
análise crítica do discurso, 117, 165, 177,
análise do discurso, 95, 96, 103, 118, 122, 136, 150, 151, 186,
aniquilamento, 72,
autonomia, 30, 121, 132, 142, 315, 330,

C

campo autônomo, 28,
conhecimento crítico, 30,
construção política, 36,
cosmologias afroindígenas, 323,

D

decolonial, 32, 161, 232, 233, 234, 237, 238, 245, 246, 299, 328, 341, 342,
decolonialidade, 32, 234, 237, 238, 245, 246, 299, 341, 342,
decolonização, 43,
desessencializada, 68,
desigualdades, 29, 46, 187, 233, 274, 275, 296, 320,
desontologizações, 72,
diversidade, 40, 44, 71, 108, 124, 134, 163, 166, 167, 195, 231, 232, 233, 234, 237, 238, 247, 266, 286, 289, 290, 294, 299, 308, 309, 313, 316, 322, 332,

E
ebulição acadêmica, 33,
emancipação, 23, 98,
ensino e aprendizagem de línguas, 100, 116, 158, 172, 179, 196, 197, 202, 208, 209, 214, 218, 244, 321,
epistêmica, 30, 203, 245, 308, 309, 311, 312, 314, 317, 320, 348
epistemologias, 29, 32, 67, 315, 320, 323,
epistemológica, 30, 56, 65, 66, 67, 75, 77, 202, 203, 204, 232, 233, 237, 299, 316, 333, 350
equidade, 30, 71, 242, 317, 332
essencializados, 69,
etnografia, 40, 62, 75, 79,
excepcionalismo, 56, 68, 71, 72, 74, 76, 77, 78,

G
geopolítica, 16, 18, 41, 266, 306, 320,

I
ideologias, 29, 58, 60, 82, 132, 142, 217, 321, 335,
inclusão, 71, 165, 166, 169, 231, 237, 245, 259, 266, 309, 311, 317, 322,
indisciplinar, 31, 38, 47, 51, 67, 80, 81, 82, 146, 178, 186, 187, 188, 204, 207, 208, 217, 228, 237, 238, 239, 243, 245, 249,
indisciplinaridade, 67, 237, 238, 245,
injustiças sociais, 296,
insurgência, 31, 325,
integração,
integração acadêmica, 43, 44,
interdisciplinar,
internacionalização, 65, 166, 225, 238, 240, 241, 245, 249, 261, 311, 312, 321, 332, 339,
interseccionalidade, 71, 245, 246, 313,
invisibilização, 233,

J
justiça linguística, 30, 242, 245, 313,

L
letramento, 39, 62, 64, 134, 164, 166, 175, 176, 197, 228, 238, 248, 249, 283, 316, 321, 334, 335, 336, 337, 343,
linguagem, 15, 28, 29, 31, 34, 36, 40, 47, 48, 49, 60, 63, 65, 67, 68, 69, 70, 77, 78, 82, 84, 87, 90, 91, 115, 117, 120, 126, 127, 128, 129, 132, 134, 138, 141, 142, 144, 148, 149, 150, 171, 191, 280, 295, 330, 342
línguas indígenas, 166, 167, 306, 318,
linguistas aplicados, 22, 38, 43, 44, 70, 128, 129, 131, 141, 143, 144, 161, 182, 183, 184, 186, 192, 193, 194, 196, 197, 201, 202, 203, 204, 205, 213, 215, 216, 220, 237, 243, 253, 254, 266, 267, 269, 270, 305,
linguística aplicada, 1, 3, 4, 7, 8, 11, 17, 55
linguística aplicada indisciplinada, 29,
linguística sistêmico-funcional, 135, 137,
linguística teórica, 26, 34, 207, 228, 284, 297,

M
material didático, 138, 188, 197, 217, 291, 292, 294, 336,
materialidades, 31,
memória, 7, 33, 232
modernização, 129,
multilinguismo, 40, 262, 264, 317, 332, 334,

P
paisagem social, 41,
pedagogias translíngues, 323,
performativamente, 68,
performatização, 60,

pesquisa colaborativa, 20,
pesquisa positivista, 68,
pluriepistêmica, 245, 312, 313,
política, 7, 8, 9, 16, 18, 24, 30, 36, 41, 46, 47, 51, 55, 56, 57, 60, 65, 66, 77, 80, 85, 87, 89, 92, 96, 103, 108, 132, 150, 183, 188, 214, 216, 226, 273, 310, 314, 323
políticas, 58, 88, 152, 153, 157, 163, 164, 165, 167, 174, 183, 185, 187, 188, 190, 192, 193, 207, 215, 280, 282, 285, 312, 318, 321, 342,
políticas linguísticas, 8, 85, 88, 150, 152, 157, 164, 167, 174, 183, 192, 207, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 225, 227, 261, 317, 339, 342,
populações periferizadas, 275,
pós-humanista, 77, 238, 239,
povos indígenas, 275, 291,
psicologia comportamental, 149,

Q

questionamento, 31, 38, 66, 128,

R

racialidades, 29,
recursos semióticos, 189, 203, 204, 206,
relatos pedagógicos, 38,
reocidentalização, 70, 71, 74, 76, 77,
resistência, 9, 282,
reteorizar, 77,

S

sócio-história, 67,
sociopolíticas, 30,
suleamento, 18, 19, 20,
surdez, 323,

T

tecnologias, 83, 84, 91, 98, 132, 135, 157, 164, 166, 167, 168, 169, 197, 238, 239, 252, 260, 321, 338,
telecolaboração, 240, 336,
tempos distópicos, 42,
tensões epistemológicas, 30,
textualidade, 95, 96, 103, 122,
transculturalidade, 40, 48, 49, 115, 132, 141, 333, 339, 341,
transdisciplinar, 38, 46, 48, 51, 52, 96, 142, 144, 145, 150, 152, 164, 167, 169, 170, 171, 174, 178, 186, 206, 218, 244, 252, 309, 324, 334,
transformações socioculturais, 83, 84,
transgressiva, 178, 187, 208, 217, 228, 244,
translinguagem, 238, 239, 337,
transterculturais, 245,



Cristiane Landulfo
É professora adjunta de Língua e Literaturas Italianas e professora do Programa de Pós-graduação de Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É vice-presidenta da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2023-2025).



Danillo Silva
É professor de Língua Portuguesa e Linguística Aplicada do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Câmpus Arapiraca, onde atua na Educação Básica; na Licenciatura em Letras e na Pós-graduação em Linguagem e Práticas Sociais. É o primeiro secretário da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB - Gestão 2023-2025).



Kelly Barros Santos
É professora de língua inglesa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É primeira tesoureira da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB – Gestão 2023-2025).

O ano de 2025, que ora atravessamos, marca, sem sombra de dúvida, um momento de imensa alegria para todos nós, professores, pesquisadores, e estudantes universitários que vimos atuando já há algum tempo, ou para aqueles que estão começando a atuar no campo da Linguística Aplicada. Está em festa a Associação Brasileira de Linguística Aplicada (ALAB) (...) Uma festa, acrescentaria eu, merecida sobejamente e com farta sobra de motivos e justificativas. Afinal, 35 anos de luta incansável e ininterrupta para reconhecimento como uma disciplina autônoma com suas próprias metas e credenciais específicas, sempre sensível às rápidas transformações por que passa o mundo e adaptativa às exigências impostas pelos novos desafios que despontam o tempo todo. A ALAB é certamente merecedora de toda esta comemoração. E, convenhamos, quem conta a história da disciplina ao longo desses 35 anos são os colegas que estiveram à frente da Associação em diferentes períodos e se incumbiram do árduo desafio de conduzi-la no seu dia a dia, tomando importantes decisões o tempo todo. Ao mesmo tempo em que festejamos o momento, reconhecemos que ele nos propicia uma oportunidade para rever, revisitar, recalibrar o passado, empenhar um balanço de patrimônio acumulado ao longo de todos esses anos e traçar possíveis rumos que se descortinam pela frente.

Kanavillil Rajagopalan
(Unicamp/CNPq)

CNPq CAPES ALAB
ASSOCIAÇÃO DE LINGUÍSTICA APLICADA DO BRASIL

9 786501 502687